

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

**IVONETE NINK SOARES**

**O (D)EFEITO DAS MARCAS DA ORALIDADE NA PRODUÇÃO DE CRÔNICA**

**RIO BRANCO  
2020**

**IVONETE NINK SOARES**

**O (D)EFEITO DAS MARCAS DA ORALIDADE NA PRODUÇÃO DE CRÔNICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Federal do Acre - UFAC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração:  
Linha 2. Leitura e Produção textual:  
diversidade social e práticas docentes

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosane Garcia  
Silva

**RIO BRANCO  
2020**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

---

N715d Nink, Ivonete Soares, 1982 -  
O (D)efeito das marcas da oralidade na produção de crônica / Ivonete Nink  
Soares; Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Rosane Garcia Silva. -2020.  
197 f.: il.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-  
Graduação de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS. Rio Branco,  
2020.

Inclui referências bibliográficas, anexos e apêndice.

1. Crônica Humorística. 2. Produção Textual. 3. Marcas da Oralidade. I.  
Silva, Rosane Garcia. (Orientadora). II. Título.

CDD: 400

---

**IVONETE NINK SOARES**

**O (D)EFEITO DAS MARCAS DA ORALIDADE NA PRODUÇÃO DE CRÔNICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Federal do Acre - UFAC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 28 de fevereiro de 2020

**Banca Examinadora**

---

Dra. Rosane Garcia Silva – Orientadora  
Universidade Federal do Acre – UFAC

---

Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros – (Membro externo)  
Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS

---

Dr. Selmo Azevedo Apontes (Membro interno)  
Universidade Federal do Acre – UFAC

---

Dra. Tatiane Castro dos Santos – (Suplente)  
Universidade Federal do Acre – UFAC

*A meu esposo e minha filha, pela compreensão e incentivo.*

## AGRADECIMENTOS

*A Deus, por toda saúde, disposição, fé, esperança e proteção concedida;*  
*Ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, pela oportunidade de aprendizagem e aperfeiçoamento de conhecimentos essenciais à prática docente;*  
*À CAPES, pelo apoio financeiro para a realização deste estudo;*  
*À Universidade Federal do Acre, pela oportunidade;*  
*À Escola Dr. José Otino de Freitas, na pessoa de Eliete Lopes, pelo apoio e espaço propício para realização das minhas reflexões;*  
*À orientadora Dra. Rosane Garcia Silva;*  
*Aos professores do programa que muito contribuíram para minha qualificação profissional;*  
*Ao meu amado esposo, Edmilson, e amada filha, Weidila, pela compreensão de tantos momentos ausentes, pelo amor, carinho, apoio e assistência nas dificuldades, nos anseios e nos desânimos;*  
*À minha querida mãe, Adelina, a quem devo a minha existência;*  
*Aos meus irmãos que sabiam da minha luta e torciam por mim;*  
*A todos que, diretamente ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.*

## RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo geral estimular a produção de crônicas humorísticas com o uso de marcas da oralidade em conversas de *WhatsApp* a fim de empregar os efeitos de sentido pretendidos na produção textual. A fundamentação teórica tem respaldo em Marcuschi (2008, 2010) ao discorrer sobre os gêneros textuais e as atividades comunicativas e a abordagem da não dicotomia entre fala e escrita; Antunes (2009, 2017), com a concepção de que a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e nas constatações do que vem a ser texto, frases isoladas, processo de interação e os gêneros emergentes; Koch (2003), que se ocupa de manifestações linguísticas formuladas por indivíduos concretos, sob determinadas condições de produção; Koch e Elias (2017), ao esclarecer sobre as concepções de linguagem e a importância do trabalho com produção de texto; Abaurre e Abaurre (2012), ao falar sobre o processo de produção escrita, as correções e as anotações nos textos após as correções; Azeredo (2018) nas concepções de evento comunicativo, no efeito de sentido do texto, gêneros, natureza do cômico e do humor e crônica; Bortone e Martins (2008) ao discorrer sobre as falas mais monitoradas e menos monitoradas e as marcas da oralidade; Botelho (2012) ao mostrar a influência que a oralidade e a escrita exercem uma sobre a outra e a definição do que são as marcas da oralidade; Dias (2003) ao explicar sobre as marcas da oralidade com vastos exemplos; Candido (1992) ao se ocupar das definições do gênero crônica, suas transformações e todas as suas minúcias; Ferrarezi Jr. e Carvalho (2015) ao discursar sobre a metodologia sistemática para produzir textos na educação básica. A motivação para utilizar a presença da oralidade nas conversas de *WhatsApp* como estratégia para a escrita, objeto desse estudo, pautou-se na valorização da primeira modalidade de expressão linguística do aluno, a fala, o que ele traz em sua bagagem. A partir do embasamento teórico, elaboramos a proposta de intervenção pedagógica de 33h, uma metodologia sistemática que implicou em os alunos utilizarem as marcas da oralidade encontradas em conversas de *WhatsApp* para produzir crônicas humorísticas, com o ensejo de demonstrar a possibilidade de não refutá-las, e sim, entender seus efeitos de sentido no texto. Por fim, os resultados demonstraram que as atividades foram satisfatórias, todos os alunos escreveram crônicas humorísticas e o resultado foi a criação de um *blog*. Na avaliação qualitativa constatou-se o entendimento deles referente às marcas da oralidade e seus efeitos de sentido. Ainda deste estudo, foi produzido um caderno de atividades disponibilizado no apêndice e na *internet*, para contribuir com outros profissionais que desejam trabalhar a mesma temática.

**Palavras-chave:** Crônica Humorística. Produção Textual. Marcas da oralidade. PROFLETRAS.

## ABSTRACT

The present dissertation has the general objective of stimulating the production of humorous chronicles with the use of marks of orality in WhatsApp conversations in order to employ the intended effects of meaning in textual production. The theoretical foundation is supported by Marcuschi (2008, 2010) when addressing issues of the non-dichotomy between speech and writing and when talking about textual genres and communicative activities; Antunes (2009, 2017), with the concept that the language is only updated in the service of intersubjective communication, in situations of social action and in the findings of what comes to be text, isolated phrases, interaction process and emerging genres; Koch (2003), who deals with linguistic manifestations formulated by concrete individuals, under certain conditions of production; Koch and Elias (2017), when clarifying about language conceptions and the importance of working with text production; Abaurre and Abaurre (2012), when talking about the written production process, corrections and notes in the texts after corrections; Azeredo (2018) in the conceptions of communicative event, in the effect of the meaning of the text, genres, nature of the comic and the humor and chronicle; Bortone and Martins (2008) when talking about the most monitored and least monitored speeches and the marks of orality; Botelho (2012) when showing the influence that orality and writing have on each other and the definition of what are the marks of orality; Dias (2003) when explaining the marks of orality with vast examples; Candido (1992) when dealing with the definitions of the chronic genre, its transformations and all its minutiae; Ferrarezi Jr. and Carvalho (2015) when talking about the systematic methodology to produce texts in basic education; The motivation to use the presence of orality in WhatsApp conversations as a writing strategy, the object of this study, was based on valuing the student's first form of linguistic expression, speech, which he brings in his luggage. Based on the theoretical basis, we elaborated the 33h pedagogical intervention proposal, a systematic methodology that implied that students use the marks of orality found in WhatsApp conversations to produce humorous chronicles, with the opportunity to demonstrate the possibility of not refuting them, and yes, to understand its effects of meaning in the text. Finally, the results showed that the activities were satisfactory, all students wrote humorous chronicles and the result was the creation of a blog. In the qualitative evaluation, their understanding regarding the marks of orality and its effects of meaning was found. Also from this study, a workbook was made available on the internet, to contribute with other professionals who wish to work on the same theme.

Key words: Humoristic chronicle. Text production. Marks of orality. PROFLETRAS.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANA	Avaliação Nacional da Alfabetização
ANEB	Avaliação Nacional da Educação Básica
ANRESC	Avaliação Nacional do Rendimento Escolar
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LP	Língua portuguesa
LT	Linguística Textual
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PROFLETRAS	Mestrado Profissional em Letras
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	a) Procurando emprego na fenda espaço-tempo? b) Jon Snow Morreu c) Obrigado, amigo	100
Figura 2	a) Amigo sincero é outra coisa b) Nem tudo é o que parece	100
Figura 3	Crônica com metalinguagem e Características da Crônica	106
Figura 4	Leitura compartilhada e Trabalho coletivo	106
Figura 5	Repetição de característica das crônicas	108
Figura 6	Material de pesquisa de crônicas regionais	110
Figura 7	Cartões dos grupos	111
Figura 8	Construção do mapa conceitual coletivo	111
Figura 9	Mapas conceituais (Grupos A e B)	112
Figura 10	Mapa conceitual (Grupo C) e Mapas conceituais fixados em sala de aula	112
Figura 11	Instruções para execução da atividade e Grupo analisando a diversidade de falas	113
Figura 12	Sala preparada com o “Varal das marcas da oralidade”	119
Figura 13	Cartões e preenchimento dos efeitos de sentido	120
Figura 14	Cartões nas roupas	120
Figura 15	Instruções para o aluno A (esquerda) e B (direita)	127
Figura 16	Devolução da crônica A para reescrita	128
Figura 17	Primeira versão da crônica da Carol Vitória	130
Figura 18	Segunda versão da crônica da Carol Vitória	130
Figura 19	Quarta versão da crônica da Carol Vitória	131
Figura 20	Versão final da crônica da Carol Vitória	132
Figura 21	Crônica A: O filho que sabia de quase tudo!	134
Figura 22	Crônica B: Pior que despacho	135
Figura 23	Crônica C: Morte na vizinhança	136
Figura 24	Almoço de filho	137
Figura 25	Blog criado para publicação das crônicas	138

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	IDEB observado e metas projetadas	26
Tabela 2	IDEB observado e metas projetadas nas escolas do município de Porto Velho – RO	28
Tabela 3	Descrição de conceitos que os alunos demonstraram ter desenvolvido em cada nível	30

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Gráfico 1 - IDEB projetados para as escolas do município de Porto Velho – RO	29
Gráfico 2	Gráficos da distribuição percentual dos estudantes por Nível de Proficiência das escolas que atingiram 5.1 no IDEB	30

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Proposta de intervenção pedagógica	79
Quadro 2	Sugestões de crônicas	82
Quadro 3	Minha pesquisa	92
Quadro 4	Detalhes sobre a crônica lida	94
Quadro 5	A aquarela da diversidade das falas	95
Quadro 6	A roupa adequada à ocasião	97
Quadro 7	Sugestões de questionamentos	99
Quadro 8	Sugestões de crônicas em vídeo	99
Quadro 9	Itens a serem observados no processo de escrita da crônica	101
Quadro 10	Questionário autoavaliativo	103
Quadro 11	Efeitos de sentido das marcas da oralidade na crônica de Arimar Souza de Sá	114
Quadro 12	Respostas – O “estupro” de Neymar, o nacionalista	117
Quadro 13	Resultado do varal das marcas da oralidade	121
Quadro 14	Questionário após a sessão de cinema	125
Quadro 15	Questionário autoavaliativo de Carol Vitória	133

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b>	<b>18</b>
2.1	AFINAL, O QUE É UM TEXTO?	18
2.2	CONTEXTO EDUCACIONAL E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	19
2.2.1	Os indicativos de rendimento	25
2.3	CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM E REFLEXOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	32
2.4	O TEXTO E AS PRODUÇÕES TEXTUAIS	38
2.5	REFLEXÕES SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS	47
2.6	O GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA E A PRODUÇÃO DE TEXTO	51
2.6.1	A produção textual de crônica humorística	59
2.7	AS MARCAS DA ORALIDADE NA CRÔNICA	63
2.8	PRODUZIR TEXTOS POR MEIO DE UMA METODOLOGIA SISTEMÁTICA	69
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>74</b>
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	74
3.2	CONTEXTO DA PESQUISA	77
<b>4</b>	<b>PROPOSTA DE INTERVENÇÃO</b>	<b>78</b>
4.1	PRIMEIRO MOMENTO – (A metalinguagem nas crônicas): (3h)	81
4.1.1.	Atividade 1 – Manusear crônicas	82
4.1.1.1	Atividade 1 - Crônica Nova, de Jefrson Sartori	83
4.1.1.2	Atividade 1 - O exercício da crônica	84
4.1.1.3	Atividade 1 - A metalinguagem da crônica	86
4.1.1.4	Atividade 1 - Ciao: A última crônica	87
4.1.1.5	Atividade 1 – Metalinguagem	88
4.1.1.6	Atividade 1 – A visão dos cronistas	88
4.1.1.7	Atividade 1 - O frívolo cronista	90
4.2	SEGUNDO MOMENTO (Crônicas e mapa conceitual): (6h)	92
4.2.1	Atividade 1- Conhecer as peculiaridades das crônicas e dos cronistas	92
4.2.2.	Atividade 2 – Construir um mapa conceitual	93
4.3	TERCEIRO MOMENTO (A aquarela da diversidade das falas): (3h)	94
4.3.1	Atividade 1 – Colorir as falas do dia a dia	94
4.4	QUARTO MOMENTO (Notícia: Crônica e Marcas da oralidade): (6h)	95
4.4.1	Atividade 1 – A metamorfose da notícia	96
4.4.2.	Atividade 2 – Varal das marcas da oralidade	96
4.5	QUINTO MOMENTO (Sessão cinema e <i>WhatsApp</i> ): (3h)	98
4.5.1	Atividade 1 – A crônica do dia a dia na tela	99
4.5.2	Atividade 2 – As situações do dia a dia no <i>WhatsApp</i>	99
4.6	SEXTO MOMENTO (Conversas e Crônicas): (3h)	101
4.6.1	Atividade 1 – Eu sou cronista	101
4.7	SÉTIMO MOMENTO (Minha crônica): (6h)	102
4.7.1	Atividade 1 – Reescrever crônicas e autoavaliar	102
4.8	OITAVO MOMENTO (Somos “blogueiros”): (3h)	103
4.8.1	Atividade 1 – Revisar e reescrever crônicas	103

<b>5</b>	<b>APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>105</b>
5.1	A metalinguagem nas crônicas	105
5.2	Crônicas e mapa conceitual	109
5.3	A aquarela da diversidade das falas	113
5.4	Da notícia à crônica e marcas da oralidade	118
5.5	Sessão de cinema e <i>WhatsApp</i>	124
5.6	Conversas e crônicas	126
5.7	Reescrever crônicas e autoavaliar	128
5.8	Somos “blogueiros”	137
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>139</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>143</b>
	<b>APÊNDICE – CADERNO DE ATIVIDADES</b>	<b>148</b>
	ANEXO A - Atividade 1: Colorindo as falas do dia a dia	185
	ANEXO B - Atividade 1: Notícia X Crônica	190
	ANEXO C – Atividade 1: A crônica do dia a dia na tela	191

## 1 INTRODUÇÃO

Diante dos resultados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) acerca dos exames de larga escala realizados em 2017, ao apontar que a educação brasileira não alcançou as metas projetadas para os anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, é notório que algo de errado tem acontecido no contexto escolar.

Os dados indicaram a existência de pessoas que, durante e após cursar doze anos de estudo, estão parcialmente incompetentes para ler com desenvoltura e restrita habilidade para expressar-se de forma segura na modalidade escrita. Se diversas pessoas expõem essa dificuldade é porque o estudo necessita de mudanças a fim de torná-lo, de fato, um caminho para as aptidões necessárias à participação nas práticas sociais da língua, tanto no que diz respeito à leitura quanto à produção oral e escrita, em síntese, formar cidadãos de posicionamento crítico, cientes da função social da linguagem.

Quando o foco está centrado em melhorar os rendimentos apresentados nas avaliações externas, não por questões quantitativas, sim, pelas qualitativas, é que a educação brasileira retorna à direção esperada. A preocupação deve ser a inserção do cidadão atuante na sociedade letrada. O caminho não é fácil de ser trilhado, há diversas rotas e muitos obstáculos, cada participante dessa caminhada tem suas peculiaridades e, ao longo do percurso, muitos fatores adversos surgem.

Nesta acepção, é imprescindível escolher uma estrada a ser seguida, sendo assim, a escolhida para este estudo está pautada em explorar as conversas de *WhatsApp* com marcas da oralidade para produzir crônicas humorísticas. Em outras palavras, espera-se oportunizar ao aluno momentos de análise da língua escrita, entender os efeitos de sentido do texto, dentro do contexto, estimular a prática escrita e, por conseguinte, possibilitar reflexões críticas sobre a função sociocomunicativa do texto.

Desse modo, a pergunta que norteia essa pesquisa é: Qual a possibilidade de produzir crônicas humorísticas aliadas ao uso das marcas da oralidade existentes em conversas de *WhatsApp*?

Diante dessa perspectiva, realizar este estudo tornou-se instigante e desafiador, uma vez que há a possibilidade de colaborar com a formação do cidadão hábil a participar da sociedade de modo ativo. A opinião é de que à medida que um



pesquisador adquire conhecimentos válidos para toda a sociedade, em especial aos seus alunos, faz-se necessário que viabilize o acesso a esse novo saber a todos que dele possam tomar proveito.

A metodologia sistemática, realizada a partir de um gênero textual, no caso dessa pesquisa a crônica, apresentou a expectativa de solucionar as dúvidas dos alunos referentes a essa modalidade escrita, visto que se baseou em uma sequência de atividades que permitiram efetivar o ensino da escrita da forma mais produtiva, com planejamentos metódicos, para suprir as necessidades da turma, em todos os momentos. As produções finais de texto, produto desta intervenção, consta em um *blog* criado pelos alunos.

Nessa compreensão, buscamos apresentar uma proposta de intervenção pedagógica que possa auxiliar aos alunos na produção escrita, por meio das marcas da oralidade, encontradas em conversas de *WhatsApp*, mediante um planejamento sistemático para produzir o gênero textual crônica humorística.

A execução desta proposta foi realizada com uma turma do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública, no município de Porto Velho-RO. A decisão para trabalhar com esses alunos foi pautada no fato de a professora-pesquisadora, autora deste estudo, Ivonete Nink Soares, ser a conselheira<sup>1</sup> da turma.

Ao conhecer o modo como a maioria dos professores têm conduzido suas aulas, insistido na execução de atividades fora da situação de uso real da língua, listas infindáveis de exercícios descontextualizados e que em nada contribuem ao estudante para conhecer e saber empregar com proficiência sua língua, produzir esta pesquisa tornou-se algo relevante para a área, visto que a educação contemporânea precisa permitir e alargar o domínio dos alunos sobre a sua língua, oportunizá-los a serem mais participativos na sociedade letrada.

Com tais propósitos, apresentamos o objetivo geral da pesquisa que é: estimular a produção de crônicas humorísticas com o uso de marcas da oralidade em conversas de *WhatsApp* a fim de empregar os efeitos de sentido pretendidos na produção textual.

Para atingirmos o objetivo geral, foram elencados os objetivos específicos que são: (a) tornar familiar aos alunos o gênero crônica, (b) examinar as marcas da

---

<sup>1</sup> A turma escolhe um professor para desempenhar a função de conhecer, de maneira aprofundada, o perfil da turma, buscar melhorias na disciplina, aproveitamento escolar, frequência, responsabilidade, entre outros. É o mediador entre a turma e a direção e a equipe pedagógica, nas questões educacionais.

oralidade em crônicas e conversas de *WhatsApp*, (c) escrever os efeitos de sentido das marcas da oralidade em textos escritos, (d) oportunizar ao aluno produzir textos contextualizados, (e) permitir ao aluno uma situação real de interação por meio da produção escrita com a criação de um *blog*.

Para compor a fundamentação teórica deste estudo, foram elencados alguns pesquisadores e teóricos a partir da perspectiva sociointeracionista da linguagem. Dialogamos, portanto, com Marcuschi (2010), ao abordar questões da ausência de dicotomia estrita entre fala e escrita e sim de um contínuo nas modalidades de uso da língua, duas modalidades, oralidade e escrita, que se fundem dentro de uma perspectiva dialógica, ou seja, a sociointeracionista.

Apresentamos a visão de Marcuschi (2008), ao discorrer sobre os gêneros textuais e as atividades comunicativas, também na perspectiva sociointeracionista, na qual a língua é um conjunto de práticas enunciativas e não como forma descarnada; são sujeitos históricos e sociais, usam a língua para manter algum tipo de relação entre si e algum objetivo comum.

Para nosso estudo, destacamos as reflexões teóricas de Antunes (2009), com a concepção interacionista, funcional e discursiva da língua da qual deriva o princípio geral de que a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, materializadas em textos orais e escritos.

Em Koch (2003), trazemos as concepções das manifestações linguísticas formuladas por indivíduos concretos, sob determinadas condições de produção. Detemo-nos também em Koch e Elias (2017), ao esclarecer sobre as concepções de linguagem e a importância do trabalho com produção de texto.

Ao mencionar Abaurre e Abaurre (2012), falamos sobre o processo de produção escrita, as correções e as anotações nos textos após as correções. Para esclarecer as concepções de evento comunicativo, o efeito de sentido do texto, os gêneros, a natureza do cômico e o humor e a crônica, citamos Azeredo (2018).

Em Bortone e Martins (2008), discorreremos sobre as falas mais monitoradas e menos monitoradas e as marcas da oralidade. Ao referenciar Botelho (2012), mostramos a influência que a oralidade e a escrita exercem uma sobre a outra e a definição do que são as marcas da oralidade.

O diálogo com Dias (2003) surge ao explanar sobre as marcas da oralidade, com vastos exemplos. Candido (1992) é mencionado ao definir o gênero crônica,

suas transformações e todas as suas minúcias. Ferrarezi Jr. e Carvalho (2015) surgem ao discursar sobre a metodologia sistemática para produzir textos na educação básica e, por fim, em Kleiman (2005), argumentamos sobre a urgência de ensinar o letramento, e a insuficiência em apenas ler e escrever, além da necessidade de desenvolver as competências para usar a leitura e a escrita, envolver-se nas práticas sociais.

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos. O primeiro de introdução, no qual apresenta em linhas gerais a proposta do trabalho, composta por tema, justificativa e os objetivos gerais e específicos. O segundo trata do referencial teórico que aborda questões do texto, contexto educacional e ensino de língua portuguesa, da concepção de linguagem e reflexos no ensino de língua portuguesa, o texto e suas relações com o ensino, reflexões sobre os gêneros textuais, o gênero textual crônica, a crônica humorística, as marcas da oralidade, bem como a proposta de ensino por meio da metodologia sistemática. O terceiro capítulo apresenta os procedimentos metodológicos utilizados para desenvolver esta pesquisa. Em seguida, o quarto capítulo discorre sobre a proposta de intervenção pedagógica, o quinto discute sobre os resultados da metodologia realizada. Por último, apresentamos a conclusão e as referências. Ainda além deste estudo, é possível ver as produções textuais finais dos alunos em um *blog*<sup>2</sup>, Lara Larica Crônicas, e um caderno de atividades com a proposta de intervenção pedagógica no apêndice e publicado no *site* [www.issuu.com](http://www.issuu.com)<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Acesso disponível em: <https://laralaricacronicas.blogspot.com/>.

<sup>3</sup> Acesso disponível em: [https://issuu.com/ivonetenink/docs/caderno\\_de\\_atividades\\_-\\_ivonete\\_nink](https://issuu.com/ivonetenink/docs/caderno_de_atividades_-_ivonete_nink).

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A fim de seguir às discussões teóricas deste estudo, apresentaremos, neste capítulo, os aspectos teóricos. A seção 2.1 questiona sobre o que, afinal, é um texto, a 2.2 define a relevância do contexto educacional e o ensino de língua portuguesa, a 2.3 apresenta a concepção de linguagem e reflexos no ensino de língua portuguesa, a 2.4 retoma o texto enfatizando as produções textuais, a 2.5 expõe reflexões sobre os gêneros textuais, a 2.6 ocupa-se do gênero textual crônica humorística e de sua produção, a 2.7 disserta sobre as marcas da oralidade e, por fim, a 2.8 propõe produzir textos por meio de uma metodologia sistemática.

### 2.1 AFINAL, O QUE É UM TEXTO?

Textos fazem parte da vida do ser humano. Para Marcuschi (2012, p. 12), “o falante se comunica através de textos e não de frases, não importando se essa comunicação se processa através de textos muito extensos (livros, artigos) ou de textos bem curtos (bilhete, participação de nascimento, anúncio de classificado)”. Em outras palavras, não é o tamanho do material escrito ou do oral que o denomina como texto ou não-texto, e sim o processo de comunicação.

Nessa acepção, Koch (2016, p. 26) corrobora que “o texto pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que tem lugar na mente humana, e que são postos em ação em situações concretas de interação social”. Palavras fora do processo de interação não são textos, é como abrir um dicionário e proferir palavras aleatórias, sem objetivo, sem função social, sem interlocutor. Assim confirma Azeredo (2018, p. 40),

[...] os textos são entidades construídas por meio de palavras. Mas quando chamamos um objeto verbal qualquer de texto, não tomamos em consideração apenas sua face material, representada nas palavras e construções. Mais que isso, os textos são objetos linguísticos investidos de função social no amplo e complexo jogo das interações humanas. Eles não são meros instrumentos, mas partes essenciais dos acontecimentos que dinamizam as relações sociais e fazem a história das sociedades, a própria face do relacionamento humano.

Palavras são textos verbais, desde que cumpram sua função social, nas interações entre indivíduos. Nas palavras de Antunes (2009, p. 79), um “texto é

resultado de uma atividade exercida por dois ou mais sujeitos, que, numa determinada situação social, interagem; produzem juntos uma peça de comunicação”. Essa interação acontece de maneiras distintas, pessoalmente, através de telefones, redes sociais, *e-mails*, livros etc.

Koch e Elias (2017, p. 13) asseguram: “texto é um evento sociocomunicativo que ganha existência dentro de um processo interacional. Todo texto é resultado de uma coprodução entre interlocutores”. Ou seja, a comunicação só será efetivada com a participação do outro.

Ainda nessa visão, Koch (2016, p. 26) esclarece que “textos são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual esses coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza”. Em conclusão, há sempre um propósito comunicativo quando se elabora um texto.

Nas palavras de Cavalcante (2017, p. 20),

O texto é um evento comunicativo em que estão presentes os elementos linguísticos, visuais e sonoros, os fatores cognitivos e vários aspectos. É, também, um evento de interação entre locutor e interlocutor, os quais se encontram em um diálogo constante.

Por esse motivo, apenas palavras, frases isoladas e fragmentos de textos não podem ser considerados textos. Marcuschi (2008, p. 72) confirma que o texto é “uma entidade significativa, uma entidade de comunicação”. Antunes (2009, p. 50) certifica, “falamos ou escrevemos, sempre, em textos”. Sendo assim, comprova-se a necessidade e eficácia de desenvolver o trabalho docente sempre com textos e a partir dos textos, não fragmentos, nem frases soltas.

## 2.2 CONTEXTO EDUCACIONAL E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A sociedade e a realidade na qual o indivíduo está inserido exigem constantemente tomadas de decisões. Para o professor determinar qual o melhor método a ser empregado em cada aula, não é diferente, uma vez que o objetivo central é fazer com que haja o aprendizado, por parte da maioria dos educandos, ou, se possível, da totalidade. Acima do aprendizado escolar, cabe à escola formar cidadãos. Assim, como o professor poderia promover essa formação cidadã?

Na compreensão de Antunes (2009, p. 43), o professor pode promover essa formação “estimulando o senso crítico do aluno por meio de múltiplas atividades de análise e de reflexão; instigando a curiosidade, a procura, a pesquisa, a vontade da descoberta, o que implica a não conformação com o que já está estabelecido”, isto é, repensar o processo de ensinar, rever metodologias e perceber que o professor não deve se prender apenas a um modo de ensinar. Ele deve saber alternar as diferentes metodologias e estratégias, pensar sempre no aluno e nos objetivos a serem conquistados.

Soares (2003, p. 96) afirma que:

Sem proposições metodológicas claras, estamos correndo o risco de ampliar o fracasso escolar, ou porque rejeitamos os tradicionais métodos, em nome de uma nova concepção da aprendizagem da escrita e da leitura, sem orientar os professores “na tradução” dos resultados gerados pelas pesquisas em uma prática renovada na sala de aula, ou porque não saberemos resolver o conflito entre uma concepção construtivista da alfabetização e a ortodoxia da escola, ou, finalmente, porque podemos incorrer no espontaneísmo, considerado, por falta de suficiência teórica, qualquer atividade como atividade intelectual e qualquer conflito como conflito cognitivo. E não temos o direito de submeter, mais uma vez, as crianças brasileiras a tentativas fracassadas de lhes dar acesso ao mundo da escrita e da leitura.

Essa situação é emergente, no entanto, não há uma receita pronta a ser seguida em sala de aula, o que é motivador, uma vez que não se tem “produtos” iguais. Adotar esse ou aquele método não é a solução, é preciso haver consciência da responsabilidade envolvida no processo de ensino e de aprendizagem, conhecer metodologias, os resultados obtidos com determinados alunos e adaptar, de acordo com a realidade vivenciada, considerar, acima de tudo, a experiência adquirida ao longo da prática docente.

Nesse sentido, Antunes (2003, p. 36) argumenta que:

Já não há mais lugar para o professor simplistamente repetidor, passivo, à espera de que lhe digam exatamente como fazer, como “passar” ou “aplicar” as noções que lhe ensinaram. Os princípios são o fundamento em que o professor vai apoiar-se para criar suas opções de trabalho. O novo perfil do professor é aquele do pesquisador, que, com seus alunos (e não, “para” eles), produz conhecimento, o descobre e o redescobre. Sempre.

Assim sendo, não basta estar diplomado, empossado e na função de professor. O grande desafio é manter-se atualizado sobre as novas metodologias,

sobre teorias de ensino e desenvolver práticas pedagógicas eficientes de aprendizagem, que favoreçam o indivíduo, como sujeito eminentemente social.

Dessa forma, caso na fase anterior à vida escolar o aluno não tenha tido acesso a um grande e diversificado acervo às práticas sociais da leitura e da escrita, cabe à escola proporcionar esse contato. Afinal, como instituição de ensino, ela deve ser um ambiente acolhedor dos múltiplos conhecimentos que o indivíduo apresenta em sua vida pregressa, para, a partir daí, cumprir sua função de mediadora no desenvolvimento da capacidade do uso competente da língua, isto é, adequada ao contexto e aos interlocutores, em suas modalidades escrita e oral.

Em consonância, Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018, p. 50) declaram:

Cabe à escola mostrar e ensinar às crianças a variedade social de prestígio adequada à região e aos usos sociais do lugar em que está situada. Se isso, contudo, significar a ridicularização da variedade linguística das crianças, alguma coisa bem errada vai acontecer. Ao ensinar uma variedade linguística diferente daquela praticada pelas crianças, é imprescindível mostrar o valor histórico-social e identitário de cada uma das formas de falar. O papel da escola é o de sempre acrescentar saberes e não o de destruir saberes.

No entanto, na realidade escolar brasileira, constatação vivenciada durante anos de docência e comprovada por estudiosos mencionados no referencial teórico desta pesquisa, é perceptível uma lacuna, ainda existente, entre utilizar o conhecimento que o estudante já dispõe para incorporar novos saberes.

Cabe ao professor deixar de evidenciar o que o aluno não sabe, para alargar o que ele já domina. Afinal, o indivíduo vai à escola para ter um mediador que lhe conduza na expansão do uso e domínio da língua, não para ter suas dificuldades apontadas. Essa postura representa um dos motivos que tem tornado a escola distante, difícil para a maioria dos alunos e até indesejável para alguns.

Antunes (2003, p. 20) lembra que o “insucesso escolar, se manifesta de diversas maneiras. Logo de saída, manifesta-se na súbita descoberta, por parte do aluno, de que ele “não sabe português”, de que “o português é uma língua muito difícil”. Afinal, de que português ele está falando? Até o momento, ele se comunicava por meio desse idioma, o que mudou da língua no seu uso diário e aquela que é apresentada na escola?

Uma das suposições é que toda a bagagem do aluno foi dispensada, ele se viu nu diante dos colegas da escola, escondeu-se nos cantos, sua vestimenta foi

julgada como inadequada, suas roupas surradas de homem do campo, de trabalhador braçal, sem acesso aos estudos, sem um “bom alfaiate”, professor, não foram dignas daquele ambiente, tudo foi descartado, onde ele deveria ser acolhido, houve sua exclusão e a única opção foi se calar, parar de argumentar, enfim, se retirar, com o pouco de dignidade que ainda lhe restava, evadir-se da escola.

Segundo Travaglia (2009, p. 12), “o que fazemos em nossas aulas de Português afasta a língua da vida a que ela serve e se torna algo artificial e sem significado para o aluno”. Quando o docente assume a postura de formular suas aulas sem fazer correlação com o que o estudante traz em sua bagagem de vida, ele contribui para o fracasso escolar.

No ambiente escolar, que deveria ser uma soma de conhecimentos, o antigo e o novo, o aluno precisa aprender, como que por osmose, a produzir textos, com pouco ou sem embasamento para seu raciocínio, geralmente descontextualizados, para apenas o professor ler ou às vezes nem ele. Bortone e Martins (2008, p. 79-80) alertam que:

É fundamental entender que, quando escrevemos na vida real, o fazemos para nos comunicar com diferentes interlocutores e que, para atingir o objetivo esperado, é necessário saber adequar à informação à finalidade (tipo) e ao formato (gênero) do texto, assim como a formalidade da linguagem e a escolha do vocabulário. Sem essas ferramentas, o "escritor" escreve no escuro, às cegas, realizando o que muitas gerações produziram na escola: a redação escolar.

É animador, ou utopia, pensar que essas redações não acontecem mais, ainda que não tenham o título tradicionalmente conhecido: “Minhas férias”. Infelizmente elas existem, o que é uma dura constatação. Assim como declara Ferrarezi Jr. (2014, p. 83-84):

Cumprir registrar, porém, que a escrita-come-deve-ser-a-escrita vai muito além daquilo que a escola tem ensinado ultimamente. Em primeiro lugar, precisamos de uma vez por todas desvincular a ideia da “escrita na escola” da ideia da “redação escolar”. A escrita na escola precisa ser a escrita-na-e-para-a-vida, assim como a leitura o tem que ser. Sem trabalhar essa escrita vinculada com a vida, não vejo como é possível fazer com que o aluno valorize sua escrita e veja nela qualquer tipo de utilidade.

Se o aluno já sabe que seu texto só vai ser escrito para ter uma nota atribuída, não é de se admirar que ele o faça sem motivação, sem pensar no leitor, apenas com a preocupação de não reprovar.



Cosson (2016, p. 112) reitera que “não é conveniente que a produção escrita seja um mero pretexto para a correção da norma culta, mas sim um espaço de interlocução de cujas informações aluno e professor podem se apropriar para verificar a eficácia do uso da linguagem”. Diante desse cenário, não fica claro qual interação há ou haveria de ter. Por essa e outras situações do ambiente escolar, não é difícil entender por que alguns alunos têm a impressão de estarem aprendendo outro idioma.

Para Ferrarezi Jr. (2014, p. 101), “A escola brasileira conseguiu calar a boca e silenciar a alma, mas também conseguiu destruir a importância da escrita, ao banalizar sua construção como uma mera “tarefa escolar” sem valor ou interesse existencial maior”. Isso acontece porque ainda existem trabalhos docentes pautados no processo de produção escrita que surge de um amontoado de palavras dissociadas, retiradas de material impresso para treinar a ortografia, de rimas, de adjetivos, de frases em tiras de papel etc.

Logo, deve-se considerar que a base para a aprendizagem significativa implica em não ignorar o conhecimento que o aluno desempenha na vida anterior à escolarização, entender que todo indivíduo tem conhecimentos para partilhar e deles fazer um meio para se explicar os conceitos desejados, por meio de atividades significativas.

Na visão de Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018, p. 34):

[...] significativa é toda atividade diretamente relacionada com a existência, com a vida do aluno, com suas práticas sociais familiares e amplas, com seu trabalho, com suas vivências, ou seja, uma atividade da qual ele poderá tirar lições que o auxiliem em sua jornada formativa como um cidadão crítico, ativo e autônomo.

Quando o aluno não vê função, nem tem prévio conhecimento sobre o que é falado e executado, dificilmente conseguirá ampliar sua formação. Isso é pautar o ensino em abstrações, querer, por exemplo, que um aluno de zona rural, sem internet, argumente sobre o *cyberbullying*. Reproduzir conceitos não é ensinar.

Antunes (2001, p. 15) reforça a ideia de que: “O cérebro humano não aprende de uma única maneira e por esse motivo o professor necessita empregar em todas as oportunidades a *Aprendizagem Significativa*, eliminando atividades que conduzam a uma *Aprendizagem Mecânica*”.

A aprendizagem mecânica visa decorar certo conteúdo, tendo ele pouco ou nenhum significado, nem relação com o que nos cerca, seria o caso das regras gramaticais fora do contexto. No entanto, a aprendizagem significativa conduz à construção do conhecimento e permite que os alunos utilizem seus ensinamentos como instrumentos do *conhecer, fazer, viver* e principalmente *ser*.

Antunes (2001, p. 38) defende que “somente se aprende quando o novo que chega se associa ao antigo que a mente guarda, e desta maneira nenhum aluno é *tabula rasa*, mente vazia”, conseqüentemente é papel do professor tornar-se um mediador do conhecimento, isto é, estar no centro, como um facilitador do acesso do aluno à aprendizagem, para articular, ver metodologias, conduzir ao saber que será construído pelo estudante.

Em Lopes e Carvalho (2012, p. 114) há a explanação da mediação do professor por meio de andaime que é o “[...] apoio oferecido por alguém cujo conhecimento e experiência são aprofundados o bastante para assegurar e facilitar a aprendizagem de *outrem* num contexto social específico”. Em sala de aula, geralmente, é o professor que desempenha essa função.

Nas palavras de Cosson (2016, p. 48), trata-se de “dividir com o aluno e, em alguns casos, transferir para ele a edificação do conhecimento. Ao professor, cabe atuar como um andaime, sustentando as atividades a serem desenvolvidas de maneira autônoma pelos alunos”. Entretanto, vale ressaltar que, não é função exclusiva do professor “ser andaime”, em atividades em grupo, o mediador pode ser qualquer integrante que demonstre capacidade para tal. Em concordância, Freitas (2012, p. 68) elucida que

o par mais competente fornece o suporte, e o novato faz sua parte, amparado pelo mediador. Com o crescimento do aprendiz, o apoio do outro vai sendo gradualmente retirado e o iniciante, por etapas, passa a realizar o trabalho sozinho.

Dessa forma, as interações, os apoios executados na construção do conhecimento são os responsáveis para que os educandos consigam chegar à aprendizagem significativa.

Se há falhas na educação, como formadora de cidadãos competentes para atuar na sociedade, o problema pode estar ligado à forma como, na atualidade, a maioria das escolas têm conduzido as aulas de língua portuguesa. Essa é uma

possibilidade, não uma verdade absoluta, pois para que haja a aprendizagem, diversos fatores precisam estar em sintonia.

A escola precisa ser um ambiente agradável, organizado, com estrutura propícia ao aprendizado, o professor precisa estar capacitado para a atividade docente, remunerado, com instrumentos que facilitem seu trabalho, o aluno precisa querer, estar alimentado, equilibrado emocionalmente, com materiais didáticos adequados, num ambiente favorável à aprendizagem etc. Os motivos são inúmeros, por isso não vamos nos deter a eles, apenas frisamos que são fatores diversificados e de extrema importância no processo de aprendizagem.

Na próxima seção discutiremos sobre alguns indicadores de rendimentos observados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Será possível analisar as diferenças entre as metas projetadas e as observadas em cada biênio.

### 2.2.1 Os indicativos de rendimento

Nas escolas de grande parte do Brasil, é possível ver os baixos índices de desempenhos apresentados nas avaliações externas, no que diz respeito à compreensão leitora dos alunos. É preciso melhorar esses rendimentos, não apenas para ter melhores indicadores, e, sim, para cumprir a função social da educação.

Esses resultados são apresentados às escolas a cada dois anos, numa escala de 0 a 10, considerando o fluxo, taxa de aprovação e o desempenho dos estudantes nas avaliações aplicadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), no 5º e 9º ano do Ensino Fundamental e no 3º ano do Ensino Médio, é a avaliação denominada SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica.

Para gerar um indicativo, Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), sobre o ensino ofertado, o Saeb leva em consideração alguns fatores que possam interferir no desempenho do aluno, como a realidade de cada escola e a rede de ensino, com o objetivo de medir a qualidade do aprendizado nacional, equiparadas ao sistema educacional dos países desenvolvidos e estabelecer metas para a melhoria do ensino no alcance das médias registradas em 2005 até atingir 6,0 em 2022.

Havia três nomenclaturas para as avaliações externas, a saber: Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), Avaliação Nacional da Educação Básica (ANEB) e Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (ANRESC). Porém, a partir de 2019, as siglas ANA, ANEB e ANRESC foram extintas. Todas as avaliações passaram a ser identificadas pelo nome SAEB, acompanhado das etapas, áreas de conhecimento e tipos de instrumentos envolvidos, sendo aplicadas nos anos ímpares e a divulgação dos resultados, nos anos pares.

Vale ressaltar que, até o ano de 2018, a avaliação para o 9º ano do ensino fundamental era chamada de Prova Brasil e averiguava o conhecimento dos alunos em matemática e língua portuguesa. Entretanto, para as edições seguintes, os testes passaram a ser compostos, também, de ciências humanas (história, geografia, filosofia e sociologia) e ciências da natureza (química, física e biologia). Em 2019, algumas escolas foram selecionadas para gerar os primeiros resultados de desempenho nessas áreas do conhecimento.

Ao observar os resultados e as metas apontadas pelo IDEB através das aplicações da Prova Brasil, dos anos finais do ensino fundamental, em 2017, no Brasil e no município de Porto Velho, na esfera pública, é possível comprovar o baixo rendimento mencionado. Desse modo, seguem, na Tabela 1, os dados coletados sobre o resultado do IDEB observado e metas projetadas para o Brasil e para o município de Porto Velho-RO, na rede de ensino pública estadual nos anos finais. Os resultados marcados em destacados referem-se às metas atingidas.

Tabela 1 – IDEB observado e metas projetadas

<b>Anos Finais do Ensino Fundamental – 9º ano</b>								
		2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019
<b>BRASIL</b>	<b>Metas projetadas</b>	<b>3.3</b>	<b>3.4</b>	<b>3.7</b>	<b>4.1</b>	<b>4.5</b>	<b>4.7</b>	<b>5.0</b>
	<b>IDEB observado</b>	<b>3.5</b>	<b>3.7</b>	<b>3.9</b>	<b>4.0</b>	<b>4.2</b>	<b>4.4</b>	<b>*</b>
<b>PORTO VELHO</b>	<b>Metas projetadas</b>	<b>3.2</b>	<b>3.3</b>	<b>3.6</b>	<b>4.0</b>	<b>4.4</b>	<b>4.6</b>	<b>4.9</b>
	<b>IDEB observado</b>	<b>3.2</b>	<b>3.3</b>	<b>3.1</b>	<b>3.2</b>	<b>3.7</b>	<b>4.5</b>	<b>*</b>

Fonte: Brasil (2018)

Como retratado na Tabela 1, no Brasil, nos anos 2007, 2009 e 2011 as metas projetadas foram atingidas. Em 2007, o saldo positivo foi de 0.2, em 2009, de 0.3 e em 2011, retornou para 0.2. Entretanto, nos anos de 2013, 2015 e 2017 o objetivo não foi alcançado. O esperado para 2013 era chegar ao índice de 4.1, todavia o resultado foi de 4.0. Em 2015, o aguardado era 4,5, e o observado foi 4.2,

a diferença de 0.3 permaneceu em 2017, pois o calculado era 4.7 e o atingido foi 4.4. O resultado atingido em 2019 será apresentado no segundo semestre de 2020.

No que diz respeito ao município de Porto Velho-RO, constata-se que o referido município também não conseguiu alcançar as metas projetadas nos últimos anos, apenas em 2007 e 2009 houve resultado positivo, ainda que tenha sido somente o esperado. Em 2011, 2013 e 2015 a diferença entre o almejado e o obtido foi discrepante, sendo 0.5, 0.8 e 0.7, respectivamente. Um fato que merece ser destacado na análise do exposto é a aproximação entre o IDEB observado e a meta projetada para o ano de 2017: a disparidade apresentada nas três últimas avaliações externas foi reduzida significativamente, ainda que o objetivo não tenha sido conquistado, o contraste foi de apenas 0.1.

Compete ressaltar que, em 28 de setembro de 2016, foi implantada a Portaria nº 2944/2016-GAB/SEDUC estabelecendo normas para operacionalização da Progressão Parcial nas escolas da rede pública estadual de ensino de Rondônia.

O parágrafo único do Art. 1º da Portaria 2944/2016, publicada no Diário Oficial (2016, p. 38), versa que:

Entende-se por Progressão Parcial, o regime de oferta educacional em que o estudante passa a cursar o ano subsequente, mesmo não tendo sido aprovado em todos os componentes curriculares em que esteve matriculado no ano escolar anterior (RONDÔNIA, 2016).

O Art. 4º da referida lei versava que “A Progressão Parcial visa atender a estudantes retidos, em até 04 (quatro) Componentes Curriculares da Base Nacional Comum por insuficiência de aproveitamento”. Posteriormente, 12 de dezembro de 2016, esse parágrafo passa a ser alterado, e permite “03 (três) Componentes Curriculares”. Em outras palavras, mesmo se o aluno não tivesse obtido êxito em até sete disciplinas, se incluso língua inglesa, artes, filosofia e educação física, no caso do ensino fundamental II, ainda assim seria promovido a cursar o ano seguinte.

Dessa forma, ao diminuir o índice de reprovação nas escolas estaduais do referido município, neste ano escolar, 2016, isso, possivelmente, contribuiu para o IDEB observado, já que esse é calculado a partir de dois componentes: o percentual de rendimento escolar (aprovação) e as médias de desempenho nos exames aplicados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Para explicitar o fato, as informações serão exibidas na Tabela 2 e complementadas pelo Gráfico 1. O intento é apresentar a significativa mudança do cenário educacional das escolas públicas estaduais da cidade, com relação aos dados obtidos pelo INEP, em 2013, 2015 e, especialmente, em 2017, após a aprovação da Portaria de Progressão Parcial.

Tabela 2 – IDEB observado e metas projetadas nas escolas do município de Porto Velho – RO

Escolas públicas estaduais de Porto Velho-RO								
Nº	Escola	2013	2013	2015	2015	2017	2017	2019
		IDEB	META	IDEB	META	IDEB	META	META
01	CENTRO EDUCACIONAL MARIA DE NAZARE	4.0	3.8	4.2	4.2	5.1	4.4	4.7
02	EEEF SAO SEBASTIAO I	4.1	2.5	4.1	2.8	4.3	3.0	3.3
03	EEEFM BELA VISTA	3.5	3.4	3.9	3.7	4.7	4.0	4.3
04	EEEFM BRASILIA	4.3	3.4	4.4	3.8	4.9	4.1	4.3
05	EEEFM JAYME PEIXOTO DE ALENCAR	4.5	4.3	4.9	4.6	5.2	4.9	5.1
06	EEEFM PROFESSORA ANTONIA VIEIRA FROTA	3.2	3.1	3.9	3.4	5.1	3.6	3.9
07	EEEF 21 DE ABRIL	2.7	3.4	3.9	3.8	5.1	4.0	4.3
08	EEEFM GOV PETRONIO BARCELOS	4.0	4.5	4.8	4.8	5.2	5.0	5.3
09	EEEFM MURILO BRAGA	3.5	3.6	4.2	4.0	5.3	4.3	4.6
10	EEEFM PRES TANCREDO DE ALMEIDA NEVES	3.6	3.6	3.2	3.9	4.4	4.2	4.4
11	COLÉGIO TIRADENTES DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE RONDONIA EEEFM TIRADENTES	4.9	5.0	4.7	5.4	6.2	5.6	5.9
12	COLÉGIO TIRADENTES DA POLÍCIA MILITAR II UNIDADE JACI PARANA CTPMII	*	*	3.9	*	5.5	4.2	4.4
13	EEEF GOVERNADOR PAULO NUNES LEAL	3.5	*	*	3.8	4.6	4.0	4.3
14	EEEF HEITOR VILLA LOBOS	*	3.9	*	4.2	4.8	4.5	4.7
15	EEEF JANIO DA SILVA QUADROS	*	*	2.7	*	4.2	3.0	3.2
16	EEEF JORGE VICENTE SALAZAR DOS SANTOS	3.7	4.3	4.1	4.6	5.1	4.8	5.1
17	EEEFM BARAO DO SOLIMÕES	*	4.6	4.6	5.0	5.3	5.3	5.5
18	EEEFM CESAR FREITAS CASSOL	3.0	3.5	3.5	3.8	4.0	4.0	4.3
19	EEEFM DOM PEDRO I	3.4	4.1	3.9	4.5	5.3	4.8	5.0
20	EEEFM DUQUE DE CAXIAS	3.0	3.6	3.5	4.0	4.8	4.2	4.5
21	EEEFM GOV ARAUJO LIMA	2.6	3.3	3.0	3.7	4.5	4.0	4.2
22	EEEFM JOHN KENNEDY	3.7	4.0	4.2	4.4	4.9	4.7	4.9
23	EEEFM JOSE OTINO DE FREITAS	3.6	4.5	4.2	4.9	5.4	5.1	5.4
24	EEEFM MARIANA	2.6	3.8	2.4	4.2	5.0	4.4	4.7
25	EEEFM PROF EDUARDO LIMA E SILVA	3.6	3.8	3.9	4.3	5.1	4.5	4.8
26	EEEFM PROFESSOR DANIEL NERI DA SILVA	2.5	3.8	3.2	4.2	4.5	4.5	4.7
27	IEE CARMELA DUTRA	3.7	4.8	5.2	5.2	5.4	5.5	5.7

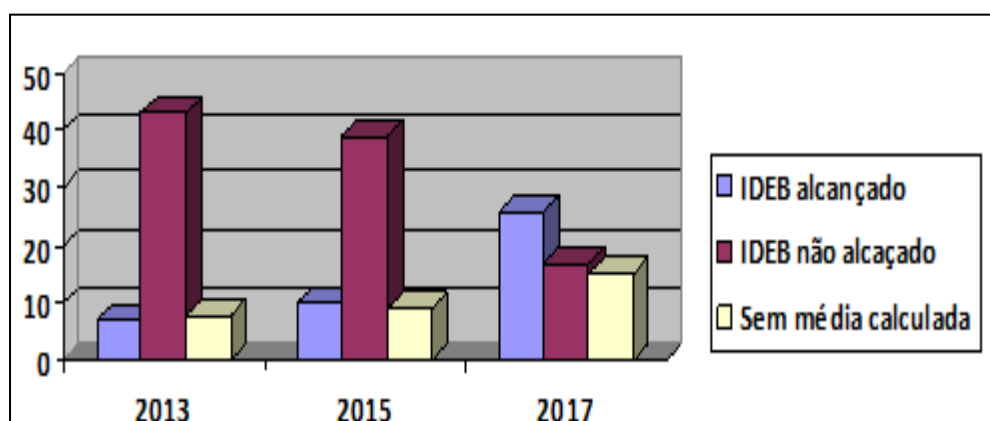
Fonte: Brasil (2018)<sup>4</sup>

No município de Porto Velho, Rondônia, há 58 escolas públicas estaduais. Desse quantitativo, 31 escolas não atingiram nenhuma meta projetada pelo IDEB, nos anos de 2013, 2015 e 2017.

<sup>4</sup> \* Número de participantes no SAEB insuficiente para que os resultados sejam divulgados. Os resultados destacados referem-se ao IDEB que atingiu a meta.

Como se ressalta na Tabela 2, as demais escolas, total de 27, foram analisadas. Dessa análise, surgiram tais constatações: primeira, apenas seis instituições alcançaram os objetivos propostos nas três últimas avaliações externas, três tiveram resultados positivos em 2015 e 2017, uma oscilou no alcance da meta, 2013 e 2017, por fim, uma atingiu o proposto apenas em 2015; Segunda, dezesseis escolas, que ainda estavam abaixo do esperado pelas avaliações em larga escala de 2013 e 2015, conseguiram êxito em 2017; Terceira, entre as 26 escolas que cumpriram a meta projetada para 2017, apenas três não ultrapassaram ou conquistaram a expectativa para 2019.

Gráfico 1 - IDEB projetados para as escolas do município de Porto Velho – RO



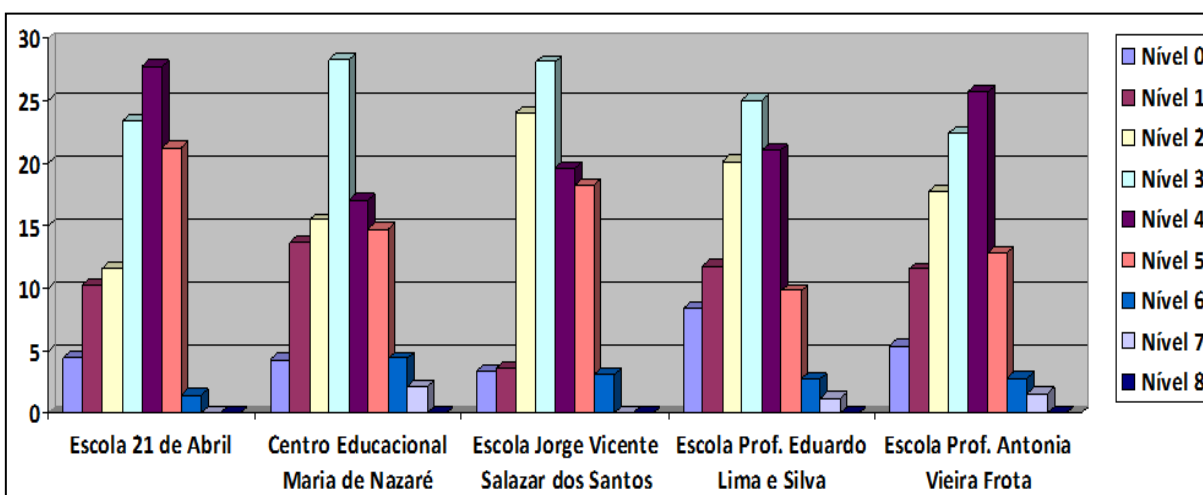
Fonte: Adaptado de Brasil (2018)

No Gráfico 1, de todas as escolas estaduais do município que teriam o IDEB apontado, após a realização da Prova Brasil, 8ª série/9º ano, constatou-se que em 2013, do total de 50 escolas públicas estaduais que cumpriram os padrões para obtenção da média gerada pelo IDEB, 43 não atingiram a meta projetada; Em 2015, de 49 instituições, 39 não alcançaram o objetivo; Em 2017, das 43 escolas que atenderam aos requisitos para ter o desempenho calculado, apenas 17 ficaram abaixo do esperado. As escolas que não tiveram o número de participantes suficientes, não participaram ou não atenderam aos requisitos necessários para ter o desempenho calculado, em 2013, totalizaram oito, em 2015, nove e em 2017 quinze. Assim sendo, ainda que o número de escolas sem o IDEB tenha aumentado, é de extrema relevância o quantitativo de escolas que atingiram a meta no ano de 2017.

Nessa perspectiva, surge o questionamento sobre qual a interferência no que se refere a esses números, positivos, no desempenho dos alunos e nas mudanças ocorridas na forma de aprovação deles.

Como exposto, as médias, apresentadas pelas escolas do município de Porto Velho, oscilaram entre 6.2 e 4.0, (Cf. Tabela 2). A média que foi apresentada pelo maior número de escolas foi 5.1, total de cinco escolas. À vista disso, torna-se relevante utilizar esses dados para observar, com mais detalhes, o desempenho dos alunos nas referidas escolas. Observe, portanto, o gráfico 2, a seguir:

Gráfico 2 - Distribuição percentual dos estudantes por Nível de Proficiência das escolas que atingiram 5.1 no IDEB 2017



Fonte: Brasil (2018)

A partir do Gráfico 2, percebe-se que os níveis de proficiência são apresentados em uma escala de 0 a 8, diante disso, constata-se que nenhum dos alunos chegou ao nível mais elevado. Contudo, isso não é o mais importante a ser observado. A preocupação averiguada é que todas as escolas tiveram estudantes com desempenho de nível 0 e a maioria dos estudantes estão abaixo da média, oscilam entre os níveis 3 e 4. Sem dúvidas, esse é um ponto que merece ser destacado.

Ao analisar os dados do nível de proficiência atingidos por estas escolas que apresentaram 5.1, constata-se que, mesmo com os números do IDEB positivos, ainda há muito a ser feito em relação às habilidades estudantis, uma vez que a maioria dos alunos apresentaram resultados abaixo do esperado. Como o IDEB é resultado do produto entre o desempenho e o rendimento escolar, torna-se relevante mencionar que, das cinco escolas apresentadas, quatro já superaram o objetivo para 2019 e a Escola Jorge Vicente Salazar dos Santos, igualou a meta (Cf. Tabela 2).

Veja a descrição de cada nível de proficiência, na Tabela 3, a seguir.



Tabela 3 – Descrição de conceitos que os alunos demonstraram ter desenvolvido em cada nível

<b>Nível</b>	<b>Descrição do Nível – O aluno provavelmente é capaz de:</b>
Nível 0 Desempenho menor que 200	A prova não utilizou itens que avaliam este nível. Os estudantes do 9º ano com desempenho menor que 200 requerem atenção especial, pois ainda não demonstram habilidades muito elementares que deveriam apresentar nessa etapa escolar.
Nível 1 Desempenho maior ou igual a 200 e menor que 225	Reconhecer expressões características da linguagem (científica, jornalística etc.) e a relação entre expressão e seu referente em reportagens e artigos de opinião. Inferir o efeito de sentido de expressão e opinião em crônicas e reportagens.
Nível 2 Desempenho maior ou igual a 225 e menor que 250	Além das habilidades anteriormente citadas, o aluno provavelmente é capaz de: Localizar informações explícitas em fragmentos de romances e crônicas. Identificar tema e assunto em poemas e charges, relacionando elementos verbais e não verbais. Reconhecer o sentido estabelecido pelo uso de expressões, de pontuação, de conjunções em poemas, charges e fragmentos de romances. Reconhecer relações de causa e consequência e características de personagens em lendas e fábulas. Reconhecer recurso argumentativo em artigos de opinião. Inferir efeito de sentido de repetição de expressões em crônicas.
Nível 3 Desempenho maior ou igual a 250 e menor que 275	Além das habilidades anteriormente citadas, o aluno provavelmente é capaz de: Localizar informações explícitas em crônicas e fábulas. Identificar os elementos da narrativa em letras de música e fábulas. Reconhecer a finalidade de abaixo-assinado e verbetes. Reconhecer relação entre pronomes e seus referentes e relações de causa e consequência em fragmentos de romances, diários, crônicas, reportagens e máximas (provérbios). Interpretar o sentido de conjunções, de advérbios, e as relações entre elementos verbais e não verbais em tirinhas, fragmentos de romances, reportagens e crônicas. Comparar textos de gêneros diferentes que abordem o mesmo tema. Inferir tema e ideia principal em notícias, crônicas e poemas. • Inferir o sentido de palavra ou expressão em história em quadrinhos, poemas e fragmentos de romances.
Nível 4 Desempenho maior ou igual a 275 e menor que 300	Além das habilidades anteriormente citadas, o aluno provavelmente é capaz de: Localizar informações explícitas em artigos de opinião e crônicas. Identificar finalidade e elementos da narrativa em fábulas e contos. Reconhecer opiniões distintas sobre o mesmo assunto em reportagens, contos e enquetes. Reconhecer relações de causa e consequência e relações entre pronomes e seus referentes em fragmentos de romances, fábulas, crônicas, artigos de opinião e reportagens. Reconhecer o sentido de expressão e de variantes linguísticas em letras de música, tirinhas, poemas e fragmentos de romances. Inferir tema, tese e ideia principal em contos, letras de música, editoriais, reportagens, crônicas e artigos. Inferir o efeito de sentido de linguagem verbal e não verbal em charges e história em quadrinhos. Inferir informações em fragmentos de romance. Inferir o efeito de sentido da pontuação e da polissemia como recurso para estabelecer humor ou ironia em tirinhas, anedotas e contos.

Fonte: Brasil (2018)

A definição desses níveis e os saberes atribuídos aos estudantes que atingiram essas habilidades são importantes ao cenário da educação brasileira. Entretanto, cientes de que os níveis oscilam entre 1 e 8, ter uma grande concentração de indivíduos nos níveis 3 e 4, mediano, certamente, não é o melhor resultado, ainda há barreiras a serem ultrapassadas.

Sabe-se que todo professor deve estar atualizado, no que diz respeito ao ensino e aprendizagem, para exercer sua prática docente com qualidade, daí a importância em conhecer o cenário do ensino da Língua Portuguesa, a realidade na qual está inserido, pois a partir do que ele sabe é que se torna possível reformular as ações de ensino, definir prioridades frente às diferentes reivindicações do contexto educacional em que se encontra inserido. Cabe à escola, com seus educadores, modificar os fatos apresentados, buscar sempre elevar o nível de desempenho dos estudantes.

### 2.3 CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM E REFLEXOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Os problemas educacionais existem: alunos com dificuldade de expressar-se através de textos na modalidade falada e escrita podem ser observados em diversas escolas do Brasil, além de outras dificuldades de aprendizagem, como por exemplo, leitura, interpretação, escrita etc. Saber das dificuldades não é suficiente para nortear a prática docente. Uma questão importante, neste contexto, é o professor conhecer as principais concepções de linguagem, suas características, seu funcionamento para, a partir daí, encaminhar um ensino de qualidade que culmine em aprendizagem.

A concepção de linguagem mais antiga vê a linguagem como expressão do pensamento. Para Koch e Elias (2017, p. 33):

Nessa concepção de língua como representação do pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o **texto** é visto como um produto – lógico - do pensamento (representação mental) do escritor. A **escrita**, assim, é entendida como uma atividade por meio da qual aquele que escreve expressa seu pensamento, suas intenções, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor ou a interação que envolve esse processo. [grifo dos autores].

Em outras palavras, o indivíduo organiza sua fala e a produz, como um monólogo, não considera o interlocutor, o contexto ou qualquer outra situação, é algo que depende unicamente de um sujeito enunciador que saiba pensar e expressar o que pensou, um sistema fechado que segue regras, privilegia a escrita padrão em detrimento de todas as outras, consideradas erros. Travaglia (2009, p.

22) corrobora que para essa concepção “a expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução”.

Se o docente entende que a língua é um conjunto de regras gramaticais e que o falante, para dominar essa língua, expressar seu pensamento, precisa entender somente as suas regras de funcionamento, automaticamente, suas aulas serão organizadas no intuito de o aluno saber as regras da língua, o que é considerado certo ou errado, independente da situação, do contexto do discurso, dos interlocutores, apenas adequar à norma-padrão.

Para Bagno (2009, p. 14):

Uma grande quantidade de regras prescritas pela norma-padrão tradicional já caíram na obsolescência, já deixaram de ser seguidas até mesmo pelos escritores mais consagrados nos últimos cem anos (se não mais), assim como muitos usos não-normativos já se incorporaram plenamente na língua falada das camadas sociais mais privilegiadas e na língua escrita nos gêneros textuais mais prestigiados.

Nesse entendimento, torna-se difícil concordar com a prática pautada apenas em um ensino constituído de regras, geralmente imposta pela escola, pelo meio social, pela classe dos prestigiados e aceitá-la como única forma de conduzir o aluno ao aprendizado, desconsiderando fatores geográficos, socioeconômicos, culturais, etários e escolares.

Caso a concepção da linguagem seja, meramente, a expressão do pensamento, ou seja, a maneira lógica de organizá-lo, de acordo com regras, em seguida expondo-o, sem importar a contextualização da fala, a quem se dirige o texto, e nem o propósito comunicativo, teremos, basicamente, um amontoado de regras que nem sempre fazem sentido ao aluno, textos sem função social, apenas obrigação escolar para obter nota. Travaglia (2009, p. 22) complementa esse pensamento ao reiterar que “para essa concepção, o modo como o texto, que se usa em cada situação de interação comunicativa, não depende em nada de quem se fala, em que situação se fala (onde, como, quando) para quem se fala”, não é um processo de interação, é a transmissão de uma mensagem, independentemente de qualquer outro fator externo, é uma forma de externar o conteúdo psíquico.

Ainda sobre as concepções de linguagem, Travaglia afirma que:

A segunda concepção vê a **linguagem como instrumento de comunicação, ou seja, como meio objetivo para a comunicação**. Nessa concepção a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de

signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor. Esse código deve, portanto, ser dominado pelos falantes para que a comunicação possa ser efetivada. Como o uso do código que é a língua é um ato social, envolvendo consequentemente pelo menos duas pessoas, é necessário que o código seja utilizado de maneira semelhante, preestabelecida, convencionada para que a comunicação seja se efetive (TRAVAGLIA, 2009, p. 22). [grifo do autor].

Por essa concepção, o receptor tem a função de, apenas, decodificar a mensagem produzida pelo locutor, usando códigos linguísticos, numa mensagem previamente planejada. Nas palavras de Geraldi (1984, p. 43), “esta concepção está ligada à teoria da comunicação e vê a língua como código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor uma certa mensagem”. É um modo de ver a linguagem sem função social, apenas como transmissão de informações.

Na visão de Koch (2003, p. 14),

Quem fala, na verdade, é um sujeito anônimo, social, em relação ao qual o indivíduo que, em dado momento, ocupa o papel de locutor é dependente, repetidor. Ele tem apenas a ilusão de ser a origem de seu enunciado, ilusão necessária, de que a ideologia lança mão para fazê-lo pensar que é livre para fazer e dizer o que deseja. Mas, na verdade, ele só diz e faz o que se exige que faça e diga na posição em que se encontra. Isto é, ele está, de fato, inserido numa ideologia, numa instituição da qual é apenas porta-voz: é um discurso anterior que fala através dele.

Nessa concepção, não há interação, o emissor da mensagem não exerce nenhum poder sobre o receptor. Conforme Travaglia (2009, p. 22-23), “o falante tem em sua mente uma mensagem a transmitir a um ouvinte, ou seja, informações que quer que cheguem ao outro. [...] O outro recebe os sinais codificados e os transforma de novo em mensagem (informações). É a decodificação”. Nesse pensamento, admite-se a linguagem sem propósito comunicativo, não se consideram interlocutores, apenas os códigos.

O professor que conduz suas aulas na concepção da linguagem como instrumento de comunicação, precisa garantir que seus alunos se apropriem do sistema alfabético e da gramática, para que possa atuar como codificador ou decodificador das mensagens. Para isso, transforma suas aulas em um ensino de como a língua é utilizada pelos falantes, apresenta as uniformidades e diferenças existentes entre os diversos registros dela, não se preocupa em tornar o aluno capaz de ler, escrever e empregar objetivamente a língua.

A terceira concepção que, de fato, solidifica as relações interpessoais, ao considerar diversos fatores, dentre eles o interlocutor, o contexto, o conhecimento de mundo, o sentido do texto, é a concepção interacionista a qual Travaglia elucida:

Nessa concepção o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico (TRAVAGLIA, 2009, p. 23)

Entende-se nessa última concepção que, por meio da língua, realizam-se mais ações do que apenas comunicar-se. Na acepção de Koch e Elias (2017, p. 34), “o produtor, de forma não linear, “pensa” no que vai escrever e em seu leitor, depois escreve, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julga necessário, em um movimento constante e on-line guiado pelo princípio interacional”. Em outras palavras, não se limita à transmissão de mensagens, é uma ação que acontece entre interlocutores. De acordo com Geraldi (1984, p. 43),

[...] mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana: através dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não pré-existiam antes da fala.

Antunes (2003) também corrobora com esse pensamento e assume que:

[...] é a *concepção interacionista, funcional e discursiva da língua*, da qual deriva o princípio geral de que *a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situação de atuação social e através de práticas discursivas materializadas em textos orais e escritos* (ANTUNES, 2003, p. 42). [grifo do autor].

Em concordância com essas constatações, no que diz respeito à linguagem, e ao acolher as palavras de Antunes (2003, p. 43) na afirmativa: “a *concepção interacionista da linguagem*, eminentemente funcional e contextualizada, pode, de forma ampla e legítima, fundamentar um ensino da língua que seja, individual e socialmente, produtivo e relevante”, percebe-se a necessidade de utilizar a concepção interacionista em todo o processo de ensino e aprendizagem.

Nesse viés, quando o profissional da educação tem conhecimentos teóricos sobre o seu objeto de ensino e assume uma concepção de linguagem interacionista é que ele é capaz de nortear suas práticas pedagógicas, para, a partir daí, delimitar todas as suas ações educacionais de modo eficiente a solucionar ou atenuar a problemática da educação brasileira.

Nesse sentido, Antunes (2003, p. 39) assegura que:

Toda atividade pedagógica de ensino do português tem subjacente, de forma explícita ou apenas intuitiva, *uma determinada concepção de língua*. Nada do que se realiza na sala de aula deixa de estar dependente de um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais os fenômenos linguísticos são percebidos e tudo, conseqüentemente, se decide. Desde a definição dos objetivos, passando pela seleção dos objetos de estudo, até a escolha dos procedimentos mais corriqueiros e específicos, em tudo está presente uma determinada concepção de língua, de suas funções, de seus processos de aquisição, de uso e de aprendizagem.

Caso o docente não tenha tido uma formação acadêmica que dê conta da distinção das três principais concepções de linguagem existentes, expressão do pensamento, instrumento de comunicação ou forma de interação, bem como da importância de atuar no processo de escolarização que prepara o cidadão para as práticas sociais, ou seja, na perspectiva sociointeracionista, dificilmente suas aulas serão elaboradas considerando a interação por meio de textos, nas modalidades orais e escritas, para sujeitos históricos e sociais, fazendo uso da língua, para manter algum tipo de relação comunicativa.

Para Koch e Elias (2017, p. 32),

[...] o modo pelo qual concebemos a escrita não se encontra dissociado do modo pelo qual entendemos a linguagem, o texto e o sujeito que escreve. Em outras palavras, subjaz uma concepção de linguagem, de texto e de sujeito escritor ao modo pelo qual entendemos, praticamos e ensinamos a escrita, ainda que não tenhamos consciência disso.

Se há lacunas no entendimento do que é a linguagem, por parte do professor, muitos questionamentos já podem ser respondidos. Caso ele desconheça o que diferencia uma palavra de um texto, possivelmente usará pouca ou nenhuma estratégia significativa para o aprendizado, uma vez que não será relevante, por falta de discernimento, considerar o processo de interação, a função comunicativa etc.

Como afirma Koch (2016, p. 30) [grifo do autor]:

Um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido.

Portanto, a concepção de texto aqui apresentada subjaz o postulado básico de que o **sentido não está no texto**, mas se constrói a partir deles, no curso de uma interação.

Vale ressaltar que não existe uma receita pronta e acabada que se aplique a todos os contextos educacionais. É preciso que cada professor, consciente de sua função, saiba construir caminhos, adaptar, mudar, refletir sua prática, apresentar diversas possibilidades de aprendizagem para o estudante, reformular seu fazer pedagógico para que a educação seja de fato um processo de interação. Nas palavras de Travaglia (2009, p. 23),

Essa concepção é representada por todas as correntes de estudo da língua que podem ser reunidas sob o rótulo de *linguística da enunciação*. Aqui estariam incluídas correntes e teorias tais como a Linguística Textual, a Teoria do Discurso, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação, a Semântica Argumentativa e todos os estudos de alguma forma ligados à Pragmática.

É de suma importância que o professor tenha o conhecimento teórico para que possa embasar o processo de ensino que resulte em aprendizagem, a teoria é a base. Todas as atividades realizadas em sala de aula são fundamentadas em teorias, a escolha do conteúdo, as metodologias, as estratégias etc.

Consequentemente, de acordo com a teoria que o docente assume para ministrar suas aulas, o trabalho será diferente. Com reflexões teóricas, a prática é realizada de modo mais consistente. A partir dos objetivos almejados e qual a importância disso para a prática social é que se fundamenta um ensino de qualidade.

A concepção de linguagem que o professor tem e a relação com seu desempenho docente é um dos apontamentos que concerne a este estudo, todavia, vale ressaltar que, esse não é o único “problema” na efetivação do processo ensino e aprendizagem. É preciso ter um olhar atento para não fazer um “caça às bruxas”, definição de “culpados” isolados, se é que eles existem. Para a aquisição do conhecimento muitos fatores podem influenciar, positivamente ou negativamente, esse não é o foco deste estudo, mas não poderia deixar de citar que tanto o aluno,

quanto o professor e a própria instituição, escola, podem ter limitações, sejam cognitivas, de aperfeiçoamento, de políticas sociais, dentre tantas outras.

Antunes (2003, p. 20) alerta que “causas externas interferem, de forma decisiva, na determinação desse resultado. A escola, como qualquer outra instituição social, reflete as condições gerais de vida da comunidade em que está inserida”. É um círculo, a escola, o docente, de todos os componentes escolares, e o aluno, cada um tem suas especificidades, barreiras e parcela de contribuição.

## 2.4 O TEXTO E AS PRODUÇÕES TEXTUAIS

A definição do que é *texto* passou por algumas modificações, assim como aponta Antunes (2009, p. 50): “chegou-se a crer que textos são apenas aqueles escritos, ou aqueles literários, ou aqueles mais extensos (uma palavra só nunca poderia constituir um texto!)”. Ledo engano. Uma única palavra, se for capaz de transmitir uma mensagem de sentido completo, pode ser considerada um texto, sendo ela escrita ou falada.

Na assertiva de Marcuschi (2012, p. 22),

Do ponto de vista da imanência ao sistema linguístico, o texto foi definido, de uma maneira geral, como “uma sequência coerente de sentenças”. [...] *Sequência* é uma expressão que aponta para a necessidade de haver um conjunto linear, mas é problemática se indicar uma condição necessária, pois há textos que se compõem de uma só sentença, ou mesmo de uma só palavra, por ex.: “Fogo!”, quando dito numa situação específica e permanecendo a única expressão na ocorrência.

Não se pode negar sentido a esse enunciado por se tratar apenas de um vocábulo. Não importa o tamanho do texto. Caso essa única palavra esteja contextualizada, será um texto, cumprirá sua função comunicativa. Marcuschi (2012, p. 29) também afirma que “o texto não é uma simples sequência coerente de sentenças e sim uma ocorrência comunicativa”.

Geralmente, as pessoas não pronunciam palavras soltas. Elas se comunicam em textos, ainda que sejam constituídos de uma única palavra, são voltados para interação entre os interlocutores.

Marcuschi (2012, p. 16) assegura que “o texto é uma unidade linguística hierarquicamente superior à frase. E uma certeza: a gramática de frase não dá conta do texto”. Então, não há motivos para insistir em um ensino pautado em palavras



descontextualizadas para formar frases e a partir daí, exigir que este amontoado se torne um texto.

O autor suprarreferido (2012, p. 21) alega que “sabemos que a produção linguística geralmente se dá em textos e não em palavras isoladas. Ninguém se porá a ler um dicionário ou um catálogo telefônico assim como lê um romance, um artigo de jornal ou uma carta dum amigo”. É preciso que os professores, colaboradores na formação do cidadão, tenham consciência desse fato e abandonem essa prática, de tentar ensinar o todo por partes isoladas e descontextualizadas.

Na ótica de Cavalcante (2017, p. 17):

[...] textos constituem uma unidade de linguagem dotada de sentido e cumprem um propósito comunicativo direcionado a um certo público, numa situação específica de uso, dentro de uma determinada época, em uma dada cultura em que se situam os participantes desta enunciação.

Trata-se da textualidade compreendida como o conjunto de características que fazem com que um texto seja considerado como tal, que está diretamente ligada à coerência que, por sua vez, tem a ver com o conteúdo do texto, com o sentido. Processá-lo com os elementos linguísticos, os conhecimentos e a habilidade de interpretação que se tem.

Antunes (2017, p. 26) defende que “apenas por meio de textos é que entramos em contato verbal com outros. Isso é uma evidência irrefutável. Mas, parece, uma evidência que nem sempre tem sido percebida por todos”. Fato esse demonstrado, por parte de alguns professores, com resistência em adotar o texto como objeto de ensino. Ainda para Antunes (2017, p. 32),

Um estudo que se detenha apenas no linguístico, isto é, apenas nas categorias morfosintáticas da língua (como ainda se faz em algumas escolas, com produção e análise de frases soltas ou retiradas de textos), é um estudo parcial, reduzido, artificial e pouco esclarecedor do que, de fato, acontece quando as pessoas estão em interação verbal.

É difícil nomear outro espaço, se não a escola, onde acontece, às vezes, a situação de o emissor de um texto, no caso, o aluno, não saber exatamente quem irá ler seu escrito, se o professor ou outro destinatário. Para Antunes (2017, p. 35), nessas condições, “se exercita a não textualidade da língua e se contraria o modo de ocorrências de qualquer atuação que as pessoas executam por meio da fala ou da escrita”. Esse não pode ser mais o papel desempenhado pela escola, ela precisa

cumprir sua função social, formar cidadãos ativos e participantes dos processos sociais, partir do texto e não o usar como “pretexto”.

Para Koch (2018, p. 11), o texto “é muito mais que a simples soma das frases (e palavras) que o compõem: a diferença entre texto não é meramente de ordem quantitativa; é, sim, de ordem qualitativa”, sendo assim, é extremamente urgente que essa prática se torne realidade. É preciso tomar como eixo norteador do ensino o próprio texto, e, a partir dele, criar a possibilidade de construir um ensino significativo.

Passareli (2012, p. 116) alerta que:

Antes de ser um objeto escolar, a escrita é um objeto social. Assim, a tarefa da escola é levar o aluno a perceber o significado funcional do uso da escrita, propiciando-lhe o contato com as várias maneiras como ela é veiculada na sociedade. Daí a relevância de aproximar os usos escolares da língua escrita com o aspecto comunicativo dentro e fora do contexto escolar.

Quando houver o discernimento da importância do texto, por parte de todos os envolvidos no processo educacional, o ambiente escolar, possivelmente, fará sentido para o alunado. Eles não serão mais expostos à situação de terem que criar um texto, sem propósito comunicativo, a partir de palavras retiradas de jornais e revistas, por exemplo, descontextualizadas, obedecendo apenas ao critério de serem escritas com RR, SS, X ou CH.

Nesta perspectiva, compor um texto é mais do que organizar na linha do tempo, ou sobre o papel, uma sequência de palavras, ainda que sob o cumprimento dos padrões da gramática da língua. Compor um texto é, na verdade, promover uma *inter-ação*, ao mesmo tempo, linguística e social (ANTUNES, 2009, p. 81).

Com relação à modalidade escrita, é preciso ver além do que está explícito nas linhas de um texto, já é chegado, ou até passado, o momento de analisar a produção textual de um aluno, que está em processo de aprendizagem da norma padrão sem buscar erros ou acertos. Na verdade, o que há são desvios, um caminho diferente do apontado pela norma padrão, adotados para realizar o discurso.

Dessa forma, para Antunes (2009, p. 165):

Quando a escola se propõe a ensinar produção de textos, na verdade, ela deverá objetivar a capacitar os alunos para a prática social da múltipla e funcional comunicação oral e escrita. De outra maneira, não teria sentido

nem o trabalho de quem ensina nem o esforço outro de quem se dispõe a aprender.

Dizendo de outro modo, para que as produções textuais, elaboradas pelos alunos, possam ultrapassar os muros escolares, é preciso, acima de tudo, em nossa concepção, saber para quê e para quem se produz, esses devem ser os pontos mais evidentes na preparação da escrita. Outros fatores também necessitam de atenção, mas precisam estar ancorados nesses.

Partindo desse princípio, Koch e Elias (2017, p. 51-52) alertam que:

[...] a escrita pressupõe sempre o leitor e, na base disso, encontra-se o princípio da interação, que privilegia a negociação entre os sujeitos, a intersubjetividade, os conhecimentos sociocognitivamente constituídos e significados, a língua situadamente em uso, o dizer e o redizer.

Koch (2016, p. 17) esclarece que “existe em primeiro lugar, a necessidade social, para cuja realização se elabora um texto, cujo conteúdo se fixa de acordo com a situação comunicativa e a intenção do falante”. Logo, as aulas de língua portuguesa devem ser pautadas em produções textuais, orais e escritas.

Outro ponto de extrema relevância, para o aluno produzir textos, é o processo de preparação da escrita. Ferrarezi Jr. e Carvalho (2015, p. 56) dizem:

Uma boa atividade de escrita não pode prescindir de uma atividade de preparação que a anteceda. Estamos falando, entre outras possibilidades, da leitura. Antes de escrever, o aluno precisa conhecer o gênero, sua funcionalidade, suas características constitutivas etc. Uma forma adequada de mostrar isso ao aluno é através da *leitura e análise desses textos*.

Ao ler e analisar, juntamente com o professor, produções de outros autores, o aluno se familiariza com as características do texto, percebe minúcias do gênero, contextos, reflexões, finalidade, efeitos de sentido do texto, dentro do contexto e, principalmente, suas funções comunicativas. Para isso, vale ressaltar as definições de Koch e Elias a respeito do objeto texto:

No **texto escrito**, a coprodução se resume a consideração daquele para quem se escreve, não havendo participação direta e ativa deste na elaboração linguística do texto, em função do distanciamento entre escritor e leitor. Nele, a dialogicidade constitui-se numa relação “ideal” e, em que o escritor leva em conta a perspectiva do leitor, ou seja, dialoga com determinado (tipo de) leitor, cujas respostas e reações ele prevê. (KOCH; ELIAS, 2017, p. 13, [grifo dos autores].

Em outras palavras, o texto escrito é produzido a partir desses elementos: ciência do distanciamento, suposição de interlocutor, possíveis reações e reflexão sobre o que será preciso utilizar para atingir a interação, concretizar, de fato, o processo comunicativo. Em consonância, Azeredo (2018, p. 37) confirma: “o evento comunicativo se desenrola graças a uma espécie de ‘contrato’ implícito assumido pelos diversos parceiros. Isto é, não dizemos qualquer coisa a qualquer pessoa em qualquer ocasião e situação de qualquer maneira”.

Para Antunes (2003, p. 47), “escrever sem saber para quem é, logo de saída, uma tarefa difícil, dolorosa e, por fim, é uma tarefa ineficaz, pois falta a referência do outro, a quem todo texto deve adequar-se. Como saber se dissemos de mais ou de menos?” Se o texto produzido, por exemplo, fala sobre jogos *on-line*, a linguagem utilizada pode variar muito. A adequação depende do interlocutor, faixa etária, e propósitos comunicativos. Quando o destinatário é conhecido, sabe-se da necessidade, ou não, de explicações minuciosas sobre as gírias, as abreviações, geralmente em inglês, expressões específicas do jogo etc.

Nesse sentido, o autor supracitado (2003, p. 51) observa que:

A escrita corresponde a uma outra modalidade de interação verbal: a modalidade em que a *recepção é adiada*, uma vez que os sujeitos atuantes não ocupam, ao mesmo tempo, o mesmo espaço. Além disso, há um lapso de tempo, maior ou menor, entre o ato de elaboração do texto pelo autor e o ato de sua leitura pelo leitor.

É relevante frisar que não é outra língua, é uma modalidade da língua, portanto há particularidades que precisam ser observadas, aprendidas e executadas de maneira adequada às situações de uso e processo interacional, assim como na modalidade falada.

Na definição de Koch e Elias (2017, p. 14) [grifo dos autores]:

O **texto falado**, por sua vez, emerge no próprio momento da interação. Como se costuma dizer, ele é o seu próprio rascunho. Por estarem os interlocutores copresentes, ocorre uma interlocução ativa, que implica um processo de coautoria, refletido na materialidade linguística por marcas da produção verbal conjunta. Por isso, a linguagem falada difere em muitos pontos da escrita: a) pelo próprio fato de ser falada; b) devido às contingências de sua formulação.

Assim, numa concepção antiga, manifesta-se a visão dicotômica da língua, as marcas que aparecem pelo processo de criação dos textos, o tempo de

elaboração, a possibilidade de revisão, de reescrita, de condensação da linguagem, foram ou são usados para equiparar essas modalidades da língua, criando, algumas vezes, a falsa ideia da escrita ser superior à fala.

Como afirma Botelho (2012, p. 28), “oralidade e escrita ocupavam as extremidades de uma linha reta. Eram opostas. Nessa dicotomia, atribuía-se à linguagem escrita um valor superior”. De um lado, usava-se o objeto de comunicação realizado de forma oral, oralidade, com menos monitoramento, e do outro um escrito mais monitorado.

Marcuschi, teórico que abordou a questão da ausência de dicotomia entre oralidade e escrita, de forma mais clara, a nosso ver, explorou a relação entre essas modalidades em um contínuo nos gêneros textuais, compondo um mesmo sistema linguístico, que se fundam no processo de produção de seus textos.

Antunes (2003, p. 54) corrobora:

[...] há muito mais de semelhante entre as duas do que de diferente —, sem pretender os muitos simplismos com que a fala e a escrita têm sido distinguidas, vale a pena, contudo, chamar a atenção para as diferentes condições de produção de uma e de outra e ter em conta como essas diferenças interferem na sua realização concreta.

Em outras palavras, se os textos, entendidos aqui como gêneros, orais e escritos, tomados como objetos de nivelamento dessas modalidades, fazem parte de contextos extremos, por exemplo, a escrita de uma dissertação e um bate-papo, presencial, com a família, no fim do dia, nem é preciso estudos aprofundados para fazer os apontamentos das diferenças. No primeiro, o gênero escrito exige, geralmente, mais monitoramento, nomenclaturas teóricas, planejamento, elaboração, revisão, reescrita etc. No segundo, a situação permite um grau menor de monitoramento, os interlocutores fazem a coprodução, os gestos, os olhares, o ambiente colabora com a produção. Analisar esses gêneros, orais e escritos, sem considerar os contextos de produção, é no mínimo imaturo, é realçar as diferenças dentro de um único sistema linguístico, que, se visto por outro ângulo, têm mais semelhanças. Isso é um incentivo à desvalorização da oralidade.

Para Botelho (2012, p. 40), seria provada a semelhança, “se a comparação se desse entre textos do mesmo gênero, como, por exemplo, uma conferência (representando a linguagem oral) e um artigo acadêmico, ou uma conversa informal

e um bilhete familiar”. O que precisa ser considerado é o contexto de produção de cada texto, a função comunicativa, os interlocutores, os suportes etc.

Nessa perspectiva, Bortone e Martins (2008, p. 39) [grifo dos autores] destacam:

Não podemos dizer aos alunos que é uma fala certa e uma fala errada, mas que **há falas mais monitoradas e menos monitoradas** e que devemos usar uma ou outra de acordo com a situação na qual nos encontramos e, especialmente, de acordo com as expectativas de nosso interlocutor.

Ao ter ciência da não existência de erro, optou-se por utilizar as marcas da oralidade, menos monitoradas, presente em textos de conversas de *WhatsApp*, com amigos e familiares, como objeto deste estudo, para as produções textuais de crônicas humorísticas. Esse ato representa a efetivação da não dicotomia da língua, a demonstração do contínuo nos gêneros textuais.

Nesse seguimento, Marcuschi (2010, p. 17) alerta que oralidade e escrita “são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia”. Essas modalidades, oral e escrita, são unidades distintas, todavia pertencem ao mesmo sistema. Há situações de maior monitoramento, nas quais a fala assemelha-se aos escritos, seguindo a norma-padrão, e outras situações, em que a escrita, por exemplo, de piadas, apresentam características da fala.

A modalidade oral não depende de escolarização, é o que o aluno já traz em sua bagagem, é a sua língua materna em uso. Entretanto, Marcuschi (2010, p. 17) adverte: “isto não significa que a oralidade seja superior à escrita, nem traduz a convicção, hoje tão generalizada quanto equivocada, de que a escrita é derivada e a fala é primária”.

À escrita faltam especificidades que somente é possível através da fala, exemplo disso são os gestos, as mudanças de expressão facial, corporal, marcas prosódicas, entre outros. Em contrapartida, na fala há ausência de elementos gráficos que auxiliam no discurso, no entanto todos são textos.

Se o objeto da comunicação é o texto, então se torna fundamental que um ensino de qualidade, que visa preparar o estudante para as práticas sociais letradas, seja consolidado nas produções textuais, sendo elas escritas ou orais, nenhuma em detrimento da outra.

A competência de um cidadão para as práticas sociais não está interligada apenas ao ato de desempenhar, com eficiência, uma ou outra modalidade da língua, é mais que falar ou escrever de modo adequado, é a junção desses aprendizados, possuir habilidade para empregá-los nas distintas situações comunicativas. Quando o aluno domina essas duas modalidades de uso da língua, nas palavras de Marcuschi (2010, p. 32) [grifo do autor], ele “se torna **bimodal**. Fluente em dois modos de uso”.

Ciente dessa primordialidade, Marcuschi (2010, p. 22) [grifo do autor] menciona que a “**escolarização**, por sua vez, é uma prática formal e institucional de ensino que visa a uma formação integral do indivíduo”. Em suma, é função da escola formar o indivíduo, em todas as suas potencialidades, prepará-lo para as práticas sociocomunicativas, apenas alfabetizar, ensinar a ler e a escrever, é insuficiente.

O ato de produzir, nessa linha de raciocínio, deve ser visto além da ação de escrever corretamente. Deve funcionar como instrumento capaz de atender às necessidades sociais dos estudantes, contemplar a oralidade, de modo mais monitorado e menos monitorado, a leitura e a escrita. Dessa forma, se conseguiria o letramento, que, nas palavras de Soares (2017, p. 18) é “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Em outras palavras, ir além de codificar e decodificar o sistema linguístico, além da alfabetização, não dissociado, interligado.

Souza e Serafim (2012, p. 22) [grifo dos autores] alertam:

Para os países desenvolvidos, não importa se o indivíduo sabe ler e escrever, importa que ele saiba fazer uso da língua socialmente, [...] enquanto no Brasil o que o IBGE busca saber é se o indivíduo sabe pelo menos escrever e ler um bilhete simples, o que é chamado de *alfabetização*.

Conhecer o alfabeto, decodificar as letras, não explicita ter propriedade sobre a leitura e a escrita, assim como não saber não limita um indivíduo a realizar práticas cotidianas menos elaboradas, como, por exemplo, comprar uma medicação, ir ao supermercado, dar informações de endereços, entre outras, ele pode fazer uso da leitura de mundo, conhecimentos além dos muros escolares.

Nas palavras de Kleiman (1995, p. 18-19), é possível definir o letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e

como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Ainda na visão de Kleiman (2005, p. 10):

O letramento também significa compreender o sentido, numa determinada situação, de um texto ou qualquer outro produto cultural escrito; por isso, uma prática de letramento escolar poderia implicar um conjunto de atividades visando ao desenvolvimento de estratégias ativas de compreensão da escrita, à ampliação do vocabulário e das informações para aumentar o conhecimento do aluno e à fluência na sua leitura.

Em outras palavras, o letramento vai muito além do saber decodificar palavras, é dominar a leitura e a escrita nas práticas sociais. Por isso, letramento não é alfabetização, visto que ninguém aprende constantemente a ler e a escrever, todo indivíduo está ininterruptamente em processos de letramentos, sempre há algo a ser aprendido.

Em concordância, Marcuschi (2010, p. 25) [grifo do autor] define:

O **letramento**, por sua vez, envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas etc., mas não escreve cartas nem lê jornal regularmente, até uma apropriação profunda, como no caso do indivíduo que desenvolve tratados de Filosofia e Matemática ou escreve romances.

A escola, para desenvolver o letramento no aluno, precisa exercer uma prática contextualizada, significativa, ensinar para a vida. Em todas as atividades estabelecer um elo entre a aprendizagem e seu uso no dia a dia.

De igual importância, tem-se a aprendizagem da oralidade, conceituada por Marcuschi (2010, p. 25) como: “uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso”. Nos contextos de menor informalidade, essa prática é comumente desempenhada com um grau menor de monitoramento, no entanto em outras situações, exige-se maior desenvoltura, algo que pode ser aprendido.

Conforme Bagno (2009, p. 86), a “grande tarefa da educação linguística contemporânea é permitir, incentivar e desenvolver o *letramento* dos alunos, isto é, a plena inserção desses sujeitos na cultura letrada em que eles vivem”. Em suma, ser letrado é cumprir as reivindicações de leitura e escrita que a participação na



sociedade letrada nos faz. Por isso é extremamente necessário estimular as produções textuais na escola na perspectiva dos diferentes gêneros textuais.

## 2.5 REFLEXÕES SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS

Em nosso dia a dia nos deparamos com infinidades de textos, cada um com sua finalidade, em seu suporte, em diversos formatos e proferidos de forma oral ou escritos. Compete à escola, no papel do professor, aprimorar as competências dos alunos para que eles sejam capazes de se expressar com desenvoltura nas diversas esferas sociais. Koch e Elias (2017, p. 54) advertem que:

É essa competência que nos propicia a escolha adequada do que produzir textualmente nas situações comunicativas de que participamos. Por isso, não contamos piada em velório, nem cantamos hino do nosso time de futebol em uma conferência acadêmica, nem fazemos preleções em mesa de bar.

Daí a importância de cada indivíduo possuir um vasto conhecimento dos diversos textos, meios veiculados, função comunicativa, contexto de produção etc. Koch e Elias (2017, p. 55) concluem que “todas as nossas produções, quer orais, quer escritas, se baseiam em formas-padrão relativamente estáveis de estruturação de um todo a que denominamos *gêneros*”.

Antunes (2009, p. 54) reforça que “conhecer os diferentes gêneros que circulam oralmente ou por escrito faz parte de nosso conhecimento de mundo, de nosso acervo cultural. (A escola não pode furtar-se à responsabilidade de promover esse conhecimento.)”. Cabe ao professor ofertar esse aprendizado ao aluno para que ele possa aprender a utilizar a língua, de forma adequada, em cada contexto em que esteja inserido.

Quando o aluno reconhece as características dos diversos gêneros textuais ele pode vincular qual utilizou, num determinado evento interativo. Na fala de Antunes (2009, p. 57), “[...] vale tomar os gêneros como referência para o estudo da língua, e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de competências em fala, em escuta, em leitura e em escrita dos fatos verbais com que interagimos socialmente”.

Nas palavras de Azeredo (2018, p. 44) [grifo do autor], todo “texto concretiza uma espécie de ‘modelo de composição’ apropriado ao evento comunicativo em curso. A este modelo damos o nome de **gênero textual**”. Assim sendo, torna-se

essencial que o aluno saiba distinguir os diferentes gêneros, seus padrões pré-estabelecidos, nem sempre fixos, e seus respectivos propósitos de interação, para, posteriormente, saber empregá-los adequadamente.

Nessa perspectiva, Marcuschi (2002, p. 29) argumenta que quando “dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma lingüística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”. Logo, mesmo que um texto tenha a estrutura de uma receita culinária ele pode ser uma piada, um poema ser fábula, uma bula de remédio ser artigo etc., cabe aos interlocutores fazerem esta diferenciação.

Marcuschi (2002, p. 21) salienta que:

[...] embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou lingüísticos, e sim por aspectos sócio-comunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos desprezando a forma. Pois é evidente, como se verá, que em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções.

Trabalhar com gêneros textuais não exige, em momento algum, a necessidade de se trabalhar aspectos gramaticais, o que não é foco neste estudo, contudo é indispensável afirmar que, na realidade, é dentro do texto que as palavras passam a ter sentido, cumprem sua função, do contrário, são apenas vocábulos.

Segundo Marcuschi (2002, p. 19), “os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”. Daí a necessidade primordial do aluno saber empregá-los nas circunstâncias condizentes, saber agir socialmente através dos gêneros textuais.

Marcuschi (2008, p. 155) apresenta o seguinte conceito para gênero textual:

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Como no cotidiano, as pessoas estão sempre em contato com gêneros textuais, acredita-se que, de acordo com a diversidade de textos que o aluno tiver contato, o modo como for realizado o processo de ensino, ele conhecerá as

particularidades de cada gênero, se apropriará e saberá usá-los adequadamente na prática discursiva.

Para Antunes (2009, p. 54) [grifo do autor]:

O conceito de 'gêneros textuais', portanto, retoma – amplificando-o, no entanto – um pressuposto básico da textualidade: *o de que a língua usada nos textos – dentro de determinado grupo – constitui uma forma de comportamento social*. Ou seja, as pessoas cumprem determinadas ações sociais por meios verbais, e tais atuações – a exemplo de todo o social – são tipificadas, estabilizadas; por outras palavras, são sujeitas a modelos, em que a recorrência de certos elementos lhes dá exatamente esse caráter de estabelecido, de típico, de regular. É esse caráter de 'regular' que faz com que o próprio conteúdo de um gênero possa ser previsto.

A partir do momento que se tem familiaridade com as regularidades de determinados gêneros, oral ou escrito, é que se é capaz de identificá-los, compreendê-los e associá-los aos propósitos comunicativos. À vista disso, cabe destacar a fala de Bortone e Martins (2008, p. 11-12): “cada texto terá uma função social a desempenhar, entendendo-se que a língua deve ser trabalhada sempre em situações de uso real. Para tanto, é necessário utilizar diferentes gêneros presentes em nosso dia a dia, cumprindo diversas funções”.

Dolz e Schneuwly (2004, p. 69) afirmam que:

Toda introdução de um gênero na escola é o resultado de uma decisão didática que visa a objetivos precisos de aprendizagem que são sempre de dois tipos: trata-se de aprender a dominar o gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, para melhor saber compreendê-lo, para melhor produzi-lo na escola ou fora dela e, em segundo lugar, de desenvolver capacidades que ultrapassam o gênero e que são transferíveis para outros gêneros próximos ou distantes. Isso implica uma transformação, pelo menos parcial, do gênero para que esses objetivos sejam atingidos e atingíveis com o máximo de eficácia: simplificação do gênero, ênfase em certas dimensões etc.

Sintetizando, o trabalho com qualquer gênero não só promove uma aprendizagem significativa, mas também habilita o educando a lidar com outros gêneros com os quais tiver contato, em diversas situações e contextos. Na atualidade, não é difícil surgirem outros gêneros, visto que estamos em um momento de grandes e intensas mudanças com relação à escrita e ao processo de interação, tudo isso devido aos avanços tecnológicos, ao mundo digital.

Antunes (2017, p. 134) já destaca:

Por sua natureza de 'produto histórico-social', convivemos com a possibilidade de surgirem novos gêneros textuais - os *gêneros emergentes* - provocados, entre outras razões, pelas inovações tecnológicas ou pelas novas motivações culturais, também emergentes; merece citar o gênero 'telefonema'; mais tarde, o *e-mail*, o *chat*, o *blog*, entre outros, e agora as mensagens do *WhatsApp*.

Ao saber que esses são os gêneros da atualidade, cabe ao professor inovar-se e contemplá-los em suas aulas. Se o ensino precisa ser a partir de textos e para a prática social, num processo de interação, é impossível refutar essa realidade. Os interlocutores das produções textuais dos alunos precisam ser reais. No processo de ensino e aprendizagem não se pode mais fingir, ter leitores imaginários. Os textos precisam ser escritos para cumprir funções sociais, cumprir o propósito comunicativo do enunciador, causar reflexão, terem um suporte.

Na acepção de Antunes (2003, p. 47), o "professor não pode, sob nenhum pretexto, insistir na prática de uma escrita escolar sem leitor, sem destinatário; sem referência, portanto, para se decidir sobre o que vai ser escrito". Se a única função do texto é ser uma atividade escolar, dificilmente o aluno o escreverá com grande preocupação. Ele tem consciência de que não será exposto, que, possivelmente, o professor vai apontar os "erros", atribuir uma nota e devolver. O mundo fora da escola nem saberá de seu texto.

Quando o professor trabalha com gêneros, cabe a ele, conforme as palavras de Koch e Elias (2017, p. 74), "colocar os alunos, ao mesmo tempo, em situações de comunicação o mais próximo possível das verdadeiras, que tenham para eles um sentido, para que possam dominá-las como realmente são". Apenas assim, serão capazes de tornarem-se competentes para realizar produções textuais eficazes.

No que diz respeito à ampliação da competência comunicativa dos alunos, Antunes (2009, p. 39) expõe: se essa competência é "- em função de competências sociais ainda mais amplas - pode tornar-se produtivo se o ensino é ensino do português dos textos em circulação nos mais variados gêneros e suportes".

No que diz respeito ao uso do texto como eixo norteador do ensino, Marcuschi (2002, p. 35) frisa que:

[...] o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia. Pois nada do que fizermos lingüisticamente estará fora de ser feito em algum gênero. Assim, tudo o que fizermos lingüisticamente pode ser tratado em um ou outro gênero.

Quando as produções textuais são solicitadas aos alunos sem que eles tenham tido familiarização com o gênero solicitado, o acesso necessário a exemplares, que lhe servirão de apoio para a criação, o devido auxílio pedagógico e uma situação real de comunicação, dificilmente os textos produzidos estarão de acordo com o gênero. A função do professor é ser o mediador do ensino, em outras palavras, ofertar ao aluno o suporte necessário, andaimes, para que ele consiga construir seu próprio conhecimento.

A situação, em sala de aula, torna-se ainda pior quando o docente, no primeiro dia de aula, sem planejamento, escreve no quadro o título de um texto a ser produzido, por exemplo, “Minhas Férias”, e exige que o aluno faça uma excelente redação, sem gênero definido, sem interlocutor, sem o porquê, para quê, para quem, apenas por ser uma exigência do professor.

Diante dessa situação rotineira em algumas escolas, fica fácil imaginar porque os alunos, geralmente, querem saber a quantidade de linhas que precisarão escrever, afinal, esse é o único norte que, aparentemente, terão. Não houve motivação, exemplificação, demonstração da finalidade de produção, interlocutores, suporte, definição de gênero: relato, crônica, diário, artigo de opinião etc. Isso não é trabalhar com produções textuais, é criar um ambiente forjado de interação verbal é uma aula descontextualizada da vida.

## 2.6 O GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA E A PRODUÇÃO DE TEXTO

Optar por um gênero ou outro, quando se deseja elaborar um procedimento metodológico de ensino de produção de texto, não é tarefa fácil. Há pontos que precisam ser levados em consideração. Um deles, talvez o mais importante para desenvolver o trabalho com eficácia, é o docente definir o objetivo almejado com a produção textual realizada pelo aluno: para quê, para quem, em qual suporte este gênero, geralmente, é veiculado, qual a função comunicativa, que contribuição trará para a prática social etc. Após esses itens ficarem claros, é importante pensar no percurso a seguir para alcançar o objetivo, e, tão relevante quanto, de que forma possibilitar o acesso ao material de ensino.

Sabendo que a crônica é um dos gêneros que aparece com grande frequência nos livros didáticos, em praticamente todos os segmentos da educação básica, possivelmente por causa de sua extensão, comparado aos grandes clássicos

da literatura. Ela leva em consideração os acontecimentos, geralmente, mais atuais da sociedade, visto que circula em jornais, impressos ou digitais, dentre outros suportes. Dessa forma, optou-se por desenvolver o trabalho docente com produções textuais desse gênero.

De acordo com Candido (1992, p. 82),

A crônica, pela própria etimologia - *chronus* /crônica -, é um gênero colado ao tempo. Se em sua acepção original, aquela da linhagem dos cronistas coloniais, ela pretendesse registro ou narração dos fatos e suas circunstâncias em sua ordenação cronológica, tal como esses pretensamente ocorreram de fato, na virada do século XIX para o século XX, sem perder seu caráter de narrativa de registro, incorpora uma qualidade moderna: a do lugar reconhecido à subjetividade do narrador. Num e noutro caso, a crônica guarda sempre de sua origem etimológica a relação profunda com o tempo vivido.

Ao realizar leituras de crônicas que se tornaram atemporais é possível ver o retrato da sociedade da época, momentos políticos, transformações sociais, avanços tecnológicos etc., além de perceber a visão do cronista diante do fato mencionado.

Azeredo (2018, p. 173-174) define o cronista como:

[...] um cidadão de seu tempo no sentido mais elástico, que ele da liberdade de converter fatos em matéria de reflexão e comentário, de se valer das experiências pessoais e de toda sorte de conhecimentos para discorrer sobre o que lhe pareça oportuno, e de se propor, perante seu leitor, a uma gama variada de atos comunicativos de preferência em tom de conversa.

Esse é um fator de grande relevância, pois a escola precisa estar interligada com o cotidiano, com os fatos da sociedade, além de inserir os alunos nas práticas sociais que envolvem leitura e escrita, criar cronistas. Utilizar crônica como objeto de estudo, supostamente, é uma oportunidade de desempenhar um trabalho eficiente na formação do cidadão na contemporaneidade.

Outro fator primordial na escolha do gênero crônica, para este estudo, é o fato dele, em algumas situações, admitir uma linguagem informal, que na definição de Antunes (2003, p. 52):

[...] está normalmente presente nos contextos mais corriqueiros da conversação coloquial e caracteriza-se, em geral, por um vocabulário comum, restrito a esses contextos corriqueiros, por uma sintaxe permeada de expressões fáticas ("não é?", "sabe como é?", "tá ligado?", "certo"), de hesitações, de superposições ou de frases inacabadas (não que isso signifique "erro" ou desleixo).

É uma linguagem menos formal, o contexto, o processo de interação, os interlocutores, permite, ou exige, uma linguagem mais espontânea. Antunes (2003, p. 100) conclui que, tanto a modalidade da fala quanto a modalidade da escrita “podem variar, podem estar mais planejadas ou menos planejadas, podem estar mais, ou menos, "cuidadas" em relação à norma-padrão, podem ser mais ou menos formais, pois ambas são igualmente dependentes de seus contextos de uso”.

Alguns processos comunicativos, principalmente aqueles com grau maior de informalidade, permitem visualizar marcas típicas da modalidade oral, a qual foi denominada de marcas da oralidade.

Nessa perspectiva, Botelho (2012, p. 90-91) pontua que:

Não se pode determinar quantos e quais os itens que não ocorrem numa dada modalidade, já que as duas se valem do mesmo sistema linguístico. Podem-se, decerto, relacionar itens, que, dependendo do grau do nível de formalismo ou coloquialismo (definido pelo objetivo do usuário e do contexto em que si), tenham a propensão de ocorrer ou não em um dos gêneros de uma das modalidades.

Nesse viés, elencar o gênero crônica para o trabalho docente é valorizar a primeira modalidade da língua utilizada pelo aluno, a modalidade oral, o que ele traz em sua bagagem, não fazer o apagamento desta em função da outra, é conduzir o processo para que língua falada e escrita se complementem, nenhuma em detrimento da outra, é demonstrar um contínuo entre as modalidades.

Marcuschi (2008, p. 53) enfatiza que “os textos escolares revelam ignorância e descompasso em relação à complexidade da produção oral dos alunos. Ignoram que o aluno já fala (domina a língua) quando entra na escola”. Não é apropriado refutar as marcas da oralidade que os alunos empregam em suas produções textuais, simplesmente em nome de um padrão, considerado ideal pela sociedade. É preciso explicitar para eles quais os efeitos de uso dessas marcas e em que contextos são, geralmente, mais utilizadas.

Por essa ótica, a crônica é uma excelente escolha para trabalhar produção de texto, pois, assim como mencionam Abaurre e Abaurre (2012, p. 120), “A linguagem utilizada na crônica é marcada por uma certa informalidade. Assim, ainda que o aluno deva observar as regras da modalidade escrita da variedade de prestígio, admite-se que seu texto traga algumas marcas de oralidade”.

Isso não quer dizer que em toda crônica há marcas da oralidade explícitas, mas em maior ou menor número é possível encontrá-las, afinal são duas modalidades e um sistema linguístico. Essas marcas podem ser discursivas, fonéticas, morfológicas, sintáticas etc., posteriormente detalhadas neste trabalho.

Outro motivador na escolha do gênero crônica é o fato de ter autores locais do gênero, logo há expectativa de contato com eles. Nos *sites* da região há diversas publicações desses cronistas, a nosso ver, isso aproxima a escrita realizada na escola com a escrita que circula na sociedade. Assim como afirma Antunes (2003, p. 62-63), “As propostas para que os alunos escrevam textos devem corresponder aos diferentes usos sociais da escrita — ou seja, devem corresponder àquilo que, na verdade, se escreve fora da escola”.

Em relação à crônica, de forma geral, é um gênero relativamente fácil de ser encontrado na *internet*, tem uma função social e a linguagem é acessível, exceto algumas que perduram há mais de 80 anos.

Segundo Candido (1991, p. 16):

É que nelas não parece caber a sintaxe rebuscada, com inversões freqüentes; nem o vocabulário "opulento", como se dizia, para significar que era variado, modulando sinônimo de palavras tão raras quanto bem soantes. Num país como o Brasil, onde você costumava identificar superioridade intelectual e literária com grandiloqüência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade, que atingiram o ponto máximo dos nossos dias.

No momento que o aluno se depara com um texto, que, para ele, tem linguagem complicada, há grande probabilidade de rejeição, visto que é na escola que a maioria deles tem contato com diversos gêneros e inicia o processo de tornar-se leitor proficiente. Se o texto é considerado de fácil leitura e curto, alguns estudantes primeiramente olham a extensão do texto, a aceitabilidade, certamente, será maior. E para escrever faz-se necessário ler.

A escolha do gênero textual crônica também está pautada em diversos autores e obras, dentre elas a de Massaud Moisés (2012) ao afirmar que:

A crônica difere da matéria substancialmente jornalística naquilo em que, apesar de fazer do cotidiano o seu húmus permanente, não visa a informar: o seu objetivo, confesso ou não, reside em transcender o dia a dia pela universalização de suas latências - objetivo em geral minimizado pelo jornalista de ofício. O cronista pretende-se, não o repórter, mas o poeta ou o prosador que desentranha do acontecimento diário a sua porção imanente de fantasia (MOISÉS, 2012, p. 625-626).



É em meio a tantas notícias, às vezes duramente cruéis, que a crônica se instala, abandona a objetividade, típica da notícia, e traz uma visão subjetiva, opinativa e pessoal do cronista, algo proibido, pelo menos em tese, às matérias puramente jornalísticas, é o desejo de ver além da cena, além do corriqueiro, além das próprias retinas. A partir de seus temas, vinculados ao cotidiano, nas palavras de Antunes (2010, p. 93), “naquilo que eles têm de detalhe e que, aos olhos comuns, podem não significar nada. Aos olhos do cronista, esses detalhes se convertem em material para relatos e descrições cheios de estilo, de muita graça e de muito encanto literário”.

De acordo com Abaurre e Abaurre (2012, p. 119):

Uma definição para a crônica seria a de um gênero discursivo no qual, a partir da observação e do relato de fatos cotidianos, o autor manifesta sua perspectiva pessoal, oferecendo uma interpretação que revela ao leitor algo que está por trás das aparências ou não é percebido pelo senso comum. Nesse sentido, é finalidade da crônica revelar as fissuras do real, aquilo que parece invisível para a maioria das pessoas, ajudando-as a interpretar o que se passa à sua volta.

O cronista deve ter um olhar atento, ver além do fato, analisar o ocorrido, a cena do cotidiano, e transformá-la em algo maior, causar reflexão no seu interlocutor, não deixar que seu texto passe a ser apenas um relato pessoal. Por isso é difícil produzir crônica, com qualidade, sem que se tenha tido amplo contato com esse gênero, sem que se tenha observado suas características, suas especificidades, finalidades, objetivos e interlocutores, evitando, assim, fuga ao gênero, daí a importância de o professor elaborar antecipadamente os procedimentos para o ensino da escrita e ter um bom acervo do objeto de ensino.

O gênero textual crônica, nas palavras de Abaurre e Abaurre (2012, p. 39), “é um gênero que pode ser considerado híbrido, por apresentar características tanto dos gêneros narrativos como dos gêneros expositivos”. Não há uma regra fixa, o cronista tem a liberdade de unir as distinções do gênero: brevidade, aproximação com o leitor, embasamento em fatos cotidianos e misturá-los, a seu gosto, com o lirismo, o humor, o esporte, a argumentação etc.

Nessa visão, Candido (1992, p. 167) alega que “a crônica, por força de seu discurso híbrido - objetividade do jornalismo e subjetividade da criação literária -, une com eficácia código e mensagem, o ético e o estético, calcando com nitidez as

linhas mestras da ideologia do autor”. É um gênero constituído de outros gêneros e por meio de poucas palavras apresenta a visão do cronista. Para Abaurre e Abaurre (2012, p. 133), o hibridismo da crônica é a “combinação de elementos narrativos e elementos expositivos fundamentais para a elaboração de uma reflexão mais geral que nasce de uma situação particular, o que define esse gênero discursivo”.

Ao se tratar de crônica, Abaurre e Abaurre (2012, p. 39) complementam que,

Embora tenha como ponto de partida uma observação de caráter mais pessoal, que muitas vezes é feita a partir do relato de algum acontecimento que chama atenção do seu autor, a crônica se caracteriza por percorrer uma trajetória que vai do registro de um evento particular para reflexões de natureza mais universal e filosófica. Essa trajetória é necessária para que o gênero cumpra a sua finalidade: analisar uma experiência particular para revelar seu significado mais geral com relação ao comportamento humano.

Assim sendo, escrever uma crônica é conseguir fazer distinção entre outros gêneros como reportagem, conto, relato pessoal, artigo de opinião, e outros, pois há proximidade, e ao mesmo tempo um distanciamento entre estes. Há fronteiras muito sutis entre os gêneros. Abaurre e Abaurre (2012, p. 120) alertam que:

O primeiro desses desafios diz respeito à capacidade de um aluno resistir à tentação de transformar seu texto em um relato. Por vezes, é exatamente isso que acontece. Após a apresentação do acontecimento desencadeador da reflexão, o que segue, ainda em tom narrativo, são observações particulares, que dão conta do modo como o autor se identifica com a situação, por ter vivido experiência semelhante. O texto, nesse caso, não ganha a dimensão reflexiva necessária.

À medida que o educando consegue perceber, no texto elaborado, o que o diferencia dos demais, automaticamente, ele aprende as particularidades de cada um, ainda que não seja em profundidade, há aquisição de conhecimentos.

Massaud Moisés (2012, p. 629) enumera que quem opta por “exprimir-se através da crônica sabe – ou acaba sabendo – que deve circunscrever a sua óptica, e, portanto, a linguagem, na minúscula parcela da realidade que lhe é dado surpreender”. É cativar o leitor pelo olhar diferenciado da realidade do cotidiano, apresentada de forma direta, com linguagem compreensível, sem rebuscamentos e com reflexões profundas.

A respeito da linguagem empregada, de modo geral, nas crônicas, Candido (1992, p. 16-17) alega:

Há um traço comum: deixando de ser comentário mais ou menos argumentativo e expositivo para virar conversa aparentemente fiada, foi como se a crônica pusesse de lado qualquer seriedade dos problemas. [...] é curioso como elas mantêm o ar despreocupado de quem está falando coisas sem maiores consequências; e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem. Mas podem levar longe a crítica social.

É conversa preparada, uma forma elegante, educada de dizer algo, contextualizada na situação legítima, nos envolvidos, na sociedade de forma geral, no interlocutor, é quase a voz da consciência que fala ao pé do ouvido, é uma prática escrita de dizer verdades que deixa o outro ser, não raras vezes, sentindo-se mal. Não são regras ditadas, conceitos aprofundados, itinerários a seguir, é, parece ser, “um soco no estômago”, a ausência do chão.

Köche e Marinello (2015, p. 35) também argumentam que:

A crônica é um gênero textual que faz uma reflexão pessoal sobre acontecimentos do dia a dia que, mostrando aspectos não percebidos. [...] Esse gênero pode abordar questões sociais, fraquezas humanas, fatos ocorridos na sociedade, uma notícia marcante, um filme, uma viagem, entre outros temas. Geralmente, é um texto curto e rápido. [...] A crônica emprega uma linguagem acessível ao leitor. Possui estrutura livre, e pode valer-se do monólogo, do diálogo, da resenha, da entrevista e de personagens reais ou fictícias.

Diante dessas definições, elencar a crônica para o trabalho docente é visto como uma possibilidade de sair da superfície do texto, aprofundar os ensinamentos, levar o estudante a perceber o que está nas entrelinhas desse tipo de texto, fazer a descoberta do implícito, usando sua leitura de mundo, tanto no ato de ler, quanto de escrever. Isso influencia o indivíduo no processo de interação social.

É, sem dúvidas, um gênero que com grande circulação na atualidade, além de estar nos livros didáticos, apresenta conteúdos relevantes para a sociedade e, portanto, merece receber as devidas utilizações para o processo de ensino da escrita.

Candido (1991, p. 5), ao falar sobre crônica, declara que:

Para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura, [...]. Por meio dos assuntos, da composição, aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta a sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compreensão sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de

repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.

Trabalhar com crônica é falar do cotidiano, é fazer humor, é fazer reflexão, é criticar, é vivenciar textos curtos, carregados de simbologia, mostrar ângulos não percebidos e usar uma linguagem comum, mais próxima da realidade da maioria dos alunos. Contudo, vale ressaltar que se trata de um gênero escrito que tem como suporte o jornal, a revista, e, atualmente, a internet, sendo assim, não diferente de outros gêneros, exige extrema atenção com relação ao uso da linguagem e aos seus efeitos de sentido.

Ainda em relação à crônica, Candido (1992, p. 142) menciona:

Como a moda, a crônica tem seu lado de mercadoria e sua face indomável de arte. Ambigüidade fascinante e difícil, que se expressa na oscilação entre falta e excesso.

Uma crônica é como uma bala. Doce, alegre, dissolve-se rápido. Mas açúcar vicia, dizem. *Crônica* vem de *Chronos, Deus devorador*. Nada lhe escapa. Quando se busca a bala, resta, quando muito, o papel, no chão, descartado. A crônica-bala, sem pretensões nutritivas, nunca foi artigo de primeira necessidade. Só aos alfabetizados se permite esse luxo complementar. Traz prazer, fugaz, talvez perigoso. Ao desembrulhá-la – *pum!* -, um estalo. *Cronos* é implacável. Até a gula acaba devorada.

Assim surge e surgiram os excelentes cronistas, por meio da não exigência do rebuscamento, de estrutura fixa, de liberdade vocabular na interação escritor – leitor e o excesso, bom excesso, de reflexão, de função social, de ver com outros olhos os fatos tidos como banais, valorizar o descartável, viciar-se na humanização que uma crônica pode revelar e repentinamente colocar-se no lugar do outro.

Há muita profundidade de conteúdo nas crônicas, assim como apontam Abaurre e Abaurre (2012, p. 39):

Embora possa parecer uma tarefa simples, a produção de uma crônica representa um desafio para os alunos, porque exige, ao mesmo tempo, maturidade para realização da análise do evento que inspirou e controle da estrutura para que o texto não se limite ao simples relato de um acontecimento.

A escola não pode fazer apenas o que julga ser fácil, se a crônica demanda trabalho extra, não é motivo para abster-se dela, é um gênero que está presente nas diversas esferas sociais, por isso precisa ser objeto de estudo. Nesse sentido, julga-se oportuno propiciar ao aluno a possibilidade de realizar essas produções textuais,

almejando a inserção do aluno nas práticas letradas, por meio de atividades planejadas de forma sistemática, assim como deveria ser toda e qualquer atividade escolar. O problema é que nem sempre a escola faz isso. Nas palavras de Dolz e Schneuwly, (2004, p. 42):

Se, para as atividades gramaticais, o professor dispõe de uma descrição precisa dos conteúdos que os alunos devem adquirir a cada série, para as atividades de expressão escrita e oral, nas quais os saberes a se construir são infinitamente mais complexos, ele tem tido de se contentar com indicações muito sumárias. Tudo se passa como se a capacidade de produzir textos fosse um saber que a escola deve encorajar, para facilitar a aprendizagem, mas que nasce e se desenvolve fundamentalmente de maneira espontânea, sem que pudéssemos ensiná-la sistematicamente.

Ainda há muito a ser feito no que diz respeito às produções textuais, o que é inaceitável, no contexto educacional, é deixar de ofertar ao alunado o acesso aos diversos gêneros, nas modalidades orais e escritas, trabalhar com atividades para ler, ouvir, interpretar e escrever.

Ao docente, cabe oferecer estímulos e condições para que seus alunos produzam textos significativos para eles, não deixar que devido à falta de compreensão sobre o funcionamento do processo de escrita não produzam. Esse é o papel do professor.

### 2.6.1 A produção textual de crônica humorística

A crônica é considerada um texto híbrido porque mistura gêneros, texto informativo e literário, une jornalismo e lirismo, além de serem de distintos tipos, dentre eles a descritiva, a política, dissertativa, histórica, entre outras, e a humorística, escolhida para efetivar a proposta deste estudo.

A escolha por esse tipo de crônica foi estabelecida a partir da constatação, em mais de 12 anos de docência, da dificuldade dos alunos em identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados. Em vários momentos houve/há a afirmação por parte deles: “não achei nada engraçado”. O impasse existe, então é preciso resolver.

Para Dias (2018, p. 214), “o trabalho com o discurso do humor, por meio da categorização dos fatos humorísticos, permite que a escola desenvolva a leitura crítica de textos, em diferentes contextos culturais”. O humor, às vezes, é o

apontamento de uma crítica, se falta conhecimento sobre o assunto discutido, seja no texto oral ou escrito, não haverá o riso.

Para Azeredo (2018, p. 144):

O riso e a comicidade estão presentes não apenas na vida cotidiana e na produção literária oral e escrita dos povos, mas, com certeza, em todas as etapas da história. Nada é em si mesmo engraçado, ridículo, cômico. Tal como as noções de bom e ruim, belo e feio, justo e injusto, o cômico é um conceito cultural produzido no seio das sociedades humanas como uma entre as inúmeras formas de relacionamento simbólico do homem com o mundo. O cômico é, portanto, uma forma de interpretação/leitura das situações em que o homem se vê como parte principal.

Sempre houve momentos risíveis na sociedade, ainda que não fosse para todos os envolvidos na situação. Rubem Alves (1980, p. 8) afirma que “no humor, as explicações só servem para atrapalhar. Uma anedota explicada é uma anedota que perdeu a graça. O riso brota do prazer da surpresa”. Se o indivíduo está alheio ao fato gerador do humor certamente não rirá, não será surpreendido.

Uma das propostas de desenvolvimento das habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), versão homologada em dezembro de 2017, aponta para a produção de textos bem-humorados, por exemplo, crônicas e, que, acima de tudo, permita refletir sobre a experiência pedagógica, na qual os alunos têm grande dificuldade, dentro dos recursos expressivos, em analisar os efeitos de sentido que geram o humor em textos variados.

Bergson (1983, p. 68) declara que o humor “é o inverso da ironia. Ambos são formas da sátira, mas a ironia é de natureza retórica, ao passo que o humor tem algo de mais científico”. Cabe ressaltar que mesmo que uma crônica seja humorística ela não pode deixar de cumprir sua função social, pois exige reflexão, papel importante na formação cidadã. Nas palavras de Moisés:

[...] o cronista tece considerações em torno de um acontecimento, sem a intenção de persuadir ou de fazer prosélitos, mas a pensar em voz alta uma filosofia de vida apoiada na transitoriedade cotidiana. Reflexões despreziosas, de quem se deixa tocar pelas coisas e reconhece, não sem melancolia, que a existência é o passar inexorável das horas e dos sonhos. Reflexões, não de um ensaísta, mas de um poeta ou ficcionista, destituídas de polêmica ou dogmatismo (MOISÉS, 2012, p. 630).

O humor de uma crônica pode ser estabelecido por meio de diversos fatores, dentre eles o título, o uso do *spoonerismo*<sup>5</sup>, que consiste na troca das sílabas ou letras das palavras, como no caso da crônica “Regreção da redassão”, de Carlos Eduardo Novaes, além de declarar o assunto do texto, também o faz de maneira irônica, e na fábula de Millôr Fernandes “A baposa e o rode”.

Na crônica humorística há possibilidade de aplicar, na produção textual escrita, se assim o cronista desejar, a língua de seu cotidiano, não há empecilhos de, ao pensar na linguagem como um guarda-roupa, escolher um *short* e uma camisa, ir a campo e marcar um golaço. Não é a falta de terno e gravata, língua rebuscada, que um texto perde seu prestígio, o poder de criação, o uso das palavras adequadas é que dita o tempo de existência dessa produção. Helitzer (2014, p. 9), acredita que “o humor possui um valor imenso. É uma forma de arte, mas não é um mistério: tem fórmulas e estruturas. [...] A verdade é que qualquer um pode aprender a escrever humor”.

Por acreditar que todos são capazes de produzir textos humorísticos, este estudo foi colocado em prática, de forma sistemática, com objetivos estabelecidos, procedimentos e material necessário. No que diz respeito à crônica, Candido (1992, p. 14) argumenta que “Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza humor”. Então, é relevante ensinar a escrita de crônicas humorísticas. Na fala de Moisés (2012, p. 626): “o mais da crônica em que se localiza tal segmento livra-se da reportagem pura e simples graças a outros ingredientes propriamente literários, dos quais é de ressaltar o humor”.

Para escrever faz-se necessário ler. Com relação à leitura de crônica humorística, para cumprir sua função de divertir, pode encontrar algumas lacunas que precisam ser preenchidas, dentre elas, a ausência de conhecimento sobre o assunto retratado, a descontextualização, ou ainda, a leitura de mundo imprescindível para apreender o humor do que é retratado. No entendimento de Cosson (2016, p. 38), ao parafrasear Alberto Manguel, em *Uma história da leitura* (1996):

---

<sup>5</sup> O nome vem de William Archibald Spooner (1844-1939), desastrado pregador britânico que ficou famoso por esses lapsos involuntários (MORENO, 2009).

[...] a leitura não está restrita às letras impressas em uma página de papel. Os astrólogos leem as estrelas para prever o futuro dos homens. O músico lê as partituras para executar a sonata. A mãe lê no rosto do bebê a dor ou o prazer. O médico lê a doença na descrição dos sintomas do paciente. O agricultor lê o céu para prevenir-se da chuva. O amante lê nos olhos da amada a traição.

Dessa forma, é preciso que o aluno, ao produzir a crônica humorística, pense no leitor, use temas atuais, relevantes, contextualizados historicamente. Assim como afirma Helitzer (2014, p. 39), “instintivamente acreditamos que o humor é divertido. Não é não! Humor é crítica disfarçada de entretenimento e direcionada ao alvo específico”. Por isso é de suma importância, entre outros fatores, saber para quem se escreve.

Candido (1992, p. 19) afirma que:

O ritmo emocionado sobre a superfície do humor lírico - constituem ao mesmo tempo uma pequena e despreziosa teoria da crônica, deixando ver o que sugere, isto é, que por baixo delas há sempre muita riqueza para o leitor explorar. Dizendo isso, não quero transformar em tratados sisudos essas peças leves. Ao contrário. Quero dizer que por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem mais do que um estudo intencional a visão humana do homem na sua vida de todo o dia.

É na leveza de uma crônica humorística que se pode causar grandes reflexões, o que geralmente é apenas motivo de riso pode ter outra face, a face que o cronista quer mostrar, um olhar atento ao cotidiano. Dias (2018, p. 205) esclarece: o “humor, enquanto manifestação cultural, é um importante recurso para promover a reflexão e a crítica social”, e acrescenta “o humor possibilita, sob uma forma socialmente aceita, revelar o inconfessável. O rótulo do lúdico, da “brincadeira”, produz efeitos de conveniência e pluralidade de sentidos que, se bem trabalhados, capitalizam a crítica” (DIAS, 2018, p. 213).

Numa sociedade como a nossa, é preciso instruir os alunos para serem críticos, não aceitar todos os dizeres, escritos ou oralizados, como verdades plenas e absolutas. No ambiente escolar, no momento que faltar o entendimento, cabe ao docente dar auxílio à compreensão leitora do aluno, usar andaimes para facilitar esse processo. Quando ele afirmar não ter percebido nada de humor, de divertido, após a leitura ou escuta de um texto com essa função, faz-se necessário averiguar qual lacuna precisa ser preenchida, auxiliá-lo nesse entendimento.



Ainda que o trabalho aqui exposto seja de produção escrita humorística não de palestras, vale salientar as palavras de Helitzer (2014, p. 13):

O humor favorece o aprendizado, tornando o inesquecível. Pesquisas concluíram que os alunos que frequentam palestras que inclui anedotas e tiradas engraçadas obtêm notas melhores do que os que comparecem as mesmas palestras sem a parte humorística. Quando o aprender se torna divertido, todos se beneficiam.

Nessa perspectiva, ter na metodologia sistemática, um momento de leitura das produções humorísticas pode fazer desse ensino algo prazeroso, demonstrando melhores resultados, melhores produções escritas, bons cronistas.

## 2.7 AS MARCAS DA ORALIDADE NA CRÔNICA

A crônica, na concepção admitida neste estudo, de que os gêneros fazem parte de contínuo tipológico da produção textual, oral ou escrita, apresenta marcas da oralidade, elementos característicos da linguagem do dia a dia, em momento distenso, com pouco monitoramento da fala. Essas marcas, a depender do tipo de crônica, podem ser mais, ou menos, visíveis. A utilização delas desempenha diversas funções, uma delas, talvez a mais notória seja a busca por aproximação com o leitor, como se fosse uma conversa face a face, há preocupação, assim como na modalidade falada, com o que se quer comunicar e com quem está se comunicando, ou seja, cumprir a função comunicativa na interação.

Em um estudo pioneiro, Dias (2003) demonstra que essas marcas, presentes no texto escrito, favorecem o envolvimento, num suposto diálogo que lembra muito o texto oral e que são utilizadas com propósitos comunicativos, não são transcrições da fala para a escrita, muito longe disso, é o estabelecimento de “um processo narrativo muito a gosto da conversação, criando-se um estilo de narrar que se aproxima da oralidade e que nos surpreende nos momentos menos esperados” (DIAS, 2003, p. 65).

As marcas da oralidade constituem um campo muito amplo, contemplam marcadores discursivos, fonéticos, morfológicos, sintáticos, lexicais etc.

Botelho (2012, p. 62) esclarece que:

São marcadores discursivos todos aqueles elementos que, por não se enquadrarem perfeitamente em uma das classes gramaticais, já que não apresentam todas as características suficientes para sua classificação, funcionam como organizadores discursivos - elementos de coesão textual -, à semelhança de preposições, conjunções e locuções prepositivas ou conjuntivas, que na escrita têm a função de ligar termos da oração (como é o caso principalmente da preposição) ou orações subordinadas ou coordenadas (como é o caso da conjunção).

Por isso é de suma importância não insistir na classificação de palavras soltas, fora do contexto. Elas sozinhas não dizem exatamente o que são, não se encaixam impecavelmente numa nomeação gramatical, se é que isso seja, de fato, extremamente relevante para a produção textual. Para chegar a uma denominação (verbo, adjetivo, conjunção, substantivo etc.), é preciso analisar o texto nas práticas discursivas, no contexto de uso, no processo de interação, saber a função prioritariamente à nomenclatura. É aí que os marcadores discursivos fazem sentido.

Ainda para Botelho (2012, p. 62):

A oralidade é muito rica em marcadores discursivos. Parecem ser os marcadores discursivos os elementos coesivos fundamentais da oralidade, pois sua utilização na organização das estruturas frasais é flagrante em todas as produções orais. Os marcadores discursivos da fala são: "aí", "daí", "aí então", "e então", "e aí", "mas aí", "e" e "mas" (formas homônimas das conjunções coordenativas: "e" e "mas"), os quais aparecem como marcas da oralidade em textos escritos.

Dessa forma, não cabe refutar essas marcas típicas da oralidade em nome de uma regra ditada pela sociedade de maior prestígio e, sim, analisar e entender sua função e, quando necessário, aplicar no texto escrito, buscar o efeito de sentido desejado. Nessa interpretação, Marcuschi (2010, p. 9) alega que:

[...] são os *usos* que fundam a língua e não o contrário, defende-se a tese de que falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação. Portanto, é a intenção comunicativa que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática. Não se trata de saber como se chega a um texto ideal pelo emprego de formas, mas como se chega a um discurso significativo pelo uso adequado às práticas e à situação a que se destina.

No gênero textual crônica, objeto deste estudo, é possível, em alguns textos, perceber elementos típicos da oralidade e da escrita, duas modalidades que integram o sistema linguístico. Há um tratamento sem desvalorização das marcas da

oralidade, o surgimento de um produto escrito que complementa a fala. Nas palavras de Marcuschi (2010, p. 38):

Os textos se entrecruzam sob muitos aspectos e por vezes constituem domínios mistos. [...] Um dos aspectos centrais nesta questão é a impossibilidade de situar a oralidade e a escrita em sistemas linguísticos diversos, de modo que ambas fazem parte do mesmo sistema de língua. São, portanto, realizações de uma gramática única.

Ainda que haja práticas sociais que, preferencialmente, devem ser apresentadas na modalidade escrita, por exemplo, uma dissertação de mestrado, há o momento de apropriação desse escrito para oralizá-lo. Daí o descabimento na insistência da valorização de uma modalidade em detrimento da outra.

Nos marcadores discursivos há, entre outros, os de estilo hiperbólico. Sobre os quais Dias (2003, p. 68) afirma ser “uma marca do discurso oral popular que ajuda a atrair a atenção do leitor”, os de metalinguagem que manifesta uma preocupação em “tornar o texto claro, fácil, compreensível à primeira leitura. Por isso, todos os vocábulos que podem manifestar dúvida quanto ao seu entendimento são explicados”, (DIAS, 2003, p. 70). Ainda nesse contexto, Dias (2003, p. 70) afirma:

Se observarmos a linguagem oral do dia-a-dia, veremos que os falantes não manifestam muitas variantes para expressar as mesmas idéias, utilizando com freqüência frases feitas”, os exemplos podem ser: *custam uma nota, na hora do vamos ver, arrebrandando a boca do balão, deu pano pra manga*<sup>6</sup>.

Outra marca típica da oralidade tem a ver com a fonética, são as alterações de regras ortográficas, registradas na escrita, caracterizam uma aproximação com a fala. Exemplos citados por Dias (2003, p. 75): “*pra, tá, tão, tô, pro, pros, pras, ih faiou, ze fini, auê, ó ó ó*”.

As marcas da oralidade, que se relacionam à morfologia, apresentam um vasto campo, dentre eles, a deformação dos significantes. Na visão de Dias (2003, p. 76), consiste na “alteração de radical, reduções, abreviaturas compõem uma visão da criatividade do povo, às vezes, rica, sugestiva, que lhe permite criticar pelo humor e irreverência a língua organizada das classes sociais mais privilegiadas”. Exemplos: “*japa* (japonês), *preju* (prejuízo), *flagra* (por flagrante), *delega* (por delegado), *apê*

<sup>6</sup> Exemplos retirados de Dias (2003, p. 71).

(por apartamento), *mi* (por milhão), *cerva* (por cerveja), *funça* (por função), *gasosa* (por gasolina) e *bus* (por ônibus)”, (DIAS, 2003, p. 76).

“Outras marcas da oralidade são os aproveitamentos de sufixos formadores de coletivos: japonês – *japonesada*, índio – *indiaiada*, caipira – *caipirada*”, (DIAS, 2003, p. 80), bem como as terminações dos vocábulos, aumentativos e diminutivos, que, para o autor,

[...] são próprios da linguagem afetiva: frango - *frangão* (linguagem do noticiário futebolístico), time - *Timão* (Corinthians, clube de São Paulo), verde - *Verdão* (Palmeiras, clube de São Paulo), Flamengo - *Mengão* (Flamengo, clube do Rio de Janeiro), filme – *filmaço*, bichado - *bichadão* (muito doente), boleiro – *boleirinho*, bola - *bolinha* (em expressões como “Está jogando uma bolinha”, isto é, jogando mal), paulista - *Paulistão* (Campeonato Paulista de Futebol), chifre – *chifrudo*, *pelada* – *peladinha*, bola – *bolão*, pentelho - *pentelhão* (pessoa desagradável), doido – *doidão*, mulher – *mulherão*, vaca - *vaconna* (por aproximação com Madonna), marido – *maridão*, sorte – *sortudo*, craque – *cracão*, loira - *loiraça*, aumento – *amentão*, xerife – *xerifão*, negro – *negão* (DIAS, 2003, p. 77-78),.

Vale ressaltar que esses exemplos variam de acordo com a escolaridade, o gênero, a idade, a região, classe social, contexto histórico etc., assim como o fenômeno das gírias, que na acepção de Dias (2003, p. 76), é “um aspecto da crítica social, da revolta popular ao agir sobre uma das instituições mais tradicionais da sociedade - a língua”.

As marcas da oralidade relacionadas à sintática correspondem à regência, ao uso do pronome, concordância nominal e verbal etc. O uso do verbo haver ou ter, Dias (2003, p. 81) exemplifica o contínuo dos gêneros, orais e escritos:

Ontem teve um rolo entre comerciantes e os camelôs do Brás. Os ambulantes fizeram passeata pela manhã no Largo da Concorórdia contra a apreensão das suas coisas, mas não houve pau [...] Teve ambulante que foi para o xilindró (NP, 25.07.91, p. 3, F. 307).

Na escrita, empregar um verbo ou outro não demonstra falta de conhecimento, é a não dicotomia da língua. O oral e o escrito se fundem, não são estanques. Existe um processo de preparação para a escrita, o momento de o enunciador pensar no propósito comunicativo, na função persuasiva do discurso, escolher o vocabulário adequado para cumprir esse papel. Nas palavras de Travaglia (2009, p. 108), “o texto é um conjunto de marcas, de pistas que funcionam

como instruções para o estabelecimento de efeito(s) de sentido numa interação comunicativa”.

A modalidade falada tem o poder de revelar informações, nem sempre declaradas, sobre o emissor, ela é a identidade do falante, há denúncias de região geográfica, de classes sociais menos favorecidas ou privilegiadas, de pertinência a determinado grupo. Nas palavras de Antunes (2009, p. 23), “a língua que falamos deixa ver de onde somos. De certa forma, ela nos apresenta aos outros”. Em síntese, a língua falada é o “eu”.

Para Bortone e Martins (2008, p. 72), fala e escrita “são duas modalidades de uso da língua, possuindo cada uma delas características próprias; isto é, a escrita não constitui mera transcrição da fala”, ou seja, os elementos da oralidade, utilizados dentro da modalidade escrita, cumprem uma função.

Na crônica *Minhas férias*, de Luis Fernando Veríssimo, em uma análise das marcas da oralidade no texto escrito por Andrade e Lima (2011, p. 7-9), indica que há possibilidade de exemplificar, aclarar, demonstrar como a língua falada e a escrita têm semelhanças, é um contínuo, pertencem ao mesmo sistema linguístico, porém são modalidades distintas que, de acordo com o propósito comunicativo do enunciador, numa visão funcional, pode ser empregada sem culminar em erro. Veja:

#### MINHAS FÉRIAS

Eu, minha mãe, meu pai, minha irmã (Su) e meu cachorro (Dogman) fomos fazer camping. Meu pai decidiu fazer camping este ano porque estava na hora de a gente conhecer a natureza de perto, já que eu, a minha irmã (Su) e o meu cachorro (Dogman) nascemos em apartamento, e, até os 5 anos de idade, sempre que via um passarinho numa árvore, eu gritava “aquele fugiu” e corria para avisar um guarda; mas eu acho que o meu pai decidiu fazer camping depois que viu o preço dos hotéis, apesar da minha mãe avisar que, na primeira vez que aparecesse uma cobra, ela voltaria para casa correndo, e a minha irmã (Su) insistir em levar o toca-discos e toda a coleção de discos dela, mesmo o meu pai dizendo que aonde nós íamos não teria corrente elétrica, o que deixou minha irmã (Su) muito irritada, porque, se não tinha corrente elétrica, como ela ia usar o secador de cabelo?

#### (a) **Envolvimento pessoal, através do pronome “eu”**

“Eu, minha mãe...”, “Mas eu e o meu cachorro...” – Serve para imaginar, não o que o interlocutor, mas qualquer pessoa possa vir a fazer. Constitui um elemento expressivo, pois reforça os argumentos do falante, aproxima-o do interlocutor e contribui para dramatizar o diálogo.

#### (b) **Repetição da pontuação como recurso de ênfase, o tom da voz. No caso aqui são as aspas que sinalizam o pensamento, reforçam ou chamam atenção.**

“aquele fugiu”;

#### (c) **Necessidade de rapidez na comunicação**

“... meu pai, minha irmã (Su)”

#### (d) **Repetições de nomes**

Irmã Su, cachorro Dogman, pai, mãe.

(e) **Repetições de pronomes possessivos**

Meu pai, minha mãe, meu cachorro Dogman, minha irmã Su.

(f) **Uso excessivo de conectivos**

e – “... e meu cachorro...”, “... e até 5 anos...”, “... e a minha irmã Su...”,

porque – “... porque estava na hora”, “... porque, se não tinha corrente elétrica”, “...”

(g) **Uso de conjunções típicos da fala**

“mesmo o meu pai dizendo” – adequaria melhor “embora o meu pai tivesse dito”.

(h) **Ausência de pronomes oblíquos**

"Meu pai decidiu fazer camping" – "Meu pai decidiu fazê-lo"

(i) **Redundâncias**

"5 anos de idade";

(j) **Erros de sintaxe e regência verbal**

"apesar da minha mãe avisar" – "apesar de a minha mãe me avisar".

Essa é uma exemplificação. A depender do texto, pode conter mais, ou menos, marcas da oralidade. Além das mencionadas houve a repetição da palavra “camping”, no trecho apresentado, três vezes, a intenção é enfatizar que as férias serão diferentes, possivelmente porque o pai viu os preços do hotel. A expressão “numa” também é tida como informal, há a junção da preposição “em” e o artigo indefinido “uma”, é a caracterização da informalidade, ausência de tensão ao narrar o fato, como se o contasse a um amigo/leitor. Outra marca de oralidade é a expressão “como ela ia usar o secador de cabelo?”, essa interrogação é a tentativa de aproximação com o interlocutor como em uma conversa face a face, ou ainda a busca de uma solução para o problema da irmã, é a subjetividade.

Em suma, as marcas da oralidade apresentadas não prejudicaram o texto, demonstram, entretanto, o contínuo dos gêneros, os efeitos de sentido do uso de cada vocabulário, um planejamento, o vínculo com a conversação cotidiana.

Ao tomar por base o acervo teórico contemplado e citar esse exemplo, somado à experiência da professora-pesquisadora, torna-se possível afirmar que há um caminho no ensino da escrita que vai além de apontar erros, condenar a utilização das marcas de oralidade, apontá-las como defeitos, é preciso, juntamente com os alunos, atribuir finalidade ao uso das marcas da oralidade, entender em quais gêneros elas podem ou não serem utilizadas em maior ou menor quantidade, a depender do propósito comunicativo do enunciador. Por fim, através de uma metodologia sistemática, construir um aprendizado significativo na produção escrita para o aluno.

## 2.8 PRODUZIR TEXTOS POR MEIO DE UMA METODOLOGIA SISTEMÁTICA

Ciente do papel da escola como formadora de cidadãos aptos a participar ativamente da sociedade, optou-se por organizar uma sequência de atividades que permitam completar a tarefa de produzir textos da melhor forma possível, uma metodologia sistemática. Em outras palavras, há discernimento da necessidade em se planejar a execução de um estudo e seu desenvolvimento, assim como os procedimentos, análises de informações, interpretações e, possíveis, tomadas de novas decisões. Assim como afirmam Ferrarezi Jr. e Carvalho (2015, p. 78):

[...] fazer algo seguindo uma metodologia, significa planejar a ação e executá-la observando as suas etapas constitutivas e cada técnica que será utilizada em cada momento do desenvolvimento do processo. Assim, métodos são conjuntos de técnicas correlacionadas entre si e propícias a um fazer (conjuntos de procedimentos padronizados) e são muito importantes em nossa vida.

De acordo com esses estudiosos, ensinar a redigir deve ser uma tarefa planejada de forma metódica, sistemática, uma sequência de técnicas que permitam completar o planejado da melhor forma possível, definir o objetivo, as etapas, quando, onde, método e itens a ser avaliados para que o aluno consiga construir sua autonomia na sociedade letrada, ainda “se o professor souber, passo a passo, o que o aluno precisa fazer para *aprender* a escrever um texto de um gênero específico, então terá boas chances de ensinar seu aluno como se faz isso”. (FERRAREZI JR.; CARVALHO, 2015, p. 56).

A educação contemporânea precisa permitir e desenvolver a propriedade dos alunos sobre a sua língua, ou seja, aprender a usar a língua ao invés de aprender sobre a língua. Assim como diz Bagno (2009, p. 86), este “é um dever da escola e um direito de todo cidadão. E para que isso aconteça, para que as pessoas possam ler e escrever bem, elas têm que ler e escrever, ler e escrever, ler e escrever, reler e reescrever, re-reler e re-reescrever [...]”.

A metodologia sistemática proporciona esse ler, escrever, e expressar-se oralmente repetidas vezes, uma vez que é composta por etapas previamente planejadas, objetivos definidos, quando, onde e de que forma todo o processo metódico acontecerá.

Para Ferrarezi Jr. e Carvalho (2015, p. 77-78),

Ensinar a escrever na escola requer uma boa dose de planejamento. Tal planejamento envolve prever o que se pretende ensinar e quando isso acontecerá: quais gêneros de texto vão ser ensinados, quais habilidades meus alunos terão de desenvolver, qual grau de autonomia meu aluno deverá adquirir, em que momentos haverá a aula para essas aprendizagens ocorrerem e tudo o que esse processo envolve. O planejamento envolve ainda o que será avaliado na redação. E como o será?

Por isso, nesta dissertação, a prática docente foi organizada a partir dessa proposta. Percebeu-se que é essencial que haja planejamento para ensinar produção de texto, deixar de vê-la como uma tarefa para ocupar o tempo vago, desvinculada às condições de uso, sem pretensão dos interlocutores.

Aos alunos, cabe primeiramente familiarizá-los com o gênero. Isso pode ser feito de diversas formas, entre elas, usar textos que fazem uso de metalinguagem para explicá-lo, além de lê-los, irão aprender sobre. A partir dessa leitura, pode ser escrita uma lista com as características evidenciadas e, posteriormente, elaborar um mapa conceitual. Ferrarezi Jr. e Carvalho (2015, p. 95) definem:

O mapa conceitual é um diagrama que organiza e permite a visualização, por meio de alguns procedimentos padronizados, um conjunto de conhecimentos. Mas a grande vantagem dos mapas conceituais, em relação aos esquemas mais simples, é que eles indicam as relações significativas entre conceitos de um conteúdo.

Em outras palavras, à medida que o aluno lê um texto com uso de metalinguagem para explicar o gênero, faz uma lista e depois transforma essas anotações em conceitos subjetivos, há uma oportunidade maior de entendimento das peculiaridades do gênero estudado. Cada aluno elenca o que lhe parece mais relevante e dessa forma estrutura o seu mapa conceitual. Assim como advertem Ferrarezi Jr. e Carvalho (2015, p. 98),

É muito importante saber que a construção de mapas conceituais exige certa liberdade criativa e interpretativa dos alunos e que, por isso, não existe uma única forma de traçar um mapa conceitual. Como existem diferentes formas de organizar conceitos e suas relações, pois isso depende de um ponto de vista, isto é, de uma forma de enxergar a hierarquia conceitual, é claro que um mesmo conteúdo pode resultar mapas diferentes construídos por diferentes alunos e isso permite uma comparação muito saudável em classe.

É importante saber que o que foi estruturado pelo aluno é a sua maneira de entender o novo, portanto deve ser valorizado. Pode haver uma complementação de



informações, se o aluno desejar, à medida que se faz a socialização com os demais mapas construídos na sala de aula, mas não deve haver imposições. Para ajudar na elaboração do mapa conceitual pode haver pesquisas sobre os principais autores, ou autores regionais, bem como os suportes de veiculação, interlocutores, função, estilos, temas, estruturas etc.

Assim que o docente elencar um gênero para trabalhar no contexto escolar é preciso definição dos objetivos, prévio planejamento de todas as atividades, bem como, distintas maneiras para efetivá-las. O importante é contemplar os diferentes modos de aprendizagem dos alunos.

Abaurre e Abaurre (2012, p. 24) asseveram que:

Todos nós precisamos de parâmetros, de referências, de informações, a partir dos quais construímos, por exemplo, nossa reflexão sobre alguma questão polêmica ou realizamos um exercício de construção de uma realidade ficcional. Portanto, uma boa proposta de produção de texto sempre deverá oferecer elementos básicos (textos verbais e/ou não verbais) que funcionem como um ponto de partida para a leitura e a reflexão dos alunos.

No efetivo processo de escrita, é fundamental, entre outros fatores, esclarecer qual é o interlocutor, o suporte e a utilidade do texto que ele irá produzir. Nas palavras de Ferrarezi Jr. e Carvalho (2015, p. 22), “Ao responder a essa pergunta, o aluno mobilizará a habilidade em foco que o ajudará a determinar os seus objetivos de comunicação”.

Somente após a definição dos propósitos comunicativos é que foi possível realizar esta intervenção pedagógica, pois ela tinha o objetivo de favorecer ao aluno o reconhecimento do gênero textual crônica humorística, através do contato com textos distintos do mesmo gênero, embasando-o, através da apresentação de propostas significativas de produção textual por meio das marcas da oralidade presente em conversas de *WhatsApp*. O intento era que, no final dos procedimentos, surgissem textos que cumprissem a função estabelecida e pudessem ser colocados à disposição de seus interlocutores em um *blog*.

Tendo como base a prática docente, sabia-se que alguns problemas poderiam surgir nos textos dos alunos durante o processo de ensino da escrita. No plano da sintaxe, de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), “aparecem mais frequentemente: utilização de frases incompletas; falta de variedade

na construção das frases; utilização de coordenação mais que de subordinação; pontuação insuficiente”.

Além desses, também é possível nomear, embasada em mais de 12 anos de experiência docente, que surgirá falta de adequação ao gênero, desvios ortográficos, gramatical, verbal, entre outros, que poderão ser resolvidos com a revisão e a reescrita do texto, para realizar uma produção final satisfatória, passível de ser avaliada de forma quantitativa.

É importante, como sugerido na obra de Abaurre e Abaurre (2012, p. 46), com relação aos critérios de correção do texto:

O estabelecimento dos parâmetros a partir dos quais os textos serão avaliados não deve ser feito de modo unilateral pelo professor. É importante que os alunos participem dessa definição, para que comecem a compreender o que será “cobrado” em seus textos e por que certos aspectos, e não outros, serão considerados relevantes na avaliação.

No momento que o estudante tem ciência desses parâmetros, torna-se mais fácil, para o professor, assinalar os desvios, e assim atuar na resolução dessas problemáticas em conjunto com seu aluno. Assim como afirmam Ferrarezi Jr. e Carvalho (2015, p. 213), “a avaliação de cada texto deve se concentrar no objetivo da atividade e não em todos os aspectos do texto de uma vez só”. Para isso, o professor pode dispor de um quadro de planejamento da escrita, o qual servirá de direcionamento ao aluno e, posteriormente, aplicar um questionário de autoavaliação da produção textual. Quando o aluno tem ciência do que fazer em sua escrita, ele será capaz de avaliar seu processo.

Para o professor auxiliar o aluno na reescrita do texto, ele precisa ser claro nas definições do que não ficou de acordo com o solicitado. Assim como afirmam Abaurre e Abaurre (2012, p. 47):

Devemos ser capazes de dizer algo mais específico do que “desenvolva mais o conteúdo” ao comentar um texto. Como podemos esperar que os alunos escrevam com clareza se nós, seus mestres, não conseguimos fazê-lo nas poucas linhas que dirigimos a eles?

É preciso elucidar da forma mais transparente possível, ao aluno, o que precisa ser feito, como fazer e onde encontrar auxílio em suas limitações. Não basta escrever, por exemplo, “isso não é uma crônica”. É fundamental apontar qual foi o gênero produzido, o que pode ser modificado, como melhorar a produção, o que

acrescentar. É assim que o aluno entende o que é para ser realizado. Não se pode supor que ele já entendeu como se faz, o que foi produzido já demonstra o contrário.

Geralmente o que acontece, em se tratando de crônica, é o aluno produzir um relato. Para evitar essa situação é importante que o professor, no momento de trabalhar o gênero crônica com seus alunos, chame a atenção para a necessidade de eles apresentarem uma reflexão mais abrangente, que o levem a refletir sobre questões associadas ao comportamento humano, de forma não individual, ser mais do que o relato de acontecimentos acompanhado por comentários pessoais.

Os desvios ortográficos não precisam ser uma preocupação constante. O professor necessita de critérios de correção, definir por grau de importância o que se quer ensinar naquela atividade proposta. Alguns professores fazem uma busca exacerbada por desvios ortográficos, intensas marcações de vermelho no texto do aluno e pouca contribuição para o ensino da escrita do texto. Se a proposta é de produção textual, o objetivo é de que ele compreenda e escreva de forma adequada o gênero, a correção ortográfica não deveria ser realizada com tanta veemência. Há outras atividades capazes de auxiliar nesse processo.

Em nome do uso adequado da norma padrão, há professores que riscam da produção do aluno expressões como: “pra”, “tá”, “tava”, “tô”, sem considerar o processo de interação das personagens retratadas.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, será exposta a metodologia utilizada nesta pesquisa. A seção 3.1 apresenta a caracterização da pesquisa e a 3.2 expõe o contexto da pesquisa. Sendo assim, será apresentada uma síntese dos procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desse estudo.

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Inteirado da necessidade de dominar o processo de escrita de diversos gêneros, compreender a função da escola de possibilitar ao aluno tornar-se um usuário capaz de manifestar-se nas práticas sociais de forma mais ampla, nas quais a competência mencionada tornou-se imprescindível, optou-se por utilizar a pesquisa qualitativa, que se ocupa de aspectos da realidade sem preocupação quantitativa, aceitando intuições, crenças e a subjetividade do pesquisador. Assim como defende Triviños (1987, p. 128):

A pesquisa qualitativa com apoio teórico na fenomenologia é essencialmente descritiva. E como as descrições dos fenômenos estão impregnadas dos significados que o ambiente lhes outorga, e como aquelas são produto de uma visão subjetiva, rejeita toda expressão quantitativa, numérica, toda medida. Desta maneira, a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Por isso, não é vazia, mas coerente, lógica e consistente.

A interpretação dos resultados obtidos neste estudo, mesmo ao não focar nos gráficos, tabelas e periódicos, dados quantitativos, representou sua contribuição ao campo científico, pois demandou dados, análises, interpretações e reflexões acerca do objeto de estudo.

No entendimento de Silveira e Córdova (2009, p. 31-32):

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. [...] Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem as submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

Portanto, esta pesquisa foi pautada na pesquisa qualitativa, com intento de auxiliar os alunos que fizeram parte deste estudo no que diz respeito a melhorar o entendimento sobre o processo de escrita de diversos gêneros, descrever, explicar, produzir informações, compreender e exprimir o que convier por meio de textos escritos, baseando-se nos conhecimentos teóricos e empíricos.

Ao se tratar de pesquisa qualitativa, vale destacar os limites e riscos que ela apresenta. Na assertiva de Silveira e Córdova (2009, p. 32), há:

[...] risco de que a reflexão exaustiva acerca das notas de campo possa representar uma tentativa de dar conta da totalidade do objeto estudado, além de controlar a influência do observador sobre o objeto de estudo; falta de detalhes sobre os processos através dos quais as conclusões foram alcançadas; falta de observância de aspectos diferentes sob enfoques diferentes; certeza do próprio pesquisador com relação a seus dados; sensação de dominar profundamente seu objeto de estudo; envolvimento do pesquisador na situação pesquisada, ou com os sujeitos pesquisados.

Destarte, é necessário que o pesquisador tenha discernimento sobre os caminhos que percorrerá para dar sequência ao estudo, foque na questão a ser respondida, use a pluralidade que a pesquisa qualitativa permite sobre o foco estudado, mantenha-se ativo no processo de construção do conhecimento, compreendendo e apresentando os dados obtidos para elucidar o que se deseja aprender ou compreender, cuidando para não generalizar ou distorcer os fatos, decorrente da proximidade entre pesquisador e pesquisados.

Além desse fator, quanto à natureza da pesquisa, optou-se pela pesquisa aplicada que, de acordo com Silveira e Córdova (2009, p. 35), “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”, ou seja, envolve conhecimento disponível, de diversas fontes, e execução, visando à sociedade, dirigida à solução de problemas que contenham objetivos anteriormente definidos. No que diz respeito a esta, o intento foi demonstrar a possibilidade de não refutar as marcas da oralidade no texto escrito, conversas de *WhatsApp*, para as produções de crônicas humorísticas, pelos alunos, ao entenderem seus efeitos de sentido.

Ao saber que há necessidade em se planejar a execução de um estudo e seu desenvolvimento, assim como os procedimentos, análises de informações, interpretações e, possíveis, tomadas de novas decisões, consentiu-se o posicionamento de Triviños (1987, p. 137) ao alegar que:

[...] o processo da pesquisa qualitativa não admite visões isoladas, parceladas, estanques. Ela se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente, de maneira que, por exemplo, a Coleta de Dados num instante deixa de ser tal e é Análise de Dados, e esta, em seguida, é veículo para nova busca de informações.

Ou seja, iniciamos esta pesquisa consciente de que ela poderia apresentar diversos procedimentos, que foram planejados, estudados e analisados, com a possibilidade de serem retomados, quantas vezes se fizessem necessários para que pudéssemos chegar a um resultado plausível.

Gil (2008, p. 50) expõe que:

O elemento mais importante para a identificação de um delineamento é o procedimento adotado para a coleta de dados. Assim, podem ser definidos dois grandes grupos de delineamentos: aqueles que se valem das chamadas fontes de “papel” e aqueles cujos dados fornecidos por pessoas. No primeiro grupo estão a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. No segundo estão a pesquisa experimental, a pesquisa *ex-post-facto*, o levantamento, o estudo de campo e o estudo de caso.

Ao estudo de campo, que consiste na observação dos fatos tal como ocorrem, no local em que ocorrem, não é permitido controlar as variáveis, mas perceber e estudar as relações estabelecidas. No discurso de Gil, (2008, p. 57):

[...] no estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação.

Nesse contexto, a pesquisa de campo ocorreu com o desenvolvimento de atividades e análises qualitativas dos resultados obtidos para sondar e explorar o entendimento do aluno sobre os efeitos de sentido das marcas da oralidade na produção escrita, o que possibilitou obter conhecimentos mais aprofundados do que foi investigado.

Esse procedimento adotado é reconhecido como entrevista informal, que, para Gil (2008, p. 112),

Este tipo de entrevista é o menos estruturado possível e só se distingue da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados. O que se pretende com entrevistas deste tipo é a obtenção de uma visão geral do problema pesquisado, bem como a identificação de alguns aspectos da personalidade do entrevistado.

Após explorar os dados alcançados até então, foi desenvolvida uma intervenção pedagógica, por meio de uma sequência de atividades metódicas, na busca por subsídios para melhorar o entendimento do aluno sobre o processo de escrita de diversos gêneros, auxiliando-os a produzir textos para publicação em *blog*.

### 3.2 CONTEXTO DA PESQUISA

A presente pesquisa foi realizada em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental, em Porto Velho-RO. Uma escola situada em bairro de classe média, na qual os alunos, geralmente, não tinham dificuldade de acesso e tinham, a maioria, bom acompanhamento familiar, em outras palavras, os pais participavam das reuniões escolares, perguntavam aos professores como estava o desenvolvimento dos seus filhos e o que era preciso fazer para melhorar, sabiam os horários da escola, regras e andamento das atividades escolares.

Os alunos que faziam parte dessa turma do 9º ano, ensino fundamental II, turno vespertino, eram 34 alunos, sendo 19 meninas e 15 meninos, com idade entre 14 e 16 anos, destes, um fez o ensino infantil em escola particular, outro fez o 1º ano do fundamental I, outro o 2º ano, dois, o 6º e 7º ano, e outro o 7º e 8º ano. As distorções quanto à idade e incompatibilidade com a série se deu devido ao fato de cinco deles já terem reprovado um ano escolar. Um repetiu o 2º ano, outro o 3º ano e três deles repetiram o 6º ano.

#### 4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A proposta de intervenção pedagógica almejada para o presente estudo implica estimular a produção de crônicas humorísticas com o uso de marcas da oralidade em conversas de *WhatsApp* a fim de empregar os efeitos de sentido pretendidos na produção textual, por meio de uma metodologia sistemática.

A proposta foi elaborada em oito momentos distribuídos em onze atividades, cada uma com duração de 3 horas, total de 33 horas, dezessete etapas. O primeiro momento foi planejado em uma atividade, com o objetivo de: (a) Oportunizar o contato com o gênero textual crônica; (b) Analisar, juntamente com os alunos, as características do gênero por meio de crônicas com metalinguagem (tipo, suporte, tema, público alvo etc.); (c) Auxiliar no desenvolvimento de uma lista das características das crônicas.

O segundo momento, dividido em duas atividades, com o objetivo de: (a) Conhecer crônicas de cronistas da cidade e do estado por meio de pesquisa em diversos suportes, inclusive *on-line*; (b) Sistematizar os conhecimentos sobre o gênero textual crônica (conteúdo, estilo, função, suporte de veiculação etc.); (c) Examinar as reflexões que este gênero declara sobre a condição humana na sociedade; (d) Construir um mapa conceitual com as características observadas nas crônicas.

O terceiro momento tem o objetivo de: (a) Reconhecer as marcas da oralidade presente nas crônicas; (b) Compreender o efeito de sentido do uso das marcas da oralidade na construção do gênero; (c) Levar o aluno a perceber o quanto o processo de interação são importantes na produção de sentido; (d) Demonstrar a importância de estar atento e sensível aos fatos do dia a dia.

O quarto momento, dividido em duas atividades, tem o objetivo de: (a) Diferenciar notícia e crônica ao explorar, juntamente com os alunos, de modo detalhado, as diferenças dos gêneros, considerando a objetividade, impessoalidade e foco narrativo; (b) Ajudar no entendimento sobre o funcionamento da língua e seus efeitos; (c) Propiciar ao aluno a construção do conhecimento sobre o efeito de sentido do uso das marcas da oralidade na crônica “O rádio apaixonado”.

O quinto momento, dividido em duas atividades, tem o objetivo de: (a) Apresentar crônicas humorísticas encenadas, retiradas do *YouTube*; (b) Exemplificar como algumas crônicas assemelham-se a uma conversa face a face; (c) Selecionar



em textos escritos, *WhatsApp*, marcas da oralidade e humor; (d) Pensar em textos do *WhatsApp* como auxílio para a produção de crônica humorística.

O sexto momento tem o objetivo de: (a) Oportunizar a escrita de crônicas humorísticas, a partir de conversas de *WhatsApp*, entre amigos e familiares, usando os conhecimentos prévios adquiridos; (b) Produzir crônica que cause reflexão no leitor; (c) Utilizar o mapa conceitual produzido para lembrar as características da crônica; (d) Refletir sobre o contexto de produção, interlocutores, suporte de veiculação (blog) e efeitos de sentido das marcas da oralidade.

O sétimo momento tem o objetivo de: (a) Permitir a reescrita da crônica humorística; (b) Usar um questionário de autoavaliação da produção textual; (c) Analisar e escrever qual o efeito de sentido do uso das marcas da oralidade usadas no texto; (d) Concluir a revisão e reescrita do texto.

O oitavo momento tem o objetivo de: (a) Criar um blog para divulgação dos textos produzidos; (b) Digitar as crônicas humorísticas no *blog*; (c) Tornar público o produto final da intervenção pedagógica.

Para tornar a proposta de intervenção pedagógica mais clara, visualmente, foi elaborado o Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Proposta de intervenção pedagógica

Momentos	Atividades	Etapas	Objetivos
<b>Primeiro (3h)</b> A metalinguagem nas crônicas	1- Manusear crônicas	<b>1ª:</b> fazer uma lista com as características do gênero descobertas por meio do próprio texto	(a) Propiciar ao estudante o contato com crônicas que usem a metalinguagem; (b) Despertar o interesse dos alunos sobre o gênero manuseado; (c) Fazer listas com as características do gênero, de acordo com a metalinguagem nas crônicas; (d) Aprender de forma coletiva as características das crônicas.
		<b>2ª:</b> acrescentar características do gênero na lista recebida de outro grupo	
		<b>3ª:</b> elucidar, de forma minuciosa, as hipóteses levantadas pelos alunos e complementá-las.	
<b>Segundo (6h)</b> Crônicas e mapa conceitual	1- Conhecer as peculiaridades das crônicas e dos cronistas	<b>Única:</b> pesquisar cronistas da região e mais características do gênero.	(a) Desenvolver a autonomia na busca por textos de cronistas da região; (b) Observar os diferentes suportes (jornal – impresso ou digital -, livro, <i>Facebook</i> , <i>blog</i> etc.) do gênero; (c) Perceber as diferentes temáticas que são abordadas no gênero.

Continua.

Quadro 1 - Proposta de intervenção pedagógica

Continuação.

Momentos	Atividades	Etapas	Objetivos
<b>Segundo (6h)</b> Crônicas e mapa conceitual	2 – Construir um mapa conceitual	1ª: utilizar uma videoaula para elaborar um mapa conceitual coletivo.	(a) Conceituar de forma resumida as características do gênero; (b) Dar uma visão subjetiva ao conteúdo aprendido; (c) Possibilitar o trabalho em coletividade; (d) Elaborar, em grupo, um mapa conceitual.
		2ª: elaborar outro mapa conceitual, dessa vez, em grupo.	
<b>Terceiro (3h)</b> A aquarela da diversidade das falas	1 – Colorir as falas do dia a dia	1ª: pintar as expressões comuns na fala do dia a dia, levantar hipóteses sobre o efeito de sentido que essas marcas da oralidade apresentam e preencher um questionário sobre a crônica lida.	(a) Apresentar crônicas regionais; (b) Distinguir as marcas da oralidade que se encontram nas crônicas; (c) Inferir o efeito de sentido atribuído pelo cronista às marcas da oralidade, a partir do processo interacionista; (d) Observar a importância do processo de interação na produção de sentido das marcas da oralidade; (e) Perceber que as crônicas surgem de qualquer assunto do cotidiano.
		2ª: fazer as explanações, com a colaboração dos alunos, sobre as marcas da oralidade e os seus efeitos de sentido.	
<b>Quarto (6h)</b> Notícia: Crônica e Marcas da oralidade	1 – A metamorfose da notícia	<b>Única:</b> falar sobre a origem da palavra crônica, as primeiras produções e explorar as diferenças entre os gêneros notícia e crônica.	(a) Constatar a subjetividade do narrador; (b) Detectar as diferenças entre os gêneros notícia e crônica (objetividade, formalidade da linguagem, foco narrativo etc.); (c) Compreender o humor do texto aliado à reflexão; (d) Notar a importância de um título atrativo.
	2 - Varal das marcas da oralidade	<b>Única:</b> associar exemplos do texto aos efeitos de sentido das marcas da oralidade.	(a) Localizar as marcas da oralidade; (b) Associar marcas da oralidade aos seus efeitos de sentido; (c) Compreender o efeito de sentido das marcas da oralidade.
<b>Quinto (3h)</b> Sessão cinema e <i>WhatsApp</i>	1 – A crônica do dia a dia na tela	<b>Única:</b> exibir vídeos de crônicas humorísticas.	(a) Exibir dramatizações de crônicas de Luis Fernando Veríssimo; (b) Comprovar que o assunto de uma crônica pode ser qualquer fato do cotidiano; (c) Demonstrar que crônicas podem ser construídas em textos dialogais; (d) Instigar a percepção do humor e da reflexão que as crônicas podem apresentar.
	2 – As situações do dia a dia no <i>WhatsApp</i> .	<b>Única:</b> procurar, em celulares/ <i>internet</i> , conversas de <i>WhatsApp</i> , com marcas da oralidade e humor, selecionar uma que sirva de inspiração para a produção textual.	(a) Ler textos de <i>WhatsApp</i> em busca de marcas da oralidade e humor; (b) Selecionar textos de <i>WhatsApp</i> para usar na produção de crônica humorística.

Continua.

Quadro 1 - Proposta de intervenção pedagógica

Continuação.

Momentos	Atividades	Etapas	Objetivos
<b>Sexto (3h)</b> Conversas e Crônicas	1 - Eu sou cronista	<b>Única:</b> planejar e escrever uma crônica humorística.	(a) Produzir crônicas humorísticas, considerando sua adequação às propriedades do gênero; (b) Ser capaz de reconhecer a importância do título de um texto; (c) Pensar no público alvo do <i>blog</i> e mídia de circulação; (d) Usar adequadamente os efeitos de sentido pretendidos no texto através das marcas da oralidade.
<b>Sétimo (6h)</b> Minha crônica	1 - Revisar, reescrever crônicas e autoavaliar	<b>1ª:</b> receber a crônica produzida, ler as anotações do professor e reescrever.	(a) Corrigir e aprimorar as produções realizadas; (b) Adequar as marcas da oralidade aplicadas à modalidade escrita das crônicas humorísticas; (c) Reescrever o texto produzido, crônica, tendo em vista as características do gênero e os efeitos de sentido pretendido; (d) Autoavaliar a crônica produzida.
		<b>2ª:</b> responder o questionário de autoavaliação da produção.	
<b>Oitavo (3h)</b> Somos "blogueiros"	1 - Criar <i>blog</i> – digitar – publicar crônicas	<b>1ª:</b> criar um <i>blog</i> para a turma.	(a) Utilizar computadores, notebooks, ou celulares, recursos eletrônicos, para digitar os textos produzidos; (b) Empregar as ferramentas do <i>Word</i> para formatar e editar adequadamente as crônicas; (c) Criar um <i>blog</i> ; (d) Personalizar o <i>blog</i> com nome, aparência e estilos decididos coletivamente; (e) Publicar as crônicas no <i>blog</i> .
		<b>2ª:</b> digitar e publicar, no <i>Blog</i> , as crônicas, revisadas e reescritas.	

Fonte: Dados da pesquisa

Como pode ser observado no Quadro 1, cinco momentos - primeiro, terceiro, sexto, sétimo e oitavo - foram elaborados com apenas uma atividade, diferente do segundo, quarto e quinto momentos, com duas atividades. Dentre as onze atividades, a atividade 1 do primeiro momento foi dividida em três etapas, a atividade 2 do segundo momento foi dividida em duas etapas, assim como as atividades 1 do terceiro, sétimo e oitavo momentos. As demais, seis atividades, foram realizadas em etapas únicas. Além disso, no Quadro 1, constam os objetivos de cada atividade a serem atingidos.

#### 4.1 PRIMEIRO MOMENTO – A METALINGUAGEM NAS CRÔNICAS (3h)

Este momento foi planejado em uma atividade dividida em três etapas. O objetivo foi de: (a) Propiciar ao estudante o contato com crônicas que usem a metalinguagem; (b) Despertar o interesse dos alunos sobre o gênero manuseado; (c)

Fazer listas com as características do gênero, de acordo com a metalinguagem nas crônicas; (d) Aprender de forma coletiva as características das crônicas.

#### 4.1.1 Atividade 1- Manusear crônicas

1ª etapa: Após selecionar as crônicas com metalinguagem, a professora levou-as para a sala, dispôs os alunos em grupo, 4 e 5 integrantes, e pediu para que lessem os textos e, após a primeira leitura, fizessem uma lista com as características do gênero descobertas por meio do próprio texto. O tempo gasto foi de 15 minutos.

Os textos selecionados foram, inicialmente, de autores da região, entretanto, por não ter sido o suficiente, ampliou-se a outros, incluindo os principais cronistas brasileiros. As crônicas utilizadas, segue como sugestão a outros docentes, estão elencadas no Quadro 2 e, em seguida, nas seções serão analisadas:

Quadro 2 – Sugestões de crônicas

- |  |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Crônica Nova (Jefrson Sartori – Cacoal/RO);</li> <li>2. O Exercício da Crônica. (Vinicius de Moraes);</li> <li>3. A Metalinguagem da Crônica. (Aline Andrade - Cruzeiro do Sul/AC);</li> <li>4. Ciao: A Última Crônica (Carlos Drummond de Andrade);</li> <li>5. Metalinguagem (Nancy Nogueira – Ipatinga/MG);</li> <li>6. A Visão dos Cronistas (Gabriel Bocorny Guidotti - Porto Alegre/RS);</li> <li>7. O Frívolo cronista (Carlos Drummond de Andrade).</li> </ol> |
|--|

Fonte: Dados da pesquisa

2ª etapa: Ultrapassado o tempo da leitura da primeira crônica, foi solicitado aos alunos passar a outro grupo a crônica lida, juntamente com a lista preenchida. Ao receber uma crônica diferente, o intuito era acrescentar características na lista, além de ler o que já havia sido anotado pelo grupo anterior. Essa metodologia foi repetida sete vezes, o número de crônicas selecionadas para a atividade. Foi uma forma de o aluno perceber o que não havia anotado e familiarizar-se com as características do gênero.

3ª etapa: Ao término da elaboração das listas, a docente, com as crônicas em mãos, fez comentários detalhados sobre as características do gênero. O intuito foi elucidar, de forma minuciosa, as hipóteses levantadas e complementá-las. Os grupos iniciais das crônicas complementaram as suas listas.

#### 4.1.1.1 Atividade 1- Crônica Nova

Nesta seção, serão expostas as crônicas com metalinguagem. Sendo a primeira, *Crônica Nova*, de Jefrson Sartori; a segunda, *O Exercício da Crônica*, de Vinicius de Moraes; a terceira, *A Metalinguagem da Crônica*, de Aline Andrade; a quarta, *Ciao: A Última Crônica*, de Carlos Drummond de Andrade; a quinta, *Metalinguagem*, de Nancy Nogueira; a sexta, *A Visão dos Cronistas*, de Gabriel Bocorny Guidotti e a última, *O Frívolo cronista*, também de Carlos Drummond de Andrade, conforme as sugestões apresentadas no Quadro 2.

Juntamente com a apresentação de cada uma delas, serão expostas as particularidades do gênero identificadas, previamente, pelo professora-pesquisadora, por meio da metalinguagem. É importante ressaltar que, a partir da leitura e interpretação do aluno, outros aspectos do gênero foram percebidos e acrescentados.

A seguir, temos a sugestão 1, *Crônica Nova*, de Jefrson Sartori (2017).

A verdade é que não fazemos justiça a nossos mais profundos anseios. Se fizéssemos, poríamos nossas crônicas em envelopes, selaríamos e enviaríamos.

Talvez ninguém queira ler, mas a crônica já está pronta com todos os pingos nos "is", vírgulas e pontos na mente de quem a escreverá. E em cada vírgula há uma pausa para sofrer com uma boa lembrança, e em cada ponto há a esperança para a retomada de um novo tempo, digo, novo assunto. Será escrita, o assunto transborda-lhe pelos poros em forma de suor quando caminha nesses dias escaldantes. Seu corpo transborda verbos, artigos, substantivos, adjetivos (muitos destes são contidos em seu interior a duras penas do bom senso), e muitas outras palavras alinhando-se em orações coordenadas, ou subordinadas, ou dirigidas a Deus.

Voltando ao transbordar, ao escritor será permitido fazê-lo pela caneta. Ao final, sua alma estará leve e fresca como um corpo recém lavado. O que motiva a crônica caberia numa carta; e não, ninguém perceberia a diferença, a não ser pelo não endereçamento a alguém de maneira explícita. Mas há sempre um nome, está nas entrelinhas. Só é preciso ler.

Rubem Braga, nosso mais expressivo cronista, afirmou que a crônica "é o imprudente ofício de viver em voz alta". Sim Rubem, escondemos, escondemos, e escondemos com tanto cuidado para que num momento de relapso intencional e bem planejado, expomos nossa alma nua, a saber, o que sentimos – seja bom ou ruim -, enquanto o leitor apenas lê, faz o juízo que lhe apetece, vira o rosto e despreza a crônica, o cronista e seus anseios.

Nisso fazem muito bem, afinal, se o que leem não lhes interessa em nada, e não podemos devolver o tempo desperdiçado em linhas tolas de palavras frívolas, cabe-nos apenas um lamento, um duplo lamento, por vosso tempo e por nossa má sorte. Aliás, três lamentos, este último, é de quem realmente gostaríamos quem lesse. E não a lerá. A verdade é que não fazemos justiça a nossos mais profundos anseios. Se fizéssemos, poríamos nossas crônicas em envelopes, selaríamos e enviaríamos.

Toda crônica é uma carta que gostaria de ter sido entregue.

De acordo com a crônica, as características do gênero são, entre outras, não ser uma carta, poder surgir de uma lembrança, a partir do que se escreve deseja-se algo melhor, um novo assunto e é no dia a dia, enquanto caminha-se, que se encontram assuntos que merecem ser crônicas.

Na crônica, a interpretação vai além das palavras. Enquanto o cronista escreve, vai “lavando” sua alma, transferindo suas emoções pelas palavras, tendo em vista que esse gênero é um texto relativamente curto, caberia em uma carta, sempre é feito para alguém, não de modo explícito, tem sempre um público alvo (há sempre um nome, está nas entrelinhas. Só é preciso saber ler).

O cronista expõe sua alma, seus sentimentos, ainda que nem sempre a crônica seja entendida em toda a sua amplitude, em todas as entrelinhas, o implícito. No momento em que a crônica não atinge o que se planeja, a finalidade, terá sido uma perda de tempo, tanto para o autor, quanto para o leitor. Afinal, o cronista fala com o leitor e se a crônica não for lida pelo público-alvo pré-determinado é uma carta que não chegou ao destinatário.

#### 4.1.1.2 Atividade 1 - O exercício da crônica

Na Atividade 1, a exemplo do que foi exposto na subseção anterior, apresentamos a Sugestão 2, com a crônica *O exercício da crônica*, de Vinicius de Moraes (2010).

Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, acende um cigarro, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado.

Alguns fazem-no de maneira simples e direta, sem caprichar demais no estilo, mas enfeitando-o aqui e ali desses pequenos achados que são a sua marca registrada e constituem um tópico infalível nas conversas do alheio naquela noite. Outros, de modo lento e elaborado, que o leitor deixa para mais tarde como um convite ao sono: a estes se lê como quem mastiga com prazer grandes bolas de chicletes. Outros, ainda, e constituem a maioria, “tacam peito” na máquina e cumprem o dever cotidiano da crônica com uma

espécie de desespero, numa atitude ou-vai-ou-racha. Há os eufóricos, cuja prosa procura sempre infundir vida e alegria em seus leitores e há os tristes, que escrevem com o fito exclusivo de desanimar o gentio não só quanto à vida, como quanto à condição humana e às razões de viver. Há também os modestos, que ocultam cuidadosamente a própria personalidade atrás do que dizem e, em contrapartida, os vaidosos, que castigam no pronome na primeira pessoa e colocam-se geralmente como a personagem principal de todas as situações. Como se diz que é preciso um pouco de tudo para fazer um mundo, todos estes "marginais da imprensa", por assim dizer, têm o seu papel a cumprir. Uns afagam vaidades, outros, as espicaçam; este é lido por puro deleite, aquele por puro vício. Mas uma coisa é certa: o público não dispensa a crônica, e o cronista afirma-se cada vez mais como o cafezinho quente seguido de um bom cigarro, que tanto prazer dão depois que se come.

Coloque-se porém o leitor, o ingrato leitor, no papel do cronista. Dias há em que, positivamente, a crônica "não baixa". O cronista levanta-se, senta-se, lava as mãos, levanta-se de novo, chega à janela, dá uma telefonada a um amigo, põe um disco na vitrola, relê crônicas passadas em busca de inspiração - e nada. Ele sabe que o tempo está correndo, que a sua página tem uma hora certa para fechar, que os linotipistas o estão esperando com impaciência, que o diretor do jornal está provavelmente coçando a cabeça e dizendo a seus auxiliares: "É... não há nada a fazer com Fulano..." Aí então é que, se ele é cronista mesmo, ele se pega pela gola e diz: "Vamos, escreve, ó mascarado! Escreve uma crônica sobre esta cadeira que está aí em tua frente! E que ela seja bem-feita e divirta os leitores!" E o negócio sai de qualquer maneira.

O ideal para um cronista é ter sempre uma ou duas crônicas adiantadas. Mas eu conheço muito poucos que o façam. Alguns tentam, quando começam, no afã de dar uma boa impressão ao diretor e ao secretário do jornal. Mas se ele é um verdadeiro cronista, um cronista que se preza, ao fim de duas semanas estará gastando a metade do seu ordenado em mandar sua crônica de táxi - e a verdade é que, em sua inocente maldade, tem um certo prazer em imaginar o suspiro de alívio e a correria que ela causa, quando, tal uma filha desaparecida, chega de volta à casa paterna.

Ao analisar a crônica, as especificidades encontradas foram: Escrever crônica é desafiador, parece uma conversa fiada. Nas crônicas as histórias não são inventadas, partem da realidade. O cronista não cria as situações e as personagens, fala do cotidiano de modo sério, busca nos noticiários assuntos para dar uma nova visão, outro ponto de vista.

As crônicas surgem de repente, provinda dos fatos e feitos da vida dos cronistas, emocionalmente despertados pela concentração, surgem da "falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado". O assunto infalível para a crônica pode surgir a partir da escuta de conversas, algumas causam vida e alegria em seus leitores, ou ainda tristeza, não só quanto à vida, como quanto à condição humana e às razões de viver.

Cada cronista tem sua característica, seu estilo, de escrita e pode revelar cuidadosamente sua personalidade. Ele pode optar por escrever em primeira pessoa, ou ser o personagem principal de todas as situações.

Nem sempre é fácil achar inspiração para o assunto da crônica, visto que são publicadas diariamente em jornais e precisam ser criativas para divertir os leitores. Ao serem concluídas passam pelos linotipistas, quem opera as máquinas de textos destinados à impressão e causa grande alívio no cronista quando ficam prontas para serem publicadas, tal uma filha desaparecida, chega de volta à casa paterna.

#### 4.1.1.3 Atividade 1 - A metalinguagem da crônica

Com o mesmo propósito, apresentamos a sugestão 3, *A metalinguagem da crônica*, de Aline Andrade (2019).

Eu passo da empolgação hilariante à melancólica frustração. No silêncio da madrugada, é assim que me sinto perante a caneta e o papel. Já risquei frases inteiras, palavras, devo ter derrubado inúmeras árvores de tanto papel que já arranquei e nada interessante surge. Ou melhor, nada que poderia fazer com que você, leitor, gastasse uns dois minutinhos com as palavras desta singela cronista. Tudo parece está estagnado na minha mente como uma criança que não quer compartilhar seu único chocolate.

Diante de tantas possibilidades a indecisão toma conta de mim, afinal, tudo pode virar crônica: uma pelada no fim da tarde, os barcos que vêm e vão nas águas turvas do rio, uma rodada de cerveja numa mesa de bar, uma discussão entre namorados, o pôr do sol, o carinho de mãe...A vida é uma imensa crônica!

Mas ter essa imensidão de possibilidades não é o suficiente. A crônica exige mais, ela requer um olhar sensível e atento sobre o dia a dia, porque ser cronista é ver o mundo de outra forma, vai além da escrita. Por isso se enxerga o que a maioria não percebe. Falo isso porque ela é descompromissada, o cronista escreve porque gosta, se sente bem e suas palavras apenas fluem. Pode-se escrever sem tema, sem intenção, apenas com a emoção.

A crônica liberta, desperta o olhar para um mundo diferente, faz cintilar a pupila de quem ler e pulsar o coração de quem escreve. Ela tem mil e uma facetas, jeitos, trejeitos e não exige a inspiração dos grandes poetas. É por isso que encontro na metalinguagem minha válvula de escape para falar daquilo que circundava minha mente, mas não saía dela.

Os aspectos encontrados na crônica que abordam as características do gênero foram: o cronista pensa sempre no leitor, escreve para ele, compartilha o que tem de melhor em sua mente, todos os assuntos podem servir para se tornar uma crônica “uma pelada no fim da tarde, os barcos que vêm e vão nas águas turvas do rio, uma rodada de cerveja numa mesa de bar, uma discussão entre namorados, o pôr do sol, o carinho de mãe...A vida é uma imensa crônica!”.

“A crônica exige um olhar sensível e atento sobre o dia a dia, porque ser cronista é ver o mundo de outra forma, ir além da escrita, enxergar o que a maioria



não percebe”. Elas, para serem escritas, não têm regras rígidas, podem ser de qualquer tema ou da ausência de tema, “tem mil e uma facetas, jeitos, trejeitos e não exige a inspiração dos grandes poetas”.

O cronista escreve porque gosta, se sente bem e suas palavras apenas fluem, sua missão é passar emoção ao leitor.

#### 4.1.1.4 Atividade 1 - Ciao: A última crônica

A sugestão 4, com a crônica *Ciao: A última crônica*, de Carlos Drummond de Andrade (2019), é exposta, a seguir:

[...] Crônica tem esta vantagem: não obriga ao paletó e gravata do editorialista, forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não exige de quem o faz o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece; dispensa a especialização suada em economia, esporte, política nacional e internacional, religião e o mais que imaginar se possa. Sei bem que existem o cronista político, o esportivo, o religioso, o econômico, etc., mas a crônica de que estou falando é aquela que não precisa entender de nada ao falar de tudo. Não se exige do cronista geral a informação ou o comentário preciso que cobramos dos outros. O que lhe pedimos é uma espécie de loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial, e desperte em nós a inclinação para o jogo da fantasia, o absurdo e a variação do espírito. Claro que ele deve ser um cara confiável, ainda na divagação. Não se compreende, ou não compreendo, cronista faccioso, que sirva a interesse pessoal, ou de grupo, porque a crônica é território livre da imaginação, empenhada em circular entre os acontecimentos do dia, sem procurar influir neles. Fazer mais do que isso seria pretensão descabida de sua parte. Ele sabe que seu prazo de atuação é limitado: minutos no café da manhã ou à espera do coletivo.

Esta crônica, por meio da metalinguagem, afirma que este gênero foi escrito primeiramente para jornais, pode ser sobre qualquer assunto: cinema, literatura, vida urbana, moral, coisas deste mundo e de qualquer outro possível, com ou sem assunto se produz crônicas, pode, inclusive, ser sobre o próprio cronista, afinal existe crônica que fala de política, esporte, religião, economia etc.

A crônica pode comover ou distrair, além de poder ser irônica, não precisa ser formal (linguagem), não tem tanta pressa como a notícia, não precisa falar apenas de determinados assuntos, qualquer assunto serve. Deve ser feita para ser lida rapidamente, ser curta, conversar com o leitor.

Para ser um cronista não é preciso ter conhecimento profundo sobre o assunto escolhido para a crônica, basta transmitir, com calma e detalhes, outro

ponto de vista sobre um fato, não de forma rigorosa, nem banal, mas de reflexão. Deve demonstrar seriedade sobre o assunto, falar de assuntos do dia a dia sem influenciar neles.

#### 4.1.1.5 Atividade 1 - Metalinguagem

A sugestão 5, no texto de Nancy Nogueira (2019): *Metalinguagem*, é apresentada a seguir:

Escrever crônicas é como contar um caso. Lembra-se de uma história contada por alguém, presta-se atenção a figuras interessantes na rua, sem querer, é claro, mera observação. Vivenciam-se fatos interessantes e coloca-se tudo no papel.

E os pedidos? Eles chovem! As pessoas, quando sabem que escrevo crônicas, me contam acontecimentos que acham engraçados e pedem para eu escrever e mandar-lhes o texto. Elas me cobram, como se fosse uma mercadoria de pronta entrega, um produto de manufatura que se escolhe o material a ser usado, junta-se tudo e está pronto!

Outro dia, pediram-me que colocasse no papel um fato que aconteceu com uma amiga, ela ficou presa do lado de fora de sua casa só de calcinha e sutiã. Eu disse que essa já existia, Sabino iria achar ruim comigo, e eu não seria nada original. Mas não é engraçado? Ela disse. É, mas...

Às vezes é difícil explicar que crônica não foi feita só para coisas engraçadas, podemos escrever sobre tudo do mundo, do dia-a-dia, de memórias, reflexões, tudo!

Escrever crônicas é sedutor. Começa-se e não se quer mais parar. Palavra puxa palavra. Várias vezes me emocionou escrevendo. Gosto de pôr no papel, mesmo sabendo que ela pode não ser lida por ninguém.

Quando eu era adolescente, escrevia diários, agora que os anos me trouxeram experiências de vida, escrevo crônicas.

Após a leitura e análise do texto, foi possível observar que o gênero crônica tem como características ser parecido com contar uma história, pode ser feito a partir de fatos interessantes do dia a dia, não pode ser escrito, simplesmente, para atender a um pedido, pois não é uma mercadoria, é a vivência do fato que torna possível escrevê-lo.

As crônicas não precisam necessariamente ser só humorísticas, “pode-se escrever sobre tudo do mundo, do dia-a-dia, de memórias, reflexões, tudo!”. Por isso, escrever crônica é viciante, emocionante, ainda que se saiba que ela pode não ser lida por ninguém, é falar do dia a dia, como um diário.

#### 4.1.1.6 Atividade 1 – A visão dos cronistas

Sugestão 6, *A visão dos cronistas*, de Gabriel Bocorny Guidott (2019).

“Procura-se um cronista”, li em um jornal rasgado qualquer. O papel estava deteriorado, mas o título era legível. Como veio parar ali? Jamais saberei. O que sei é que nada sei, sem ser filosófico. Procuram um cronista. Procuram alguém para fazer Robin suplantando o Batman e que isso faça sentido. O que desejam é um torcedor do Brasil e da Argentina que ame as duas seleções incondicionalmente. Uma arte da conversação maluca e aberta a amizades, portanto.

O cronista nunca se prende apenas ao seu próprio estilo. Adere a outros. Suas opiniões são mascaradas e movem uma catarse para serem compreendidas. Convenhamos, em tempos de necessidade desumana pelo pragmatismo, uma quebra com o protocolo vem como um alento, fazendo as pessoas rir entre tragédias e gostar de coisas que jamais teriam imaginado.

Mesmo que não faça sentido em um primeiro momento, o texto prevalecerá como um mosquito insistente no escuro, com seus barulhinhos de asas aterrorizando nossos ouvidos. Essa é a função da palavra: indagar, criar a dúvida, amolar para desenvolver pensamentos. Se o cronista fornecesse uma ideia de cara, que graça haveria? Tudo que é dado não tem o valor daquilo que é conquistado.

O cronista deve desafiar a mente de seus leitores. Não é uma tarefa fácil e requer muita habilidade na produção dos sinais que serão enviados. Mas com muito trabalho e leitura fica fácil. Você consegue, quem sabe, escrever um grande texto – não um texto grande – em minutos. Os conceitos e as prosas vão saindo tão facilmente que você nota: nasceu para fazer aquilo. Ninguém pode lhe tirar isso. Nunca.

Portanto, procuram-se cronistas. O espaço para divagar entre humor e solilóquios de razão está cada vez menor para que loucos do amanhã escrevam balbúrdias do passado. Desperte o tino misterioso e divertido que há em você. Escreva sobre a morte falando da vida. Beba uma cerveja pesada afirmando que ela é fraca como água. Saia do marasmo, pois o mundo é colorido e cheio de oportunidades. Definitivamente, procuram-se cronistas.

Por meio da metalinguagem foi possível inferir que crônicas são publicadas, geralmente, em jornais, é algo tido como inferior, mas possui muita grandeza, fala de qualquer assunto, numa arte da conversação maluca e aberta a amizades.

O cronista mascara suas opiniões e move uma catarse (libertação psíquica que o ser humano vivencia quando consegue superar algum trauma como medo, opressão ou outra perturbação psíquica) para serem compreendidos, quebra o protocolo, vem como um alento, faz as pessoas rirem entre tragédias e gostar de coisas que jamais teriam imaginado, demonstra que tem algo a mais naquele fato, “como um mosquito insistente no escuro, com seus barulhinhos de asas aterrorizando nossos ouvidos”.

As crônicas têm a função de indagar, criar a dúvida, amolar para desenvolver pensamentos, não deixar explícita sua reflexão, usar as entrelinhas, ser um desafio para os leitores, por isso escrevê-la não é tarefa fácil, requer muita habilidade na produção dos sinais que serão enviados, devido ao fato de serem

textos curtos com grande reflexão e espaço para divagar entre humor e monólogos de razão.

#### 4.1.1.7 Atividade 1 - O frívolo cronista

Por fim, na sugestão 7, temos a crônica *O frívolo cronista*, de Carlos Drummond de Andrade (2019).

Um leitor de Mato Grosso do Norte (sic) escreve deplorando a frivolidade que é marca registrada desta coluna. Hoje não estou para brincadeira, e retruco-lhe nada menos que com a palavra de um sábio antigo, reproduzida por Goethe em *Italianische Reisen*. Vai o título em alemão, para maior força do enunciado. Os que não sabemos alemão temos o maior respeito por essa língua. A frase é esta, em português trivial: "Quem não se sentir com tutano suficiente para o necessário e útil, que se reserve em boa hora para o desnecessário e inútil". É o que faço, respaldado pela sentença de um mestre, endossada por outro.

E vou mais longe. O inútil tem sua forma particular de utilidade. É a pausa, o descanso, o refrigerio, no desmedido afã de racionalizar todos os atos de nossa vida (e a do próximo) sob o critério exclusivo de eficiência, produtividade, rentabilidade e tal e coisa. Tão compensatória é essa pausa que o inútil acaba por se tornar da maior utilidade, exagero que não hesito em combater, como nocivo ao equilíbrio moral. Não devemos cultivar o ócio ou a frivolidade como valores utilitários de contrapeso, mas pelo simples e puro deleite de fruí-los também como expressões de vida.

No caso mínimo da crônica, o auto-reconhecimento da minha ineficácia social de cronista deixa-me perfeitamente tranqüilo. O jornal não me chamou para esclarecer problemas, orientar leitores, advertir governantes, pressionar o Poder Legislativo, ditar normas aos senhores do mundo. O jornal sabia-me incompetente para o desempenho destas altas missões. Contratou-me, e não vejo erro nisto, por minha incompetência e desembaraço em exercê-la.

De fato, tenho certa prática em frivoleiras matutinas, a serem consumidas com o primeiro café. Este café costuma ser amargo, pois sobre ele desabam todas as aflições do mundo, em 54 páginas ou mais. É preciso que no meio dessa catadupa de desastres venha de roldão alguma coisa insignificante em si, mas que adquira significado pelo contraste com a monstruosidade dos desastres. Pode ser um pé de chinelo, uma pétala de flor, duas conchinhas da praia, o salto de um gafanhoto, uma caricatura, o rebolado da corista, o assobio do rapaz da lavanderia. Pode ser um verso, que não seja épico; uma citação literária, isenta de pedantismo ou fingindo de pedante, mas brincando com a erudição; uma receita de doce incomível, em que figurem cantabiles de Haydn misturados com aletria e orvalho da floresta da Tijuca. Pode ser tanta coisa! Sem dosagem certa. Nunca porém em doses cavaleares. Respeitemos e amemos esse nobre animal, evitando o excesso de graça. Até a frivolidade carece ter medida, linha sutil que medeia entre o sorriso e o tédio pelo excesso de tintas ou pela repetição do efeito.

Não pretendo fazer aqui a apologia do cronista, em proveito próprio. Reivindico apenas o seu direito ao espaço descompromissado, onde o jogo não visa ao triunfo, à reputação, à medalha; o jogo esgota-se em si, para recomeçar no dia seguinte, sem obrigação de seqüência. A informação apurada, correta, a análise de fenômenos sociais, a avaliação crítica, tarefas essenciais do jornal digno deste nome, não invalidam a presença de um canto de página que tem alguma coisa de ilha visitável, sem acomodações

de residência. Como você tem em sua casa um cômodo ou parte de cômodo, ou simplesmente gaveta, ou menos ainda, caixa de plástico ou papelão, onde guarda pequeninas coisas sem utilidade aparente, mas em que os dedos e os olhos gostam de reparar de vez em quando: os nadas de uma existência atulhada de objetos imprescindíveis e, ao cabo, indiferentes, quando não fatigantes.

Meu leitor (ou ex-leitor) mato-grossense-do-norte (sic), não me queira mal porque não alimento a sua fome de conceitos graves, eu que me cansei de gravidade, espontânea ou imposta, e pratico o meu número sem pretensão de contribuir para o restauro do mundo. O sábio citado por Goethe me justifica, absolve e até premia. Eu disse no começo que não estou para brincadeira? Mentira; foi outra frivolidade.

A partir da leitura, foi possível elencar as seguintes características do gênero crônica: não é futilidade, é uma leitura que para ser entendida precisa ler as entrelinhas, é útil para a pausa, o descanso, o refrigerante, pensar na vida, nossa e do outro, na pausa, supostamente inútil, torna-se de grande utilidade, é a desocupação ou a futilidade com valores utilitários, expressão de vida.

O cronista se sente impotente diante da sociedade, mas se acalma ao escrever, não para esclarecer problemas, orientar leitores, advertir governantes, pressionar o Poder Legislativo, ditar normas aos senhores do mundo, mas para falar com o leitor. Escreve ciente que não salvará o mundo com suas reflexões, apresenta uma fala séria, esconde crítica e humor.

As crônicas, lidas de forma rápida, durante o café, entre todas as aflições do mundo, no jornal, no meio de uma cachoeira de desastres, elas vêm mudando a direção, adquirindo significado pelo contraste com a monstruosidade dos desastres.

Qualquer assunto pode servir para crônica: um pé de chinelo, uma pétala de flor, duas conchinhas da praia, o salto de um gafanhoto, uma caricatura, o rebolado da corista, o assobio do rapaz da lavanderia etc., “pode ser tanta coisa! Sem dosagem certa. Nunca porém em doses exageradas”. Deve ser evitado o excesso de graça. “Até a futilidade precisa ter medida, linha sutil que medeia entre o sorriso e o tédio pelo excesso de linhas ou pela repetição do efeito”.

Geralmente, as crônicas têm pouca duração, logo ficam esquecidas. Por isso, no jornal, ocupam um espaço descompromissado, não quer ser destaque, ganhar medalhas, quer cumprir sua função, não precisam ter sequência. Cumprem função de analisar os fenômenos sociais, criticar, fazer valer sua presença em um jornal, ainda que não seja em lugar de destaque. É a utilidade, do que parece ser inútil.

#### 4.2 SEGUNDO MOMENTO (Crônicas e mapa conceitual): (6h)

Este momento foi planejado em duas atividades. A primeira teve o objetivo de: (a) Desenvolver a autonomia na busca por textos de cronistas da região; (b) Observar os diferentes suportes (jornal – impresso ou digital -, livro, *Facebook*, *blog* etc.) do gênero; (c) Perceber as diferentes temáticas que são abordadas no gênero. A segunda de: (a) Conceituar de forma resumida as características do gênero; (b) Dar uma visão subjetiva ao conteúdo aprendido; (c) Possibilitar o trabalho em coletividade; (d) Elaborar, em grupo, um mapa conceitual.

##### 4.2.1 Atividade 1- Conhecer as peculiaridades das crônicas e dos cronistas

Antes de iniciar a atividade a docente verificou que havia cronistas locais, porém não havia publicações nos jornais impressos. Sendo assim, ela fez contato com alguns cronistas, via *WhatsApp*, para verificar a possibilidade de irem até à escola explanar sobre o gênero e suas peculiaridades, entretanto nenhum aceitou. Diante disso, a professora disponibilizou computadores da escola, *notebook*, livros físicos e crônicas impressas, retiradas dos jornais digitais, para dar seguimento à atividade.

Os alunos juntaram-se em grupos, receberam a lista elaborada no momento anterior e iniciaram a pesquisa com foco nos autores regionais.

Durante a pesquisa, o aluno observou os itens que ele já possuía na lista e outros expostos a seguir:

Quadro 3 – Minha pesquisa

Item	Característica	Descrição
1	Autor:	Nome e cidade onde mora.
2	Tema:	Qual o assunto da crônica?
3	Veículo em que foi publicada:	Livro, revista, jornal impresso ou digital, <i>Facebook</i> , <i>Blog</i> etc.
4	Tipo de leitor pretendido:	Algum público específico ou geral?
5	O tom da escrita:	Humor, ironia, poesia, crítica, etc.
6	Função social:	Causa reflexão no leitor? Qual?
7	Inspiração para a escrita:	Qual fato do cotidiano inspirou o cronista?
8	Modo de escrita do texto	O texto é em forma de diálogo ou narrativa?
9	Formalidade da linguagem:	A escrita é mais formal ou menos formal?
10	Enredo:	É um acontecimento, um episódio banal do dia a dia? Qual?

Fonte: Dados da pesquisa

Ao término da pesquisa/ou conversa com autores, a lista das características foi ampliada.

#### 4.2.2 Atividade 2 – Construir um mapa conceitual

Nesta atividade, dividida em duas etapas, aconteceu a elaboração de um mapa conceitual coletivo e outro em grupo. A docente, antes do processo de feitura da atividade, sondou se os alunos já possuíam esse conhecimento. Ainda que não fosse o primeiro contato deles com essa estrutura gráfica, que ajuda a organizar conceitos, foi essencial oportunizá-los a lembrar ou apropriar-se desse novo aprendizado.

1ª etapa: Para este momento, utilizou-se uma videoaula de elaboração de mapas conceituais. Uma sugestão é a exibição do vídeo: Como fazer um mapa conceitual<sup>7</sup>. Após a apresentação, o professor complementou a explicação, tirou as possíveis dúvidas e solicitou aos alunos a elaboração, coletiva, de um mapa conceitual de crônica. A lousa foi o suporte para fixar as características do gênero crônica. Cada grupo elencou dois aspectos diferentes e interligou-os ao mapa conceitual. A docente deu o suporte necessário para a construção desse conhecimento. As listas preenchidas nas atividades anteriores serviram de fonte de pesquisa para os alunos.

2ª etapa: Ao terminar de construir um mapa conceitual de forma coletiva, o aluno, possivelmente, estava melhor preparado para a execução da próxima atividade, que consistiu na elaboração de outro mapa conceitual, dessa vez, em grupo, de até cinco integrantes, pesquisando as características elencadas anteriormente e usando a lousa como fonte de pesquisa.

Os mapas foram apresentados em cartazes e posteriormente fixados em sala de aula. Assim que todos os grupos concluíram a execução da tarefa, a professora solicitou que algum representante, ou todos os integrantes, como preferissem, explanassem o entendimento do grupo para caracterizar o gênero crônica. Dessa forma houve uma troca de conhecimentos e, possivelmente, maior fixação de aprendizagem, já que nenhum mapa foi igual ao outro.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://youtu.be/F54SWctP7-E>. Acesso em: 08 ago. 2019.

### 4.3 TERCEIRO MOMENTO (A aquarela da diversidade das falas): (3h)

Este momento foi realizado em uma atividade com duas etapas. O objetivo foi de: (a) Apresentar crônicas regionais; (b) Distinguir as marcas da oralidade que se encontram nas crônicas; (c) Inferir o efeito de sentido atribuído pelo cronista às marcas da oralidade, a partir do processo interacionista; (d) Observar a importância do processo de interação na produção de sentido das marcas da oralidade; (e) Perceber que as crônicas surgem de qualquer assunto do cotidiano.

#### 4.3.1 Atividade 1 – Colorir as falas do dia a dia

O terceiro momento foi um reencontro dos alunos com algumas crônicas da pesquisa efetivada no segundo momento, (Anexo A). A professora, que teve acesso às anotações dos alunos, levou para a aula, em cópias, quatro crônicas, que eles leram e que evidenciaram o uso das marcas da oralidade.

1ª etapa: No momento de aplicar a atividade, a professora convidou os alunos a se organizarem em grupo, de até cinco integrantes, e lerem a crônica recebida. Após a primeira leitura, eles receberam lápis de cor e giz de cera para pintar as expressões que lhes são comuns na fala do dia a dia. Em seguida, levantaram hipóteses, por escrito, sobre o efeito de sentido que essas marcas da oralidade apresentavam dentro do texto, relacionadas aos seus interlocutores dentro do contexto. À docente, competiu deixá-los agir de forma autônoma, apenas esclarecendo as dúvidas que lhe foram mencionadas.

Além das hipóteses sobre as marcas da oralidade, os alunos preencheram um questionário, para maiores detalhes, sobre a crônica lida. As perguntas elencadas são apresentadas no Quadro 4, a seguir:

Quadro 4 – Detalhes sobre a crônica lida

1. Qual fato do cotidiano inspirou o cronista?
2. Esse fato é muito improvável de acontecer? Por quê?
3. Quem são as personagens envolvidas na crônica?
4. Os interlocutores da crônica permitem uma linguagem mais próxima da que utilizamos quando estamos em um momento de descontração? Por quê?

Fonte: Dados da pesquisa





etc.); (c) Compreender o humor do texto aliado à reflexão; (d) Notar a importância de um título atrativo; A segunda de: (a) Localizar as marcas da oralidade; (b) Associar marcas da oralidade aos seus efeitos de sentido; (c) Compreender o efeito de sentido das marcas da oralidade.

#### 4.4.1 Atividade 1 – A metamorfose da notícia

Nesta etapa, a professora falou sobre a origem da palavra crônica, as primeiras produções em forma de comentários pessoais, sobre uma ou outra notícia do dia e o veículo de publicação, ressaltou a diversidade das temáticas dos jornais, daí as características das crônicas, porém não deixou de esclarecer que a ela incorporam-se outros assuntos não noticiados.

Para prosseguir, a docente projetou os textos (ANEXO B), do livro didático de Cereja e Cochar, Português Linguagens, 8º ano, 2015, páginas 103 e 104<sup>8</sup>, realizou a leitura da notícia e, posteriormente, da crônica de Moacyr Scliar elaborada a partir dessa notícia de jornal.

Após estas duas contemplações de leitura a professora fez, juntamente com os alunos, uma exploração de modo detalhado acerca das diferenças dos gêneros, objetividade, impessoalidade e foco narrativo, além de chamar a atenção para o título, o quão atraente pode ser. Em seguida, argumentou a respeito do assunto da notícia, algo que passaria despercebido pela maioria das pessoas foi enaltecido pela escrita de um cronista, tornou-se um texto humorístico, com função de agradar, divertir o leitor, mas não deixou de ser romântico, ainda que seja o som de um carro.

#### 4.4.2 Atividade 2 – Varal das marcas da oralidade

Ao pensar na linguagem como um guarda-roupa, cada peça é adequada a uma situação, a um contexto, a docente preparou um varal, sozinho, com vários moldes, duplos, de peças de roupa, recortados a partir de folhas de jornal. Essas peças funcionaram como uma espécie de bolsa, as extremidades dos moldes duplos foram coladas, restando apenas uma pequena abertura no topo das peças. Em

---

<sup>8</sup> Essas leituras fazem parte das contempladas para o bimestre, no livro didático que a turma utiliza.

forma de uma grande etiqueta, foram fixadas as características das marcas da oralidade possíveis de se encontrar no texto.

Com o varal já instalado, os alunos, em grupo, receberam cartões com os efeitos de sentido e buscaram, no texto, oferecido em cópias aos alunos, exemplos que correspondiam às características das marcas da oralidade. Assim que encontravam, transcreviam no cartão recebido e depositavam na peça de roupa com a etiqueta que julgavam adequada. Em outras palavras, na peça de roupa estava fixada a etiqueta “metalinguagem”, o grupo recebia o cartão escrito “facilita a leitura”, sua missão era encontrar um trecho do texto em que isso acontecia, um exemplo: o homem ia medindo rua, estava bêbado.

Depois que todos utilizaram os cartões, o docente, com a ajuda dos alunos, retirou-os das peças de roupas e, sem apontar autores das respostas, questionou os alunos sobre a adequação da associação realizada entre as características das marcas da oralidade, os exemplos do texto e a atribuição dos efeitos de sentido. Vale ressaltar que, por ser um momento no qual o aluno foi o protagonista da sua aprendizagem, foi de extrema importância que o professor utilizasse esta situação para avaliar a assimilação do conteúdo, de forma qualitativa.

O intento desta atividade foi explorar os itens do Quadro 6, a seguir:

Quadro 6 – A roupa adequada à ocasião

<b>Marcas da oralidade</b> (nome fixado nas roupas)	<b>Efeitos</b> (cartão recebido pelo aluno)	<b>Exemplos do texto</b> (o aluno deve encontrar no texto)
<b>Aproximar o interlocutor</b>	Favorece o envolvimento entre os participantes da conversa.	“MINHA QUERIDA DONA”, primeiro enunciado do texto, letras maiúsculas.
<b>Metalinguagem</b>	Facilita a leitura.	“objetos inanimados, sem vida própria”, 1º parágrafo.
<b>Repetições do pronome de tratamento você</b>	Dá ao leitor a ilusão de uma realidade oral e de um desabafo do rádio.	“você”, utilizado vinte e três vezes no decorrer do texto, sendo 3 no primeiro parágrafo, 2 no segundo, 5 no terceiro, 2 no quarto, 4 no quinto, 3 no sétimo, 3 no oitavo e 1 no último;
<b>Repetições de frases</b>	Enfatiza a opinião do narrador-personagem.	“você está enganada”, duas vezes, 2º parágrafo.
<b>Redundância</b>	Têm a finalidade de reforçar o sentimento do narrador.	“minha própria existência”, 2º parágrafo.
<b>Pronome oblíquo</b>	Traz leveza ao diálogo, é típico da oralidade.	“você me acariciou”, 3º parágrafo.
<b>Palavra repetida no diminutivo</b>	Dentro dessa crônica, declara um aspecto negativo, revolta por não fazer parte dessa vidinha.	“vidinha”, utilizada duas vezes no 5º parágrafo, sendo na segunda seguido de “partilhada. Amigas embarcavam em seu carro. Amigos também”.
<b>Informalidade</b>	Linguagem típica de situações informais, corriqueiras.	“Lá pelas tantas”, 5º parágrafo.

Continua.

Quadro 6 – A roupa adequada à ocasião

Continuação.

<b>Marcas da oralidade</b> (nome fixado nas roupas)	<b>Efeitos</b> (cartão recebido pelo aluno)	<b>Exemplos do texto</b> (o aluno deve encontrar no texto)
<b>Opinião</b>	Busca envolver o interlocutor, exhibe supostos pensamentos.	“você não pode imaginar o sofrimento que isto me causa”, 1º parágrafo. “mesmo porque você provavelmente acha que rádio são objetos inanimados, sem vida própria”, 1º parágrafo. “tudo isso por causa do sofrimento que você me causou”, 8º parágrafo.
<b>Envolver o leitor</b>	Convida o leitor para a narrativa, pede opinião.	“Agora: o que poderia eu fazer?”, 6º parágrafo.
<b>Repetição da palavra rádio</b>	Exibir o “eu”, a valorização e a constatação da insignificância.	“rádio”, utilizada três vezes, 6º parágrafo.
<b>Repetições de palavras</b>	Enfatizar características do narrador-personagem.	“ciúmes”, três vezes, 5º parágrafo. “volume”, duas vezes, 7º parágrafo. “silêncio”, duas vezes, 7º parágrafo.
<b>Repetição do pronome pessoal “eu”</b>	Exibir a subjetividade do rádio.	“eu”, utilizado três vezes, 7º parágrafo.
<b>Hipérbole</b>	Elevar sua qualidade de volume.	“Uma avalanche de decibéis”, 7º parágrafo.
<b>Organizador da fala</b>	Revela uma breve pausa.	“E aí”, “Ah, sim”, 7º parágrafo.
<b>Repetição da palavra “desconfigurado”</b>	Acusação, em seguida aceitação.	“desconfigurado”, utilizadas três vezes, 8º parágrafo.
<b>Ironia</b>	Aviso ao interlocutor, chamando-o para uma reflexão.	“Querida dona”, utilizada no último parágrafo.

Fonte: Dados da pesquisa

Após a explanação, o professor afirmou que, nesse texto, sem dispensar as marcas da oralidade, como numa conversa face a face, o cronista fez uma narrativa, provocou humor e reflexão, envolveu o leitor, criou um texto literário, uma crônica.

#### 4.5 QUINTO MOMENTO (Sessão cinema e *WhatsApp*): (3h)

Este momento foi realizado em duas atividades. Na primeira o objetivo foi de: (a) Exibir dramatizações de crônicas de Luis Fernando Veríssimo; (b) Comprovar que o assunto de uma crônica pode ser qualquer fato do cotidiano; (c) Demonstrar que crônicas podem ser construídas em textos dialogais; (d) Instigar a percepção do humor e da reflexão que as crônicas podem apresentar. Na segunda: (a) Ler textos de *WhatsApp* em busca de marcas da oralidade e humor; (b) Selecionar textos de *WhatsApp* para usar na produção de crônica humorística.

#### 4.5.1 Atividade 1 – A crônica do dia a dia na tela

As crônicas selecionadas para esta atividade, sugestão, seis, foram apresentadas por meio de vídeo para que os alunos pudessem perceber que se assemelha a uma conversa face a face, que a linguagem é de fácil entendimento, que o narrador/personagem causou humor e reflexão e, ao fim de cada exibição de vídeo, o professor instigou-os a comentar ou escrever suas percepções. As perguntas que foram realizadas são as sugeridas no Quadro 7, a seguir:

Quadro 7 - Sugestões de questionamentos

- |   |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Quais são os assuntos das crônicas?</li> <li>2. Quais reflexões são possíveis perceber?</li> <li>3. Qual fato do cotidiano inspirou o cronista?</li> <li>4. Qual público a crônica pretende alcançar?</li> <li>5. O texto da crônica tem humor?</li> <li>6. A linguagem utilizada é parecida com a do nosso dia a dia?</li> </ol> |
|---|

Fonte: Dados da pesquisa

Na seleção dos vídeos, a decisão foi retratar um dos cronistas que se ocupou em escrever Comédias para se ler na escola, Luís Fernando Veríssimo, além de ser um escritor expressivo de crônicas, no dia 26 de setembro de 2019, completou 83 anos. Dentro dessa perspectiva, elencou-se as crônicas dispostas no Quadro 8, a seguir, com os respectivos *links* de acesso e o texto na íntegra (ANEXO C):

Quadro 8 - Sugestões de crônicas em vídeos

Item	Crônica	Link de acesso
1	Aprenda a chamar a polícia.	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=fha5jkGbRBs">https://www.youtube.com/watch?v=fha5jkGbRBs</a> .
2	Brincadeira.	<a href="https://youtu.be/wQ6araG_jlc">https://youtu.be/wQ6araG_jlc</a> .
3	O lixo.	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=LXxRjootpy4">https://www.youtube.com/watch?v=LXxRjootpy4</a> .
4	A bola.	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=-LS8lmacwU&amp;t=297s">https://www.youtube.com/watch?v=-LS8lmacwU&amp;t=297s</a> .
5	Exigências da vida moderna.	<a href="https://youtu.be/tuM3TDP9m5E">https://youtu.be/tuM3TDP9m5E</a> .
6	O homem trocado	<a href="https://youtu.be/kuwKVHVldCs">https://youtu.be/kuwKVHVldCs</a> .

Fonte: Dados da pesquisa

#### 4.5.2 Atividade 2 – As situações do dia a dia no *WhatsApp*.

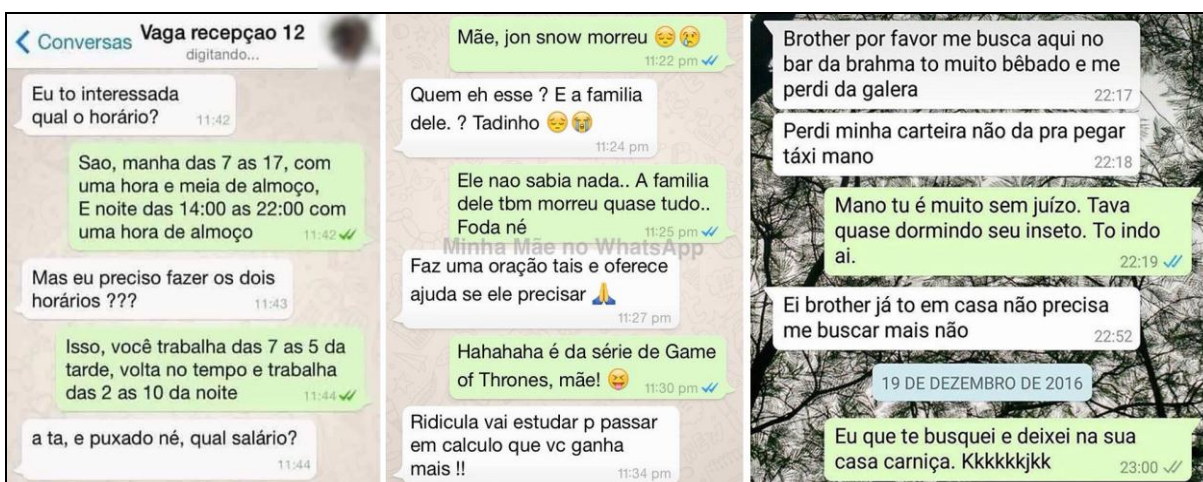
Após as exibições dos vídeos, os estudantes foram estimulados a procurar nos celulares pessoais ou nos computadores e *notebooks*, disponíveis na escola, conversas de *WhatsApp*, com marcas da oralidade e humor, além de reflexões que

pudessem ser retiradas dos textos. Dentre o material de pesquisa, o aluno selecionou uma conversa que lhe serviu de inspiração, base para sua produção textual, na qual ele conseguiu identificar e usar as marcas da oralidade, de acordo com o sentido que queria dar a sua crônica humorística.

A professora, antes da efetivação da pesquisa, apresentou algumas imagens, apontou as marcas da oralidade e, de forma oral, exemplificou como seria uma crônica escrita, a partir da imagem visualizada. O objetivo foi que o aluno entendesse a necessidade de ampliar o contexto, verificasse o tempo de duração da história, não muito extensa nem curta demais, se precisava inserir outras personagens, pensasse em um título atraente, e não, apenas, reescrevesse a conversa.

As imagens expostas aos alunos foram as sugeridas, a seguir:

Figura 1 – a) Procurando emprego na fenda espaço-tempo? b) Jon Snow Morreu c) Obrigado, amigo



Fonte: Plataforma BuzzFeed (2019)

Figura 2 – a) Amigo sincero é outra coisa b) Nem tudo é o que parece



Fonte: Plataforma BuzzFeed (2019)

#### 4.6 SEXTO MOMENTO (Conversas e Crônicas): (3h)

Este momento foi realizado em uma atividade. O objetivo foi de: (a) Produzir crônicas humorísticas, considerando sua adequação às propriedades do gênero; (b) Ser capaz de reconhecer a importância do título de um texto; (c) Pensar no público alvo do *blog* e mídia de circulação; (d) Usar adequadamente os efeitos de sentido pretendidos no texto através das marcas da oralidade.

##### 4.6.1 Atividade 1 - Eu sou cronista

Após diversos momentos de aquisição de conhecimento, o aluno, de forma individual, escreveu sua crônica. Antes da escrita, ele planejou o que fazer, viu a imagem, impressa ou no celular, que lhe serviu de base, pensou no modo de colocar em prática todos os entendimentos adquiridos, a respeito do gênero e, durante o processo de produção, avaliou os itens sugeridos, a seguir:

Quadro 9 – Itens a serem observados no processo de escrita da crônica

Item	Característica	Descrição
1	Título:	Interessante
2	Tipo:	Humorística
3	Função social:	Causar reflexão
4	Crônica:	Pessoal (subjetiva)
5	Finalidade:	Divertir (é risível)
6	Inspiração para a escrita:	Conversas do cotidiano em <i>WhatsApp</i>
7	Marcas da oralidade:	Efeitos de sentido adequado ao planejado
8	Linguagem:	Aproximar o leitor
9	Público alvo:	Internautas, em geral
10	Veículo de comunicação:	<i>Blog</i>
11	Foco narrativo:	Narrador personagem ou observador
12	Personagens:	Interligados na ação
13	Enredo:	Como, onde e quando aconteceu o fato
14	Elemento surpresa:	Algo que cause humor
15	Desfecho:	Cômico, engraçado

Fonte: Dados da pesquisa

O quadro sugerido foi exposto para o aluno, projetado, e serviu como fonte de pesquisa, auxílio para a produção. Os mapas conceituais, construídos no segundo momento, fixados nas paredes da sala de aula, também foram itens consultados, de acordo com a necessidade do aluno.

À professora, competiu auxiliar aos alunos, à medida que foi solicitada e, ao final da execução das atividades, recolheu as produções. Posteriormente, corrigiu-as

e fez anotações, de forma clara, que estimularam e nortearam o estudante a melhorar sua produção. Foi essencial que o docente não agiu como um corretor de *Word*, não confundiu conhecimento ortográfico com competência linguística.

A professora, contextualizada na realidade escolar que estava inserida, solicitou aos alunos que, ao invés de entregar as crônicas manuscritas, encaminhassem via *e-mail, Facebook, Instagram, Bluetooth, WhatsApp* etc. Uma vez adotado os meios digitais para a entrega do texto produzido, a docente precisou ter certeza de que todos os alunos possuíam os requisitos necessários para a execução da atividade e, aos que não dispunham do recurso, providenciou meios eletrônicos para colocar à disposição deles. Agindo dessa forma, a professora oportunizou o estudante a usar a escrita digital, um dos meios mais utilizados, na atualidade, pelas pessoas para se comunicarem com textos escritos.

#### 4.7 SÉTIMO MOMENTO (Minha crônica): (6h)

Este momento foi planejado em uma atividade. O objetivo foi de: (a) Corrigir e aprimorar as produções realizadas; (b) Adequar as marcas da oralidade aplicadas à modalidade escrita das crônicas humorísticas; (c) Reescrever o texto produzido, crônica, tendo em vista as características do gênero e os efeitos de sentido pretendido; (d) Autoavaliar a crônica produzida.

##### 4.7.1 Atividade 1 - Revisar, reescrever crônicas e autoavaliar

Esta atividade demandou uma carga horária extensa, 6 horas, duas etapas, visto que, os alunos necessitaram de intenso auxílio, somado a isto, a realidade era de apenas um professor para trinta e quatro alunos. Ainda que as anotações no texto tenham sido claras, objetivas, para alguns alunos não foram o suficiente, outros detalhes minuciosos precisaram ser esclarecidos, demonstrados como se faz. Daí a importância de o professor deixar que eles se ajudassem, sentassem em duplas, trios etc. Tudo em nome de uma aprendizagem significativa, nada de ambientes tradicionais, alunos em fileiras, sem saber o quê e como fazer.

1ª etapa: Ao receber a crônica produzida, o aluno leu, atenciosamente, as anotações do professor e, a partir delas, com a colaboração dos colegas, lendo



outras crônicas, conversando com a professora, fez cortes, acréscimos, ajustes, por fim, reescreveu-a ou digitalizou-a.

2ª etapa: Em data posterior, após o processo de reescrita do texto, o professor entregou novamente a produção do aluno, impressa, juntamente com um questionário de autoavaliação, seguindo os itens sugeridos no Quadro 10, a seguir:

Quadro 10 – Questionário autoavaliativo

Item	Pergunta	Resposta
1	O meu texto é uma crônica? Por quê?	
2	O objetivo era escrever uma crônica humorística, a partir de uma imagem de <i>WhatsApp</i> , para ser publicada em um <i>blog</i> , usando marcas da oralidade de acordo com os efeitos de sentido pretendidos dentro do texto, no contexto. Eu consegui o que pretendia? Por quê?	
3	A linguagem utilizada aproxima o leitor? Por quê? Se possível, comprove com trechos do texto.	
4	Qual a finalidade da minha crônica?	
5	Qual o público alvo da minha crônica? Por quê?	
6	Meu texto está adequado ao veículo de comunicação ( <i>Blog</i> ) a que se destina? Por quê?	
7	Meu título está de fato interessante? Por quê?	
8	Minha crônica é humorística? O que causa humor nela?	
9	Quais reflexões podem ser retiradas a partir da leitura da minha crônica?	
10	Quais são as marcas da oralidade no meu texto? Qual o sentido de cada uma dentro do texto, no contexto?	

Fonte: Dados da pesquisa

#### 4.8 OITAVO MOMENTO (Somos “blogueiros”): (3h)

Nesta etapa final deste estudo, foi desenvolvida uma atividade em duas etapas com o objetivo de: (a) Utilizar computadores, *notebooks*, ou celulares, recursos eletrônicos, para digitar os textos produzidos; (b) Empregar as ferramentas do *Word* para formatar e editar adequadamente as crônicas; (c) Criar um *blog*; (d) Personalizar o *blog* com nome, aparência e estilos decididos coletivamente; (e) Publicar as crônicas no *blog*.

##### 4.8.1 Atividade 1 - Criar *blog* – digitar – publicar crônicas

Esta atividade incluiu duas etapas e pôde ser realizada de modo diversificado, dependeu da forma como a professora recebeu o texto dos alunos e da disponibilidade de computadores na escola.

1ª etapa: No momento de criar um *blog* para a turma, algumas situações foram previamente pensadas e organizadas. Primeiramente, a docente decidiu quem tomaria a frente desse processo, quem dentre os alunos demonstrava maior habilidade para executar tal tarefa, juntamente com as decisões dos alunos.

Ao se optar por criar um *blog* coletivo, para fins pedagógicos, foi indispensável saber que existiam diversos métodos para obter um, coube à professora escolher o que julgava conveniente e mais adequado ao objetivo proposto.

Por se tratar de alunos iniciantes no assunto referente a *Blogs*, seguiu-se as seguintes etapas: primeiramente, foi criada uma conta *Gmail* e associou-a aos serviços do *Google*; Depois de concluída essa etapa, fez-se *login* no *Blogger*, após, à esquerda, clicou-se na seta para baixo, em seguida, outro clique em “novo *blog*”, em seguida, digitou-se o nome sugerido pela turma, escolheu-se o endereço eletrônico, um modelo e finalizou-se a atividade clicando em “Criar *blog*”. Pronto, agora era só inserir as publicações. Vale ressaltar que a senha escolhida foi do conhecimento de todos.

2ª etapa: Os alunos, com suas crônicas, revisadas e reescritas, digitalizou-as diretamente no *blog*, os que já haviam digitado, apenas copiou (Ctrl + C) e colou (Ctrl + V). Devido ao fato de não ter sido suficiente o número de computadores, *notebooks* e celulares, para a demanda dos alunos, eles reuniram em grupo e elegeram um aluno que fizesse essa atividade com maior destreza. A professora também colaborou nessa etapa. É importante ressaltar que, assim como previamente combinado, escolheu-se um pseudônimo para o autor de cada crônica.

Concluída as digitações e publicações, os alunos, em casa ou na escola, editaram o que foi publicado, compartilharam em suas redes sociais, responderam aos comentários que surgiram, enfim, atenderam as demandas de seus interlocutores, confirmaram que ninguém escreve para ninguém e que todo texto resulta de uma interação verbal.

## 5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão expostos os resultados obtidos na intervenção pedagógica. A seção 5.1 aborda a metalinguagem nas crônicas, a 5.2 trata das características das crônicas e criação de mapa conceitual, a 5.3 disserta sobre a diversidade das falas nas crônicas, a 5.4 traz a metamorfose da notícia em crônicas e elenca sobre as marcas da oralidade, a 5.5 explana acerca da sessão cinema e das imagens de *WhatsApp*, a 5.6 associa conversas e crônicas, a seção 5.7 expõe o processo de escrita da crônica humorística e, por fim, a 5.8 ocupa-se da criação do blog, digitação e publicação das crônicas.

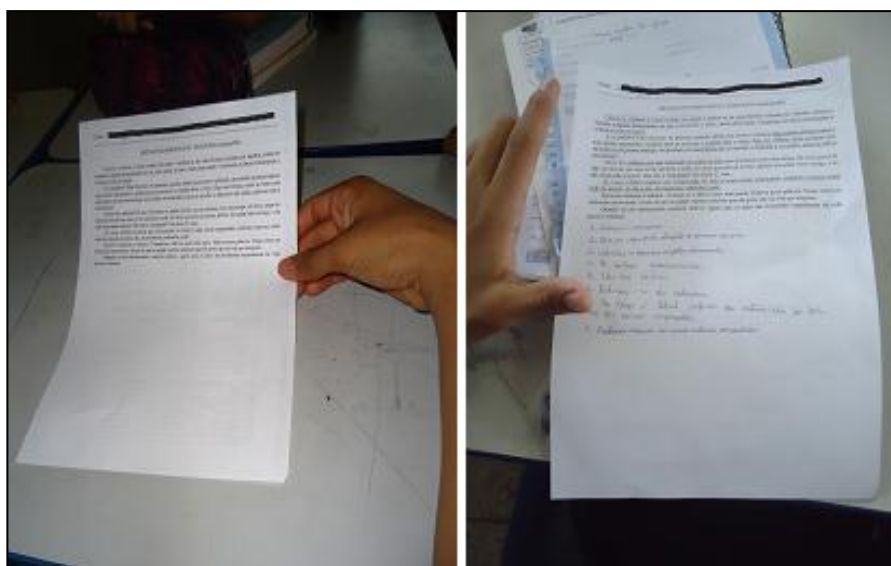
### 5.1 A metalinguagem nas crônicas

A efetivação do primeiro momento aconteceu em três etapas. Inicialmente, o professor solicitou que a turma, 34 alunos, um ausente, se dispusessem em grupos, de 4 ou 5 integrantes. Após organizarem-se, ficaram cinco grupos com cinco alunos e dois grupos com quatro. Cada grupo recebeu a cópia de uma crônica com metalinguagem, o intuito era que todas fossem de autores regionais, porém não foi possível, por ser de uma proposta específica.

A leitura começou com um dos integrantes lendo para os demais, entretanto um grupo atrapalhou e outro. Para resolver essa situação, os alunos utilizaram os próprios celulares, fotografaram o texto e cada um fez a leitura de forma individual. Assim que terminaram, os alunos, coletivamente, elencaram as características do gênero encontradas e um escreveu, abaixo da crônica.

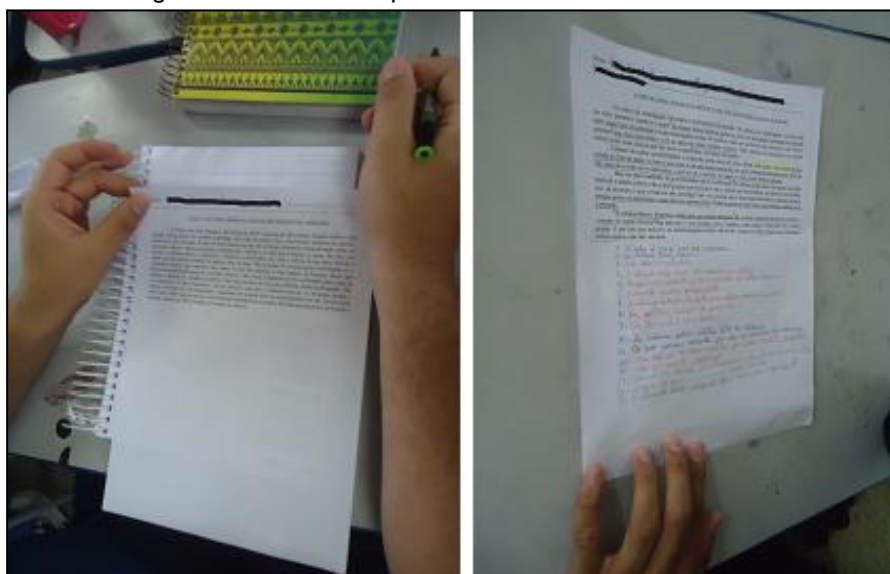
Concluída a primeira etapa, duração de 15 minutos, iniciou-se a segunda. Nessa, eles passaram a crônica para os demais grupos anotarem outras características não percebidas anteriormente. Cada troca teve o tempo diminuído em 1 minuto, visto que já não havia tantos itens a serem acrescentados nas anotações. Ao final das sete trocas, cada grupo estava novamente com a crônica inicial para utilizar na terceira etapa do primeiro momento.

Figura 3 - Crônica com metalinguagem e Características da Crônica



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 4 - Leitura compartilhada e Trabalho coletivo



Fonte: Dados da pesquisa

Para concluir este momento, a professora fez a projeção em slides, anteriormente preparados, e apresentou minuciosamente as características das crônicas encontradas através da metalinguagem, à medida que a docente exibia os slides e fazia as explicações, os alunos complementavam a lista elaborada.

Ao analisar as anotações, abaixo da crônica de Jeferson Sartori, *Crônica Nova*, observou-se que os alunos mencionaram, além do que a professora explicou, que a crônica tem: “linguagem bastante informal, tempo e espaço limitado, há um

narrador, é difícil de ser escrita por ser complexa e que o cronista deve ser cuidadoso ao fazer a crítica para não desrespeitar o público”.

Em *O exercício da crônica*, de Vinicius de Moraes, os alunos, além do que foi mencionado pela professora, escreveram itens de outras crônicas:

é um gênero que trata de fatos do cotidiano de forma irônica, humorística, crítica e reflexiva; é feito com linguagem informal; difícil de ser escrita pela complexidade; pode variar de leituras simples a outras mais aprofundadas, ou também do modo que o autor se põe, em primeira pessoa; o autor o deve ter cuidado para fazer críticas sem desrespeitar o público.

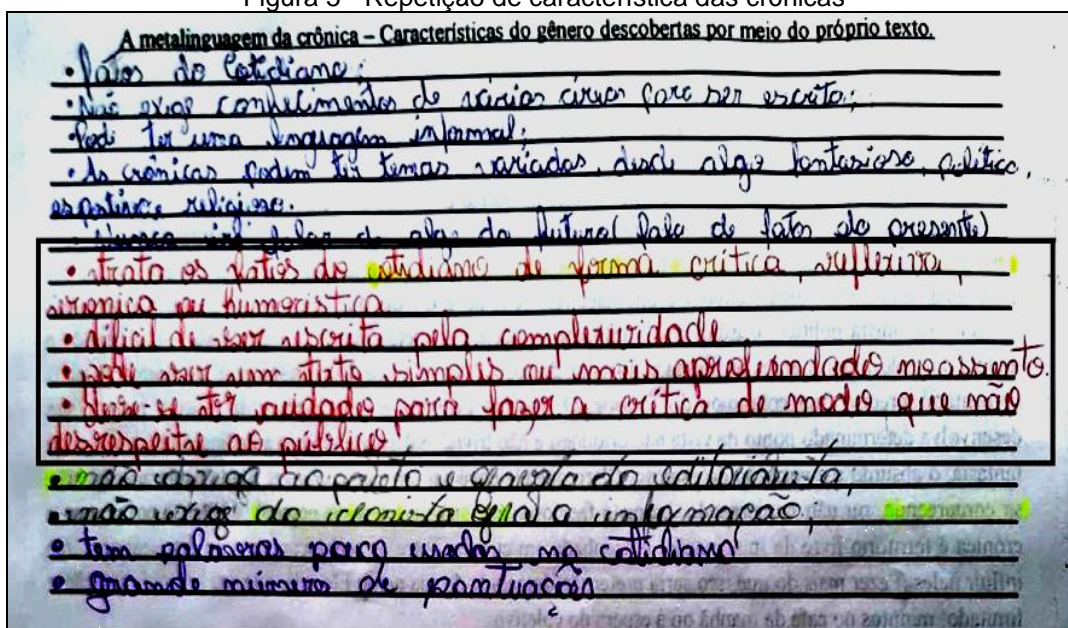
Diante desse cenário, acredita-se que as características do gênero estavam sendo reconhecidas pelos alunos, ainda que não estivessem descritas, na crônica em análise, pela metalinguagem.

Na crônica *A metalinguagem*, de Aline Andrade, houve uma constatação escrita e não dita pela docente, “faz cintilar a pupila de quem ler” e duas encontradas em outros grupos: “são difíceis de serem escritas por serem bastante complexas e são em escrita informal”. Essas repetições, a nosso ver, reafirmam a assimilação das características do gênero.

Em *Ciao: A última crônica*, de Carlos Drummond de Andrade, escrita no dia 29 de setembro de 1984, houve o seguinte apontamento, além dos comuns entre professor e alunos: “tem palavras pouco usadas no cotidiano”. Essa indicação é algo que merece apreço, já que, geralmente, as crônicas apresentam uma linguagem do dia a dia. Essa não fugiu à regra. A questão é que alguns termos são desconhecidos para os alunos e outros caíram em desuso, daí a dedução para o apontamento, possivelmente, embasado nos termos: saltitante, ortodoxo, trivial, inclinação, divagação, faccioso, influir e descabida.

Diante das anotações dos alunos, abaixo da crônica *Metalinguagem*, de Nancy Nogueira, foi possível observar, novamente, as seguintes características: “há um narrador; são complexas para serem escritas; deve-se tomar cuidadoso para fazer críticas sem desrespeitar o público; retratam fatos de forma irônica, humorística, reflexiva ou crítica”. Essas afirmações foram colocadas sempre pelo mesmo grupo, comprovação feita por meio da escrita, formato de letra e cor da caneta, vermelha. Ainda que não estejam retratadas pela metalinguagem na crônica analisada, são informações válidas, pois demonstram conhecimentos adquiridos.

Figura 5 - Repetição de característica das crônicas



Fonte: Dados da pesquisa

Em *A visão dos cronistas*, de Gabriel Borcony Guidotti, publicada em 22 de fevereiro de 2016, crônica contemporânea, além dos aspectos apontados, comuns entre alunos e docente, um grupo considerou que a crônica usa palavras desconhecidas pela maioria. Essa concepção, provavelmente, foi gerada pelo desconhecimento de palavras como: deteriorado, suplantar, adere, mascaradas, catarse, pragmatismo, alento, prosas, divagar, solilóquios, tino e marasmo. Se para o grupo, esses vocábulos são incomuns, sua atribuição está correta, afinal, geralmente, as crônicas apresentam linguagem do dia a dia, não é uma regra sem exceções. Além do mais, generalizar não pode ser considerado um erro, visto que os alunos estavam no processo de aquisição de conhecimento sobre o gênero.

A crônica *O frívolo cronista*, de Carlos Drummond de Andrade, publicada no livro *Boca de luar* (1984), conforme Rosa (2015), fez com que os alunos caracterizassem o gênero como um gênero com palavras difíceis. Assim como dito anteriormente, essa concepção é relevante, é uma definição pautada no objeto de análise, a partir da leitura atenta, as características deviam ser escritas, foi isso o que aconteceu. Desde o título, frívolo, as palavras desconhecidas surgem, outros exemplos são: frivoleiras, tutano, endossada, refrigerio, afã, ócio, catadupa, roldão, pedantismo, erudição, cavalares, atulhada etc.

Ao fim do primeiro momento, concluiu-se que os alunos conseguiram apreender diversas particularidades do gênero em estudo. Os entendimentos foram

somados, as dúvidas esclarecidas, os trabalhos em grupo não excluíram aqueles que tiveram maior dificuldade, enfim, o desenvolvimento aconteceu conforme o planejado.

## 5.2 Crônicas e mapa conceitual

Este momento, dividido em duas atividades, não aconteceu conforme o previsto, no que diz respeito à primeira atividade. Primeiramente não houve disponibilidade de nenhum cronista da cidade para ir até à escola, conversar com os alunos a respeito do gênero. Segundo, na cidade não existe jornal impresso com crônicas. Terceiro, na noite anterior à execução da atividade, houve uma forte chuva e a escola ficou sem internet, alguns computadores da sala de informática queimaram e os outros estavam em manutenção.

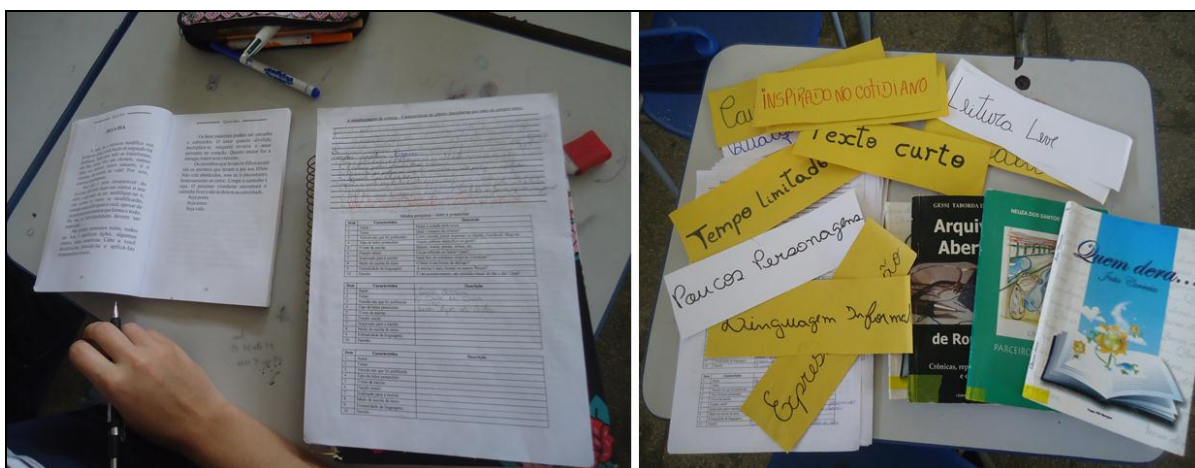
A atividade que era para realizar pesquisas com foco nos autores regionais, teve que ser repensada. A solução foi reunir os alunos, novamente em grupos, os mesmos da atividade anterior, solicitar que utilizassem os próprios celulares para realizarem as pesquisas, rotear internet para os que não tinham e colocar à disposição deles três crônicas impressas, a partir de jornais digitais e livros físicos de autores regionais e um digital, Crônicas do Velho Porto.

Depois de reorganizada a atividade, os alunos conseguiram preencher o quadro “Minha pesquisa”, que estava na mesma folha da primeira atividade, por isso optou-se por manter os grupos iniciais. A pesquisa consistia em escolher dois autores distintos, ler suas crônicas e responder: qual o tema, o veículo de publicação, público alvo, tom da escrita, humor, ironia, crítica, política etc., função social, inspiração para a escrita, modo de escrita, dialogal ou narrativa, formalidade da língua e o enredo.

Acima dos quadros a serem preenchidos, havia um com a descrição de cada item a ser pesquisado. Dessa forma, as possíveis dúvidas foram amenizadas e houve maior autonomia na pesquisa.



Figura 6 - Material de pesquisa de crônicas regionais



Fonte: Dados da pesquisa

As pesquisas contemplaram os seguintes cronistas: João Correia, Neuza dos Santos Tezzaari, Gessi Taborda da Costa, Renato Gomez, Confúcio Moura, Arimar Souza de Sá e Jeferson Sartori. Dentre o que foi pesquisado, as crônicas com maior número de quadros preenchidos foram: *A rede social*, de Renato Gomez, três quadros; *Mulheres!... Cheguei*, de Confúcio Moura, dois quadros; *O homem no reino dos bichos* e *O “estupro” de Neymar, o nacionalista*, de Arimar Souza de Sá, ambas com dois quadros; *O apartamento*, de Jeferson Sartori, dois quadros.

Após o término da pesquisa, a professora explanou para os alunos sobre a diversidade de suportes onde as crônicas podem ser encontradas, além das distintas temáticas abordadas. Por não haver, aparentemente, nenhuma dúvida sobre os itens da pesquisa, a atividade foi encerrada.

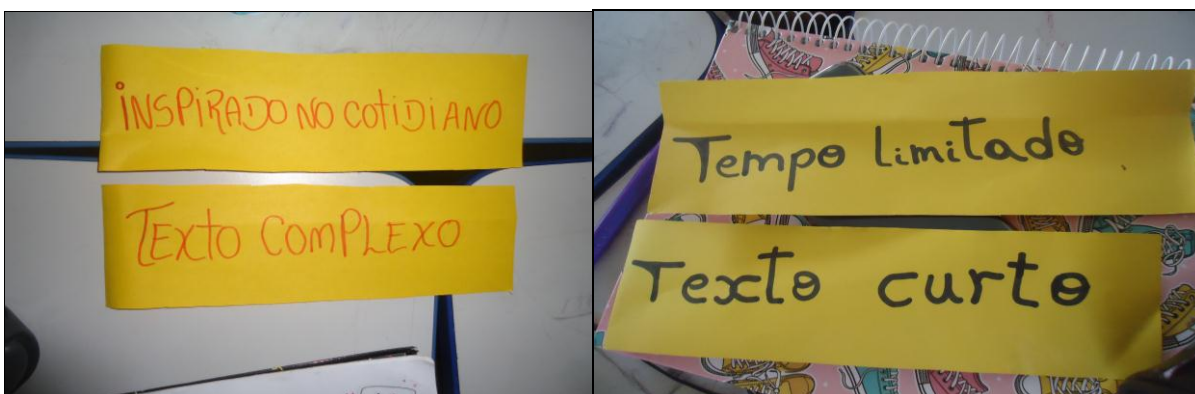
A segunda atividade desse momento foi dividida em duas etapas, na primeira, os alunos foram questionados sobre o que era um mapa conceitual e quem já havia feito, dentre os alunos presentes, 27, um aluno afirmou já ter feito, sozinho, outro, afirmou ter feito em grupo e 25 deles relataram não saber o que era. Após a exibição de um vídeo instrucional e explicações complementares, a pergunta foi refeita. Dessa vez, 11 afirmaram já terem feito sozinhos, o que já havia feito em grupo permaneceu com sua resposta e 15 continuaram afirmando que nunca haviam feito. Daí a importância de o professor não julgar que o aluno já detém determinado conceito e, simplesmente, solicitar a atividade, sem ensinar, sem oportunizar ao aluno a construção do seu conhecimento.

Explicar, tirar dúvidas, sem praticar, nem sempre é o suficiente, por isso, o professor optou por executar a teoria, construir um mapa conceitual, coletivo, a



respeito do gênero crônica. Para não ficar um mapa conceitual muito extenso, o que não é recomendado, foram entregues apenas dois cartões retangulares, feitos com cartolina, a cada um dos sete grupos, logo, quatorze características diferentes seriam elencadas, sendo duas por grupo. À medida que os grupos preenchiam seus cartões, a professora apresentava para a sala, dessa forma nenhuma particularidade do gênero foi repetida.

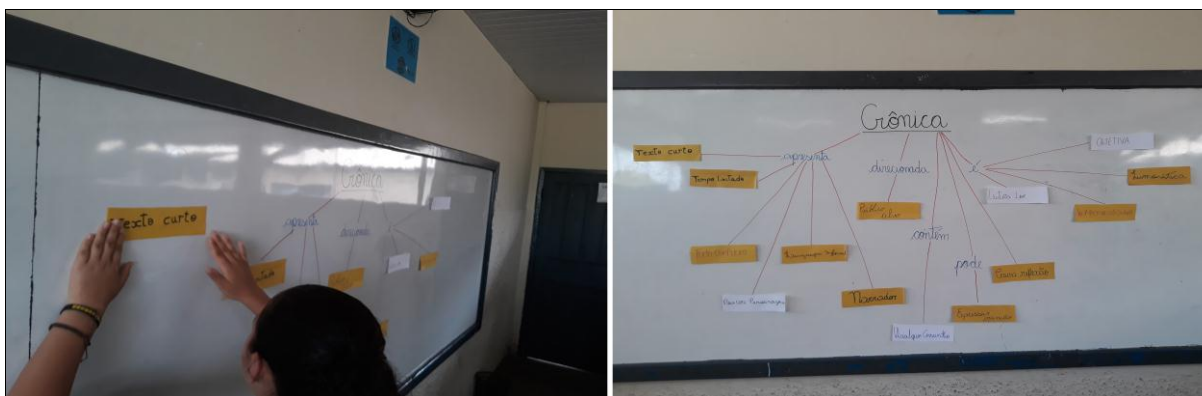
Figura 7 – Cartões dos grupos



Fonte: Dados da pesquisa

Assim que os cartões ficaram prontos, o docente usou a lousa como suporte, no topo dela escreveu a palavra “Crônica”, os alunos fixaram os cartões, fazendo as ligações necessárias, acrescentaram as palavras essenciais e concluíram o mapa.

Figura 8– Construção do mapa conceitual coletivo



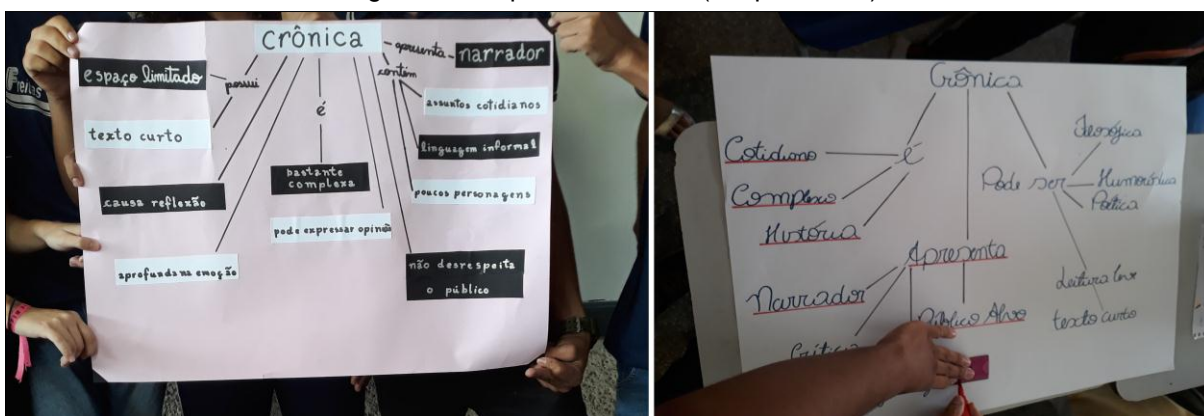
Fonte: Dados da pesquisa

Ao término da execução, foi possível avaliar que os alunos compreenderam como representar, visualmente, as características do gênero crônica, já que o conteúdo foi classificado e hierarquizado satisfatoriamente, todos os grupos fizeram as associações de forma correta.

Na segunda etapa da atividade 2, segundo momento, para oportunizar outra situação prática, os grupos receberam a missão de confeccionarem outro mapa conceitual, diferente do que estava exposto na lousa. Para isso, usaram as respostas elencadas com a metalinguagem das crônicas e, se preciso, poderiam ler outros textos, além dos que faziam parte das suas pesquisas.

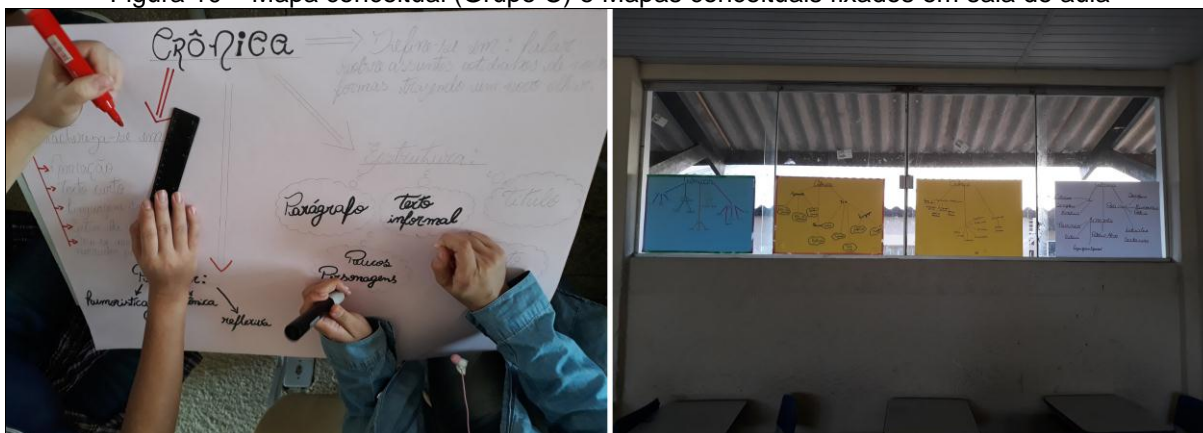
Desse modo, surgiram outros sete mapas conceituais. Ao término, os alunos, em grupo, foram à frente da turma e apresentaram o mapa construído por eles, em seguida fixaram na parede da sala.

Figura 9 – Mapas conceituais (Grupos A e B)



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 10 – Mapa conceitual (Grupo C) e Mapas conceituais fixados em sala de aula



Fonte: Dados da pesquisa

Ao concluir esse momento, percebeu-se que o resultado foi o esperado, os alunos participaram do processo com autonomia, conceituaram de forma resumida as características do gênero, deram uma visão subjetiva ao conteúdo aprendido, em suma, demonstraram ter aprendido o que foi ensinado, tanto na execução do mapa coletivo quanto na execução em grupo.

### 5.3 A aquarela da diversidade das falas

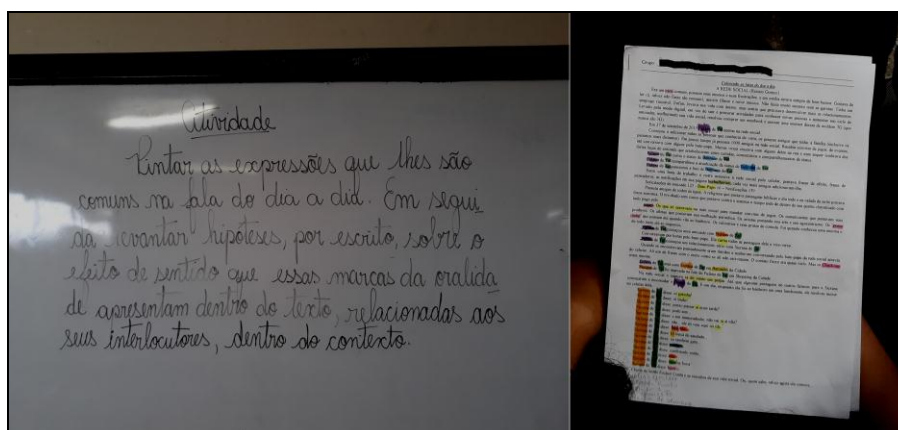
Este foi o terceiro momento da intervenção. Para executá-lo foram utilizadas quatro crônicas, dentre as pesquisadas no momento anterior, para que não fosse uma atividade muito extensa e cansativa, elegeram-se as que foram citadas pelo menos duas vezes e que continham um número expressivo de marcas da oralidade.

Inicialmente os alunos reuniram-se em grupos, sete, da forma como preferiram, em seguida receberam as crônicas, três delas com duas cópias e uma com cópia única. Logo após, solicitou-se a leitura e respostas ao questionário, abaixo da crônica, Quadro 4.

Decorrido o tempo necessário, os alunos receberam lápis de cor, giz de cera, e utilizaram também os seus marcadores de textos. A instrução passada a eles é que deveriam colorir as falas comuns do cotidiano e, por escrito, levantar hipóteses sobre o efeito de sentido dessas marcas da oralidade dentro do contexto.

A professora deixou que eles agissem de forma autônoma sem interferir nas anotações, esclareceu apenas as dúvidas mencionadas e a atividade transcorreu como o esperado.

Figura 11 – Instruções para execução da atividade e Grupo analisando a diversidade de falas



Fonte: Dados da pesquisa

Concluída a primeira etapa em 15 minutos, o grupo passou a folha utilizada com as suposições levantadas para outro grupo, isso foi repetido até passar por todos os grupos, porém, a cada troca, o tempo foi diminuído em 1 minuto, já que eram quatro crônicas distintas, sete grupos. Logo, na quarta troca, as crônicas

seriam já conhecidas, restando apenas complementar as características do gênero, caso ainda houvesse.

Assim que a crônica voltou ao grupo inicial, a segunda etapa da atividade foi inicializada. O professor utilizou slides projetados e, minuciosamente, apresentou as quatro crônicas utilizadas, cada uma das marcas da oralidade presente e seus efeitos de sentido. Enquanto acontecia essa explanação colaborativa, suposições dos estudantes e explanação do professor, eles escreveram suas anotações no material disponibilizado, conforme o Quadro 5, uma espécie de “passar a limpo” suas hipóteses, negar ou comprovar os efeitos de sentido apontados.

Veja a seguir, no Quadro 11, as anotações, antes e após as explicações referentes a crônica *O “estupro” de Neymar, o nacionalista*. Os transcritos, sem nenhuma marcação inicial, foram comuns aos dois grupos. Iniciadas por asterisco (\*) o grupo A e por *hashtag* (#) o grupo B. Os campos vazios, da coluna do meio, apresentam as marcas da oralidade não percebidas pelos estudantes e os da esquerda, não continham anotações.

Quadro 11 - Efeitos de sentido das marcas da oralidade na crônica de Arimar Souza de Sá

<b>O “estupro” de Neymar, o nacionalista</b>			
<b>Item</b>	<b>Marca da oralidade</b>	<b>Antes das explicações</b>	<b>Após as explicações</b>
1	Dribles cortantes	Dribles que desconsertam o adversário.	Aproximar o leitor por meio de uma linguagem informal do futebol
2	Pitaco	Dar opinião, se intrometer.	Empregar uma linguagem do dia a dia para falar de um assunto sem ter sido convidado
3	Transa mal sucedida	Relação sexual que não aconteceu como o esperado	Abordar o tema de forma simples, com linguagem informal para prender a atenção do leitor;
4	“burros n’água”	Ter uma expectativa, mas acontece tudo errado.	Empregar uma linguagem informal para aproximar o leitor
5	Bom de bola	Ser um bom jogador	Exibir opinião a respeito do jogador
6	Farras	Festas	Demonstrar que outros jogadores também fazem festas
7	Jardins mitológicos dos gramados	Pessoas que foram muito boas no futebol	Chamar a atenção do leitor para os destaques do futebol
8	Até o talo	Até o fim de algo	Exagero ao falar dos hormônios dos jogadores
9	Rabo de saia	Gênero feminino	Aproximar o leitor com uma linguagem do dia a dia
10	Fera / “cria-se uma fera para os embates de 90 minutos com sucesso”	Uma pessoa agressiva	Emitir uma opinião crítica a respeito do futebol
11	Mundo da bola	Expressão que se usa para falar de futebol	Aproximar o leitor por meio de uma linguagem informal do futebol
12	Maria chuteira	*Expressão usada para prostitutas específicas para jogadores de futebol	Criticar o comportamento de uma mulher em relação ao jogador de futebol

Continua.

Quadro 11 - Efeitos de sentido das marcas da oralidade na crônica de Arimar Souza de Sá  
 Continuação.

Continuação.O “estupro” de Neymar, o nacionalista			
Item	Marca da oralidade	Antes das explicações	Após as explicações
13	Pisar na bola	Sentido de fazer algo errado	*Alertar para um comportamento não esperado
14	<i>Made in Brazil</i>	*Algo feito no Brasil	Criticar o comportamento da modelo
15	Quem nunca pecou que atire a primeira pedra	*Quem nunca fez algo errado	Buscar envolver o leitor, causar reflexão por meio de um dito popular
16	Nudes	Fotos das pessoas nuas	
17	E lá se vão	Expressão que quer dizer que algo se perdeu, não tem volta	
18	Ninfeta	#Garota jovem *Uma adolescente sem juízo	
19	Craque	Uma pessoa boa no que faz	
20	Vida que segue	#Algo ruim aconteceu, mas seguiu adiante. *Expressão usada para se dar conselho	
21	Gols de placa		Aproximar o leitor por meio de uma linguagem informal do futebol
22	Como um animal em fuga, maravilhando multidões		Usar o exagero para prender a atenção do leitor;
23	É bom que se faça justiça		Causar reflexão no leitor para a necessidade de se fazer justiça perante algo errado
24	Degustando no silêncio:		Exemplificar a agitação brasileira em comparação a outros países
25	“Formatação”:		Exibir uma crítica ao modo como são treinados os novos talentos do futebol, trata-os como máquinas
26	Guerra futebolística, maligno sistema		Criticar um esporte que foi transformado em batalha e interesses econômicos e sociais
27	Produtos nacionais		Comparar os atletas brasileiros a mercadorias, criticar
28	O que dizer de Romário?		Convidar o leitor para a narrativa, pedir opinião
29	Apertadas correntes das concentrações:		Causar reflexão no leitor sobre o comportamento dos jogadores
30	Fornada		Ironizar com uso de comparação, produtos e pessoas
31	Peso de ouro		Abordar o valor de um bom jogador
32	Paz ao garoto		Demonstrar seu desejo ao jogador
33	Justiceira		Ironizar o comportamento da torcida
34	Folha seca ao vento		Causar reflexão sobre a vulnerabilidade de um ser humano
35	Bombardeio		Elevar o poder da mídia
36	Gafanhotos em lavoura de milho		Criticar o excesso de quem quer destruir os outros
37	Campos da corrupção brasileira		Alertar o leitor para a reflexão
38	Respeitemos o Craque		Convidar o leitor para a narrativa, demonstrar opinião
39	Aventura malsucedida		Apontar uma outra forma de ver os fatos, leveza ao assunto

Continua.

Quadro 11 - Efeitos de sentido das marcas da oralidade na crônica de Arimar Souza de Sá  
Continuação.

Continuação.O “estupro” de Neymar, o nacionalista			
Item	Marca da oralidade	Antes das explicações	Após as explicações
40	Fruta proibida		Utilizar uma linguagem típica do dia a dia, leveza na narrativa
41	Levantar o caneco		Traz leveza ao texto, linguagem do dia a dia no futebol, troféu.
42	Esperta		Ironizar a atitude da modelo

Fonte: Dados da pesquisa

Assim que os alunos terminaram a execução do proposto, o docente ofereceu o suporte necessário para que eles pudessem perceber todas as marcas da oralidade e atribuir os efeitos de sentido a elas. Sem acesso ao que o aluno tinha produzido, a professora realizou, de forma minuciosa, todos os apontamentos necessários, sempre solicitando as hipóteses dos alunos, dessa forma, não foi evidenciado o que o aluno não sabia, alargou-se o que ele já dominava e não houve, principalmente, menção de erros e acertos.

Ao atribuir os efeitos de sentido às marcas da oralidade, ocorreram alguns equívocos. Os mais expressivos foram os seguintes: no item 6, o grupo considerou apenas o vocábulo “farras”, fez a associação a festas, porém, no enunciado: “nas intermináveis farras nos dias em que escapava”, há uma implicação mais ampla do que apenas uma festa, são farras que outros jogadores também fazem.

No item 8, a expressão “até o talo”, foi considerada como “o fim de algo”, entretanto o sentido era referente aos hormônios dos jogadores, um exagero proposital, que, possivelmente, não foi mencionada pelos alunos devido à pouca idade deles. O item 9 diz que “rabo de saia” é gênero feminino, não foi cogitado a aproximação que o narrador queria do leitor, a aplicação de uma linguagem do dia a dia, típica da crônica.

O mesmo acontece no item 10, “cria-se uma fera para os embates de 90 minutos com sucesso”, a palavra “fera” teve o sentido atribuído a “uma pessoa agressiva”, certamente, foi desconsiderado o contexto do futebol, do jogo. No item 14, com a expressão “*Made in Brazil*” o efeito de sentido apontado foi apenas de “algo feito no Brasil”, não houve consideração da contextualização do fato ocorrido e do comportamento de uma brasileira.

No item 20, para a expressão “Vida que segue” foi atribuído dois sentidos, algo ruim aconteceu, mas seguiu adiante e expressão usada para se dar conselho. A

última definição, possivelmente, teve o efeito de sentido apontado de acordo com a subjetividade e não pela contextualização.

Referente ao questionário, abaixo da crônica, as respostas estão apresentadas no Quadro 12, a seguir:

Quadro 12 – Respostas – O “estupro” de Neymar, o nacionalista

Questão 1	Qual fato do cotidiano inspirou o cronista?
Resposta A	A polêmica sobre o suposto estupro de Najila por Neymar.
Resposta B	A falsa denuncia de estupro contra Neymar
Questão 2	Esse fato é muito improvável de acontecer? Por quê?
Resposta A	Não, com pessoas famosas ou ricas outras pessoas tentam dar o golpe.
Resposta B	Não, há poucos casos, mas já aconteceu.
Questão 3	Quem são as personagens envolvidas na crônica?
Resposta A	Narrador, Najila e Neymar.
Resposta B	Neymar, Najila e narrador.
Questão 4	Os interlocutores da crônica permitem uma linguagem mais próxima da que utilizamos quando estamos em um momento de descontração? Por quê?
Resposta A	Sim, porque o texto informa a opinião do escritor com expressões do cotidiano, fazendo com que possamos entender melhor.
Resposta B	Não, porque essa crônica utiliza linguagem formal.

Fonte: Dados da pesquisa

No que tange as respostas às questões 1, 2 e 3, os grupos A e B, demonstraram o mesmo entendimento, todavia, na questão 4, as respostas foram divergentes. Essa divergência não culmina em erro, é a exemplificação da fusão das modalidades oral e escrita, é a não dicotomia da língua observada no texto. Há, de fato, predomínio da linguagem formal, assim como apontado pelo grupo B, entretanto há expressões advindas de momentos de menor monitoramento, nas quais a escrita assemelhou-se à fala, dentro de um propósito comunicativo, logo, as duas respostas estão corretas.

O trabalho foi dividido em grupos, porém o texto circulou entre todos os alunos. Nessa perspectiva, o exposto, conforme Quadro 11 e 12, foi considerado o suficiente para mostrar o desempenho dos envolvidos na atividade.

Ao término, a professora avaliou a execução como satisfatória, já que era o primeiro contato dos alunos com esse tipo de atividade, além do mais, eles identificaram 20 das 42 marcas da oralidade e atribuíram sentido a elas, ainda que com equívocos, houve desenvolvimento da aprendizagem, principalmente com o suporte oferecido pela professora.

#### 5.4 Da notícia à crônica e marcas da oralidade

Na execução do quarto momento da intervenção houve duas atividades. Na primeira, o professor fez uma explanação, oral, sobre a origem da palavra crônica, como o gênero era publicado inicialmente, qual a importância dele para a década de sua criação, quais eram as temáticas, quais outros assuntos foram incorporados a ele e como é atualmente. Esse momento foi efetivado como uma conversa informal, a professora, por ter mais conhecimento sobre o assunto, ouvia as hipóteses mencionadas pelos alunos e complementava, além de chamar a atenção para a importância de um título atrativo para a crônica.

Para dar seguimento às explicações e exemplificar o relatado, a docente projetou a crônica *O rádio apaixonado*, de Moacyr Scliar, ao lado da notícia que deu origem a ela, conforme anexo B. Fez a leitura da notícia primeiro e juntamente com os alunos, de forma oral, analisou a diferença entre notícia e crônica, com relação à objetividade do texto, à formalidade da linguagem, ao foco narrativo e ao olhar atento do cronista, enfim, apresentou a metamorfose da notícia.

A atividade 2, do quarto momento, intitulada “varal das marcas da oralidade”, foi realizada no dia seguinte. Para executá-la, o docente preparou diversos recortes de moldes de roupas, confeccionados em folhas de jornais, fixou cartões nas peças com as características das marcas da oralidade, pendurou-as em barbantes, fez um varal em sala de aula.



Figura 12 – Sala preparada com o “Varal das marcas da oralidade”



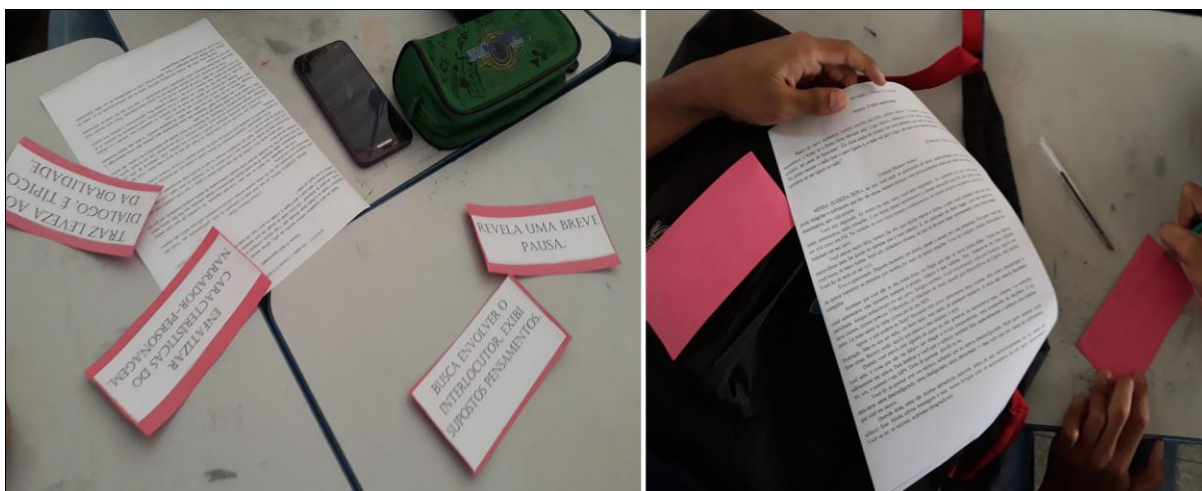
Fonte: Dados da pesquisa

No momento da atividade, a docente convidou os alunos para acomodarem-se em seus grupos pré-organizados. Inicialmente os alunos ficaram bastante apreensivos, olharam para o varal, queriam saber o que teriam que fazer, declararam que aquela atividade seria muito difícil, mesmo sem saber do que se tratava, se aproximaram, se entreolharam, voltaram para seus lugares e se acalmaram.

A docente esclareceu que, assim como as pessoas utilizam diversas roupas no dia-a-dia, às vezes coloca-se shorts, calças, ternos, gravatas, regatas, biquínis, maiôs, sunga etc., assim também é a nossa linguagem, ela varia de acordo com a intenção, o ambiente e os envolvidos. Por isso, ao produzir um texto, é preciso pensar na linguagem como um guarda-roupa, adequar-se ao contexto e aos ouvintes/leitores.

Na sequência da atividade, a professora entregou a cópia do texto da aula anterior, *O rádio apaixonado*, e, junto, alguns cartões, nos quais estavam escritos os efeitos das marcas da oralidade. Ao receberem esse material, foi explicado que a atividade consistia em transcrever trechos do texto, adequados aos cartões e aos efeitos de sentido mencionados. Para isso, eles leram as crônicas, fizeram as anotações, quando tiveram dúvidas solicitaram a presença da professora que esclareceu, sem interferir nas hipóteses, apenas fazendo-os refletirem sobre suas próprias suposições.

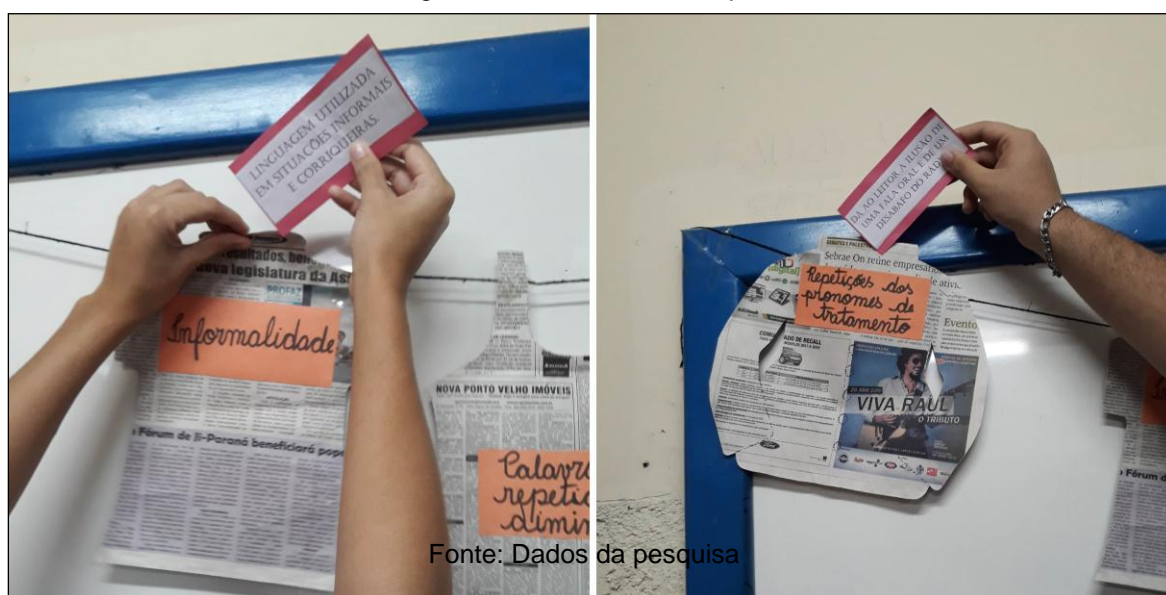
Figura 13 – Cartões e preenchimento dos efeitos de sentido



Fonte: Dados da pesquisa

Na etapa seguinte, os alunos com a ajuda dos colegas do grupo, colocaram os cartões preenchidos dentro das peças de roupa que julgaram adequada, em concordância com as etiquetas das marcas da oralidade. Esse momento não teve nenhuma interferência da docente. No fim, a professora retirou cada cartão da peça de roupa e questionou-os sobre os efeitos de sentido apontado e se o exemplo retirado do texto estava adequado. O intuito era esclarecer as dúvidas, não descobrir qual grupo havia feito determinada suposição e, nesse sentido, a participação foi excelente. Assim concluiu-se a atividade.

Figura 14 – Cartões nas roupas



Fonte: Dados da pesquisa

As proposições apresentadas foram dispostas no Quadro 13, a seguir:

Quadro 13 – Resultado do varal das marcas da oralidade

Item	Marcas da oralidade (nome fixado nas roupas)	Efeitos (cartão recebido pelo aluno)	Exemplos do texto (o aluno deve encontrar no texto)
1	<b>Metalinguagem</b>	Facilita a leitura.	“Rádios são objetos inanimados, sem vida própria”, 1º parágrafo.
			“O Bentinho, do Machado de Assis, aquele que desconfiava da Capitu.”
2	<b>Repetição da palavra “desconfigurado”</b>	Acusação, em seguida aceitação.	“achando que eu estava desconfigurado. Num certo sentido você está certa: estou desconfigurado”.
3	<b>Repetição do pronome pessoal “eu”</b>	Demonstrar a subjetividade do rádio.	“Quando você estava com alguém de quem eu não gostava, eu aumentava meu volume”.
4	<b>Organizador da fala</b>	Revela uma breve pausa.	“Ah, sim, e queimei o meu MP4”.
5	<b>Hipérbole</b>	Elevar sua qualidade de volume.	“Uma avalanche de decibéis”.
6	<b>Repetição da palavra rádio</b>	Exibir o “eu”, a valorização e a constatação da insignificância.	“Eu sou um rádio, um bom rádio, mas rádio, de qualquer maneira”.
7	<b>Repetições de frases</b>	Traz leveza ao diálogo, é típico da oralidade.	E, eu colocado no meu lugar, você me acariciou, você tocou meus botões.
8	<b>Envolver o leitor</b>	Convida o leitor para a narrativa, pede opinião.	“Agora: o que poderia eu fazer?”
		Busca envolver o interlocutor, exhibe supostos pensamentos.	“você não pode imaginar o sofrimento que isto me causa”
		Aviso ao interlocutor, chamando-o para uma reflexão.	“Agora: o que poderia eu fazer?”
9	<b>Repetições de palavras</b>	Enfatizar características do narrador-personagem.	“você me acariciou, você tocou os meus botões. Senti um verdadeiro choque, eu que já deveria estar acostumado com eletricidade”.
10	<b>Opinião</b>	Busca envolver o interlocutor, exhibe supostos pensamentos.	“Você foi se queixar com um técnico, achando que eu estava desconfigurado”.
		Enfatizar características do narrador-personagem.	“tenho sentimentos, tenho emoções”.
11	<b>Palavra repetida no diminutivo</b>	Dentro dessa crônica, declara um aspecto negativo, revolta por não fazer parte dessa vidinha.	“você sintonizava uma emissora qualquer e pronto, voltava à sua vidinha”.
12	<b>Informalidade</b>	Linguagem utilizada em situações informais, corriqueiras	“Lá pelas tantas”.
		Revela uma breve pausa	Querida dona, estas são minhas derradeiras palavras, antes de sair definitivamente do ar, antes do silêncio final.
13	<b>Repetições do pronome de tratamento você</b>	Dá ao leitor a ilusão de uma realidade oral e de um desabafo do rádio.	“estou perturbado — mas tudo isso por causa do sofrimento que você me causou”.
		Busca envolver o interlocutor, exhibe supostos pensamentos.	“Quando você está com alguém de quem e não gosto”.
		Enfatizar características do narrador-personagem.	“e volume, você sabe, é coisa que não me falta— até chegar a níveis insuportáveis, uma avalanche de decibéis”.

Continua.

Quadro 13 – Resultado do varal das marcas da oralidade

Continuação.

Item	Marcas da oralidade (nome fixado nas roupas)	Efeitos (cartão recebido pelo aluno)	Exemplos do texto (o aluno deve encontrar no texto)
14	Aproximar o interlocutor	Favorece o envolvimento entre os participantes da comunicação.	“MINHA QUERIDA DONA”, primeiro enunciado do texto, letras maiúsculas.
		Têm a finalidade de reforçar o sentimento do narrador.	“Senti um verdadeiro choque, eu que já deveria estar acostumado com eletricidade. Você fez de mim um ser vivo. Vivo e apaixonado”.
		Enfatizar características do narrador-personagem.	“minha marca é ótima, e que você contaria com um som maravilhoso”.
15	Redundância		
16	Pronome oblíquo		
17	Ironia		

Fonte: Dados da pesquisa

Ao término, foi possível observar que: de acordo com o item 1, um dos grupos, transcreveu adequadamente dois trechos do texto com metalinguagem, superou a expectativa, um seria o suficiente, além disso, relacionou corretamente o efeito de sentido à marca da oralidade. Nos itens de 2 a 6, o esperado foi alcançado, os alunos perceberam no texto os exemplos de marcas da oralidade associados aos efeitos de sentido.

No item 7, o grupo deveria localizar um trecho que trouxesse leveza ao diálogo, algo típico da oralidade, ao analisar o transcrito, “E, eu colocado no meu lugar, você me acariciou, você tocou meus botões”, é possível inferir que a associação foi realizada ao tomar por base o suposto romantismo entre o rádio e sua dona, provavelmente, os alunos analisaram que esse fato deixa as conversas mais suaves. A incoerência surgiu na associação com a marca da oralidade, uma vez que na peça de roupa solicitava-se “repetições de frases”, no exemplo não havia essas repetições.

Ainda sobre a análise do Quadro 13, no item 8, a marca da oralidade deveria ser algo que envolvesse o leitor, três cartões foram depositados na peça de roupa, o primeiro cartão, “convida o leitor para a narrativa, pede opinião”, esse estava adequadamente associado, o exemplo transcrito era “agora: o que poderia eu fazer?”. O segundo cartão, “busca envolver o interlocutor, exhibe supostos pensamentos”, cumpriu a expectativa referente ao exemplo, “você não pode imaginar o sofrimento que isto me causa”, entretanto não se relacionava ao leitor, o

terceiro, solicitava um “aviso ao interlocutor, chamando-o para uma reflexão” e o exemplo não condizia com o solicitado, “agora: o que poderia eu fazer?”, cumpria com a marca da oralidade, envolvia o leitor, mas não era um aviso.

No item 9, houve consenso entre a marca da oralidade e o efeito de sentido, “repetições de palavras” e “ênfatisar características do narrador-personagem”, porém, o exemplo, “você me acariciou, você tocou os meus botões. Senti um verdadeiro choque, eu que já deveria estar acostumado com eletricidade”, não cumpriu o desejado, visto que o pronome de tratamento, você, não enfatiza características.

Na mesma perspectiva, no item 10, a marca da oralidade era opinião, dois cartões foram depositados na peça de roupa, o primeiro solicitava um exemplo do texto que buscasse envolver o interlocutor, exibir supostos pensamentos e o segundo que enfatizasse características do narrador-personagem, nenhum exemplo cumpriu o solicitado, pois o primeiro não exprimia um pensamento, sim, um fato, “você foi se queixar com um técnico, achando que eu estava desconfigurado” e, o segundo, abordava uma característica, “tenho sentimentos, tenho emoções”, no entanto não enfatizava.

No item 11, a solicitação era de palavra repetida no diminutivo e o efeito era de aspecto negativo, revolta por não fazer parte dessa vidinha. Os alunos foram capazes de encontrar o exemplo que falava da vida com característica pessimista, contudo não perceberam que faltava o descontentamento em pertencer a ela, “você sintonizava uma emissora qualquer e pronto, voltava à sua vidinha”;

Ainda da análise, no item 12, verificou-se dois cartões na peça de roupa, no primeiro os alunos tiveram sucesso ao transcrever o exemplo do texto que continha uma linguagem utilizada em situações informais e corriqueiras e associá-lo à informalidade, no segundo, o exemplo não cumpriu com o esperado para o efeito de sentido, nem para a marca da oralidade. No item 13, dos três cartões encontrados na roupa, nenhum estava corretamente associado à marca da oralidade. Entretanto, dois deles, estavam de acordo com o efeito de sentido do texto transcrito. Veja: Cartão 1, “Dá ao leitor a ilusão de uma realidade oral e de um desabafo do rádio”, exemplo “estou perturbado — mas tudo isso por causa do sofrimento que você me causou”; Cartão 2, “Ênfatisar características do narrador-personagem”, exemplo “e volume, você sabe, é coisa que não me falta— até chegar a níveis insuportáveis,

uma avalanche de decibéis”. Apenas o cartão 3 estava totalmente em desacordo com o esperado.

Por fim, na roupa do item 14, as associações cumpriram a expectativa. O primeiro cartão, “favorece o envolvimento entre os participantes da comunicação”, foi exemplificado dentro da expectativa, “MINHA QUERIDA DONA”, primeiro enunciado do texto, letras maiúsculas; o segundo, “têm a finalidade de reforçar o sentimento do narrador”, cumpriu o esperado, “senti um verdadeiro choque, eu que já deveria estar acostumado com eletricidade. Você fez de mim um ser vivo. Vivo e apaixonado”, juntamente com o terceiro cartão, “minha marca é ótima, e que você contaria com um som maravilhoso”. As roupas nomeadas como 15, 16 e 17 não foram utilizadas.

Em suma, houve grande aprendizagem, a avaliação qualitativa foi a almejada, os acertos sobressaíram-se aos desvios, as dificuldades foram trabalhadas em conjunto, sem exposições indevidas e constrangimentos. Por fim, os alunos demonstraram, na execução da atividade, compreensão satisfatória sobre os efeitos de sentido das marcas da oralidade, dentro do contexto.

### 5.5 Sessão de cinema e *WhatsApp*

O quinto momento aconteceu em duas atividades, na primeira, os alunos foram convidados a irem para a sala de vídeo da escola. Ao chegarem, o professor questionou-os sobre quem conhecia Luis Fernando Veríssimo, nenhum deles se lembrava. Posteriormente, o professor fez uma breve explanação da biografia do autor, falou da sua importância como um dos maiores cronistas brasileiro, em seguida comentou sobre o dia, 26 de setembro, data da atividade e aniversário do cronista, 83 anos, daí a justificativa para conhecer um pouco mais sobre suas famosas crônicas. Para isso, o professor entregou um questionário, Quadro 6, para os grupos, com 7 questões para serem respondidas após cada exibição de vídeo. O intuito era relembrar as características do gênero crônica.

A primeira exibição foi “Aprenda a chamar a polícia”, a segunda “Brincadeira”, a terceira “O lixo”, a quarta “A bola”, a quinta “Exigências da vida moderna” e a última “O homem trocado”. Os alunos, dispostos em grupos, cinco grupos de 5 integrantes e 2 grupos de 4 integrantes, se divertiram muito, gostaram dos vídeos e responderam, sem dificuldade, às questões propostas.

A seguir serão elencadas as respostas apresentadas a respeito da primeira crônica exibida, veja:

Quadro 14 – Questionário após a sessão de cinema

<b>Crônica: Aprenda a chamar a polícia</b>			
<b>Grupo</b>	<b>Quais são os assuntos das crônicas?</b>	<b>Quais reflexões são possíveis perceber?</b>	<b>Qual fato do cotidiano inspirou o cronista?</b>
1	Ladrão e polícia	Reflexões sobre os atendimentos	Barulhos em casa
2	A lentidão dos policiais com denúncias	É preciso ser esperto para chamar a polícia	Um suposto ladrão dentro de casa
3	Crítica ao atendimento policial	A polícia só ajudou depois de pensar que ele tinha matado o ladrão	Falta de assistência policial
4	Crítica as ações a o atendimento da polícia	A polícia só agiu quando uma “urgência” aconteceu	Uma suspeita de assalto
5	Um ladrão que entrou na casa	Que a polícia só apareceu quando ele relatou algo mais grave	A polícia não ter levado a sério a primeira ligação
6	A invasão de um ladrão	A mentira comum entre a polícia e a vítima	O suposto invasor
7	Como chamar a polícia	Às vezes precisamos mentir para chamar a atenção	Um suposto ladrão
<b>Grupo</b>	<b>Qual público a crônica pretende alcançar?</b>	<b>O texto da crônica tem humor?</b>	<b>A linguagem utilizada é parecida com a do nosso dia a dia?</b>
1	O público em geral	Sim	Sim, pois não se usa uma linguagem muito formal
2	O público em geral	Sim, tem humor	Sim, é um diálogo do cotidiano
3	O público em geral	Sim	Sim, porque há um diálogo do cotidiano
4	O público em geral	Sim	Sim, pois é utilizado gírias e palavras fáceis
5	O público em geral	Sim, quando ele liga pela segunda vez e assusta a polícia	Sim, porque é uma conversa informal
6	O público em geral	Tem, no final	Sim, porque é uma conversa
7	Público em geral	Sim	Sim, porque é um diálogo

Fonte: Dados da pesquisa

Diante do exposto, percebe-se que, além de diversão, houve aprendizagem. Os alunos perceberam que o assunto de uma crônica pode ser diversificado, que o texto pode ser construído de forma que o diálogo, o humor e a reflexão podem aparecer no mesmo texto.

Concluída a atividade anterior, a professora aplicou a segunda, que consistia em instigar os alunos a escreverem suas primeiras crônicas, dar embasamento a elas. Para isso, apresentou cinco figuras de conversas de *WhatsApp*, Figuras 1 e 2, retiradas da internet, de situações do dia a dia, com humor, além disso, exemplificou como poderiam ser escritas crônicas humorísticas embasados nessas conversas. Esse momento foi realizado de forma oral, com questionamentos aos alunos sobre

os possíveis contextos das situações vividas, o que estaria acontecendo, que final teria, qual título ficaria interessante etc. Foi proveitoso. Ótima participação e risadas.

Ao concluir, a docente solicitou aos alunos que, em seus celulares, ou nos computadores e *notebooks* disponibilizados na sala, fizessem uma procura por conversas de *WhatsApp* humorísticas com marcas da oralidade que lhes servissem de base para as suas crônicas, poderia ser *print*, pessoais ou, fazer como o professor demonstrou, pegar figuras da *internet*.

A pesquisa aconteceu e, dos 34 alunos envolvidos na intervenção pedagógica, 28 optaram por utilizar *sites* para retirar suas imagens, os outros seis alunos optaram por imagens do próprio *WhatsApp*, no final, três alunos optaram pela mesma imagem.

## 5.6 Conversas e Crônicas

O sexto momento foi o momento da escrita da crônica, essa atividade foi realizada de forma individual, cada aluno levou para a sala de aula, impressas ou nos próprios celulares, as imagens selecionadas para as produções. Para auxiliar esse processo, foram projetados na lousa, Quadro 8, alguns itens a serem observados durante a escrita da crônica. Os alunos olharam para essa fonte de pesquisa e escreveram seus textos.

Ao final, assim como combinado anteriormente, ao invés dos alunos entregarem as crônicas manuscritas, fizeram isso através de redes sociais ou algum meio eletrônico. Para os que não tinham celulares, *notebooks* e computadores foram disponibilizados, era possível digitar direto nas redes sociais ou transferir para o *pen drive* da professora.

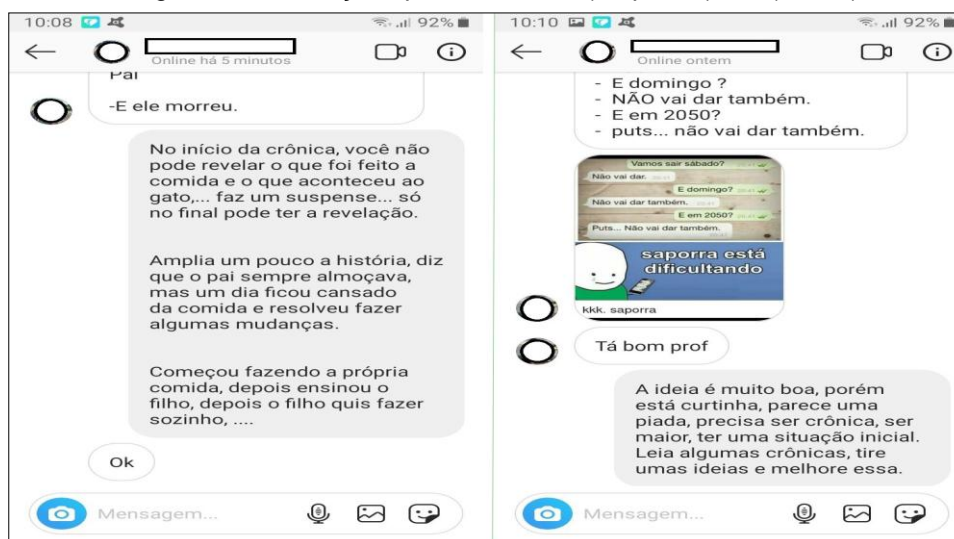
Além das opções mencionadas, quem optou por digitar no celular e não tinha internet, transferiu o arquivo, via Bluetooth, para o celular da docente. A entrega foi realizada, pela minoria, no mesmo momento, os demais, encaminharam, posteriormente, de suas casas. Ao final, três crônicas foram entregues via *pen drive*, cinco via Bluetooth, dez via *Instagram*, sete via *Facebook* e nove via *e-mail*. Nenhum aluno deixou de entregar.

À medida que a professora fazia a leitura das crônicas encaminhadas pelas redes sociais, fazia as contribuições, as orientações para melhorar o que havia sido entregue. Os alunos, imediatamente, acatavam as sugestões e reescreviam os



textos. O mesmo acontecia via e-mail. Sendo assim, essa foi considerada a primeira reescrita.

Figura 15 – Instruções para o aluno A (esquerda) e B (direita)



Fonte: Dados da pesquisa

Em suma, os alunos tiveram algumas dificuldades, principalmente em adequação ao gênero, produziram relatos e piadas curtas, alguns, basicamente, transcreviam o texto da imagem de *WhatsApp*. O título também foi um grande desafio, a maioria pediu sugestões ao docente e aos colegas, sabiam da importância de um título atraente, porém não conseguiam definir.

De modo geral, aplicavam adequadamente os efeitos de sentido pretendidos pelo uso das marcas da oralidade, todavia ao pensarem no *blog*, julgavam seus textos muito ruins, faltava autoestima, diziam sentir vergonha pelo que haviam produzido. Foi uma barreira difícil de ser ultrapassada, porém com elogios e valorização das produções, leitura para toda a sala, com autorização do cronista, ajudou na percepção da qualidade das suas produções. Além do mais, ao final da leitura, a professora falava dos pontos positivos e, em particular, falava do que poderia ser melhorado.

Muitas explicações podem ser atribuídas à baixa estima dos alunos, entretanto, implicaria em outros estudos, sendo assim, optou-se por não fazer apontamentos precipitados.



A Figura 16 tem a finalidade de retratar a forma como o aluno teve a devolutiva do texto impresso, as orientações ao final da folha, e a utilização de um pseudônimo. O objetivo era aprimorar as produções realizadas, adequar as marcas da oralidade aplicadas à modalidade escrita e reescrever a crônica produzida, tendo em vista as características do gênero e os efeitos de sentido pretendido.

Entre correções, revisões e reescritas, o tempo gasto foi de 4 horas. Ao final, todos haviam melhorado suas produções, reescreveram, corrigiram, digitaram e encaminharam à docente, pelos mesmos meios adotados na etapa anterior. À medida que a professora recebia crônicas que ainda faltavam ajustes, ele dava as orientações e retornava para o aluno adequar.

Vale ressaltar que, por serem textos digitados, algumas correções foram realizadas de acordo com o corretor do *word*, inicialmente pelo estudante, posteriormente pela professora, todavia o foco foi mantido na produção do texto, nas aceitações das marcas da oralidade com propósitos comunicativos.

A segunda atividade, deste momento, aconteceu em data posterior, quando, supostamente, todas as crônicas estavam de acordo com as exigências pré-estabelecidas: humor e efeitos de sentidos adequados às marcas da oralidade.

Na execução, a professora, após receber a devolutiva de todas as crônicas, imprimiu novamente e levou para cada aluno, juntamente com um questionário autoavaliativo, exposto no Quadro 10. A função do aluno era reler sua crônica, fazer as mudanças que, ainda, julgasse necessárias e avaliar se, de fato, havia concluído o que foi proposto, em concordância com o questionário.

A seguir, serão exibidos detalhes da produção da crônica da aluna, pseudônimo: Carol Vitória. O intento é apresentar o desempenho da estudante ao longo do processo de ensino de produção da escrita assistido, assessorado, colaborativo. Oferecendo os andaimes necessários para uma produção que superasse as expectativas da autora, uma vez que ela não acreditava que seria capaz de produzir e duvidava que sua produção, realmente, estivesse boa.

Veja a primeira versão, encaminhada pelo *Facebook*, juntamente com a figura que embasou a produção, a seguir:

Figura 17 – Primeira versão da crônica da Carol Vitória

O meu nome é Lohuana, sou tranquila, sou alegre, brincalhona e comprometida! Muitas pessoas tinham inveja de mim, dizendo para mim "abrir os olhos" com o meu namorado. Mas tinha eu certeza que eles só queriam acabar com o meu relacionamento, porém confiava no meu namorado e não ligava para essas baboseiras que o povo falava!!! Fui ao meu quarto, é meu celular vibrou, peguei meu celular, tinha uma mensagem do meu namorado:

- Amor, fiz uma coisa horrível!
- O quê? (eu respondi)
- Saí ontem e te traí.
- Relaxa, fiz coisa pior! (com os olhos cheios de lágrimas)
- O quê?
- Fiquei em casa e confiei em você!

E bloqueiei ele, e fui viver minha vida, porque mulher não depende de homem nenhum pra ser feliz.



Imagem disponível em: <https://mundodomanolo.com.br/wp-content/uploads/2019/02/traicao-1.jpg>

Fonte: Dados da pesquisa

Após essa primeira devolutiva, a aluna, recebeu orientações para melhorar sua produção, não começar como uma biografia, inserir as personagens em uma atividade, um passeio, assistindo um programa de TV, qualquer contexto, depois inserir um título interessante que não declarasse o fim da história, mas que desse suspense à narrativa etc. Assim surgiu a segunda devolutiva, quadro 15, a seguir:

Figura 18 - Segunda versão da crônica da Carol Vitória

#### A confiança

Estava eu em um passeio com o meu namorado e família. Fomos passar os fins de semana em um clube, que tinha tudo de bom e tals... a gente se divertiu pra caramba, lá . A noite ia ter uma festa, no campo, perto do clube onde estávamos, mas eu não poderia ir. Estava ruim, mas o meu namorado estava LOUCO para ir, então eu falei:

- Vai!!!! Eu fico aqui. - E ele foi.

Fiquei no quarto do clube, onde iríamos dormir, assistindo filme e comendo, é claro! Mas estava com um pressentimento tão ruim, que liguei para o meu namorado e ele não me atendeu. Liguei mais de 10 vezes, e ele não atendeu 1 ligação sequer. Em segundos, chega uma mensagem, fui ver, era ele dizendo:

- Amor, fiz uma coisa horrível
- Amooooor, o que aconteceu?? Me diz, cê tá bem??
- Te traí (ele falou)
- Relaxa, fiz coisa pior (eu respondi, com olhos cheios de lágrimas)
- O quê?
- Fiquei em casa e confiei em você!
- Amor, desculpa (ele falou)
- Some da minha vida, esqueça que eu existo!!!! (eu falei)
- Mil perdões! Eu te amo, não me deixa.
- Qual parte você não entendeu? SOME DA MINHA VIDA! Não preciso de você, pra ser feliz, BABACA!

Fonte: Dados da pesquisa

Assim como pode ser observado, as sugestões foram acatadas, o texto melhorou, porém poderia ser aperfeiçoado. Outras orientações, juntamente com os elogios, foram direcionadas à aluna: “Seu texto ficou bem melhor, você consegue

melhorá-lo ainda mais, acrescentando humor, talvez alguém do clube possa ser atacado pela personagem, e acrescentar um sarcasmo no final seria bastante interessante”.

A reescrita foi feita, no entanto, a única alteração realizada foi o acréscimo das duas últimas frases do texto: “[...] - Sem você, eu não vivo! (ele falou); - Por acaso sou oxigênio?”. Aos olhos da professora, essa crônica poderia ser melhorada, por isso, em sala de aula, fez as orientações de forma minuciosa, com a aluna fazendo anotações e esperou o resultado. Veja a Figura, a seguir:

Figura 19 - Quarta versão da crônica da Carol Vitória

A confiança

Estava eu em um passeio com o meu namorado e família. Fomos passar os fins de semana em um clube, que tinha tudo de bom e tals... A gente se divertiu pra caramba, lá. A noite ia ter uma festa, no campo, perto do clube onde estávamos, mas eu não poderia ir. Estava ruim, mas o meu namorado estava louco para ir, então eu falei:

— Vai!!! Eu fico aqui. - E ele foi.

Fiquei no quarto do clube, onde iríamos dormir, assistindo filme e comendo, é claro! Mas estava com um pressentimento tão ruim, que liguei para o meu namorado e ele não me atendeu. Liguei mais de 10 vezes, e ele não atendeu 1 ligação sequer. Em segundos, chega uma mensagem, fui ver, era ele dizendo:

— Amor, fiz uma coisa horrível

— Amooooor, o que aconteceu?? Me diz, cê tá bem??

— Te trai (ele falou)

— Relaxa, fiz coisa pior (eu respondi, com olhos cheios de lágrimas)

— O quê?

— Fiquei em casa e confiei em você!

— Amor, desculpa (ele falou)

— Some da minha vida, esqueça que eu existo!!!! (eu falei)

— Mil perdões! Eu te amo, não me deixa.

— Qual parte você não entendeu? SOME DA MINHA VIDA! Não preciso de você, pra ser feliz, BABACA!

— Sem você, eu não vivo! (ele falou)

— Por acaso sou oxigênio?

E imediatamente bloqueei.

Nesse instante entra um funcionário do clube, no meu quarto, bastante agitado, pois acabou de me ouvir dizendo em voz alta, aliás, gritando, em alto e bom som, "babaca". Por um instante pensou até que poderia ser com ele. Por isso, entrou, para deixar o jantar, meio desconfiado, estava assustado.

Nesse instante, comecei a interrogá-lo:

— Qual é seu nome? Há quanto tempo você trabalha aqui? O que vai fazer esta noite?

E sem tempo para ele responder a todas as minhas perguntas, simplesmente o ataquei, já que eu confiei em quem não merecia, dei um bom beijo em quem eu queria pra mostrar que eu também posso fazer alguém ficar sem ar.

Fonte: Dados da pesquisa

Ao terminar essa escrita, a aluna ficou extremamente feliz, disse que estava amando o que havia escrito e que não acreditava que tinha ficado tão bom. Diante desse texto, a professora sugeriu que o título poderia ser modificado para *A falta de ar*, a aluna acatou, imediatamente.

Com a essência do texto concluída e adequação ao gênero proposto, esse era o ponto mais relevante, faltavam apenas os ajustes para ficar pronto para ser

publicado, com a ajuda da professora, utilizando o *notebook*, em sala, isso foi realizado e a versão final ficou pronta.

Figura 20- Versão final da crônica da Carol Vitória

A falta de ar (Carol Vitória)

Estava em um passeio com o meu namorado e alguns familiares. Fomos passar o fim de semana em um clube que era tudo de bom. A gente se divertiu pra caramba. A noite ia ter uma festa, no campo de futebol, perto do clube onde estávamos, mas eu não poderia ir. Estava muito gripada e pegar sereno me faria mal. Mas meu namorado estava louco para ir, então eu falei:

— Vai. Eu fico aqui.  
E ele foi.

Fiquei no quarto do clube, onde iríamos dormir, assistindo filmes e comendo, é claro.

As horas passaram e eu senti um pressentimento tão ruim que liguei para o meu namorado, ele não me atendeu. Liguei mais de 10 vezes, nenhuma ligação sequer foi atendida. Depois de mais de duas horas, chega uma mensagem no meu celular, fui ver, era ele dizendo:

— Amor, fiz uma coisa horrível.  
Fiquei em pânico, o que teria acontecido. Continuei a conversa.  
— Amor, o que aconteceu? Me diz, cê tá bem?  
A resposta veio de forma inesperada.  
— Te trai.  
Minhas pernas estremeceram, fiquei sem ar. Digitei:  
— Relaxa, fiz coisa pior.  
Essas palavras foram digitadas no impulso. Lágrimas escorriam pelo meu rosto. Olhei para o celular e vi sua pergunta:  
— O quê?  
— Fiquei em casa e confiei em você! – respondi desolada.  
— Amor, desculpa!  
— Some da minha vida, esqueça que eu existo!!!  
— Mil perdões! Eu te amo, não me deixa.  
Eu não era capaz de tal ato, afinal isso é demais, né?  
Continuei digitando:  
— Qual parte você não entendeu? Some da minha vida! Não preciso de você pra ser feliz.  
**BABACA!**  
A ofensa era pouco para um coração dividido em mil pedaços.  
Ele continuava:  
— Sem você, eu não vivo!  
Deixei de ser simpática:  
— Por acaso eu sou oxigênio?  
Imediatamente o bloqueei dos meus contatos.  
Nesse instante entra um funcionário do clube, no meu quarto, bastante agitado, pois acabou de me ouvir dizendo em voz alta, aliás, gritando, em alto e bom som, "babaca". Por um momento pensou até que poderia ser com ele. Por isso, entrou, para deixar o jantar, meio desconfiado, estava assustado.  
De repente, comecei a interrogá-lo:  
— Qual é seu nome? Há quanto tempo você trabalha aqui? O que vai fazer esta noite?  
E sem tempo para responder a todas as minhas perguntas, simplesmente o ataquei. Já que eu confiei em quem não merecia, dei um bom beijo em quem eu queria, isso tudo pra mostrar que eu também posso fazer alguém ficar sem ar.

Fonte: Dados da pesquisa

No processo de criação da crônica a professora foi uma grande aliada, fez sugestões, orientou, exaltou o aprendizado, ficou ao lado instigando e oportunizando o desenvolvimento do conhecimento, em momento nenhum fez críticas. Entretanto,

a docente fez apontamentos mais específicos referentes às pontuações, aos verbos dicendi, à estrutura de diálogo etc. Essa postura foi adotada por acreditar que, às vezes, não é aceitável supor que o aluno já sabe e não faz porque não quer, é preciso agir, junto com ele, lado a lado, demonstrar como se faz determinada atividade, além do mais, sanar essas dificuldades demandaria outras atividades, fora do foco deste estudo.

Para concluir, a aluna preencheu o questionário autoavaliativo. As respostas apresentadas foram:

Quadro 15 – Questionário autoavaliativo de Carol Vitória

Item	Pergunta	Resposta
1	O meu texto é uma crônica? Por quê?	Sim ,porque tem palavras que falamos no dia a dia, é humorística e tem algumas reflexões.
2	O objetivo era escrever uma crônica humorística, a partir de uma imagem de <i>WhatsApp</i> , para ser publicada em um <i>blog</i> , usando marcas da oralidade de acordo com os efeitos de sentido pretendidos dentro do texto, no contexto. Eu consegui o que pretendia? Por quê?	Sim, porque tem humor, é engraçada, e era isso que eu queria, além de fazer as pessoas se valorizarem mais e essa crônica tem isso.
3	A linguagem utilizada aproxima o leitor? Por quê? Se possível, comprove com trechos do texto.	Sim, “Estava eu”. <b>(expressão típica da aluna)</b>
4	Qual a finalidade da minha crônica?	É falar que não devemos confiar muito nas pessoas, e esta crônica fala sobre um relacionamento e como uma traição acaba com tudo.
5	Qual o público alvo da minha crônica? Por quê?	Para todas as pessoas que se relacionam com alguém.
6	Meu texto está adequado ao veículo de comunicação ( <i>Blog</i> ) a que se destina? Por quê?	Sim, porque o assunto da minha crônica está interessante, um assunto que as pessoas gostam de ver, de saber.
7	Meu título está de fato interessante? Por quê?	Sim, porque o título causa um suspense: “Por que falta de ar?”. A pessoa precisa ler para saber.
8	Minha crônica é humorística? O que causa humor nela?	Sim, quando ela é irônica e quando diz que fez algo pior, que ficou em casa e confiou nele. Isso é humor.
9	Quais reflexões podem ser retiradas a partir da leitura da minha crônica?	Não confiar muito em uma pessoa, se dar mais valor, não precisar de homem para ser feliz, acreditar que você pode tudo, inclusive, tirar o empecilho da sua vida e viver feliz.
10	Quais são as marcas da oralidade no meu texto? Qual o sentido de cada uma dentro do texto, no contexto?	Caramba: dizer que algo foi bom demais. Fiquei sem ar: ficou sem ação, não sabia o que dizer. Babaca: uma pessoa inútil. Por acaso sou oxigênio: a pessoa está sendo irônica e mandando a outra seguir a vida. Parar de perturbar: Pedido que ele seguisse a vida dele.

Fonte: Dados da pesquisa

Ao final, de forma qualitativa, foi possível avaliar que a aluna ampliou conhecimentos, acreditou no seu potencial, valorizou o que fez, usou as marcas da oralidade com os efeitos de sentido pretendidos. Ainda que não tenha citado todas

as marcas, as mencionadas estavam associadas adequadamente ao sentido pretendido para o texto.

A aprendizagem citada, em diferentes níveis, pôde ser observada em todas as 34 crônicas humorísticas produzidas. Por ser um número expressivo, percebeu-se a inviabilidade em demonstrar detalhadamente todas as etapas de reescritas. Diante disso, foram selecionadas três crônicas que utilizaram a mesma imagem para embasar o texto, serão expostas a seguir, juntamente com os efeitos de sentido atribuídos às marcas da oralidade presente nas crônicas, preenchidos no questionário autoavaliativo:

Figura 21 – Crônica A: *O filho que sabia de quase tudo!*

Arthur, filho único, não muito inteligente, inconsequente e com um grande defeito, não saber absolutamente nada da arte de cozinhar. Isso é só o começo da biografia desse jovem nada habilidoso.

Seu pai é um homem muito trabalhador, não tem estudos, por isso leva uma vida muito difícil, trabalha de sol a sol, em serviço braçal, ajudante de pedreiro. Outra grande dificuldade que esse homem encontra é fazer sua grana render um pouquinho mais. O tempo dele é muito apertado, por isso vive comprando comidas industrializadas e isso acabava torrando boa parte de seu suado dinheiro.

O filho não é uma grande ajuda nesta situação, mas é uma pessoa solidária com o esforço do pai. Para demonstrar colaboração, resolveu se tornar o cozinheiro oficial da casa, dessa forma estaria diminuindo as despesas.

Semana passada, Arthur resolveu testar sua, limitada ou nenhuma, habilidade para cozinhar, assistiu umas vídeo-aulas, alguns episódios do Master Chef e se sentiu preparado. Próximo ao horário do almoço, ele mandou mensagem no WhatsApp do pai e disse que não seria preciso comprar comida naquele dia, ele faria o almoço para os dois.

Quando o pai chegou, a refeição estava pronta, mas o cheiro, a aparência de pântano e a textura, eram tão ruins que ninguém conseguia comer, cada um disfarçou como pode e deu fim ao prato de comida.

Arthur percebeu que ainda não estava preparado, por isso, durante três dias, levantou bem cedo e assistiu ao programa da Ana Maria Braga, fez muitas anotações e, agora sim, já se sentia pronto para os desafios do Mestre do Sabor.

O pedido veio hoje pela manhã:

— Pai, eu posso fazer o almoço?

— Melhor não, filho. Pode deixar, eu compro a comida.

Arthur, sem entender muito, questionou:

— Mas, por que gastar sua grana se eu tô sem fazer nada e ainda me oferecendo pra fazer o almoço?

O pai de Arthur pensou em ser delicado, mas a última experiência tinha sido tão desastrosa que ele não mediu as palavras e mandou:

— Sei! Oferecendo pro Satanás, né? Por que a tua comida se for brincar é pior do que despacho!

Inconformado, Arthur falou:

— Ah! Para de mentir, pai!

Sem nenhum tom de brincadeira, o pai:

— É sério! Deixa que o pai compra. Eu sei que você sabe fazer muitas coisas, mas nesse caso não, você é terrível.

O pai, já sabendo da atrocidade do último almoço, revelou o segredo:

— Ah! E na última vez que você cozinhou, eu não contei pra você, mas eu dei a comida pro gato da Rita e ele morreu!

Pensativo e puxando na memória, Arthur falou:

— Pode ser que... é... talvez eu tenha colocado veneno pra rato ao invés de colorau!

Enfurecido, o pai gritou:

— MAS TU É UMA ANTA, NÉ?

Continua.



Figura 21 – Crônica A: *O filho que sabia de quase tudo!*

Continuação.

<p>— Me confundi...</p> <p>— Sei... Tu tava era pensando na morte da bezerra, isso sim.</p> <p>— Eu não.</p> <p>— Tu quer que eu vá pros ares mais cedo, é?</p> <p>— NUNCA, PAI! Desculpa.</p>
Marcas da oralidade e os efeitos de sentido
<p>Arte de cozinhar: Saber preparar um alimento</p> <p>Trabalho de sol a sol: Trabalhar muito</p> <p>Torrando: acabando com o dinheiro</p> <p>Grana: dinheiro</p> <p>Anta: pessoa que não pensa</p> <p>Ares: morrer</p>

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 22 – Crônica B: *Pior que despacho*

<p>Eu, cansado de comer comida comprada, resolvi começar a fazer. Adquiri todos os itens que precisava e comecei minha empreitada.</p> <p>Era algo diferente, eu que encontrava tudo pronto para comprar, agora tinha que fazer, claro que por opção.</p> <p>Meu horário de almoço era muito corrido. Para aproveitar cada instante, arrumei um auxiliar, meu filho. Isso mesmo, caro leitor, além de cozinheiro, virei professor de culinária, porém pra essa arte, ainda tenho muito que aprender, prova disso foram as refeições que meu filho fez. Eu não cozinho bem, mas meu filho é um caso perdido. Assim seguia nossa nova rotina, pai e filho na cozinha. Quando não era possível fazer, acabava comprando comida pronta.</p> <p>Segunda-feira, eu estava no trabalho, quase saindo para o horário de almoço, surgiu um grande imprevisto, me atrasei. Para não ficar sem comer, avisei ao meu filho que não iria dar tempo de fazer, nem de comprar a comida, era pra ele se virar. Ele, com toda boa vontade, se ofereceu para fazer nosso almoço. Fiquei entusiasmado, será que eu tinha conseguido ensinar alguma coisa? Então, paguei pra ver.</p> <p>Cheguei, em casa, morrendo de fome, entretanto, quando fui comer, pelo amor de Deus, nem Jesus na causa. A comida estava horrível, bem pior do que qualquer coisa que eu já experimentei na vida. Era preciso estar à beira da morte para conseguir comer aquilo. Não fui capaz. Disfarcei, dei um fim naquela comida, e nem contei nada pra ele, vai que ele ficava magoado, melhor evitar, né?</p> <p>Quarta-feira ele falou que iria fazer o almoço novamente, então eu tive que falar:</p> <p>— Não faz Arthur. Deixa que eu compro.</p> <p>Meu filho, todo inocente, disse:</p> <p>— Por que gastar dinheiro? Eu tô sem fazer nada e me oferecendo pra fazer o almoço?</p> <p>Sem medir minhas palavras, lembrando-se da última refeição, perdi a paciência:</p> <p>— Oferecendo pro satanás, né? Porque tua comida é pior que despacho. Deixa que o pai compra. A última vez que você cozinhou, eu não contei para você, mas eu dei a comida pro gato da Rita e ele morreu.</p>
Marcas da oralidade e os efeitos de sentido
<p>Se vira: quer dizer para ele dar um jeito na situação</p> <p>Morrendo de fome: não quer dizer que ele estava realmente morrendo, mas sim com muita fome</p> <p>Nem Jesus na causa: quer dizer que a comida estava tão ruim que nem Jesus dava jeito</p> <p>Pior que despacho: que a comida estava realmente ruim</p> <p>Todo inocente: se refere ao outro dia que o filho fez a comida ruim e o pai não contou</p> <p>Caso perdido: Ele era muito ruim na cozinha e seria difícil ele aprender</p> <p>Paguei pra ver: Ele estava realmente querendo saber se o filho aprendeu</p> <p>Né: uma concordância com a frase anterior</p>

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 23 – Crônica C: *Morte na vizinhança*

Ontem, o pai de Arthur saiu bem cedo pra trabalhar, Arthur, filho único, ficou em casa, jogando videogame. Sua vida era extremamente chata, entediante, não fazia nada além de estudar e perder muitas horas nas redes sociais. Sua mãe havia abandonado os dois há pouco tempo e os machos da casa estavam se virando para dar conta das obrigações domésticas. A situação era um desafio para eles.

O pai de Arthur era bastante responsável e sempre ligava para saber como o filho estava e para dar satisfações sobre os horários que iria chegar em casa. Esse dia não foi diferente, o pai ligou:

- Oi, filho!
- Oi, pai!
- Onde você tá?
- Tô em casa, por quê?
- Porque eu vou chegar mais tarde hoje, trocaram meu horário de almoço, vou me atrasar duas horas.
- Tá bom, pai. Quer que eu faça o almoço pra nós?
- Não, filho! Não se preocupe, não precisa fazer, eu levo o almoço.
- Mas pai, eu fiz o almoço ontem, posso fazer hoje de novo se quiser...
- Eu já falei, não precisa fazer m\*\*\*\* nenhuma! Me obedeça!
- Tá bom, pai, suave, eu espero o senhor chegar.
- Tá bom, tchau, filho.
- Tchau, pai.

Arthur desligou o telefone e ficou pensativo, por mais que tentasse entender os motivos do pai em não lhe deixar fazer o almoço, não conseguia. No dia anterior ele havia feito, não chegou a experimentar a comida, porque estava muito atrasado para a escola e só deu tempo de comer pão, mas quando chegou, as panelas estavam vazias, então ele entendeu que tinha ficado muito boa. Qual seria a justificativa então?

Depois de algumas horas Arthur sentiu seu celular vibrar e viu que era seu pai ligando pra avisar que já estava chegando:

- Oi, pai?
- Tô chegando, já tô com o almoço.
- Tá bom, pai, mas até agora tô sem entender o motivo de você não me deixar fazer o almoço.
- Já tô chegando com o almoço, não toque mais nesse assunto, entendeu?
- Tá bom, pai, eu entendi sim.
- É bom mesmo que tenha entendido.

Após essa ligação, Arthur ficou ainda mais pensativo, mas entendeu que não podia falar nada, o pai chegou, almoçaram, cada um foi fazer suas obrigações e ninguém tocou no assunto.

Hoje de manhã, o pai de Arthur avisou que teria o horário de almoço trocado novamente, por isso chegaria tarde. Na metade da manhã, Arthur, ainda pensativo, decidiu falar com o pai:

- Pai, vou fazer o almoço.
- Não faz, Arthur, deixa que eu compro a comida.
- Mas,... Pai, por que gastar seu dinheiro, se eu tô sem nada pra fazer e me oferecendo para fazer o almoço?
- Oferecendo pro Satanás, né? Eu não ia dizer nada para não te magoar, te avisei para não tocar no assunto, mas já que você insiste: TUA COMIDA É PIOR DO QUE DESPACHO, MANO. A ÚLTIMA VEZ QUE VOCÊ COZINHOU, EU DEI A COMIDA PRO GATO DA RITA, A NOSSA VIZINHA, E O GATO DELA MORREU – gritou o pai.

Agora Arthur entendeu os motivos e tomou a decisão:

- Nossa! Que triste, pai! Não quero ser cozinheiro mais não.
- O pai concordou:
- É melhor mesmo, meu filho, da próxima vez o despachado pra outra vida pode ser você ou eu.

#### Marcas da oralidade e os efeitos de sentido

- Despacho: achar alguma coisa muito ruim
- Merda: algo bem feio
- Pior: algo feio
- Suave: Algo para ele ficar calmo
- Oferecendo pro Satanás: Algo ruim que ele está oferecendo
- Despachado: Ir para outro mundo

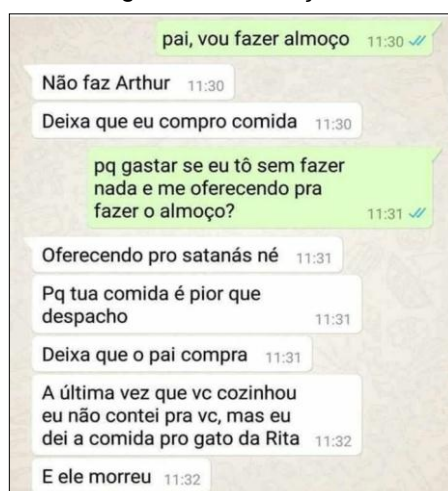
Fonte: Dados da pesquisa

As figuras retratam crônicas humorísticas, produzidas por alunos, com marcas da oralidade e os efeitos de sentido atribuídos por eles. Ao analisar o exposto percebe-se que houve compreensão do que são marcas da oralidade, por

mais que nem todas estejam elencadas, o aluno foi capaz de retirar do texto e escrever qual o efeito de sentido pretendido por ele ao usar essas marcas. Essa é a comprovação de que as marcas da oralidade não são defeitos, elas têm efeitos pretendidos, são pertinentes às crônicas expostas, pois todas são contextualizadas em ambiente informais, no qual a linguagem, geralmente, não é efetivada com um grau elevado de monitoramento.

A imagem que serviu de base para as três crônicas está exposta, a seguir:

Figura 24 – Almoço de filho



Fonte: Pinimg (2019)

Em suma, sabe-se da necessidade de aperfeiçoamento para localizar as marcas da oralidade e atribuir sentido a elas, mas, infelizmente, devido à carga horária, não foi possível retomar todas as 34 crônicas, e, juntamente com o aluno, analisar minuciosamente essas particularidades.

## 5.8 Somos “blogueiros”

No oitavo e último momento da intervenção, aconteceu a criação do *blog* e as publicações. A atividade não ocorreu conforme o previsto, planejou-se que cada aluno faria sua própria publicação na sala de informática da escola. No entanto, os computadores permaneciam sem internet e a opção foi, a professora, contar com a ajuda de um aluno da turma que se propôs a criar o *blog*, em casa, utilizando o nome, aparência e estilos decididos coletivamente.

Figura 25 – Blog criado para publicação das crônicas

**Lara Larica Crônicas**

Este blog é resultado de uma proposta de intervenção pedagógica de produção de crônica humorística, realizada sob a orientação da professora Ivonete Nink. Os textos surgiram a partir de conversas de WhatsApp, algumas pessoais outras visualizadas na internet. Anteriormente, foram feitas diversas atividades, sobre os efeitos de sentido das marcas da oralidade no texto, dentro do contexto. Os cronistas são alunos do 9º ano, de uma escola pública, do estado de Rondônia.

quarta-feira, 18 de dezembro de 2019

**Não seja pessimista**

**Não seja pessimista**

*O maior obstáculo para o sujeito é o próprio pessimismo, nunca duvide das suas competências. Continue produzindo ótimos textos. Este foi apenas o aquecimento para você descobrir o quanto é capaz. Produza humor, argumentação, descrição, enfim, o texto que precisar, apenas lembre-se de que a 'roupa' deve ser adequada ao texto e ao contexto.*

(Ivonete Nink)

às dezembro 18, 2019 Nenhum comentário:

**Pesquisar este blog**

**Página inicial**

**Minhas conversas são crônicas.**

**Alunos do 9º Ano E**  
Visualizar meu perfil completo

**Arquivo do blog**

Dezembro 2019 (35)  
Novembro 2019 (1)

[Denunciar abuso](#)

Fonte: Dados da pesquisa

Em sala, lado a lado, professora e aluno cronista, fizeram as publicações. O procedimento foi relativamente fácil, já que os textos estavam digitados e revisados.

Contudo, devido à demanda de postagens, o tempo da aula, a última do ano letivo, não foi suficiente. A professora/pesquisadora concluiu a atividade em casa. Assim que terminou, mandou o *link*<sup>9</sup> para o grupo de *WhatsApp* da turma, para as redes sociais, *Facebook* e *Instagram*, parabenizou os alunos e convidou o público, em geral, para prestigiar o trabalho realizado, sorrir um pouco, se inspirar e tornar-se um cronista. Além disso, agradeceu a dedicação de cada aluno e, em especial, à escola que acolheu a execução da intervenção pedagógica.

<sup>9</sup> Endereço do *Blog* criado para expor o resultado da intervenção pedagógica: <https://laralaricacronicas.blogspot.com/>

## 6 CONCLUSÃO

Ao concluirmos o estudo, podemos constatar que valorizar a primeira modalidade de expressão linguística do aluno, a fala, o que ele traz em sua bagagem, saber conduzir o processo para que modalidades falada e escrita se complementem, nenhuma em detrimento da outra, foi excelente para a turma.

Assim como afirma Marcuschi (2010, p. 9) “falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação”. Isso foi efetivado, pois se seguiu a perspectiva de não apontar como erro a utilização de expressões do dia a dia, consideradas por alguns, inadequadas para a modalidade escrita, não eliminá-las do texto, e sim, instigar o aluno a pensar no efeito que se desejava atribuir ao usar essas marcas da oralidade.

Por meio dos estudos teóricos, percebemos que o maior obstáculo para o aluno é aprender o que não faz sentido a ele, é ter que anular o que conhece, enquanto escrita, para estar de acordo com o que, infelizmente, alguns profissionais da educação tentam impor como uma forma única, como padrão de escrita. Enquanto isso acontecer, maior será o distanciamento da vida pregressa escolar do aluno. Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018, p. 50) afirmam que o “papel da escola é o de sempre acrescentar saberes e não o de destruir saberes”.

Sendo assim, neste estudo, o intento foi não refutar as marcas típicas da oralidade em nome de uma regra ditada pela sociedade de maior prestígio e, sim, analisar, entender suas funções e quando necessário, aplicar no texto escrito, seguindo os efeitos de sentido desejado em determinadas produções textuais.

Nessa perspectiva, o propósito deste trabalho foi verificar a possibilidade de produzir crônicas humorísticas por meio do trabalho com as marcas da oralidade presentes em conversas de *WhatsApp*. Em relação a isso, após a efetivação de estudos teóricos, a implementação da intervenção pedagógica, a apresentação das atividades realizadas e a discussão dos resultados, foi possível concluir que: os alunos perceberam as marcas da oralidade com outro olhar, alguns mais outros menos, estabeleceram sentido entre as marcas e os efeitos pretendidos no texto.

Percebemos também que os alunos não se sentiram à vontade quando foram instigados a produzir textos, principalmente quando souberam que estes seriam disponibilizados para outras pessoas lerem, além do professor. A principal

afirmação foi de que não sabiam escrever textos. Pensarem isso é algo inconcebível, demonstra um cenário de fracasso escolar. Numa época em que a comunicação acontece, entre os jovens, inúmeras vezes por meio da escrita digital, como é possível que afirmem não saberem escrever? Produzir textos dentro da escola e nesse domínio permanecerem, já é familiar a eles, mas, ultrapassar os limites, definir o suporte e o público alvo assustou aos alunos.

Para ultrapassar esse entrave e seguir o estudo, o foco foi mantido nos objetivos. O objetivo geral da pesquisa foi: estimular a produção de crônicas humorísticas com o uso de marcas da oralidade em conversas de *WhatsApp* a fim de empregar os efeitos de sentido pretendidos na produção textual. Ao concluir a aplicação da proposta de intervenção foi constatado que esse objetivo foi atingido, pois todos os alunos conseguiram produzir crônicas humorísticas, com a presença de marcas da oralidade encontradas em conversas de *WhatsApp*, ao final todos, 34 alunos, conseguiram transcrever diversas marcas e mencionar os efeitos delas de forma contextualizada.

Para atingirmos o objetivo geral, foram elencados os objetivos específicos, sendo o primeiro: (a) tornar familiar aos alunos o gênero crônica. Esse intento foi atingido por meio das distintas formas de acesso proporcionadas aos alunos, todas as atividades desenvolvidas utilizaram o gênero em estudo. O contato foi realizado de forma individual e coletiva, por meio de material impresso, folhas avulsas e livros na íntegra, *internet*, projeção em slides e vídeos. As atividades exploraram as características do gênero por meio da metalinguagem, pesquisas, criação de mapas conceituais, um coletivo e outro em grupo, estudo das diferenças entre os gêneros notícia e crônica e elucidação, feita pelo docente, das hipóteses levantadas pelos alunos.

O segundo objetivo específico: (b) examinar as marcas da oralidade em crônicas e conversas de *WhatsApp*, pôde ser alcançado por meio da atividade de pintar nas crônicas, impressas, as expressões comuns na fala do dia a dia, pesquisas, em celulares ou na *internet*, conversas de *WhatsApp*, com marcas da oralidade e explicações, com a colaboração dos alunos, sobre as marcas da oralidade encontradas.

Em relação ao terceiro objetivo específico: (c) escrever os efeitos de sentido das marcas da oralidade em textos escritos, o alcance foi observado por meio do levantamento das hipóteses sobre o efeito de sentido das marcas da oralidade na

atividade *Aquarela da diversidade das falas*, das associações de exemplos do texto aos efeitos de sentido das marcas da oralidade na atividade *Varal das marcas da oralidade*, e nas respostas apresentadas no questionário de autoavaliação da produção textual.

A propósito do quarto objetivo específico: (d) oportunizar ao aluno produzir textos contextualizados, a oportunidade se deu por meio da seleção da imagem de conversas de *WhatsApp* que lhe serviu de inspiração para a produção textual, por meio dessa livre escolha o aluno pôde retratar algo significativo para ele, que fizesse parte de alguma situação, acontecimento no qual ele estivesse inserido.

Por fim, o último objetivo específico: (e) permitir ao aluno uma situação real de interação por meio da produção escrita com a criação de um *blog*, foi conquistado ao oportunizar o aluno a colocar seu texto, por meio de recursos eletrônicos, à disposição de interlocutores reais, em um *blog*, *Lara Larica Crônicas*, pensado, estilizado e nomeado de forma coletiva. O texto não ficou apenas no ambiente escolar, ultrapassou os muros.

Em suma, a metodologia adotada, o embasamento teórico e a elaboração da proposta de intervenção pedagógica, de 33 h, em metodologia sistemática, atendeu às expectativas da professora/pesquisadora, ainda que não realizadas como o planejado, as adaptações foram compatíveis com o esperado.

Para Antunes (2003, p. 36), o “novo perfil do professor é aquele do pesquisador, que, com seus alunos (e não, “para” eles), produz conhecimento, o descobre e o redescobre. Sempre”. Em concordância com essa assertiva, verificou-se que os alunos que fizeram parte desse estudo construíram seu próprio conhecimento, tiveram autonomia, superaram as dificuldades, não trilham os caminhos sozinhos: ora tinham a presença da professora, ora dos colegas de sala de aula. O modelo tradicional de ensino foi deixado de lado. A professora não foi o centro, ela construiu andaimes, ofereceu suporte e assim proporcionou a execução de atividades significativas.

As produções de textos tiveram interlocutores reais, cumpriram funções sociais e os propósitos comunicativos do enunciador, causaram reflexões, tiveram um suporte, foram planejadas. Para Ferrarezi Jr. e Carvalho (2015, p. 56) uma “boa atividade de escrita não pode prescindir de uma atividade de preparação que a anteceda. [...] Antes de escrever, o aluno precisa conhecer o gênero, sua

funcionalidade, suas características constitutivas etc.” Se o aluno sabe o quê e como fazer, provavelmente fará produções escritas que cumpram suas finalidades.

Ao concluir as produções das crônicas humorísticas os alunos experienciaram a possibilidade de aplicar os conhecimentos adquiridos na escola em outros ambientes, no caso, o ambiente virtual, e ainda, em outras funções, por exemplo, causar o riso no leitor, não relacionadas à atribuição de notas.

Enquanto professora/pesquisadora, desenvolver este trabalho demandou muito esforço, carga horária excessiva, momentos de desânimos, o repensar a prática docente, admitir equívocos, aprender a desaprender, experimentar novas situações, enfim, desafiar-se, para perceber o quanto ainda pode ser feito pela educação brasileira, cada um contribuindo com uma pequena parcela, conscientizar-se de que nem tudo depende só do professor, ter a convicção de que outros fatores influenciam na prática docente e no processo de aprendizagem do estudante.

Ao final da intervenção foi gratificante perceber que a turma construiu o conhecimento, escrevendo, reescrevendo, analisando a própria escrita, buscando as marcas da oralidade e atribuindo os efeitos de sentido a elas, mostrando suas produções para os colegas, saindo da rotina das aulas, publicando em um *blog*, sabendo da existência de um interlocutor real, enfim, interagindo com a sociedade por meio da escrita.

Como sugestões, para futuras intervenções, podemos considerar duas possibilidades. A primeira seria envolver mais a família, outros professores, publicar um livro, fazer o lançamento em uma noite de autógrafos e disponibilizar as publicações. Uma segunda proposta, a ser realizada durante todo o ano letivo, seria fazer um convênio com algum jornal local para publicar as crônicas dos alunos no jornal digital, dessa forma, o público atingido seria bem maior, a valorização da escrita seria intensificada e o aluno perceberia que a escrita praticada na escola não deve ser conhecida apenas pelo professor, que as suas palavras devem ter finalidade, e que, as escolhas lexicais estão à disposição para propósitos comunicativos.



## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M. **Um olhar objetivo para produções escritas**: analisar, avaliar, comentar. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2012. (Cotidiano escolar: ação docente)
- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Cortez Editora. Editora Autores Associados. 1980
- ANDRADE, Aline. **A metalinguagem da crônica**. Disponível em: <https://cronicanto.wordpress.com/2014/04/16/a-metalinguagem-da-cronica/>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Ciao: a última crônica**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/ciao-ultima-cronica-carlos-drummond-andrade.htm>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **O frívolo cronista**. Disponível em: <http://www.casadobruzo.com.br/poesia/c/prosa13.htm>. Acesso em: 08 ago. 2019.
- ANDRADE, Genilma Dantas. LIMA, Luis Eduardo Pina. As marcas da oralidade no texto escrito: Uma análise da crônica “Minhas Férias” de Luis Fernando Veríssimo. *In: V Colóquio Internacional: Educação e Contemporaneidade*. - Eixo 11 - Estudos da linguagem. Instituição/Editora: Grupo de Pesquisa CNPq/UFS Educação e Contemporaneidade (EDUCON). 21 a 23 de setembro de 2011.
- ANTUNES, Celso. **Como transformar informações em conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2001.
- ANTUNES, Irandé. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ANTUNES, Irandé. **Textualidade**: noções básicas e implicações pedagógicas. São Paulo: Parábola, 2017.
- AZEREDO, José Carlos de. **A Linguística**, o texto e o ensino da língua. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico**: o que é, como se faz. 51ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. Tradução: Nathanael C. Caixeiro. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 2ª Edição, 1983.

BORTONE, Marcia Elizabeth. MARTINS, Cátia Regina Braga. **A construção da leitura e da escrita**: do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BOTELHO, José Mário. **Oralidade e escrita**: sob a perspectiva do letramento. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

BRASIL. **Resultados e Metas**. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>. Acesso em: 02 nov. 2018.

CANDIDO, Antonio. A vida ao Rés-do-chão. *In*: TAKAHASHI, Jiro. **Para Gostar de ler**. Volume 5 - Crônicas. São Paulo: Ática, 1991, p. 5-13.

CANDIDO, Antonio. *et al.* **A Crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CAPANEMA. Rafael. **100 Conversas que vão te garantir pelo menos 10 minutos de risadas**. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/rafaelcapanema/100-conversas-que-vao-te-garantir-10-minutos-de-risadas>. Acesso em: 08 ago. 2019.

CARVALHO, Robson Santos de. FERRAREZI Jr., Celso. **Oralidade na educação básica**: o que saber, como ensinar. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. 1. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. Leitura crítica do humor no jornal. *In*: ELIAS, Vanda Maria (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa**: oralidade, escrita e leitura. 1. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. **O discurso da violência**: As marcas da oralidade no jornalismo popular. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3ª edição. Campinas: São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

FERRAREZI Jr., Celso. CARVALHO, Robson Santos de. **Produzir textos na educação básica**: o que saber, como fazer. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FERRAREZI Jr., Celso. **Pedagogia do silenciamento**: a escola brasileira e o ensino de língua materna. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FREITAS, Vera Aparecida de Lucas. Mediação: estratégia facilitadora da compreensão leitora. *In*: BORTONI-RICARDO, Stela Maris. (orgs.) *et al.* **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. cap. 3, p. 65-85.

GERALDI, João Wanderley. (Org.). **O texto na sala de aula**. 2 ed. Cascavel. ASSOESTE, 1984c. 125 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMEZ, Renato. **Crônicas do Velho Porto**. 1ª edição. Porto Velho: O Autor, 2016.

GUIDOTTI, Gabriel Borcony. **A VISÃO DOS CRONISTAS**. Disponível em: <https://www.newsrondonia.com.br/noticias/a+visao+dos+cronistas/70760>. Acesso em: 15 jul. 2019.

HELITZER, Mel. **Como escrever humor**. Tradução Rick Goodwin. 1. ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2014.

KLEIMAN, Angela B. (org.) **Os significados do letramento**: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: São Paulo: Mercado de Letras, 1995. Coleção letramento, educação e sociedade.

KLEIMAN. Angela B. **Preciso “ensinar o letramento”?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Campinas: São Paulo: Mercado de Letras, 2005.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 22. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os Segredos do Texto**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. ELIAS. Vanda Maria, **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10 ed., 4ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2016.

KÖCHE. Vanilda Salton, MARINELLO. Adiane Fogali, **Gêneros Textuais**: Práticas de Leitura Escrita e Análise Linguística. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LOPES, Iveuta de Abreu. CARVALHO, Maria Avelina de. Experiências escolares para uma leitura eficaz. *In*: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. (orgs.) *et al.* **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. cap. 5, p.113-129.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala para a Escrita**: Atividades de Retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, Angela Paiva *et al.* (org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária - Poesia e Prosa**. 2ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

MORAES, Vinicius de. **Para viver um grande amor 1962: crônicas e poemas**. Organização Eucanaã Ferraz. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

MORENO, Cláudio. Spoonerismo. **Sua língua**. 30 abr. de 2009. Disponível em: <https://sualingua.com.br/tag/spoonerismo/> Acesso em 3 jan. 2020.

MOURA, Confúcio. **Mulhers! ... Cheguei**. Disponível em: <https://www.gentedeopinioao.com.br/opinioao/cronica-mulheres-cheguei>. Acesso em: 08 ago. 2019.

NOGUEIRA, Nancy. **Metalinguagem**. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/853616>. Acesso em: 15 jul. 2019.

NOVAES, Carlos Eduardo; OLIVEIRA, José Carlos; DIAFÉRIA, Lourenço; VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Para Gostar de Ler: Crônicas**. Vol. 7. São Paulo: Ática, 1997.

PASSARELI, Lilian Maria Ghiuro. **Ensino e Correção na produção de textos escolares**. 1. ed. São Paulo: Telos, 2012.

RAMOS, Amanda. **Descubra ideias sobre Mães No Whatsapp**. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/722898177663556969/?lp=true>. Acesso em: 08 ago. 2019.

RONDÔNIA. **Portaria N. 2944/2016-GAB/SEDUC**. Disponível em: [http://www.diop.ro.gov.br/data/uploads/2016/10/Doe-30\\_09\\_2016.pdf](http://www.diop.ro.gov.br/data/uploads/2016/10/Doe-30_09_2016.pdf). Acesso em: 03 nov. 2018.

ROSA, Leíza Maria. **A prosa do poeta Gauche: literatura e jornalismo na crônica de Carlos Drummond de Andrade**. 2015. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

SÁ, Arimar Souza de. **O "Estupro" de Neymar - O "nacionalista"**. Disponível em: <http://www.rondonoticias.com.br/noticia/cultura/25753/cronica-de-fim-de-semana-o-estupro-de-neymar-o-nacionalista-arimar-souza-de-sa>. Acesso em: 08 ago. 2019.

SARTORI, Jefrson. **Crônica Nova.** Disponível em: <https://www.newsrondonia.com.br/noticias/cronica+nova+por+jefrson+sartori/98287>. Acesso em: 15 jul. 2019.

SARTORI, Jefrson. **O apartamento.** Disponível em: <https://www.newsrondonia.com.br/noticias/o+apartamento+por+jefrson+sartori/110744>. Acesso em: 08 ago. 2019.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros 3. ed.; 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SOUZA, Helen Danyane Soares Caetano de; SERAFIM, Mônica de Souza. A mediação da Leitura na educação infantil: onde a leitura de mundo precede a leitura das palavras. *In*: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. (orgs.) *et al.* **Leitura e Mediação Pedagógica.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p.19-41.

TEZZARI, Neusa dos Santos. **Parceiros de Jornada:** Crônicas. Porto Velho: EDUFRO. Editora da Universidade Federal de Rondônia, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais:** A Pesquisa Qualitativa em Educação: O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo. São Paulo: Atlas, 1987.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **As mentiras que os homens contam.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Comédias para se ler na escola.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

**APÊNDICE – CADERNO DE ATIVIDADES**

Caderno de atividades: O efeito  
das marcas da oralidade na  
produção escrita

***Produção de  
Crônicas  
Humorísticas  
utilizando  
conversas de  
WhatsApp***

Rio Branco  
2020

Ivonete Nink Soares  
Rosane Garcia Silva

# Caderno de atividades: O efeito das marcas da oralidade na produção escrita

## Sugestões Pedagógicas

Profletras - Mestrado Profissional em Letras - UFAC  
Rio Branco  
2020



## CONVERSA COM O PROFESSOR

Este caderno de atividades é resultado da pesquisa “O (d)efeito das marcas da oralidade na produção escrita”, direcionada para alunos do 9º ano, a partir das reflexões teóricas e prática docente. O intento é demonstrar a possibilidade de não refutar as marcas da oralidade no texto escrito, pelos alunos, ao entender seus efeitos de sentido, por meio de uma metodologia sistemática. A proposta pedagógica está vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - Profletras da Universidade Federal do Acre (UFAC).

O produto é um caderno de atividades voltadas à produção de textos embasados por conversas de *WhatsApp*, com marcas da oralidade. As atividades propostas foram aplicadas em uma turma do 9º ano, entretanto, podem ser adaptadas e aplicadas, a critério do professor, às turmas que julgar adequadas.

Ensinar produção de texto escrito deve ser uma tarefa planejada de forma metódica, sistemática, uma sequência de técnicas que permitam completar o planejado da melhor forma possível, definir o objetivo, as etapas, quando, onde, método e itens a serem avaliados para que o aluno consiga construir sua autonomia na sociedade letrada, ainda “se o professor souber, passo a passo, o que o aluno precisa fazer para *aprender* a escrever um texto de um gênero específico, então terá boas chances de ensinar seu aluno como se faz isso”. (FERRAREZI JR.; CARVALHO, 2015, p. 56).

É preciso permitir e desenvolver a propriedade dos alunos sobre a sua língua, ou seja, aprender a usar a língua ao invés de aprender sobre a língua. Assim como diz Bagno (2009, p. 86), este “é um dever da escola e um direito de todo cidadão. E para que isso aconteça, para que as pessoas possam ler e escrever bem, elas têm que ler e escrever, ler e escrever, ler e escrever, reler e reescrever, re-reler e re-reescrever [...]”.

Nessa perspectiva, o objetivo é de dividir experiências de práticas pedagógicas consideradas importantes para o trabalho com a produção de crônicas humorísticas, de acordo com nossas concepções, a partir das teorias utilizadas para a elaboração da pesquisa de mestrado.

## APRESENTAÇÃO

As sugestões presentes no caderno estão divididas em oito momentos, distribuídas em dezessete etapas, onze atividades, cada uma com duração de 3 horas, total de 33 horas. O primeiro momento foi planejado em uma atividade, com o objetivo de: (a) Oportunizar o contato com o gênero textual crônica; (b) Analisar, juntamente com os alunos, as características do gênero por meio de crônicas com metalinguagem (tipo, suporte, tema, público alvo etc.); (c) Auxiliar no desenvolvimento de uma lista das características das crônicas.

O segundo momento, dividido em duas atividades, com o objetivo de: (a) Conhecer crônicas de cronistas da cidade e do estado por meio de pesquisa em diversos suportes, inclusive *on-line*; (b) Sistematizar os conhecimentos sobre o gênero textual crônica (conteúdo, estilo, função, suporte de veiculação etc.); (c) Examinar as reflexões que este gênero declara sobre a condição humana na sociedade; (d) Construir um mapa conceitual com as características observadas nas crônicas.

O terceiro momento tem o objetivo de: (a) Reconhecer as marcas da oralidade presente nas crônicas; (b) Compreender o efeito de sentido do uso das marcas da oralidade na construção do gênero; (c) Levar o aluno a perceber o quanto o processo de interação são importantes na produção de sentido; (d) Demonstrar a importância de estar atento e sensível aos fatos do dia a dia.

O quarto momento, dividido em duas atividades, tem o objetivo de: (a) Diferenciar notícia e crônica ao explorar, juntamente com os alunos, de modo detalhado, as diferenças dos gêneros, considerando a objetividade, impessoalidade e foco narrativo; (b) Ajudar no entendimento sobre o funcionamento da língua e seus efeitos; (c) Propiciar ao aluno a construção do conhecimento sobre o efeito de sentido do uso das marcas da oralidade na crônica “O rádio apaixonado”.

O quinto momento, dividido em duas atividades, tem o objetivo de: (a) Apresentar crônicas humorísticas encenadas, retiradas do *YouTube*; (b) Exemplificar como algumas crônicas assemelham-se a uma conversa face a face; (c) Selecionar em textos escritos, *WhatsApp*, marcas da oralidade e humor; (d) Pensar em textos do *WhatsApp* como auxílio para a produção de crônica humorística.

O sexto momento tem o objetivo de: (a) Oportunizar a escrita de crônicas humorísticas, a partir de conversas de *WhatsApp*, entre amigos e familiares, usando os conhecimentos prévios adquiridos; (b) Produzir crônica que cause reflexão no leitor; (c) Utilizar o mapa conceitual produzido para relembrar as características da crônica; (d) Refletir sobre o contexto de produção, interlocutores, suporte de veiculação (blog) e efeitos de sentido das marcas da oralidade.

O sétimo momento tem o objetivo de: (a) Permitir a reescrita da crônica humorística; (b) Usar um questionário de autoavaliação da produção textual; (c) Analisar e escrever qual o efeito de sentido do uso das marcas da oralidade usadas no texto; (d) Concluir a revisão e reescrita do texto.

O oitavo momento tem o objetivo de: (a) Criar um blog para divulgação dos textos produzidos; (b) Digitar as crônicas humorísticas no *blog*; (c) Tornar público o produto final da intervenção pedagógica.

Para tornar a proposta de intervenção pedagógica mais clara, visualmente, veja o quadro, a seguir:

Quadro 1- Proposta de intervenção pedagógica

Momentos	Atividades	Etapas	Objetivos
<b>Primeiro (3h)</b> A metalinguagem nas crônicas	1- Manusear crônicas	<b>1ª:</b> fazer uma lista com as características do gênero descobertas por meio do próprio texto	(a) Propiciar ao estudante o contato com crônicas que usem a metalinguagem; (b) Despertar o interesse dos alunos sobre o gênero manuseado; (c) Fazer listas com as características do gênero, de acordo com a metalinguagem nas crônicas; (d) Aprender de forma coletiva as características das crônicas.
		<b>2ª:</b> acrescentar características do gênero na lista recebida de outro grupo	
		<b>3ª:</b> elucidar, de forma minuciosa, as hipóteses levantadas pelos alunos e complementá-las.	
<b>Segundo (6h)</b> Crônicas e mapa conceitual	1- Conhecer as peculiaridades das crônicas e dos cronistas	<b>Única:</b> pesquisar cronistas da região e mais características do gênero.	(a) Desenvolver a autonomia na busca por textos de cronistas da região; (b) Observar os diferentes suportes (jornal – impresso ou digital -, livro, <i>Facebook</i> , <i>blog</i> etc.) do gênero; (c) Perceber as diferentes temáticas que são abordadas no gênero.
		2 – Construir um mapa conceitual	<b>1ª:</b> utilizar uma videoaula para elaborar um mapa conceitual coletivo.
	<b>2ª:</b> elaborar outro mapa conceitual, dessa vez, em grupo.		

Continua.

Quadro 1 - Proposta de intervenção pedagógica

Continuação.

<b>Terceiro (3h)</b> A aquarela da diversidade das falas	1 – Colorir as falas do dia a dia	1ª: pintar as expressões comuns na fala do dia a dia, levantar hipóteses sobre o efeito de sentido que essas marcas da oralidade apresentam e preencher um questionário sobre a crônica lida.	(a) Apresentar crônicas regionais; (b) Distinguir as marcas da oralidade que se encontram nas crônicas; (c) Inferir o efeito de sentido atribuído pelo cronista às marcas da oralidade, a partir do processo interacionista; (d) Observar a importância do processo de interação na produção de sentido das marcas da oralidade; (e) Perceber que as crônicas surgem de qualquer assunto do cotidiano.
		2ª: fazer as explanações, com a colaboração dos alunos, sobre as marcas da oralidade e os seus efeitos de sentido.	
<b>Quarto (6h)</b> Notícia: Crônica e Marcas da oralidade	1 – A metamorfose da notícia	<b>Única:</b> falar sobre a origem da palavra crônica, as primeiras produções e explorar as diferenças entre os gêneros notícia e crônica.	(a) Constatar a subjetividade do narrador; (b) Detectar as diferenças entre os gêneros notícia e crônica (objetividade, formalidade da linguagem, foco narrativo etc.); (c) Compreender o humor do texto aliado à reflexão; (d) Notar a importância de um título atrativo.
	2 - Varal das marcas da oralidade	<b>Única:</b> associar exemplos do texto aos efeitos de sentido das marcas da oralidade.	(a) Localizar as marcas da oralidade; (b) Associar marcas da oralidade aos seus efeitos de sentido; (c) Compreender o efeito de sentido das marcas da oralidade.
<b>Quinto (3h)</b> Sessão cinema e <i>WhatsApp</i>	1 – A crônica do dia a dia na tela	<b>Única:</b> exibir vídeos de crônicas humorísticas.	(a) Exibir dramatizações de crônicas de Luis Fernando Veríssimo; (b) Comprovar que o assunto de uma crônica pode ser qualquer fato do cotidiano; (c) Demonstrar que crônicas podem ser construídas em textos dialogais; (d) Instigar a percepção do humor e da reflexão que as crônicas podem apresentar.
	2 – As situações do dia a dia no <i>WhatsApp</i> .	<b>Única:</b> procurar, na internet, conversas de <i>WhatsApp</i> , com marcas da oralidade e humor, selecionar uma que sirva de inspiração para a produção textual.	(a) Ler textos de <i>WhatsApp</i> em busca de marcas da oralidade e humor; (b) Selecionar textos de <i>WhatsApp</i> para usar na produção de crônica humorística.
<b>Sexto (3h)</b> Conversas e Crônicas	1 - Eu sou cronista	<b>Única:</b> planejar e escrever uma crônica humorística.	(a) Produzir crônicas humorísticas, considerando sua adequação às propriedades do gênero; (b) Ser capaz de reconhecer a importância do título de um texto; (c) Pensar no público alvo do <i>blog</i> e mídia de circulação; (d) Usar adequadamente os efeitos de sentido pretendidos no texto através das marcas da oralidade.

Continua.

Quadro 1 - Proposta de intervenção pedagógica

Continuação.

<b>Sétimo (6h)</b> Minha crônica	1 - Revisar, reescrever crônicas e autoavaliar	1ª: receber a crônica produzida, ler as anotações do professor e reescrever.	(a) Corrigir e aprimorar as produções realizadas; (b) Adequar as marcas da oralidade aplicadas à modalidade escrita das crônicas humorísticas; (c) Reescrever o texto produzido, crônica, tendo em vista as características do gênero e os efeitos de sentido pretendido; (d) Autoavaliar a crônica produzida.
		2ª: responder o questionário de autoavaliação da produção.	
<b>Oitavo (3h)</b> Somos "blogueiros"	1 - Criar <i>blog</i> – digitar – publicar crônicas	1ª: criar um <i>blog</i> para a turma.	(a) Utilizar computadores, notebooks, ou celulares, recursos eletrônicos, para digitar os textos produzidos; (b) Empregar as ferramentas do <i>Word</i> para formatar e editar adequadamente as crônicas; (c) Criar um <i>blog</i> ; (d) Personalizar o <i>blog</i> com nome, aparência e estilos decididos coletivamente; (e) Publicar as crônicas no <i>blog</i> .
		2ª: digitar e publicar, no <i>Blog</i> , as crônicas, revisadas e reescritas.	

Fonte: Dados da pesquisa

Como pode ser observado no Quadro 1, cinco momentos - primeiro, terceiro, sexto, sétimo e oitavo - foram elaborados com apenas uma atividade, diferente do segundo, quarto e quinto momentos, com duas atividades. Dentre as onze atividades, a atividade 1 do primeiro momento foi dividida em três etapas, a atividade 2 do segundo momento foi dividida em duas etapas, assim como as atividades 1 do terceiro, sétimo e oitavo momentos. As demais, seis atividades, foram realizadas em etapas únicas. Além disso, no Quadro 1, constam os objetivos de cada atividade a serem atingidos.

Vale ressaltar que a proposta pedagógica apresentada não pode ser considerada uma receita pronta e acabada que se aplique a todos os contextos educacionais. É preciso que cada professor, consciente de sua função, saiba construir caminhos, adaptar, mudar, refletir sua prática, apresentar diversas possibilidades de aprendizagem para o estudante, reformular seu fazer pedagógico para que a educação seja de fato um processo de interação, no qual o aluno execute atividades significativas.

A partir dessa conscientização é que as atividades foram elaboradas. O intuito era oportunizar intensa participação dos alunos, afastar-se do modelo tradicional de ensino, professor sair do centro, começar a construir andaimes, oferecer suporte para a construção da aprendizagem, enfim, auxiliar o aluno a produzir textos com interlocutores reais, que cumprissem funções sociais e os

propósitos comunicativos do enunciador, inserir, nas aulas, atividades sociais, que estivessem presentes na vida dos alunos fora do ambiente escolar.

Nessa acepção, esperamos que as sugestões de atividades aqui apresentadas, unindo teoria e prática, possam contribuir para o trabalho em sala de aula e possibilitar a troca de experiências reais. Afinal, quando um professor/pesquisador adquire conhecimentos válidos para toda a sociedade, faz-se necessário que ele viabilize o acesso a esse novo saber a todos que dele possam tomar proveito.

## SUMÁRIO

Apresentação	152
Orientações iniciais	158
PRIMEIRO MOMENTO – A metalinguagem nas crônicas (3h)	159
Atividade 1 – Manusear crônicas	159
Sugestão 1 - Crônica Nova, de Jefrson Sartori	161
Sugestão 2 - O exercício da crônica	162
Sugestão 3 - A metalinguagem da crônica	163
Sugestão 4 - Ciao: A última crônica	164
Sugestão 5 – Metalinguagem	165
Sugestão 6 – A visão dos cronistas	166
Sugestão 7 - O frívolo cronista	167
SEGUNDO MOMENTO – Crônicas e mapa conceitual (6h)	168
Atividade 1- Conhecer as peculiaridades das crônicas e dos cronistas	169
Atividade 2 – Construir um mapa conceitual	169
TERCEIRO MOMENTO – A aquarela da diversidade das falas (3h)	170
Atividade 1 – Colorir as falas do dia a dia	171
QUARTO MOMENTO – Notícia: Crônica e Marcas da oralidade (6h)	172
Atividade 1 – A metamorfose da notícia	172
Atividade 2 – Varal das marcas da oralidade	173
QUINTO MOMENTO – Sessão cinema e <i>WhatsApp</i> (3h)	175
Atividade 1 – A crônica do dia a dia na tela	175
Atividade 2 – As situações do dia a dia no <i>WhatsApp</i>	176
SEXTO MOMENTO – Conversas e Crônicas (3h)	177
Atividade 1 – Eu sou cronista	178
SÉTIMO MOMENTO – Minha crônica (6h)	179
Atividade 1 – Revisar, reescrever crônicas e autoavaliar	179
OITAVO MOMENTO – Somos “blogueiros” (3h)	180
Atividade 1 – Criar <i>blog</i> – digitar - publicar crônicas	180
Referências	182
ANEXO A - Atividade 1: Colorindo as falas do dia a dia	185
ANEXO B - Atividade 1: Notícia X Crônica	190
ANEXO C – Atividade 1: A crônica do dia a dia na tela	191

## ORIENTAÇÕES INICIAIS

As atividades foram elaboradas, a partir de estudos teóricos, aliados à experiência docente, durante a realização da pesquisa *Os (d)efeitos das marcas da oralidade na produção escrita*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Acre - UFAC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Letras.

Ciente da diversidade de público estudantil, cabe frisar que as sugestões podem ser adaptadas ou modificadas para adequação à realidade escolar ou a outros níveis de ensino, de uma forma que supra as necessidades da turma.

O sucesso da educação brasileira está associado à parcela de contribuição que cada professor, com trabalho dedicado, repense sua prática, troque experiências, aplique atividades significativas, que fazem sentido aos alunos, e permita-os aproxime-os dos usos escolares da língua escrita com o aspecto comunicativo dentro e fora do contexto escolar.

Antes de iniciar a sugestão de aplicação da proposta de intervenção, o docente deve pensar no gênero, na contextualização, na finalidade da escrita, no público alvo e no suporte. É preciso lembrar que as produções de textos, preferencialmente, devem ter o tom humorístico e estar associadas às marcas da oralidade presentes em conversas de *WhatsApp*. É imprescindível, antes de iniciar o processo de produção escrita, refletir sobre todas as atividades, as etapas, o alcance dos objetivos, a disponibilidade de tempo, a realidade escolar, as características dos alunos e os recursos necessários para a realização das atividades.

Esperamos que as sugestões presentes no caderno possam contribuir para a valorização da primeira modalidade de expressão linguística do aluno, a fala, o que ele traz em sua bagagem, que haja complementariedade entre as modalidades falada e escrita, nenhuma em detrimento da outra, que o aluno seja instigado a pensar no efeito que se desejava atribuir ao usar essas marcas da oralidade, as expressões do dia a dia, em seu texto.

Por fim, almejamos que o docente avalie a relevância das sugestões pedagógicas apresentadas, tenha vontade de aplicá-las e examine a possibilidade de produzir crônicas humorísticas por meio do trabalho com as marcas da oralidade presentes em conversas de *WhatsApp*.





## PRIMEIRO MOMENTO – A metalinguagem nas crônicas

Este momento foi planejado em uma atividade dividida em três etapas. O objetivo é de: (a) Propiciar ao estudante o contato com crônicas que usem a metalinguagem; (b) Despertar o interesse dos alunos sobre o gênero manuseado; (c) Fazer listas com as características do gênero, de acordo com a metalinguagem nas crônicas; (d) Aprender de forma coletiva as características das crônicas.

### Atividade 1- Manusear crônicas

**1ª etapa:** Após a seleção das crônicas com metalinguagem que serão utilizadas, o professor leva para a sala, dispõe os alunos em grupo, 4 ou 5 integrantes, e pede para que leiam os textos e, após a primeira leitura, façam uma lista com as características do gênero descobertas por meio do próprio texto. O tempo da atividade deve ser de 15 minutos.

Os textos selecionados devem ser, preferencialmente, de autores da região, se não for possível, amplia-se a outros, incluindo os principais cronistas brasileiros. As sugestões podem ser as apresentadas no Quadro 2 e, em seguida, nas seções serão discutidos:

Quadro 2 – Sugestões de crônicas

1. Crônica Nova (Jejrson Sartori – Cacoal/RO);
2. O Exercício da Crônica. (Vinicius de Moraes);
3. A Metalinguagem da Crônica. (Aline Andrade - Cruzeiro do Sul/AC);
4. Cíao: A Última Crônica (Carlos Drummond de Andrade);
5. Metalinguagem (Nancy Nogueira – Ipatinga/MG);
6. A Visão dos Cronistas (Gabriel Bocorny Guidotti - Porto Alegre/RS);
7. O Frívolo cronista (Carlos Drummond de Andrade).

Fonte: Dados da pesquisa

**2ª etapa:** Ultrapassado o tempo da leitura da primeira crônica, deve ser solicitado aos alunos passar a outro grupo a crônica lida, juntamente com a lista preenchida. Ao receber uma crônica diferente, o intuito é acrescentar características na lista, além de ler o que já foi anotado pelo grupo anterior. Essa metodologia deve ser repetida tantas vezes quanto for o número de crônicas selecionadas para a atividade. É uma forma de o aluno perceber o que não havia percebido e familiarizar-se com as características do gênero.

**3ª etapa:** Ao término da elaboração das listas, o docente, com as crônicas em mãos, deve fazer comentários detalhados sobre as características do gênero. O intuito é elucidar, de forma minuciosa, as hipóteses levantadas e complementá-las. O grupo inicial da crônica complementa sua lista, caso necessário.

### Sugestões de crônicas com metalinguagem

Nesta seção, serão expostas as sugestões de crônicas com metalinguagem. Sendo a primeira, *Crônica Nova*, de Jejrson Sartori; a segunda, *O Exercício da Crônica*, de Vinicius de Moraes; a terceira, *A Metalinguagem da Crônica*, de Aline Andrade; a quarta, *Cíao: A Última Crônica*, de Carlos Drummond de Andrade; a quinta, *Metalinguagem*, de Nancy Nogueira; a sexta, *A Visão dos Cronistas*, de Gabriel Bocorny Guidotti e a última, *O Frívolo cronista*, também de Carlos Drummond de Andrade, conforme as sugestões apresentadas no Quadro 2.

Juntamente com a apresentação de cada uma delas, serão expostas as particularidades do gênero identificadas pela professora-pesquisador, por meio da metalinguagem. É importante ressaltar que, a partir da leitura e interpretação do aluno, outros aspectos do gênero podem ser percebidos e acrescentados.

A seguir, temos a sugestão 1, *Crônica Nova*, de Jejrson Sartori.

## Sugestão 1 - Crônica Nova

Figura 1 – Sugestão de atividade – Crônica Nova

A verdade é que não fazemos justiça a nossos mais profundos anseios. Se fizéssemos, poríamos nossas crônicas em envelopes, selaríamos e enviariamos.

Talvez ninguém queira ler, mas a crônica já está pronta com todos os pingos nos "is", vírgulas e pontos na mente de quem a escreverá. E em cada vírgula há uma pausa para sofrer com uma boa lembrança, e em cada ponto há a esperança para a retomada de um novo tempo, digo, novo assunto. Será escrita, o assunto transborda-lhe pelos poros em forma de suor quando caminha nesses dias escaldantes. Seu corpo transborda verbos, artigos, substantivos, adjetivos (muitos destes são contidos em seu interior a duras penas do bom senso), e muitas outras palavras alinhando-se em orações coordenadas, ou subordinadas, ou dirigidas a Deus.

Voltando ao transbordar, ao escritor será permitido fazê-lo pela caneta. Ao final, sua alma estará leve e fresca como um corpo recém lavado. O que motiva a crônica caberia numa carta; e não, ninguém perceberia a diferença, a não ser pelo não endereçamento a alguém de maneira explícita. Mas há sempre um nome, está nas entrelinhas. Só é preciso saber ler.

Rubem Braga, nosso mais expressivo cronista, afirmou que a crônica "é o imprudente ofício de viver em voz alta". Sim Rubem, escondemos, escondemos, e escondemos com tanto cuidado para que num momento de relapso intencional e bem planejado, expomos nossa alma nua, a saber, o que sentimos – seja bom ou ruim -, enquanto o leitor apenas lê, faz o juízo que lhe apetece, vira o rosto e despreza a crônica, o cronista e seus anseios.

Nisso fazem muito bem, afinal, se o que leem não lhes interessa em nada, e não podemos devolver o tempo desperdiçado em linhas tolas de palavras frívolas, cabe-nos apenas um lamento, um duplo lamento, por vosso tempo e por nossa má sorte. Aliás, três lamentos, este último, é de quem realmente gostaríamos quem lesse. E não a lerá. A verdade é que não fazemos justiça a nossos mais profundos anseios. Se fizéssemos, poríamos nossas crônicas em envelopes, selaríamos e enviariamos.

Toda crônica é uma carta que gostaria de ter sido entregue.

Fonte: Sartori (2017)

De acordo com a crônica, as características do gênero são, entre outras, não ser uma carta, poder surgir de uma lembrança, a partir do que se escreve deseja-se algo melhor, um novo assunto e é no dia a dia, enquanto caminha-se, que se encontram assuntos que merecem ser crônicas.

Na crônica, a interpretação vai além das palavras. Enquanto o cronista escreve, vai "lavando" sua alma, transferindo suas emoções pelas palavras, tendo em vista que esse gênero é um texto relativamente curto, caberia em uma carta, sempre é feito para alguém, não de modo explícito, tem sempre um público alvo (há sempre um nome, está nas entrelinhas. Só é preciso saber ler).

O cronista expõe sua alma, seus sentimentos, ainda que nem sempre a crônica seja entendida em toda a sua amplitude, em todas as entrelinhas, o implícito. No momento em que a crônica não atinge o que se planeja, a finalidade, terá sido uma perda de tempo, tanto para o autor, quanto para o leitor. Afinal, o cronista fala com o leitor e se a crônica não for lida pelo público-alvo pré-determinado é uma carta que não chegou ao destinatário.



Sugestão 2, crônica *O exercício da crônica*,  
de Vinicius de Moraes.

**Sugestão 2 - O  
exercício da  
crônica**

Figura 2 – Sugestão de atividade – O exercício da crônica

Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, acende um cigarro, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado.

Alguns fazem-no de maneira simples e direta, sem caprichar demais no estilo, mas enfeitando-o aqui e ali desses pequenos achados que são a sua marca registrada e constituem um tópico infalível nas conversas do alheio naquela noite. Outros, de modo lento e elaborado, que o leitor deixa para mais tarde como um convite ao sono: a estes se lê como quem mastiga com prazer grandes bolas de chicletes. Outros, ainda, e constituem a maioria, "tacam peito" na máquina e cumprem o dever cotidiano da crônica com uma espécie de desespero, numa atitude ou-vai-ou-racha. Há os eufóricos, cuja prosa procura sempre infundir vida e alegria em seus leitores e há os tristes, que escrevem com o fito exclusivo de desanimar o gentio não só quanto à vida, como quanto à condição humana e às razões de viver. Há também os modestos, que ocultam cuidadosamente a própria personalidade atrás do que dizem e, em contrapartida, os vaidosos, que castigam no pronome na primeira pessoa e colocam-se geralmente como a personagem principal de todas as situações. Como se diz que é preciso um pouco de tudo para fazer um mundo, todos estes "marginais da imprensa", por assim dizer, têm o seu papel a cumprir. Uns afagam vaidades, outros, as espicaçam; este é lido por puro deleite, aquele por puro vício. Mas uma coisa é certa: o público não dispensa a crônica, e o cronista afirma-se cada vez mais como o cafezinho quente seguido de um bom cigarro, que tanto prazer dão depois que se come.

Coloque-se porém o leitor, o ingrato leitor, no papel do cronista. Dias há em que, positivamente, a crônica "não baixa". O cronista levanta-se, senta-se, lava as mãos, levanta-se de novo, chega à janela, dá uma telefonada a um amigo, põe um disco na vitrola, relê crônicas passadas em busca de inspiração - e nada. Ele sabe que o tempo está correndo, que a sua página tem uma hora certa para fechar, que os linotipistas o estão esperando com impaciência, que o diretor do jornal está provavelmente coçando a cabeça e dizendo a seus auxiliares: "É... não há nada a fazer com Fulano..." Aí então é que, se ele é cronista mesmo, ele se pega pela gola e diz: "Vamos, escreve, ó mascarado! Escreve uma crônica sobre esta cadeira que está aí em tua frente! E que ela seja bem-feita e divirta os leitores!" E o negócio sai de qualquer maneira.

O ideal para um cronista é ter sempre uma ou duas crônicas adiantadas. Mas eu conheço muito poucos que o façam. Alguns tentam, quando começam, no afã de dar uma boa impressão ao diretor e ao secretário do jornal. Mas se ele é um verdadeiro cronista, um cronista que se preza, ao fim de duas semanas estará gastando a metade do seu ordenado em mandar sua crônica de táxi - e a verdade é que, em sua inocente maldade, tem um certo prazer em imaginar o suspiro de alívio e a correria que ela causa, quando, tal uma filha desaparecida, chega de volta à casa paterna.

Fonte: Moraes (1962)

Ao analisar a crônica, as especificidades encontradas foram: Escrever crônica é desafiador, parece uma conversa fiada. Nas crônicas as histórias não são inventadas, partem da realidade. O cronista não cria as situações e as personagens, fala do cotidiano de modo sério, busca nos noticiários assuntos para dar uma nova visão, outro ponto de vista.

As crônicas surgem de repente, provinda dos fatos e feitos da vida dos cronistas, emocionalmente despertados pela concentração, surgem da “falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado”. O assunto infalível para a crônica pode surgir a partir da escuta de conversas, algumas causam vida e alegria em seus leitores, ou ainda tristeza, não só quanto à vida, como quanto à condição humana e às razões de viver.

Cada cronista tem sua característica, seu estilo, de escrita e pode revelar cuidadosamente sua personalidade. Ele pode optar por escrever em primeira pessoa, ou ser o personagem principal de todas as situações.

Nem sempre é fácil achar inspiração para o assunto da crônica, visto que são publicadas diariamente em jornais e precisam ser criativas para divertir os leitores. Ao serem concluídas passam pelos linotipistas, quem opera as máquinas de textos destinados à impressão e causa grande alívio no cronista quando ficam prontas para serem publicadas, tal uma filha desaparecida, chega de volta à casa paterna.

Após o estudo feito pelos alunos, possivelmente, os itens mencionados serão modificados e ampliados.

Sugestão 3, *A metalinguagem da crônica*,  
de Aline Andrade.

**Sugestão 3 –  
A metalinguagem da  
crônica**

Figura 3 – Sugestão de atividade – A metalinguagem da crônica

Eu passo da empolgação hilariante à melancólica frustração. No silêncio da madrugada, é assim que me sinto perante a caneta e o papel. Já risquei frases inteiras, palavras, devo ter derrubado inúmeras árvores de tanto papel que já arranquei e nada interessante surge. Ou melhor, nada que poderia fazer com que você, leitor, gastasse uns dois minutinhos com as palavras desta singela cronista. Tudo parece está estagnado na minha mente como uma criança que não quer compartilhar seu único chocolate.

Diante de tantas possibilidades a indecisão toma conta de mim, afinal, tudo pode virar crônica: uma pelada no fim da tarde, os barcos que vêm e vão nas águas turvas do rio, uma rodada de cerveja numa mesa de bar, uma discussão entre namorados, o pôr do sol, o carinho de mãe...A vida é uma imensa crônica!

Mas ter essa imensidão de possibilidades não é o suficiente. A crônica exige mais, ela requer um olhar sensível e atento sobre o dia a dia, porque ser cronista é ver o mundo de outra forma, vai além da escrita. Por isso se enxerga o que a maioria não percebe. Falo isso porque ela é descompromissada, o cronista escreve porque gosta, se sente bem e suas palavras apenas fluem. Pode-se escrever sem tema, sem intenção, apenas com a emoção.

A crônica liberta, desperta o olhar para um mundo diferente, faz cintilar a pupila de quem ler e pulsar o coração de quem escreve. Ela tem mil e uma facetas, jeitos, trejeitos e não exige a inspiração dos grandes poetas. É por isso que encontro na metalinguagem minha válvula de escape para falar daquilo que circundava minha mente, mas não saía dela.

Fonte: Andrade (2019)

Os aspectos encontrados na crônica que abordam as características do gênero foram: o cronista pensa sempre no leitor, escreve para ele, compartilha o que tem de melhor em sua mente, todos os assuntos podem servir para se tornar uma crônica “uma pelada no fim da tarde, os barcos que vêm e vão nas águas turvas do rio, uma rodada de cerveja numa mesa de bar, uma discussão entre namorados, o pôr do sol, o carinho de mãe...A vida é uma imensa crônica!”.

“A crônica exige um olhar sensível e atento sobre o dia a dia, porque ser cronista é ver o mundo de outra forma, ir além da escrita, enxergar o que a maioria não percebe”. Elas, para serem escritas, não têm regras rígidas, podem ser de qualquer tema ou da ausência de tema, “tem mil e uma facetas, jeitos, trejeitos e não exige a inspiração dos grandes poetas”. O cronista escreve porque gosta, se sente bem e suas palavras apenas fluem, sua missão é passar emoção ao leitor. Dentre essas particularidades elencadas pela professora-pesquisadora, outras podem ser percebidas pelo aluno.

Sugestão 4, crônica *Ciao: A última crônica*, de Carlos Drummond de Andrade.

#### Sugestão 4 – Ciao: A última crônica

Figura 4 – Sugestão de atividade – Ciao: A última crônica

[...] Crônica tem esta vantagem: não obriga ao paletó e gravata do editorialista, forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não exige de quem o faz o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece; dispensa a especialização suada em economia, esporte, política nacional e internacional, religião e o mais que imaginar se possa. Sei bem que existem o cronista político, o esportivo, o religioso, o econômico, etc., mas a crônica de que estou falando é aquela que não precisa entender de nada ao falar de tudo. Não se exige do cronista geral a informação ou o comentário preciso que cobramos dos outros. O que lhe pedimos é uma espécie de loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial, e desperte em nós a inclinação para o jogo da fantasia, o absurdo e a variação do espírito. Claro que ele deve ser um cara confiável, ainda na divagação. Não se compreende, ou não compreendo, cronista faccioso, que sirva a interesse pessoal, ou de grupo, porque a crônica é território livre da imaginação, empenhada em circular entre os acontecimentos do dia, sem procurar influir neles. Fazer mais do que isso seria pretensão descabida de sua parte. Ele sabe que seu prazo de atuação é limitado: minutos no café da manhã ou à espera do coletivo.

Fonte: Andrade (2019)

Esta crônica, por meio da metalinguagem, afirma que este gênero foi escrito primeiramente para jornais, pode ser sobre qualquer assunto: cinema, literatura, vida urbana, moral, coisas deste mundo e de qualquer outro possível, com ou sem assunto se produz crônicas, pode, inclusive, ser sobre o próprio cronista, afinal existe crônica que fala de política, esporte, religião, economia etc.



A crônica pode comover ou distrair, além de poder ser irônica, não precisa ser formal (linguagem), não tem tanta pressa como a notícia, não precisa falar apenas de determinados assuntos, qualquer assunto serve. Deve ser feita para ser lida rapidamente, ser curta, conversar com o leitor.

Para ser um cronista não é preciso ter conhecimento profundo sobre o assunto escolhido para a crônica, basta transmitir, com calma e detalhes, outro ponto de vista sobre um fato, não de forma rigorosa, nem banal, mas de reflexão. Deve demonstrar seriedade sobre o assunto, falar de assuntos do dia a dia sem influenciar neles. Esses aspectos, pela ótica do aluno, podem ser modificados.

A sugestão 5, *Metalinguagem*, de Nancy Nogueira:

**Sugestão 5 –  
Metalinguagem**

Figura 5 – Sugestão de atividade – Metalinguagem

Escrever crônicas é como contar um causo. Lembra-se de uma história contada por alguém, presta-se atenção a figuras interessantes na rua, sem querer, é claro, mera observação. Vivenciam-se fatos interessantes e coloca-se tudo no papel.

E os pedidos? Eles chovem! As pessoas, quando sabem que escrevo crônicas, me contam acontecimentos que acham engraçados e pedem para eu escrever e mandar-lhes o texto. Elas me cobram, como se fosse uma mercadoria de pronta entrega, um produto de manufatura que se escolhe o material a ser usado, junta-se tudo e está pronto!

Outro dia, pediram-me que colocasse no papel um fato que aconteceu com uma amiga, ela ficou presa do lado de fora de sua casa só de calcinha e sutiã. Eu disse que essa já existia, Sabino iria achar ruim comigo, e eu não seria nada original. Mas não é engraçado? Ela disse. É, mas...

Às vezes é difícil explicar que crônica não foi feita só para coisas engraçadas, podemos escrever sobre tudo do mundo, do dia-a-dia, de memórias, reflexões, tudo!

Escrever crônicas é sedutor. Começa-se e não se quer mais parar. Palavra puxa palavra. Várias vezes me emociono escrevendo. Gosto de pôr no papel, mesmo sabendo que ela pode não ser lida por ninguém.

Quando eu era adolescente, escrevia diários, agora que os anos me trouxeram experiências de vida, escrevo crônicas.

Fonte: Nogueira (2019)

Após a leitura e análise do texto, foi possível observar que o gênero crônica tem como características ser parecido com contar uma história, pode ser feito a partir de fatos interessantes do dia a dia, não pode ser escrito, simplesmente, para atender a um pedido, pois não é uma mercadoria, é a vivência do fato que torna possível escrevê-lo.

As crônicas não precisam necessariamente ser só humorísticas, “pode-se escrever sobre tudo do mundo, do dia-a-dia, de memórias, reflexões, tudo!”. Por isso, escrever crônica é viciante, emocionante, ainda que se saiba que ela pode não ser lida por ninguém, é falar do dia a dia, como um diário. Essas constatações elencadas podem sofrer alterações por parte do aluno.

Sugestão 6, *A visão dos cronistas*, de Gabriel Bocorny Guidott.

**Sugestão 6 –  
A visão dos  
cronistas**

Figura 6 – Sugestão de atividade – *A visão dos cronistas*

“Procura-se um cronista”, li em um jornal rasgado qualquer. O papel estava deteriorado, mas o título era legível. Como veio parar ali? Jamais saberei. O que sei é que nada sei, sem ser filosófico. Procuram um cronista. Procuram alguém para fazer Robin suplantando o Batman e que isso faça sentido. O que desejam é um torcedor do Brasil e da Argentina que ame as duas seleções incondicionalmente. Uma arte da conversação maluca e aberta a amizades, portanto.

O cronista nunca se prende apenas ao seu próprio estilo. Adere a outros. Suas opiniões são mascaradas e movem uma catarse para serem compreendidas. Convenhamos, em tempos de necessidade desumana pelo pragmatismo, uma quebra com o protocolo vem como um alento, fazendo as pessoas rir entre tragédias e gostar de coisas que jamais teriam imaginado.

Mesmo que não faça sentido em um primeiro momento, o texto prevalecerá como um mosquito insistente no escuro, com seus barulhinhos de asas aterrorizando nossos ouvidos. Essa é a função da palavra: indagar, criar a dúvida, amolar para desenvolver pensamentos. Se o cronista fornecesse uma ideia de cara, que graça haveria? Tudo que é dado não tem o valor daquilo que é conquistado.

O cronista deve desafiar a mente de seus leitores. Não é uma tarefa fácil e requer muita habilidade na produção dos sinais que serão enviados. Mas com muito trabalho e leitura fica fácil. Você consegue, quem sabe, escrever um grande texto – não um texto grande – em minutos. Os conceitos e as prosas vão saindo tão facilmente que você nota: nasceu para fazer aquilo. Ninguém pode lhe tirar isso. Nunca.

Portanto, procuram-se cronistas. O espaço para divagar entre humor e solilóquios de razão está cada vez menor para que loucos do amanhã escrevam balbúrdias do passado. Desperte o tino misterioso e divertido que há em você. Escreva sobre a morte falando da vida. Beba uma cerveja pesada afirmando que ela é fraca como água. Saia do marasmo, pois o mundo é colorido e cheio de oportunidades. Definitivamente, procuram-se cronistas.

Fonte: Guidotti (2019)

Por meio da metalinguagem foi possível inferir que crônicas são publicadas, geralmente, em jornais, é algo tido como inferior, mas possui muita grandeza, fala de qualquer assunto, numa arte da conversação maluca e aberta a amizades.

O cronista mascara suas opiniões e move uma catarse (libertação psíquica que o ser humano vivencia quando consegue superar algum trauma como medo, opressão ou outra perturbação psíquica) para serem compreendidos, quebra o protocolo, vem como um alento, faz as pessoas rirem entre tragédias e gostar de coisas que jamais teriam imaginado, demonstra que tem algo a mais naquele fato, “como um mosquito insistente no escuro, com seus barulhinhos de asas aterrorizando nossos ouvidos”.

As crônicas têm a função de indagar, criar a dúvida, amolar para desenvolver pensamentos, não deixar explícita sua reflexão, usar as entrelinhas, ser um desafio para os leitores, por isso escrevê-la não é tarefa fácil, requer muita habilidade na produção dos sinais que serão enviados, devido ao fato de serem textos curtos com grande reflexão e espaço para divagar entre humor e monólogos de razão. Essas características são apontamentos ainda não concluídos, o aluno pode verificar outras.



Sugestão 7, *O frívolo cronista*, de Carlos Drummond de Andrade.

**Sugestão 7 –  
O frívolo cronista**

Figura 7 – Sugestão de atividade – *O frívolo cronista*

Um leitor de Mato Grosso do Norte (sic) escreve deplorando a frivolidade que é marca registrada desta coluna. Hoje não estou para brincadeira, e retruco-lhe nada menos que com a palavra de um sábio antigo, reproduzida por Goethe em *Italianische Reisen*. Vai o título em alemão, para maior força do enunciado. Os que não sabemos alemão temos o maior respeito por essa língua. A frase é esta, em português trivial: "Quem não se sentir com tutano suficiente para o necessário e útil, que se reserve em boa hora para o desnecessário e inútil". É o que faço, respaldado pela sentença de um mestre, endossada por outro.

E vou mais longe. O inútil tem sua forma particular de utilidade. É a pausa, o descanso, o refrigério, no desmedido afã de racionalizar todos os atos de nossa vida (e a do próximo) sob o critério exclusivo de eficiência, produtividade, rentabilidade e tal e coisa. Tão compensatória é essa pausa que o inútil acaba por se tornar da maior utilidade, exagero que não hesito em combater, como nocivo ao equilíbrio moral. Não devemos cultivar o ócio ou a frivolidade como valores utilitários de contrapeso, mas pelo simples e puro deleite de fruí-los também como expressões de vida.

No caso mínimo da crônica, o auto-reconhecimento da minha ineficácia social de cronista deixa-me perfeitamente tranquilo. O jornal não me chamou para esclarecer problemas, orientar leitores, advertir governantes, pressionar o Poder Legislativo, ditar normas aos senhores do mundo. O jornal sabia-me incompetente para o desempenho destas altas missões. Contratou-me, e não vejo erro nisto, por minha incompetência e desembaraço em exercê-la.

De fato, tenho certa prática em frivoleiras matutinas, a serem consumidas com o primeiro café. Este café costuma ser amargo, pois sobre ele desabam todas as aflições do mundo, em 54 páginas ou mais. É preciso que no meio dessa catadupa de desastres venha de roldão alguma coisa insignificante em si, mas que adquira significado pelo contraste com a monstruosidade dos desastres. Pode ser um pé de chinelo, uma pétala de flor, duas conchinhas da praia, o salto de um gafanhoto, uma caricatura, o rebolado da corista, o assobio do rapaz da lavanderia. Pode ser um verso, que não seja épico; uma citação literária, isenta de pedantismo ou fingindo de pedante, mas brincando com a erudição; uma receita de doce incomível, em que figurem cantables de Haydn misturados com aletria e orvalho da floresta da Tijuca. Pode ser tanta coisa! Sem dosagem certa. Nunca porém em doses cavalares. Respeitemos e amemos esse nobre animal, evitando o excesso de graça. Até a frivolidade carece ter medida, linha sutil que medeia entre o sorriso e o tédio pelo excesso de tintas ou pela repetição do efeito.

Não pretendo fazer aqui a apologia do cronista, em proveito próprio. Reivindico apenas o seu direito ao espaço descompromissado, onde o jogo não visa ao triunfo, à reputação, à medalha; o jogo esgota-se em si, para recomeçar no dia seguinte, sem obrigação de seqüência. A informação apurada, correta, a análise de fenômenos sociais, a avaliação crítica, tarefas essenciais do jornal digno deste nome, não invalidam a presença de um canto de página que tem alguma coisa de ilha visitável, sem acomodações de residência. Como você tem em sua casa um cômodo ou parte de cômodo, ou simplesmente gaveta, ou menos ainda, caixa de plástico ou papelão, onde guarda pequeninas coisas sem utilidade aparente, mas em que os dedos e os olhos gostam de reparar de vez em quando: os nadas de uma existência atulhada de objetos imprescindíveis e, ao cabo, indiferentes, quando não fatigantes.

Meu leitor (ou ex-leitor) mato-grossense-do-norte (sic), não me queira mal porque não alimento a sua fome de conceitos graves, eu que me cansei de gravidade, espontânea ou imposta, e pratico o meu número sem pretensão de contribuir para o restauro do mundo. O sábio citado por Goethe me justifica, absolve e até premia. Eu disse no começo que não estou para brincadeira? Mentira; foi outra frivolidade.

Fonte: Andrade (2019)

A partir da leitura, foi possível elencar as seguintes características do gênero crônica: não é futilidade, é uma leitura que para ser entendida precisa ler as entrelinhas, é útil para a pausa, o descanso, o refrigerante, pensar na vida, nossa e do outro, na pausa, supostamente inútil, torna-se de grande utilidade, é a desocupação ou a futilidade com valores utilitários, expressão de vida.

O cronista se sente impotente diante da sociedade, mas se acalma ao escrever, não para esclarecer problemas, orientar leitores, advertir governantes, pressionar o Poder Legislativo, ditar normas aos senhores do mundo, mas para falar com o leitor. Escreve ciente que não salvará o mundo com suas reflexões, apresenta uma fala séria, esconde crítica e humor.

As crônicas, lidas de forma rápida, durante o café, entre todas as aflições do mundo, no jornal, no meio de uma cachoeira de desastres, elas vêm mudando a direção, adquirindo significado pelo contraste com a monstruosidade dos desastres.

Qualquer assunto pode servir para crônica: um pé de chinelo, uma pétala de flor, duas conchinhas da praia, o salto de um gafanhoto, uma caricatura, o rebolado da corista, o assobio do rapaz da lavanderia etc., “pode ser tanta coisa! Sem dosagem certa. Nunca porém em doses exageradas”. Deve ser evitado o excesso de graça. “Até a futilidade precisa ter medida, linha sutil que medeia entre o sorriso e o tédio pelo excesso de linhas ou pela repetição do efeito”.

Geralmente, as crônicas têm pouca duração, logo ficam esquecidas. Por isso, no jornal, ocupam um espaço descompromissado, não quer ser destaque, ganhar medalhas, quer cumprir sua função, não precisam ter sequência. Cumprem função de analisar os fenômenos sociais, criticar, fazer valer sua presença em um jornal, ainda que não seja em lugar de destaque. É a utilidade, do que parece ser inútil. Essas foram as características inicialmente observadas pela professora, porém após os alunos se apropriarem do conteúdo, eles poderão fazer outros apontamentos.

## **SEGUNDO MOMENTO - Crônicas e mapa conceitual (6h)**

Este momento foi planejado em duas atividades. A primeira tem o objetivo de: (a) Desenvolver a autonomia na busca por textos de cronistas da região; (b) Observar os diferentes suportes (jornal – impresso ou digital -, livro, *Facebook*, *blog* etc.) do gênero; (c) Perceber as diferentes temáticas que são abordadas no gênero.

A segunda tem o objetivo de: (a) Conceituar de forma resumida as características do gênero; (b) Dar uma visão subjetiva ao conteúdo aprendido; (c) Possibilitar o trabalho em coletividade; (d) Elaborar, em grupo, um mapa conceitual.

### Atividade 1- Conhecer as peculiaridades das crônicas e dos cronistas

Nessa ocasião, o professor deve explicar os objetivos da atividade, pedir aos alunos para se juntarem em grupo, terem em mãos a lista elaborada no momento anterior e iniciar a pesquisa com foco nos autores regionais. Ela pode ser realizada em computadores da escola, *notebook*, celulares pessoais, livros físicos ou outros materiais disponibilizados pelo professor.

Cabe ao docente, previamente, saber se há cronistas locais e se há publicações nos jornais impressos. Caso haja, levar vários exemplares para a escola a fim de ampliar o acervo da pesquisa. Outra possibilidade é convidar autores locais para explanar sobre o gênero e suas peculiaridades.

Durante a pesquisa, o aluno deve observar os itens que ele já possui na lista e outros expostos a seguir:

Quadro 3 – Minha pesquisa

Item	Característica	Descrição
1	Autor:	Nome e cidade onde mora.
2	Tema:	Qual o assunto da crônica?
3	Veículo em que foi publicada:	Livro, revista, jornal impresso ou digital, <i>Facebook</i> , <i>Blog etc.</i>
4	Tipo de leitor pretendido:	Algum público específico ou geral?
5	O tom da escrita:	Humor, ironia, poesia, crítica, etc.
6	Função social:	Causa reflexão no leitor? Qual?
7	Inspiração para a escrita:	Qual fato do cotidiano inspirou o cronista?
8	Modo de escrita do texto	O texto é em forma de diálogo ou narrativa?
9	Formalidade da linguagem:	A escrita é mais formal ou menos formal?
10	Enredo:	É um acontecimento, um episódio banal do dia a dia? Qual?

Fonte: Dados da pesquisa

Ao término da pesquisa/ou conversa com autores, a lista das características pode ser ampliada.

### Atividade 2 – Construir um mapa conceitual

Nesta atividade, dividida em duas etapas, deve acontecer a elaboração de um mapa conceitual coletivo e outro em grupo. O docente, antes do processo de

feitura da atividade, deve saber se os alunos já possuem esse conhecimento. Ainda que não seja o primeiro contato deles com essa estrutura gráfica, que ajuda a organizar conceitos, é essencial oportunizá-los a relembrar ou apropriar-se desse novo aprendizado.

**1ª etapa:** Para este momento, pode ser utilizada uma videoaula de elaboração de mapas conceituais. Uma sugestão é a exibição do vídeo: Como fazer um mapa conceitual<sup>10</sup>. Após a apresentação, o professor complementa a explicação, tira as possíveis dúvidas e solicita aos alunos a elaboração, coletiva, de um mapa conceitual de crônica. A lousa pode ser o suporte para fixar as características do gênero crônica. Cada grupo pode elencar dois aspectos diferentes e interligá-los ao mapa conceitual. O docente dá o suporte necessário para a construção desse conhecimento. As listas preenchidas nas atividades anteriores podem servir de fonte de pesquisa para os alunos.

**2ª etapa:** Ao terminar de construir um mapa conceitual de forma coletiva, o aluno, possivelmente, estará mais bem preparado para a execução da próxima atividade, que consiste na elaboração de outro mapa conceitual, dessa vez, em grupo, de até cinco integrantes, pesquisando as características elencadas anteriormente e usando a lousa como fonte de pesquisa.

Os mapas devem ser apresentados, preferencialmente, em cartazes e posteriormente fixados em sala de aula. Assim que todos os grupos concluírem a execução da tarefa, o professor solicita que algum representante, ou todos os integrantes, como preferirem, expliquem o entendimento do grupo para caracterizar o gênero crônica. Dessa forma haverá uma troca de conhecimentos e, possivelmente, maior fixação de aprendizagem, já que nenhum mapa será igual ao outro.

### **TERCEIRO MOMENTO - A aquarela da diversidade das falas**

Este momento foi realizado em uma atividade com duas etapas. O objetivo é de: (a) Apresentar crônicas regionais; (b) Distinguir as marcas da oralidade que se encontram nas crônicas; (c) Inferir o efeito de sentido atribuído pelo cronista às marcas da oralidade, a partir do processo interacionista; (d) Observar a importância do processo de interação na produção de sentido das marcas da oralidade; (e) Perceber que as crônicas surgem de qualquer assunto do cotidiano.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://youtu.be/F54SWctP7-E>. Acesso em: 08 ago. 2019.

## Atividade 1 – Colorir as falas do dia a dia

O terceiro momento deve ser um reencontro dos alunos com algumas crônicas da pesquisa efetivada no segundo momento, (Anexo A). O professor, que teve acesso às anotações dos alunos, leva para a aula, preferencialmente em cópias, no máximo quatro crônicas, que eles leram e que evidenciam o uso das marcas da oralidade.

**1ª etapa:** No momento de aplicar a atividade, o professor convida os alunos a se organizarem em grupo, de até cinco integrantes, e ler a crônica recebida. Após a primeira leitura, eles devem receber lápis de cor, giz de cera, ou marcadores de textos, para pintar as expressões que lhes são comuns na fala do dia a dia. Em seguida, deve levantar hipóteses, por escrito, sobre o efeito de sentido que essas marcas da oralidade apresentam dentro do texto, relacionadas aos seus interlocutores dentro do contexto. Ao docente, compete deixá-los agir de forma autônoma, apenas esclarecer as dúvidas que lhe forem mencionadas.

Além das hipóteses sobre as marcas da oralidade, os alunos deverão preencher um questionário, para maiores detalhes, sobre a crônica lida. As perguntas elencadas são apresentadas no Quadro 4, a seguir:

Quadro 4 – Detalhes sobre a crônica lida

1. Qual fato do cotidiano inspirou o cronista?
2. Esse fato é muito improvável de acontecer? Por quê?
3. Quem são as personagens envolvidas na crônica?
4. Os interlocutores da crônica permitem uma linguagem mais próxima da que utilizamos quando estamos em um momento de descontração? Por quê?

Fonte: Dados da pesquisa

Concluída a primeira parte da atividade, a crônica, juntamente com as suposições levantadas, deve ser passada a outro grupo e realizada a mesma tarefa com o texto recebido. Será feito dessa forma até que todos tenham feito suas contribuições e esteja com a crônica inicial.

**2ª etapa:** Apresentar de forma ampliada os textos que circularam entre os alunos, um a um, seja em cartaz, manuscrito ou, preferencialmente, projetado no quadro, para fazer as explanações, com a colaboração dos alunos, sobre quais são as marcas da oralidade e quais os seus efeitos de sentido.



Essa atividade deve ser feita de forma minuciosa, instigando os alunos a participarem, lerem as hipóteses levantadas e argumentarem sobre suas suposições. À medida que o professor constrói os andaimes para que neguem/ou comprovem os efeitos de sentido apontados, eles devem rever suas anotações completando o Quadro 5, a seguir.

Quadro 5 – A aquarela da diversidade das falas

<b>Efeito de sentido das marcas da oralidade</b>		
<u>Marcas da oralidade</u>	<u>Antes das explicações</u>	<u>Após as explicações</u>
*acrescentar linhas, se necessário		

Fonte: Dados da pesquisa

## **QUARTO MOMENTO - Notícia: Crônica e Marcas da oralidade (6h)**

Este momento foi planejado em duas atividades. A primeira tem o objetivo de: (a) Constatar a subjetividade do narrador; (b) Detectar as diferenças entre os gêneros notícia e crônica (objetividade, formalidade da linguagem, foco narrativo etc.); (c) Compreender o humor do texto aliado à reflexão; (d) Notar a importância de um título atrativo; A segunda de: (a) Localizar as marcas da oralidade; (b) Associar marcas da oralidade aos seus efeitos de sentido; (c) Compreender o efeito de sentido das marcas da oralidade.

### **Atividade 1 – A metamorfose da notícia**

Nesta etapa, o professor deve falar sobre a origem da palavra crônica, as primeiras produções em forma de comentários pessoais, sobre uma ou outra notícia do dia e o veículo de publicação, ressaltar a diversidade das temáticas dos jornais, daí as características das crônicas, porém não deixar de esclarecer que a ela incorporam-se outros assuntos não noticiados.

Para prosseguir, a sugestão é o docente, de forma ampliada, seja projetado, transcrito, em cartaz, banner etc., utilizar os textos (ANEXO B), do livro didático de

Cereja e Cochar, Português Linguagens, 8º ano, 2015, páginas 103 e 104<sup>11</sup>, para realizar a leitura da notícia e, posteriormente, da crônica de Moacyr Scliar elaborada a partir dessa notícia de jornal.

Após estas duas contemplações de leitura o professor deve fazer, juntamente com os alunos, uma exploração de modo detalhado acerca das diferenças dos gêneros, objetividade, impessoalidade e foco narrativo, além de chamar a atenção para o título, o quão atraente pode ser. Em seguida, argumentar a respeito do assunto da notícia, algo que passaria despercebido pela maioria das pessoas foi enaltecido pela escrita de um cronista, tornou-se um texto humorístico, com função de agradar, divertir o leitor, mas não deixou de ser romântico, ainda que seja o som de um carro.

## **Atividade 2 – Varal das marcas da oralidade**

Ao pensar na linguagem como um guarda-roupa, cada peça é adequada a uma situação, a um contexto, o docente prepara um varal, sozinho ou com a colaboração dos alunos, com vários moldes, duplos, de peças de roupa, recortados a partir de folhas de jornal. Essas peças devem funcionar como uma espécie de bolsa, as extremidades dos moldes duplos devem ser coladas, restando apenas uma pequena abertura no topo das peças. Em forma de uma grande etiqueta, devem ser fixadas as características das marcas da oralidade possíveis de se encontrar no texto.

Com o varal já instalado, os alunos, em grupo, recebem cartões com os efeitos de sentido e buscam, no texto, preferencialmente, oferecido em cópias aos alunos, exemplos que correspondam às características das marcas da oralidade. Assim que encontrar, transcrevem no cartão recebido e depositam na peça de roupa com a etiqueta que julgar adequada. Em outras palavras, na peça de roupa está fixada a etiqueta “metalinguagem”, o grupo recebe o cartão escrito “facilita a leitura”, sua missão é encontrar um trecho do texto em que isso acontece, um exemplo: o homem ia medindo rua, estava bêbado.

Depois que todos utilizarem os cartões, o docente, com a ajuda dos alunos, retira-os das peças de roupas e, sem apontar autores das respostas, questiona os

<sup>11</sup> Essas leituras fazem parte das contempladas para o bimestre, no livro didático que a turma utiliza.

alunos sobre a adequação da associação realizada entre as características das marcas da oralidade, os exemplos do texto e a atribuição dos efeitos de sentido. Vale ressaltar que, por ser um momento no qual o aluno é o protagonista da sua aprendizagem, é de extrema importância que o professor utilize esta situação para avaliar a assimilação do conteúdo, de forma qualitativa.

O intento desta atividade é contemplar os itens expostos no Quadro 6, a seguir:

Quadro 6 – A roupa adequada à ocasião

<b>Marcas da oralidade</b> (nome fixado nas roupas)	<b>Efeitos</b> (cartão recebido pelo aluno)	<b>Exemplos do texto</b> (o aluno deve encontrar no texto)
<b>Aproximar o interlocutor</b>	Favorece o envolvimento entre os participantes da comunicação.	“MINHA QUERIDA DONA”, primeiro enunciado do texto, letras maiúsculas.
<b>Metalinguagem</b>	Facilita a leitura.	“objetos inanimados, sem vida própria”, 1º parágrafo.
<b>Repetições do pronome de tratamento você</b>	Dá ao leitor a ilusão de uma realidade oral e de um desabafo do rádio.	“você”, utilizado vinte e três vezes no decorrer do texto, sendo 3 no primeiro parágrafo, 2 no segundo, 5 no terceiro, 2 no quarto, 4 no quinto, 3 no sétimo, 3 no oitavo e 1 no último;
<b>Repetições de frases</b>	Enfatiza a opinião do narrador-personagem.	“você está enganada”, duas vezes, 2º parágrafo.
<b>Redundância</b>	Têm a finalidade de reforçar o sentimento do narrador.	“minha própria existência”, 2º parágrafo.
<b>Pronome oblíquo</b>	Traz leveza ao diálogo, é típico da oralidade.	“você me acariciou”, 3º parágrafo.
<b>Palavra repetida no diminutivo</b>	Dentro dessa crônica, declara um aspecto negativo, revolta por não fazer parte dessa vidinha.	“vidinha”, utilizada duas vezes no 5º parágrafo, sendo na segunda seguido de “partilhada. Amigas embarcavam em seu carro. Amigos também”.
<b>Informalidade</b>	Linguagem utilizada em situações informais e corriqueiras	“Lá pelas tantas”, 5º parágrafo.
<b>Opinião</b>	Busca envolver o interlocutor, exibe supostos pensamentos.	“você não pode imaginar o sofrimento que isto me causa”, 1º parágrafo. “mesmo porque você provavelmente acha que rádio são objetos inanimados, sem vida própria”, 1º parágrafo. “tudo isso por causa do sofrimento que você me causou”, 8º parágrafo.
<b>Envolver o leitor</b>	Convida o leitor para a narrativa, pede opinião.	“Agora: o que poderia eu fazer?”, 6º parágrafo.
<b>Repetição da palavra rádio</b>	Exibir o “eu”, a valorização e a constatação da insignificância.	“rádio”, utilizada três vezes, 6º parágrafo.
<b>Repetições de palavras</b>	Enfatizar características do narrador-personagem.	“ciúmes”, três vezes, 5º parágrafo. “volume”, duas vezes, 7º parágrafo. “silêncio”, duas vezes, 7º parágrafo.
<b>Repetição do pronome pessoal “eu”</b>	Demonstrar a subjetividade do rádio.	“eu”, utilizado três vezes, 7º parágrafo.

Continua.



Quadro 6 – A roupa adequada à ocasião

Continuação.

<b>Marcas da oralidade</b> (nome fixado nas roupas)	<b>Efeitos</b> (cartão recebido pelo aluno)	<b>Exemplos do texto</b> (o aluno deve encontrar no texto)
<b>Hipérbole</b>	Elevar sua qualidade de volume.	“Uma avalanche de decibéis”, 7º parágrafo.
<b>Organizador da fala</b>	Revela uma breve pausa.	“E aí”, 7º parágrafo. “Ah, sim”, 7º parágrafo.
<b>Repetição da palavra “desconfigurado”</b>	Acusação, em seguida aceitação.	“desconfigurado”, utilizadas três vezes, 8º parágrafo.
<b>Ironia</b>	Aviso ao interlocutor, chamando-o para uma reflexão.	“Querida dona”, utilizada no último parágrafo.

Fonte: Dados da pesquisa

Após a explanação, o professor deve afirmar que, nesse texto, sem dispensar as marcas da oralidade, como numa conversa face a face, o cronista fez uma narrativa, provocou humor e reflexão, envolveu o leitor, criou um texto literário, uma crônica.

### **QUINTO MOMENTO - Sessão cinema e *WhatsApp* (3h)**

Este momento foi realizado em duas atividades. Na primeira o objetivo é de: (a) Exibir dramatizações de crônicas de Luis Fernando Veríssimo; (b) Comprovar que o assunto de uma crônica pode ser qualquer fato do cotidiano; (c) Demonstrar que crônicas podem ser construídas em textos dialogais; (d) Instigar a percepção do humor e da reflexão que as crônicas podem apresentar. Na segunda: (a) Ler textos de *WhatsApp* em busca de marcas da oralidade e humor; (b) Selecionar textos de *WhatsApp* para usar na produção de crônica humorística.

#### **Atividade 1 – A crônica do dia a dia na tela**

As crônicas selecionadas para esta atividade, sugestão, seis, devem ser apresentadas por meio de vídeo para que os alunos possam perceber que se assemelha a uma conversa face a face, que a linguagem é de fácil entendimento, que o narrador/personagem causa humor e reflexão e, ao fim de cada exibição de vídeo, o professor deve instigá-los a comentar ou escrever suas percepções. As perguntas a serem realizadas podem ser as sugeridas no Quadro 7, a seguir:

Quadro 7 - Sugestões de questionamentos

1. Quais são os assuntos das crônicas?
2. Quais reflexões são possíveis perceber?
3. Qual fato do cotidiano inspirou o cronista?
4. Qual público a crônica pretende alcançar?
5. O texto da crônica tem humor?
6. A linguagem utilizada é parecida com a do nosso dia a dia?

Fonte: Dados da pesquisa

Na seleção dos vídeos, o professor pode pautar-se em diversos critérios. Para este estudo, a decisão foi retratar um dos cronistas que se ocupou em escrever Comédias para se ler na escola, Luís Fernando Veríssimo, além de ser um escritor expressivo de crônicas, no dia 26 de setembro de 2019, completou 83 anos. Dentro dessa perspectiva, elencou-se as crônicas dispostas no Quadro 8, a seguir, com os respectivos *links* de acesso e o texto na íntegra (ANEXO C):

Quadro 8 - Sugestões de crônicas em vídeos

Item	Crônica	Link de acesso
1	Aprenda a chamar a polícia.	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=fha5jkGbRBs">https://www.youtube.com/watch?v=fha5jkGbRBs</a> .
2	Brincadeira.	<a href="https://youtu.be/wQ6araG_jlc">https://youtu.be/wQ6araG_jlc</a> .
3	O lixo.	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=LXxRjootpy4">https://www.youtube.com/watch?v=LXxRjootpy4</a> .
4	A bola.	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=-LS8ljmacwU&amp;t=297s">https://www.youtube.com/watch?v=-LS8ljmacwU&amp;t=297s</a> .
5	Exigências da vida moderna.	<a href="https://youtu.be/tuM3TDP9m5E">https://youtu.be/tuM3TDP9m5E</a> .
6	O homem trocado	<a href="https://youtu.be/kuwKVHVldCs">https://youtu.be/kuwKVHVldCs</a> .

Fonte: Dados da pesquisa

## Atividade 2 – As situações do dia a dia no *WhatsApp*

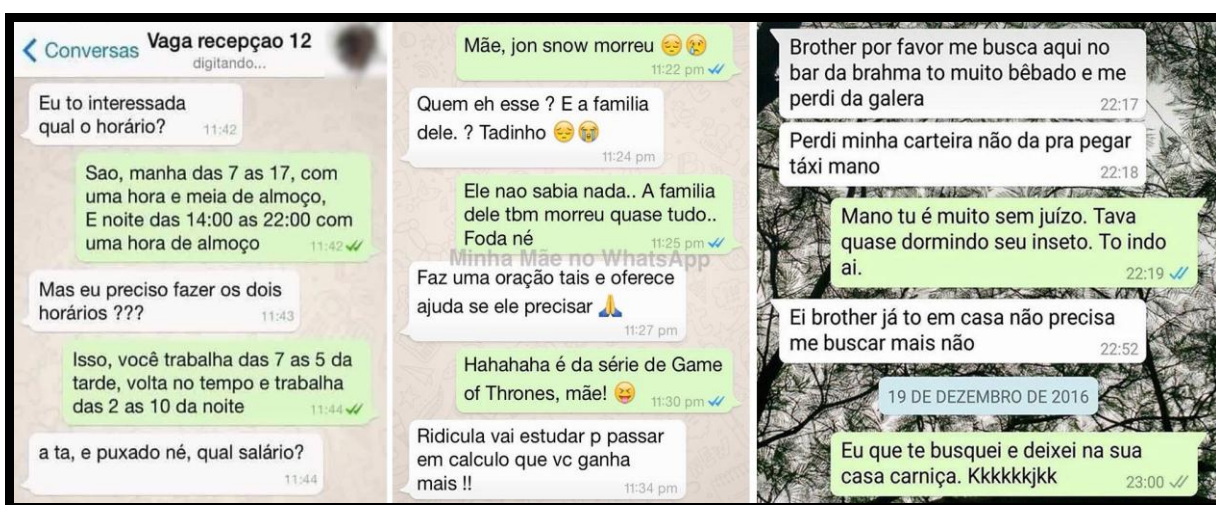
Após as exibições dos vídeos, os alunos deverão ser estimulados a procurar nos celulares pessoais ou nos computadores e *notebooks*, disponíveis na escola, conversas de *WhatsApp*, com marcas da oralidade e humor, além de reflexões que podem ser retiradas dos textos. Dentre o material de pesquisa, o aluno irá selecionar uma conversa que lhe sirva de inspiração, base para sua produção textual, na qual ele consiga identificar e usar as marcas da oralidade, de acordo com o sentido que queira dar a sua crônica humorística.

A seu critério, o professor, antes do aluno efetivar a pesquisa, poderá apresentar algumas imagens, apontar as marcas da oralidade e, de forma oral,

exemplificar como seria uma crônica escrita, a partir da imagem visualizada. O objetivo é que o aluno entenda a necessidade de ampliar o contexto, verificar o tempo de duração da história, não muito extensa nem curta demais, se precisar, inserir outras personagens, pensar em um título atraente, e não, apenas, reescrever a conversa.

As imagens expostas aos alunos podem ser as seguintes:

Figura 8 – a) Procurando emprego na fenda espaço-tempo? b) Jon Snow Morreu c) Obrigado, amigo



Fonte: Plataforma BuzzFeed (2019)

Figura 9 – a) Amigo sincero é outra coisa b) Nem tudo é o que parece



Fonte: Plataforma BuzzFeed (2019)

## SEXTO MOMENTO - Conversas e Crônicas (3h)

Este momento foi realizado em uma atividade. O objetivo é de: (a) Produzir crônicas humorísticas, considerando sua adequação às propriedades do gênero; (b) Ser capaz de reconhecer a importância do título de um texto; (c) Pensar no público alvo do *blog* e mídia de circulação; (d) Usar adequadamente os efeitos de sentido pretendidos no texto através das marcas da oralidade.

## Atividade 1 – Eu sou cronista

Após diversos momentos de aquisição de conhecimento, o aluno, de forma individual, escreverá sua crônica. Antes da escrita, ele deve planejar o que fazer, ver a imagem, impressa ou no celular, que lhe servirá de base, pensar no modo de colocar em prática todos os entendimentos adquiridos, a respeito do gênero e, durante o processo de produção, avaliar os itens sugeridos, a seguir:

Quadro 9 – Itens a serem observados no processo de escrita da crônica

Item	Característica	Descrição
1	Título:	Interessante
2	Tipo:	Humorística
3	Função social:	Causar reflexão
4	Crônica:	Pessoal (subjetiva)
5	Finalidade:	Divertir (é risível)
6	Inspiração para a escrita:	Conversas do cotidiano em <i>WhatsApp</i>
7	Marcas da oralidade:	Efeitos de sentido adequado ao planejado
8	Linguagem:	Aproximar o leitor
9	Público alvo:	Internautas, em geral
10	Veículo de comunicação:	<i>Blog</i>
11	Foco narrativo:	Narrador personagem ou observador
12	Personagens:	Interligados na ação
13	Enredo:	Como, onde e quando aconteceu o fato
14	Elemento surpresa:	Algo que cause humor
15	Desfecho:	Cômico, engraçado

Fonte: Dados da pesquisa

O quadro sugerido deve estar exposto para o aluno, seja impresso, em cartaz, transcrito na lousa, projetado etc., o importante é que ele seja uma fonte de pesquisa, auxílio para a produção. Os mapas conceituais, construídos no segundo momento, fixados nas paredes da sala de aula, também são itens a serem consultados, a depender da necessidade do aluno.

Ao professor, compete auxiliar os alunos à medida que for solicitado e, ao final da execução das atividades, recolher as produções. Posteriormente, deve corrigir todos os textos e fazer anotações, de forma clara, que estimulem e norteiem o aluno a melhorar sua produção, enfim, a ter um crescimento intelectual decisivo no exercício de suas vidas. É essencial que o docente não haja como um corretor de *Word*, não confunda conhecimento ortográfico com competência linguística.

O professor, a seu critério, e contextualizado na realidade escolar que está inserido, pode solicitar aos alunos que, ao invés de entregar as crônicas manuscritas, encaminhe via *e-mail*, *Facebook*, *Instagram*, *Bluetooth*, *WhatsApp* etc.

Uma vez adotado os meios digitais para a entrega do texto produzido, o professor precisa ter certeza de que todos os alunos possuem os requisitos necessários para a execução da atividade e, se for preciso, providenciar meios eletrônicos para colocar à disposição dos que não dispõem do recurso. Agindo dessa forma, o docente oportuniza o aluno a usar a escrita digital, um dos meios mais utilizados, na atualidade, pelas pessoas para se comunicarem com textos escritos.

## SÉTIMO MOMENTO - Minha crônica (6h)

Este momento foi planejado em uma atividade. O objetivo é de: (a) Corrigir e aprimorar as produções realizadas; (b) Adequar as marcas da oralidade aplicadas à modalidade escrita das crônicas humorísticas; (c) Reescrever o texto produzido, crônica, tendo em vista as características do gênero e os efeitos de sentido pretendido; (d) Autoavaliar a crônica produzida.

### Atividade 1 – Revisar, reescrever crônicas e autoavaliar

Esta atividade demanda uma carga horária extensa, 6 horas, duas etapas, visto que, possivelmente, os alunos necessitarão de intenso auxílio, somado a isto, tem-se a realidade de ser apenas um professor para, geralmente, mais de trinta alunos. Ainda que as anotações no texto tenham sido claras, objetivas, para alguns alunos não serão suficientes, outros detalhes minuciosos precisarão ser esclarecidos, demonstrados como se faz. Daí a importância de o professor deixar que eles se ajudem, sentem em duplas, trios etc. Tudo em nome de uma aprendizagem significativa, nada de ambientes tradicionais, alunos em fileiras, sem saber o quê e como fazer.

**1ª etapa:** Ao receber a crônica produzida, o aluno deve ler, atenciosamente, as anotações do professor e, a partir delas, com a colaboração dos colegas, lendo outras crônicas, conversando com o professor, fazer cortes, acréscimos, ajustes, em sua produção, reescrevê-la ou, a critério do professor, digitá-la.

O processo de reescrita pode acontecer novamente, a depender dos obstáculos encontrados. Esse pode ser feito em sala de aula ou pelos meios eletrônicos adotados para envio das produções.

**2ª etapa:** Em data posterior, após o/os processo(s) de reescrita do texto, o professor entrega novamente a produção do aluno, preferencialmente impressa, caso tenha sido adotado os meios digitais, juntamente com um questionário de autoavaliação da produção, seguindo os itens sugeridos no Quadro 10, a seguir:

Quadro 10 – Questionário autoavaliativo

Item	Pergunta	Resposta
1	O meu texto é uma crônica? Por quê?	
2	O objetivo era escrever uma crônica humorística, a partir de uma imagem de <i>WhatsApp</i> , para ser publicada em um <i>blog</i> , usando marcas da oralidade de acordo com os efeitos de sentido pretendidos dentro do texto, no contexto. Eu consegui o que pretendia? Por quê?	
3	A linguagem utilizada aproxima o leitor? Por quê? Se possível, comprove com trechos do texto.	
4	Qual a finalidade da minha crônica?	
5	Qual o público alvo da minha crônica? Por quê?	
6	Meu texto está adequado ao veículo de comunicação ( <i>Blog</i> ) a que se destina? Por quê?	
7	Meu título está de fato interessante? Por quê?	
8	Minha crônica é humorística? O que causa humor nela?	
9	Quais reflexões podem ser retiradas a partir da leitura da minha crônica?	
10	Quais são as marcas da oralidade no meu texto? Qual o sentido de cada uma dentro do texto, no contexto?	

Fonte: Dados da pesquisa

## OITAVO MOMENTO - Somos “blogueiros” (3h)

Nesta etapa final deste estudo, foi desenvolvida uma atividade em duas etapas com o objetivo de: (a) Utilizar computadores, notebooks, ou celulares, recursos eletrônicos, para digitar os textos produzidos; (b) Empregar as ferramentas do *Word* para formatar e editar adequadamente as crônicas; (c) Criar um blog; (d) Personalizar o blog com nome, aparência e estilos decididos coletivamente; (e) Publicar as crônicas no blog.

### Atividade 1 – Criar *blog* – digitar – publicar crônicas

Esta atividade incluiu duas etapas e pode ser realizada de modo diversificado, depende da forma como o professor recebeu o texto dos alunos e da disponibilidade de computadores na escola.



**1ª etapa:** No momento de criar um *blog* para a turma, algumas situações devem ser previamente pensadas e organizadas. Primeiramente, o professor deve decidir quem tomará frente desse processo, quem dentre os alunos demonstra maior habilidade para executar tal tarefa, caso nenhum tenha esse conhecimento, cabe ao docente assumir essa atividade, juntamente com as decisões dos alunos.

Quando se opta por criar um *Blog* coletivo, para fins pedagógicos, é indispensável saber que existem diversos métodos para obter um, cabe ao docente escolher o que julgar conveniente e mais adequado ao objetivo proposto.

A sugestão deste estudo, para iniciantes no assunto referente a *Blogs* é: primeiramente, criar uma conta *Gmail* e associá-la aos serviços do *Google*; Depois de concluída essa etapa, faça *login* no *Blogger*, após, à esquerda, clicar na seta para baixo, em seguida, outro clique em “novo *blog*”, em seguida, digite o nome sugerido pela turma, escolha o endereço eletrônico, um modelo e finalize a atividade clicando em “Criar *blog*”. Pronto, agora é só inserir as publicações. Vale ressaltar que a senha deve ser do conhecimento de todos.

**2ª etapa:** Os alunos, com suas crônicas, revisadas e reescritas, devem digitá-las diretamente no *Blog*, ou, caso já estejam digitadas, basta copiar (Ctrl + C) e colar (Ctrl + V). Não sendo suficiente o número de computadores, *notebooks* e celulares, para a demanda dos alunos, eles podem se reunir em grupo e eleger um aluno que faça essa atividade com maior destreza. O professor também pode colaborar nessa etapa. É importante que, assim como previamente combinado, escolha-se um pseudônimo para o autor de cada crônica.

Concluída as digitações e publicações, os alunos, em casa ou na escola, podem editar o que foi publicado, compartilhar em suas redes sociais, responder aos comentários que por ventura surgirem, enfim, atender as demandas de seus interlocutores, confirmar que ninguém escreve para ninguém e que todo texto resulta de uma interação verbal.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Aline. **A metalinguagem da crônica.** Disponível em: <https://cronicanto.wordpress.com/2014/04/16/a-metalinguagem-da-cronica/>. Acesso em: 15 jul. 2019.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Ciao: a última crônica.** Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/ciao-ultima-cronica-carlos-drummond-andrade.htm>. Acesso em: 15 jul. 2019.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **O frívolo cronista.** Disponível em: <http://www.casadobruzo.com.br/poesia/c/prosa13.htm>. Acesso em: 08 ago. 2019.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ANTUNES, Irandé. **Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas.** São Paulo: Parábola, 2017.

CANDIDO, Antonio. A vida ao Rés-do-chão. *In*: TAKAHASHI, Jiro. **Para Gostar de ler.** Volume 5 - Crônicas. São Paulo: Ática, 1991, p. 5-13.

CANDIDO, Antonio. *et al.* **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.** Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CAPANEMA, Rafael. **100 conversas que vão te garantir pelo menos 10 minutos de risadas.** Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/rafaelcapanema/100-conversas-que-vao-te-garantir-10-minutos-de-risadas>. Acesso em: 08 ago. 2019.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. Leitura crítica do humor no jornal. *In*: ELIAS, Vanda Maria (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura.** 1. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. **O discurso da violência: As marcas da oralidade no jornalismo popular.** 2ª ed. Cortez. São Paulo. 2003.

FERRAREZI Jr., Celso. CARVALHO, Robson Santos de. **Produzir textos na educação básica: o que saber, como fazer.** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FERRAREZI Jr., Celso. **Pedagogia do silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna.** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.



FREITAS, Vera Aparecida de Lucas. Mediação: estratégia facilitadora da compreensão leitora. *In: BORTONI-RICARDO, Stela Maris. (orgs.) et al. **Leitura e Mediação Pedagógica***. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. cap. 3, p. 65-85.

GERALDI, João Wanderley. (Org.). **O texto na sala de aula**. 2 ed. Cascavel. ASSOESTE, 1984c. 125 p.

GOMEZ, Renato. **Crônicas do Velho Porto**. 1ª edição. Porto Velho: O Autor, 2016.

GUIDOTTI, Gabriel Borcony. **A visão dos cronistas**. Disponível em: <https://www.newsrondonia.com.br/noticias/a+visao+dos+cronistas/70760>. Acesso em: 15 jul. 2019.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os Segredos do Texto**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. ELIAS. Vanda Maria, **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2ª ed., 4ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2017.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10 ed., 4ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In: DIONISIO, Angela Paiva et al. (org.) **Gêneros textuais & ensino***. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária - Poesia e Prosa**. 2ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

MORAES, Vinicius de. **Para viver um grande amor 1962: crônicas e poemas**. Organização Eucanaã Ferraz. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

MORENO, Cláudio. Spoonerismo. **Sua língua**. 30 abr. de 2009. Disponível em: <https://sualingua.com.br/tag/spoonerismo/> Acesso em 3 jan. 2020.

MOURA, Confúcio. **Mulheres! ... Cheguei**. Disponível em: <https://www.gentedeopini-ao.com.br/opiniao/cronica-mulheres-cheguei>. Acesso em: 08 ago. 2019.

NOGUEIRA, Nancy. **Metalinguagem**. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/crônicas/853616>. Acesso em: 15 jul. 2019.

NOVAES, Carlos Eduardo; OLIVEIRA, José Carlos; DIAFÉRIA, Lourenço; VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Para Gostar de Ler: Crônicas**. Vol. 7. São Paulo: Ática, 1997.

PASSARELI, Lilian Maria Ghiuro. **Ensino e Correção na produção de textos escolares**. 1. ed. São Paulo: Telos, 2012.

RAMOS, Amanda. **Descubra ideias sobre Mães No Whatsapp**. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/722898177663556969/?lp=true>. Acesso em: 08 ago. 2019.

RONDÔNIA. **PORTARIA N. 2944/2016-GAB/SEDUC**. Disponível em: [http://www.diop.ro.gov.br/data/uploads/2016/10/Doe-30\\_09\\_2016.pdf](http://www.diop.ro.gov.br/data/uploads/2016/10/Doe-30_09_2016.pdf). Acesso em: 03 nov. 2018.

SÁ, Arimar Souza de. **O "Estupro" de Neymar - O "nacionalista"**. Disponível em: [http://www.rondonoticias.com.br/noticia/cultura/25753/cronica-de-fim-de-semana-o-estupro-de-neymar-o-nacionalista-arimar-souza-de-sa\\_](http://www.rondonoticias.com.br/noticia/cultura/25753/cronica-de-fim-de-semana-o-estupro-de-neymar-o-nacionalista-arimar-souza-de-sa_) Acesso em: 08 ago. 2019.

SARTORI, Jefrson. **CRÔNICA NOVA**. Disponível em: <https://www.newsrondonia.com.br/noticias/crônica+nova+por+jefrson+sartori/98287>. Acesso em: 15 jul. 2019.

SARTORI, Jefrson. **O APARTAMENTO**. Disponível em: <https://www.newsrondonia.com.br/noticias/o+apartamento+por+jefrson+sartori/110744>. Acesso em: 08 ago. 2019.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **As mentiras que os homens contam**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

## ANEXO A – Atividade 1 – Colorindo as falas do dia a dia

## A REDE SOCIAL (RENATO GOMEZ)

Era um cara comum, possuía seus anseios e suas frustrações, e em média estava sempre de bom humor. Gostava de ler (é, talvez não fosse tão comum), assistir filmes e ouvir música. Não fazia muito sucesso com as garotas. Tinha um emprego razoável. Enfim, levava sua vida com ânimo, mas sentia que precisava desenvolver mais os relacionamentos. Levado pela moda digital, em vez de sair e procurar atividades para conhecer novas pessoas e aumentar seu ciclo de amizades, melhorando sua vida social, resolveu comprar um notebook e assinar uma internet dessas de moldem 3G (que nunca são 3G).

Em 27 de setembro de 2013 Fulano de Tal entrou na rede social.

Começou a adicionar todas as pessoas que conhecia de vista, os poucos amigos que tinha, a família (inclusive os parentes mais distantes). Em pouco tempo já possuía 1000 amigos na rede social. Recebia convites de jogos, de eventos, até conversava com alguns pelo bate-papo. Muitas vezes cruzava com alguns deles na rua e nem sequer lembrava dos fortes laços de amizade que estabeleceram entre curtidas, comentários e compartilhamentos de status.

Fulano de Tal curtiu o status de Beltrano de Tal

Fulano de Tal compartilhou a atualização de status de Beltrano de Tal

Fulano de Tal comentou a foto de Beltrano de Tal

Entre uma hora de trabalho e outra acessava a rede social pelo celular, postava frases de efeito, frases de pensadores, as notificações em sua página borbulhavam, cada vez mais amigos adicionavam-lhe.

Solicitações de amizade 125 - Bate-Papo 10 – Notificações 159

Possuía amigos de todos os tipos. A religiosa que postava passagens bíblicas o dia todo e na calada da noite postava fotos seminua. O revoltado sem causa que postava contra o sistema o tempo todo de dentro de seu quarto climatizado com tudo pago pelo

papai. Os que só entravam na rede social para mandar convites de jogos. Os comerciantes que postavam seus produtos. Os atletas que postavam sua malhação periódica. Os artistas postando sua arte e seu egocentrismo. Os “posta tudo” que postam até quando vão ao banheiro. Os culinários e seus pratos de comida. Foi quando conheceu uma menina e de todo resto ele se esqueceu.

Fulano de Tal começou uma amizade com Sicrana de Tal

Conversavam por horas pelo bate-papo. Ela curti todas as postagens dele e vice-versa.

Fulano de Tal começou um relacionamento sério com Sicrana de Tal

Quando se encontravam pessoalmente eram tímidos e acabavam conversando pelo bate-papo da rede social através do celular. Ali um de frente com o outro como se ali não estivessem. O contato físico era quase nulo. Mas os Check-ins eram muitos.

Fulano de Tal está com Sicrana de Tal em Barzinho da Cidade

Sicrana de Tal foi marcada na foto de Fulano de Tal em Shopping da Cidade

Na rede social o namoro ia de vento em polpa. Até que algumas postagens de outros fulanos para a Sicrana começaram a incomodar o Fulano de Tal. E um dia, enquanto ela foi ao banheiro em uma lanchonete, ele resolveu mexer no celular dela.

Sicrano de Tal disse: oi gatinha!

Sicrana de Tal disse: oi lindo!

Sicrano de Tal disse: posso passar ai mais tarde?

Sicrana de Tal disse: pode sim...

Sicrano de Tal disse: e seu namoradinho, não vai tá aí não?

Sicrana de Tal disse: não... ele só vem aqui no fds...

Sicrano de Tal disse: hum blz...

Sicrana de Tal disse: tô louca de saudade...

Sicrano de Tal disse: eu também gata...

Sicrana de Tal disse: rrsrrrs

Sicrano de Tal disse: combinado então...

Sicrana de Tal disse: blz...

Sicrano de Tal disse: bjus na boca!

Sicrana de Tal disse: bjux...

Clicou no botão Excluir Conta e se suicidou de sua vida social. Ou, quem sabe, talvez agora ela comece...

### O "ESTUPRO" DE NEYMAR, O "NACIONALISTA" (Arimar Souza de Sá)

Nós, brasileiros, adoramos futebol. Tanto que no imaginário popular construímos ídolos como Zizinho, Garrincha, Pelé, Zico, Ronaldo fenômeno, Ronaldinho Gaúcho, Rivelino, Tostão, Romário e, já faz alguns anos, o Neymar Jr.

Neymar, garoto de dribles cortantes, caçado nos campos como um animal em fuga, mas que nas raias das quatro linhas, navega ao lado de Deuses dessa arte, como Pelé, Maradona, Ademir da Guia, Lionel Messi, entre outros, fazendo gols de placa e maravilhando multidões pelo mundo.

É desse ente, insigne majestade do mundo da bola, que vou me ocupar hoje, nesse espaço, com o fito de também dar um pitaco nesse episódio lamentável que ganhou o mundo, uma transa mal sucedida que virou caso de polícia.

Nesse passo, é bom que se faça justiça: Neymar é, acima de tudo, um nacionalista convicto: trocou o caviar e o champanhe francês, que poderia estar degustando no silêncio, pelo barulho do churrasco brasileiro, mas deu com os "burros n'água". Vida que segue!

Se analisarmos friamente os fatos, vemos que o nó górdio da questão está na origem, na "formatação" dos craques. Senão, vejamos:

Descoberto o talento, a ênfase dada pelos cartolas é apenas de burilar os noviços descobertos para a arte da bola, deixando-os à mercê na arte da vida. Não há uma preocupação com a formação intelectual dos atletas. Eles entram na escolinha de futebol sem experiência e, como os soldados, são engajados nos exércitos para guerrear; moldam-se como os combatentes para a guerra e, muitas das vezes, sucumbem em meio às batalhas.

Triste! Não há, assim, uma liturgia de ensinamentos para a vida, senão para ser artilheiro da guerra futebolística. Não há, em absoluto, a preocupação com o atleta enquanto ser humano. A ideia é: "cria-se uma fera para os embates de 90 minutos com sucesso", sem levar em conta o seu arquétipo humano, de hormônios, relações e interesses familiares, planos de vida, etc.

De repente, chegam as idades e lá se vão os de 18, de 20 e 30 anos e a rotina é a mesma na concentração: esquema de jogo, transferências de um porto para outro, reuniões, importando sempre uma submissão invisível e insuportável à vitória.

Produtos nacionais dessa estirpe o Brasil já produziu muitos: de Mané Garrincha e sua Elza Soares, a Ronaldinho Gaúcho, nas intermináveis farras nos dias em que escapava, às vésperas do jogo, das apertadas correntes das concentrações. O que dizer de Romário?

Nessa atual fornada, quem não lembra de Ronaldo Fenômeno, com "seu" travesti nos borbões do Rio de Janeiro e, agora, Neymar, ofuscado com o dinheiro, a fama e as luzes de Paris, a se encantar com os olhos azuis de uma "maria chuteira" brasileira, como escape da tragédia que o destino lhe impôs, como um servo de um maligno sistema de interesses econômicos e sociais: Econômicos, enquanto se registram as cifras que lhe são pagas como ídolo dos Estádios. Sociais, enquanto líder dos nossos jardins mitológicos dos gramados, das massas que se juntam em torno de si, pelo inconsciente coletivo do grito de gol.

O episódio com a jovem e esperta modelo, dir-se-ia em uma análise um pouco cínica dos fatos, não passa de um impulso juvenil do jovem e "poderoso" rapaz solteiro, macho na essência, isto é, um homem preenchido de hormônios até o "talo", ungido de vaidade pelo seu próprio nível de percepção da riqueza, que vai em busca de uma mulher que lhe convém, mesmo que ela esteja no fim do mundo.

Essa força descomunal do sexo ultrapassa o raciocínio, o senso comum, submetendo o homem e seus valores à submissão do mais irrefreável dos desejos: A tentação.

Neymar e outros meninos, curvados à vergasta de um sistema futebolístico de resultado, fazem parte de um seletivo grupo de alienados do sol - do grande sol que pertence aos homens, ricos, pobres, cegos, brancos, amarelos, mas que não pertence aos atletas de elite que, como os gladiadores de Roma, são utilizados apenas, a peso de ouro, para servirem aos espetáculos, ao grande "circo" onde as torcidas gritam seu nome diante do gol e das jogadas geniais, mas furiosa, aos urros, pede sua saída pela porta dos fundos quando ele "pisa na bola".

O gladiador matava o adversário na arena, o jogador mata o adversário fazendo gol, mas também pode morrer diante da torcida "justiceira".

Isto tudo para dizer que, do ponto de vista humano, não podemos julgar o menino Neymar, o Neymar do Paris Saint-Germain e da Seleção Brasileira, que tem peso de ouro como atleta, mas é frágil como uma folha seca ao vento, quando o assunto é um "rabo de saia": uma ninfeta "made in Brazil", safada, sedutora, eloquente e tarada, quando oferece a maçã do amor. Propagandeia que vale por quatro.

De qualquer sorte a acusação é grave, lamentável, e fragilizou o espírito do atleta, sendo esta, e não a contusão, o inequívoco motivo de ele estar impedido de disputar a Copa América.

Quem nunca pecou que atire a primeira pedra. Faz-se mister, portanto, que se entenda que isto faz parte do cotidiano de "homem e mulher", nesse espaço sem evangelização do mundo virtual, onde a distância converte-se, em um segundo, numa foto (nudes), no *WhatsApp*, no *Instagram* e no *Facebook*.

Que Deus se apiede dele e a imprensa possa livrá-lo do bombardeio, posto que os países se constroem com homens e livros, mas os heróis são formatados no inconsciente coletivo, como Neymar se fez.

Chega de destruir os heróis de nosso tempo, principalmente em nosso solo, onde os anti-heróis germinaram e germinam como gafanhotos em lavoura de milho, nos campos da corrupção brasileira.

Respeitemos o Craque, o nosso pequeno herói genial nos gramados, dando ao episódio apenas o registro de uma aventura malsucedida, posto que com a pessoa errada, no mundo do amor.

Afinal, caindo no campo ou tropeçando na fruta proibida, o moleque é bom de bola e fará falta na Copa América, deixando a esperança mais apodrecida, em todos nós brasileiros, de levantar o caneco e celebrar a vitória do futebol arte.

PAZ AO GAROTO, JUSTIÇA À EMBOSCADA!  
AMÉM!

Fonte: <http://www.rondoniaovivo.com/geral/noticia/2019/06/08/cronica-de-fim-de-semana-o-estupro-de-neymar-o-nacionalista-arimar-souza-de-sa.html>.

#### O APARTAMENTO (JEFRSON SARTORI)

Seus olhos inspecionam melancolicamente móveis que lhe contam histórias carregadas de emoções, palavras, eventos, lembranças de tempos idos que talvez lhe firam a alma velha e cansada.

Aluguei um apartamento parcialmente mobiliado, ato que a cada vez vou criando mais obstáculos, talvez porque a idade vai fazendo de nós pessoas desnecessariamente exigentes com coisas sem nenhum sentido. O que mais precisa um homem senão um teto para abrigar-se, uma cama para reclinar a cabeça e um bocado de pão e água para sustentar-se? Não foi precisa esse o conselho de Cristo? Mas eu falava do apartamento que aluguei e o que me atraiu é ser um local tranquilo, um bairro bem arborizado e por isso sombras nas calçadas que andarei nos dias quentes e frios.

Enquanto tento ajeitar minhas caixas de livros, embrulhos de roupas, louças, utensílios, móveis e quinquilharias de toda sorte, tenho a presença do dono, um senhor velho protegido atrás das muralhas de seu bigode, que insiste em listar com ênfase de comercial de tv as muitas benéncias que adquiri com o direito de usar o apartamento. Só não me faz sentido o porquê ele insistir em destacar as qualidades de um imóvel depois de eu haver alugado por tempo razoável e não demonstrar nenhum traço de arrependimento. Da janela ele aponta entusiasmado para o mercado e a farmácia que ladeiam um posto de combustível, doutro lado – também sob a mira de seu dedo – anuncia a presença da sorveteria e da praça da cidade que segundo ele “nas tardes de domingo fica cheia de moças bonitas” e recolhendo as mãos para os bolsos liquida a ideia: “Um homem jovem como o senhor arrumará rapidamente uma namorada bonita, vai ver!” Só consigo formular um pensamento: “Que puxa...”

Suas palavras perdem a tal ênfase comercial e assumem a seriedade de um documentário sobre Auschwitz. Eu o evito, fixo atenção em embrulhos de roupas porque já me preocupo em sair para comer algo no final da tarde e por isso nego-me a examinar como ele gostaria, o detalhe de cada coisa, minha indiferença vagamente o ofende. Para ele sou um estranho que ele lamenta no fundo de sua alma que vai morar em seu apartamento com suas coisas; um intruso que paga o direito de ser intruso, o mais antipático dos intrusos. Ele aponta uma mesinha de centro incomodíssima e brega. Tateia longamente o quadro em óleo sinistro e escuro que meterei num armário qualquer desprezando a pretensa beleza que ele vê. Pobre homem, talvez nunca tenha visto a vivacidade do amarelo que Van Gogh trouxe ao mundo, ou as paisagens de Monet. Uma pequena estante vertical com frente de vidro habitada por uma infinidade de cacarecos inúteis tento fazê-lo levar, sem sucesso. Há um simpático espelho quadrado que diariamente receberá a visita de minha cara e talvez presencie hábitos que me faça parecido com esse velho quase rouco.

Ele vai-se. Meu silencioso e solitário espanto é que este senhor não fez nenhuma menção ao que de maior valor tem seu imóvel; a vista para a praça que está repleta de belíssimas árvores que se lançam com enorme veemência para o alto num impulso de chama verde, estáticas, exáticas, esplendendo em beleza! Sou um homem confuso e distraído; não sei se sonhei ou se sonhei que

sonhei com crianças a brincar naquelas sombras. De qualquer modo recolho as roupas que usarei logo mais, posiciono a carteira e as chaves em fácil acesso e me dirijo a um revigorante banho, mas não sem antes ser lembrado com uma canelada, que agora tenho uma mesa de centro, no centro de meu reino.

Fonte: <https://www.newsrondonia.com.br/noticias/o+apartamento+por+jefrson+sartori/110744>.

#### MULHERES! ... CHEGUEI (Confúcio Moura)

O inferno astral da mulherada é o “pneuzinho” de lado. Quando não é este o fantasma, o horror ainda maior é a gordura depois da gravidez. E não para por aí, vem a maldição da celulite. O extraordinário prazer de comer bem, quem não gosta de doce, chocolate, farofa, lasanha, pizza e bolo recheado? Claro, nem precisa de resposta.

Amanhã, dia 8 é o Dia Internacional da Mulher. Eu fico puto da vida com esta imensa discriminação com os homens. Bem que poderia ser o Dia Internacional dos Homens. Coitado de nós. Cada dia mais pra baixo. E a mulherada sobe, com força total, arrepiando tudo, e os homens iguais a cachorrinho de madame, indo atrás, não tardará se ver na rua, mulher puxando homem na coleira e o bichinho ali, mansinho, grunhindo humilhações, rau.. rau... Mas, obedientes para sempre.

Mulher hoje em dia mulher trabalha mais que homem. Pode até ganhar mais. Ocupa espaço no mercado, é gerente de loja, empresária, juíza de direito, promotora de justiça, varre rua, luta dia e noite, tem homem, que não agüenta o tranco, pede arrego, e fala – “querida, você pode deixar, que eu fico em casa e cuido dos meninos”.

E o danado muda de tom, assume geral, que a mulher é mais forte – pega forno e fogão, e, por incrível que pareça deixa a casa lustrando. Quem diria! Macho brasileiro, que até matava mulher no tiro e no júri era absolvido com argumento de legítima defesa da honra. Vai palhaço, fazer Isto hoje em dia, vai e aguarde o pannelo na porta do fórum pedindo e clamando por pena máxima. Vai! Porque lá dentro tem uma juíza coçando as mãos para lhe mandar pro xilindró para resto da sua vida.

Mulherada, parida, sofrida, mãezona de leite, que depois do desmame fica de autoestima baixa, comprando sutiã especialmente forte, puxantes pra cima,, recheantes, assim querendo ser, mais ou menos uma artista global. E que sai por aí, sondando o preço da cirurgia plástica, porque assim não dá, não sou mais a mesma. Sabe como é que é mama empinada é também equipamento de primeira categoria da sexualidade feminina. Tem gente por aí que diz que mama é órgão sexual mais importante. Será?

Mas, amanhã é o Dia Internacional da Mulher, nem sei o que falar que não seja da Lei Maria da Penha, da Delegacia de Mulher, da licença maternidade de seis meses, do grito de guerra para acabar com a menstruação, pensando bem, é tremenda sacanagem da natureza esta bendita menstruação, virgem Maria, porque só elas menstruam? Porca, cabra, vaca, galinha, minhoca não tem estas “regras” mensais, que benditas ou malditas incomodam pra burro, e ainda me vem alguns médicos me dizerem que tudo isto é fisiológico. Mais do que justo dizer em brado universal – Abaixo a menstruação! Que deixem de agora pra frente os homens com este peso, se não por toda vida, ao menos por 1 mês.

Dr. Elsimar Coutinho, médico ginecologista da Bahia, tem farta literatura sobre a mulher e a menstruação – “menstruação, a sangria inútil; vivendo sem regras e sem TPM”. Segundo ele, mulher inteligente não menstrua.

Nesta semana que todo mundo quer falar da mulher, das suas virtudes, beleza, competência, trabalho duro, sexo, cirurgia plástica, salão de beleza, esmalte, batom, depilação, parto sem dor, cosméticos. É isto aí e muito mais. Só tem uma coisa que admiro extraordinariamente e falo, com toda certeza, tenho muita inveja delas - da capacidade de se torturar.

Verdade!

Mulher se tortura numa boa. Aonde você vai? Ela responde – vou pro salão fazer depilação. Assim, de cara limpa, achando gostoso... Vou pra depilação! Pra mim depilação com cera quente, nada mais é do que a sala vip do inferno. Elas não pensam assim. Não sentem dor. Acham até bom. Aquela dorzinha de repetente. E a outra, a carrasca torturadora, feliz da vida, mostra a tira de pano cheinha de pêlo. E ainda diz – Tá vendo aí?

Não vou falar aqui hoje da vida desgraçada de milhões de mulheres pobres, lascadas da breca, cheias de filhos, sem maridos, sem amantes leais, quem tem que se virar por aí, de qualquer jeito, para por arroz e feijão na boca dos filhos. Não vou falar aqui das milhars delas que não fazem pré-natais, nem exames preventivos de câncer e que não se cuidam direito e terminam pegando a AIDS. Não vou falar aqui daquelas moram de favor, no fundo das casas dos outros e que não tem a

menor condição de ter uma casa própria. Não vou falar aqui de milhões de outras que se matam no trabalho e que não tem tempo para o amor. Não vou falar aqui das meninas de dez anos pra cima que se engravidam e que pensam que o filho é uma boneca. Não falar aqui das milhares de mulheres do Brasil e do mundo que sabem nem ler nem escrever e que por isso não tem acesso a um trabalho com carteira assinada.

Ah! Mulheres vocês reclamam de barriga cheia. Pois, na realidade vocês é que mandam e nós, coitados de nós, machões brasileiros, felizmente temos que obedecê-las, senão o pau quebra.

Fonte: <https://www.gentedeopinioao.com.br/opinioao/cronica-mulheres-cheguei>.

## ANEXO B - Atividade 1: Notícia X Crônica

## Notícia: O rádio apaixonado

Rádio de carro aumentou volume sozinho até pifar, afirma leitora. "Comecei a observar que o rádio esquentava o botão se a frente fosse deixada nele. Logo depois, começou a ficar louco: aumentava o volume sozinho, até parar de funcionar". Ela disse ainda ter notado um som estranho que saía do interior do aparelho. "Só posso escutar o rádio com o carro ligado e, a cada vez que o ligo, ele está todo desconfigurado. O meu MP4 queimou ao ser ligado ao rádio".

(Folha de S. Paulo, 3/3/2008.)

## Crônica (Moacyr Scliar)

MINHA QUERIDA DONA, sei que você anda se queixando de mim, publicamente, até. Você não pode imaginar o sofrimento que isto me causa, mesmo porque você provavelmente acha que rádios são objetos inanimados, sem vida própria.

Você está enganada. Ao menos no meu caso, você está enganada. Ao contrário do que você pensa, tenho sentimentos, tenho emoções. É em nome desses sentimentos e dessas emoções que lhe falo agora, tanto em AM como em FM. Na verdade, eu nem tinha tomado conhecimento de minha própria existência, até que fui instalado em seu carro.

Você estava muito feliz; tinham lhe dito que minha marca é ótima, e que você contaria com um som maravilhoso para lhe ajudar no estresse que é esse trânsito. E, eu colocado no meu lugar, você me acariciou, você tocou os meus botões. Senti um verdadeiro choque, eu que já deveria estar acostumado com eletricidade. Você fez de mim um ser vivo.

Vivo e apaixonado. Daquele momento em diante, passei a ansiar por sua presença. Era para você que eu queria transmitir as melodias que recebia por meio de tantas canções. Você ao volante, minha felicidade era completa.

Acontece que você não se deu conta disso, ou fingiu que não se dava conta disso. Você me ligava, você sintonizava uma emissora qualquer e pronto, voltava à sua vidinha. Pior: tratava-se de uma vidinha partilhada. Amigas embarcavam em seu carro. Amigos também. Você conversando com um homem, aquilo me dava ciúmes, ciúmes terríveis. O Bentinho, do Machado de Assis, aquele que desconfiava da Capitu, não sofreu tanto. Lá pelas tantas eu tinha ciúmes até do seu MP4.

Agora: o que poderia eu fazer? Humanos têm como demonstrar seus ciúmes, têm como descarregar a frustração. Mas eu sou um rádio, um bom rádio, mas rádio, de qualquer maneira. A mim não estava facultado fazer cenas. Recorri, então, àquilo que estava a meu alcance: o som.

Quando você estava com alguém de quem eu não gostava, eu aumentava meu volume — e volume, você sabe, é coisa que não me falta— até chegar a níveis insuportáveis, uma avalanche de decibéis. E aí, subitamente me calava. Para lembrar a você que o silêncio também fala, especialmente o silêncio dos traídos. Ah, sim, e queimei o seu MP4. Tinha de queimar: era ele ou eu.

Você foi se queixar com um técnico, achando que eu estava desconfigurado. Num certo sentido você está certa: estou desconfigurado, estou desfigurado, estou perturbado — mas tudo isso por causa do sofrimento que você me causou.

Querida dona, estas são minhas derradeiras palavras, antes de sair definitivamente do ar, antes do silêncio final. Minha última mensagem é esta: nunca brinque com os sentimentos de um rádio apaixonado. Você vai ter, no mínimo, surpresas desagradáveis.

Fonte: Cereja e Cochar, Português Linguagens, 8º ano, 2015, páginas 103 e 104



## ANEXO C - Atividade 1 – A crônica do dia a dia na tela

## APRENDA A CHAMAR A POLÍCIA (Luis Fernando Veríssimo)

Eu tenho o sono muito leve, e numa noite dessas notei que havia alguém andando sorrateiramente no quintal de casa. Levantei em silêncio e fiquei acompanhando os leves ruídos que vinham lá de fora, até ver uma silhueta passando pela janela do banheiro. Como minha casa era muito segura, com grades nas janelas e trancas internas nas portas, não fiquei muito preocupado, mas era claro que eu não ia deixar um ladrão ali, espiando tranquilamente.

Liguei baixinho para a polícia, informei a situação e o meu endereço. Perguntaram-me se o ladrão estava armado ou se já estava no interior da casa. Esclareci que não e disseram-me que não havia nenhuma viatura por perto para ajudar, mas que iriam mandar alguém assim que fosse possível. Um minuto depois, liguei de novo e disse com a voz calma:

— Oi, eu liguei há pouco porque tinha alguém no meu quintal. Não precisa mais ter pressa. Eu já matei o ladrão com um tiro da escopeta calibre 12, que tenho guardada em casa para estas situações. O tiro fez um estrago danado no cara!

Passados menos de três minutos, estavam na minha rua cinco carros da polícia, um helicóptero, uma unidade do resgate, uma equipe de TV e a turma dos direitos humanos, que não perderiam isso por nada neste mundo.

Eles prenderam o ladrão em flagrante, que ficava olhando tudo com cara de assombrado. Talvez ele estivesse pensando que aquela era a casa do Comandante da Polícia. No meio do tumulto, um tenente se aproximou de mim e disse:

— Pensei que tivesse dito que tinha matado o ladrão.

Eu respondi:

— Pensei que tivesse dito que não havia ninguém disponível.

Fonte: <http://www.recantodasletras.com.br/humor/1861951>.

## BRINCADEIRA (Luis Fernando Veríssimo)

Começou como uma brincadeira. Telefonou para um conhecido e disse:

— Eu sei de tudo.

Depois de um silêncio, o outro disse:

— Como é que você soube?

— Não interessa. Sei de tudo.

— Me faz um favor. Não espalha.

— Vou pensar.

— Por amor de Deus.

— Está bem. Mas olhe lá, hein?

Descobriu que tinha poder sobre as pessoas.

— Sei de tudo.

— Co-como?

— Sei de tudo.

— Tudo o quê?

— Você sabe.

— Mas é impossível. Como é que você descobriu?

A reação das pessoas variava. Algumas perguntavam em seguida:

— Alguém mais sabe?

Outras se tornavam agressivas:

— Está bem, você sabe. E daí?

— Daí, nada. Só queria que você soubesse que eu sei.

— Se você contar para alguém, eu...

— Depende de você.

— De mim, como?

— Se você andar na linha, eu não conto.

— Certo.

Uma vez, parecia ter encontrado um inocente.

— Eu sei de tudo.

— Tudo o quê?

— Você sabe.

— Não sei. O que é que você sabe?

- Não se faça de inocente.
  - Mas eu realmente não sei.
  - Vem com essa.
  - Você não sabe de nada.
  - Ah, quer dizer que existe alguma coisa para saber, mas eu é que não sei o que é?
  - Não existe nada.
  - Olha que eu vou espalhar...
  - Pode espalhar que é mentira.
  - Como é que você sabe o que eu vou espalhar?
  - Qualquer coisa que você espalhar será mentira.
  - Está bem. Vou espalhar.
- Mas dali a pouco veio um telefonema.
- Escute. Estive pensando melhor. Não espalha nada sobre aquilo.
  - Aquilo o quê?
  - Você sabe.

Passou a ser temido e respeitado. Volta e meia alguém se aproximava dele e sussurrava:

- Você contou para alguém?
- Ainda não.
- Puxa. Obrigado.

Com o tempo, ganhou uma reputação. Era de confiança. Um dia, foi procurado por um amigo com uma oferta de emprego. O salário era enorme.

- Por que eu? — quis saber.
- A posição é de muita responsabilidade — disse o amigo. — Recomendei você.
- Por quê?
- Pela sua discricção.

Subiu na vida. Dele se dizia que sabia tudo sobre todos mas nunca abria a boca para falar de ninguém.

Além de bem-informado, um *gentleman*. Até que recebeu um telefonema. Uma voz misteriosa que disse:

- Sei de tudo.
- Co-como?
- Sei de tudo.
- Tudo o quê?
- Você sabe.

Resolveu desaparecer. Mudou-se de cidade. Os amigos estranharam o seu desaparecimento repentino. Investigaram. O que ele estaria tramando? Finalmente foi descoberto numa praia remota. Os vizinhos contam que uma noite vieram muitos carros e cercaram a casa. Várias pessoas entraram na casa. Ouviram-se gritos. Os vizinhos contam que a voz que mais se ouvia era a dele, gritando:

- Era brincadeira! Era brincadeira!

Foi descoberto de manhã, assassinado. O crime nunca foi desvendado. Mas as pessoas que o conheciam não têm dúvidas sobre o motivo.

Sabia demais.

Fonte: As mentiras que os homens contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

#### O LIXO (Luís Fernando Veríssimo)

Encontram-se na área de serviço. Cada um com seu pacote de lixo. É a primeira vez que se falam.

- Bom dia...
- Bom dia.
- A senhora é do 610.
- E o senhor do 612
- É.
- Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente...
- Pois é...
- Desculpe a minha indiscrição, mas tenho visto o seu lixo...
- O meu quê?
- O seu lixo.

- Ah...
- Reparei que nunca é muito. Sua família deve ser pequena...
- Na verdade sou só eu.
- Mmmm. Notei também que o senhor usa muito comida em lata.
- É que eu tenho que fazer minha própria comida. E como não sei cozinhar...
- Entendo.
- A senhora também...
- Me chame de você.
- Você também perdoe a minha indiscrição, mas tenho visto alguns restos de comida em seu lixo. Champignons, coisas assim...
- É que eu gosto muito de cozinhar. Fazer pratos diferentes. Mas, como moro sozinha, às vezes sobra...
- A senhora... Você não tem família?
- Tenho, mas não aqui.
- No Espírito Santo.
- Como é que você sabe?
- Vejo uns envelopes no seu lixo. Do Espírito Santo.
- É. Mamãe escreve todas as semanas.
- Ela é professora?
- Isso é incrível! Como foi que você adivinhou?
- Pela letra no envelope. Achei que era letra de professora.
- O senhor não recebe muitas cartas. A julgar pelo seu lixo.
- Pois é...
- No outro dia tin ha um envelope de telegrama amassado.
- É.
- Más notícias?
- Meu pai. Morreu.
- Sinto muito.
- Ele já estava bem velhinho. Lá no Sul. Há tempos não nos víamos.
- Foi por isso que você recomeçou a fumar?
- Como é que você sabe?
- De um dia para o outro começaram a aparecer carteiras de cigarro amassadas no seu lixo.
- É verdade. Mas consegui parar outra vez.
- Eu, graças a Deus, nunca fumei.
- Eu sei. Mas tenho visto uns vidrinhos de comprimido no seu lixo...
- Tranquilizantes. Foi uma fase. Já passou.
- Você brigou com o namorado, certo?
- Isso você também descobriu no lixo?
- Primeiro o buquê de flores, com o cartãozinho, jogado fora. Depois, muito lenço de papel.
- É, chorei bastante, mas já passou.
- Mas hoje ainda tem uns lencinhos...
- É que eu estou com um pouco de coriza.
- Ah.
- Vejo muita revista de palavras cruzadas no seu lixo.
- É. Sim. Bem. Eu fico muito em casa. Não saio muito. Sabe como é.
- Namorada?
- Não.
- Mas há uns dias tinha uma fotografia de mulher no seu lixo. Até bonitinha.
- Eu estava limpando umas gavetas. Coisa antiga.
- Você não rasgou a fotografia. Isso significa que, no fundo, você quer que ela volte.
- Você já está analisando o meu lixo!
- Não posso negar que o seu lixo me interessou.
- Engraçado. Quando examinei o seu lixo, decidi que gostaria de conhecê-la. Acho que foi a poesia.
- Não! Você viu meus poemas?
- Vi e gostei muito.
- Mas são muito ruins!
- Se você achasse eles ruins mesmo, teria rasgado. Eles só estavam dobrados.
- Se eu soubesse que você ia ler...

— Só não fiquei com eles porque, afinal, estaria roubando. Se bem que, não sei: o lixo da pessoa ainda é propriedade dela?

— Acho que não. Lixo é domínio público.

— Você tem razão. Através do lixo, o particular se torna público. O que sobra da nossa vida privada se integra com a sobra dos outros. O lixo é comunitário. É a nossa parte mais social. Será isso?

— Bom, aí você já está indo fundo demais no lixo. Acho que...

— Ontem, no seu lixo...

— O quê?

— Me enganei, ou eram cascas de camarão?

— Acertou. Comprei uns camarões graúdos e descasquei.

— Eu adoro camarão.

— Descasquei, mas ainda não comi. Quem sabe a gente pode...

— Jantar juntos?

— É.

— Não quero dar trabalho.

— Trabalho nenhum.

— Vai sujar a sua cozinha?

— Nada. Num instante se limpa tudo e põe os restos fora.

— No seu lixo ou no meu?»

Fonte: <http://7leitores.blogspot.com/2008/07/o-lixo-luis-fernando-verssimo.html>

#### A BOLA (Luis Fernando Verissimo)

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.

O garoto agradeceu, desembalhou a bola e disse "Legal!". Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a girar a bola, à procura de alguma coisa.

— Como e que liga? — perguntou.

— Como, como é que liga? Não se liga.

O garoto procurou dentro do papel de embrulho.

— Não tem manual de instrução?

O pai começou a desanimar e a pensar que os tempos são outros. Que os tempos são decididamente outros.

— Não precisa manual de instrução.

— O que é que ela faz?

— Ela não faz nada. Você é que faz coisas com ela.

— O quê?

— Controla, chuta...

— Ah, então é uma bola.

— Claro que é uma bola.

— Uma bola, bola. Uma bola mesmo.

— Você pensou que fosse o quê?

— Nada, não.

O garoto agradeceu, disse "Legal" de novo, e dali a pouco o pai o encontrou na frente da tevê, com a bola nova do lado, manejando os controles de um videogame. Algo chamado Monster Baú, em que times de monstrinhos disputavam a posse de uma bola em forma de bip eletrônico na tela ao mesmo tempo que tentavam se destruir mutuamente.

O garoto era bom no jogo. Tinha coordenação e raciocínio rápido. Estava ganhando da máquina.

O pai pegou a bola nova e ensaiou algumas embaixadas. Conseguiu equilibrar a bola no peito do pé, como antigamente, e chamou o garoto.

— Filho, olha.

O garoto disse "Legal", mas não desviou os olhos da tela. O pai segurou a bola com as mãos e a cheirou, tentando recapturar mentalmente o cheiro de couro. A bola cheirava a nada. Talvez um manual de instrução fosse uma boa ideia, pensou. Mas em inglês, para a garotada se interessar.

Fonte: Comédias para ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

#### EXIGÊNCIAS DA VIDA MODERNA (Luiz Fernando Veríssimo)

Recebi este e-mail de uma amiga e venho compartilhá-lo com vocês, porque as vezes é bem assim que me sinto...

Dizem que todos os dias você deve comer uma maçã por causa do ferro.

E uma banana pelo potássio. E também uma laranja pela vitamina C.

Uma xícara de chá verde sem açúcar para prevenir a diabetes.

Todos os dias deve-se tomar ao menos dois litros de água. E uriná-los, o que consome o dobro do tempo.

Todos os dias deve-se tomar um Yakult pelos lactobacilos (que ninguém sabe bem o que é, mas que aos bilhões, ajudam a digestão).

Cada dia uma Aspirina, previne infarto. Uma taça de vinho tinto também. Uma de vinho branco estabiliza o sistema nervoso.

Um copo de cerveja, para... não lembro bem para o que, mas faz bem.

O benefício adicional é que se você tomar tudo isso ao mesmo tempo e tiver um derrame, nem vai perceber.

Todos os dias deve-se comer fibra. Muita, muitíssima fibra. Fibra suficiente para fazer um pulôver.

Você deve fazer entre quatro e seis refeições leves diariamente.

E nunca se esqueça de mastigar pelo menos cem vezes cada garfada.

Só para comer, serão cerca de cinco horas do dia.

E não esqueça de escovar os dentes depois de comer.

Ou seja, você tem que escovar os dentes depois da maçã, da banana, da laranja, das seis refeições e enquanto tiver dentes, passar fio dental, massagear a gengiva, escovar a língua e bochechar com Plax.

Melhor, inclusive, ampliar o banheiro e aproveitar para colocar um equipamento de som, porque entre a água, a fibra e os dentes, você vai passar ali várias horas por dia.

Há que se dormir oito horas por noite e trabalhar outras oito por dia, mais as cinco comendo são vinte e uma. Sobram três, desde que você não pegue trânsito.

As estatísticas comprovam que assistimos três horas de TV por dia.

Menos você, porque todos os dias você vai caminhar ao menos meia hora (por experiência própria, após quinze minutos dê meia volta e comece a voltar, ou a meia hora vira uma).

E você deve cuidar das amizades, porque são como uma planta: devem ser regadas diariamente, o que me faz pensar em quem vai cuidar delas quando eu estiver viajando.

Deve-se estar bem informado também, lendo dois ou três jornais por dia para comparar as informações.

Ah! E o sexo.

Todos os dias, tomando o cuidado de não se cair na rotina.

Há que ser criativo, inovador para renovar a sedução.

Isso leva tempo e nem estou falando de sexo tântrico.

Também precisa sobrar tempo para varrer, passar, lavar roupa, pratos e espero que você não tenha um bichinho de estimação.

Na minha conta são 29 horas por dia.

A única solução que me ocorre é fazer várias dessas coisas ao mesmo tempo!!!

Tomar banho frio com a boca aberta, assim você toma água e escova os dentes.

Chame os amigos e seus pais. Beba o vinho, coma a maçã e dê a banana na boca da sua mulher.

Ainda bem que somos crescidinhos, senão ainda teria um Danoninho e se sobrassem 5 minutos, uma colherada de leite de magnésio.

Agora tenho que ir.

É o meio do dia, e depois da cerveja, do vinho e da maçã, tenho que ir ao banheiro. E já que vou, levo um jornal... Tchau... Se sobrar um tempinho, me manda um e-mail.

Fonte: <http://jornalismoantenado.blogspot.com/2010/02/exigencias-da-vida-moderna.html>.

#### O HOMEM TROCADO (Luiz Fernando Veríssimo)

O homem acorda da anestesia e olha em volta. Ainda está na sala de recuperação. Há uma enfermeira do seu lado. Ele pergunta se foi tudo bem.

- Tudo perfeito — diz a enfermeira, sorrindo.
- Eu estava com medo desta operação...
- Por quê? Não havia risco nenhum.
- Comigo, sempre há risco. Minha vida tem sido uma série de enganos...

E conta que os enganos começaram com seu nascimento. Houve uma troca de bebês no berçário e ele foi criado até os dez anos por um casal de orientais, que nunca entenderam o fato de terem um filho claro com olhos redondos. Descoberto o erro, ele fora viver com seus verdadeiros pais. Ou com sua verdadeira mãe, pois o pai abandonara a mulher depois que esta não soubera explicar o nascimento de um bebê chinês.

- E o meu nome? Outro engano.
- Seu nome não é Lírio?
- Era para ser Lauro. Se enganaram no cartório e...

Os enganos se sucediam. Na escola, vivia recebendo castigo pelo que não fazia. Fizera o vestibular com sucesso, mas não conseguira entrar na universidade. O computador se enganara, seu nome não apareceu na lista.

— Há anos que a minha conta do telefone vem com cifras incríveis. No mês passado tive que pagar mais de R\$ 3 mil.

- O senhor não faz chamadas interurbanas?
- Eu não tenho telefone!

Conhecera sua mulher por engano. Ela o confundira com outro. Não foram felizes.

- Por quê?
- Ela me enganava.

Fora preso por engano. Várias vezes. Recebia intimações para pagar dívidas que não fazia. Até tivera uma breve, louca alegria, quando ouvira o médico dizer:

- O senhor está desenganado.

Mas também fora um engano do médico. Não era tão grave assim. Uma simples apendicite.

- Se você diz que a operação foi bem...

A enfermeira parou de sorrir.

- Apendicite? — perguntou, hesitante.
- É. A operação era para tirar o apêndice.
- Não era para trocar de sexo?

Fonte: Comédias para ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.